Maravilhoso Estado Primordial

~

Tantra Mejung

UMA ESCRITURA FUNDAMENTAL DO DZOGCHEN SEMDE

Traduzido do tibetano para o inglês por
Elio Guarisco, Adriano Clemente e
Jim Valby
Com a preciosa ajuda de Chögyal Namkhai Norbu

Maravilhoso Estado Primordial

~

Tantra Mejung

Uma Escritura Fundamental do Dzogchen Semde

Traduzido do tibetano para o inglês por
Elio Guarisco, Adriano Clemente e
Jim Valby
Com a preciosa ajuda de Chögyal Namkhai Norbu

Título original da obra:

The Marvelous Primordial State, The Mejung Tantra
– A Fundamental Scripture of Dzogchen Semde;

Translated from Tibetan by Elio Guarisco, Adriano Clemente, and Jim Valby.
With the precious help of Chögyal Namkhai Norbu.
Introduced and Annoted by Elio Guarisco.

REVISADO

EPÍGRAFE

"O ego ou a alma separada é um conceito.
Deus, o mundo, a mente, desejos, ação, tristeza,
e todas as outras coisas são apenas conceitos...
Não há nada além de conceitos...
A mente é irreal, um show de mágica,
absolutamente inexistente...
Estar desprovido de conceitos é o estado indiferenciado...
a Realidade do Ser Absoluto e Supremo."

~ *Sri Ramana Maharshi*

CONTEÚDO:

Essa tradução para o português é dedicada a
Elio Guarisco
(1954-2020)

PREÂMBULO

por Chögyal Namkhai Norbu

O MARAVILHOSO ESTADO PRIMORDIAL DE PERFEIÇÃO TOTAL

(*rDzogs pa chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba*) é um texto raiz profundamente importante da série da Mente do Dzogchen. Vários textos conhecidos pelo título *rMad du byung ba* estão contidos nas várias edições da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* (*rNying ma rgyud 'bum*). Esses são:

- *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems rmad du byungba*), em quarenta capítulos;
- *O Tantra do Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems rmad du byung ba'i rgyud*), em onze capítulos;
- *A Seção do Maravilhoso Estado Primordial, Gozo Total* (*bDe ba chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba'i le'u*), em quarenta capítulos;
- *A Videira Dourada: [extraído] do Tantra Chamado de Roda do Gozo Auto Originário, O Significado Essencial da Maravilhosa Perfeição Total* (*rDzogs pa chen po rmad byung don gyi snying po rang byung bde ba'i 'khor lo'i rgyud las gser kyi khril shing can*), em vinte capítulos.

Uma anotação no último texto afirma claramente: "Foi traduzido por Vimala e Nyag Jnanakumara. Ensinado a Nyang Tingdzin Zangpo, que o escondeu como um *terma*, foi [mais tarde] descoberto e transmitido por Trom Yeshe Nyingpo."

Entre esses vários textos chamados de *O Maravilhoso* (*rMad byung*), o antigo texto Ati Dzogchen amplamente conhecido pelo mesmo nome é certamente *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems rmad du byung ba*) em quarenta capítulos.

Isso é evidente porque todas as citações do *rMad byung* por antigos estudiosos e grandes mestres do Ati Dzogchen vêm exclusivamente deste texto.

Em particular, nos últimos tempos, a coleção de oito volumes conhecida como *Coleção de Tantras de Vairocana* (*Bai ro rgyud ’bum*) foram descobertos na biblioteca de Togden Rinpoche em Ladakh. Descobriu-se que os primeiros sete volumes de Ka to Ja continham exclusivamente manuscritos Dzogchen antigos, escritos em papel selado ou escritura *dbu can*. Essa coleção foi publicada em oito volumes pelo Ladakhi Tashigangpa em Leh, Ladakh, em 1971, e foi então que ficamos sabendo da existência desses manuscritos antigos.

O segundo volume dessa coleção contém o manuscrito antigo, *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub sems rmad du byung ba*) das páginas 105 (f. 1a1) a 171 (f. 34a3), e nesse texto o título diz: *Don mchog 'di yang thun mong min rmad byung bzhugs so*. O início do verdadeiro texto declara:

> Na língua indiana, *Bodhicitta Saubhashika*.[1]
> Na língua tibetana*, Byang chub kyi sems rmad du byung ba.*
> Isso faz parte dos ensinamentos sobre o Maravilho Estado Primordial.
> Homenagem ao Mestre Shri Vajrasattva,
> Glória de todas as glórias!

O texto continua concluindo com: *Don mchog ’di yang thun mong min rmad du byung ba rdzogs so*. Tem trinta e nove capítulos, ou quarenta se o capítulo final estiver incluído. Seguindo este texto, na página 171 do volume Kha (f. 34a3), encontramos:

. . .

No tibetano, *rDzogs pa chen po rmad byung don gyi snying po / rang byung bde ba'i 'khor lo'i rgyud ces bya ba*.

Homenagem ao Bhagavan,
O Glorioso Rei da Pura Consciência Auto-Originada,
Dotado do Corpo (*kaya*) da Sabedoria . . .

e assim por diante, até uma nota na conclusão do vigésimo capítulo, página 202 (f. 49b6), declara:

Assim termina *A Videira Dourada, [extraído] da Roda do Gozo Auto Originário, o Significado Essencial da Maravilhosa Perfeição Total* (*rDzogs pa chen po rmad du byung don gyi snying po / rang byung bde ba'i 'khor lo'i rgyud las / gser gyi khril shing can zhes bya ba rdzogs so*), traduzido e revisado e, portanto, finalizado pelo estudioso indiano Vimalamitra e pelo tradutor tibetano Nyag Jnanakumara.

Uma nota para o colofão no final do texto diz:

Foi ensinado a Nyang Tingdzin Zangpo, que então o colocou em um *terma* junto com suas instruções secretas, confiou-o a Mahakala, Dorje Legpa e Ekajati, Aquele com um Único Olho *Vajra*, e o escondeu no penhasco na caverna de Zong em Uru. Foi [mais tarde] descoberto por Trom Yeshe Nyingpo, que o ensinou a seu filho, Wangchug Gyatso. Ele [por sua vez] o confiou a seu filho, Yeshe Senge. Ele o confiou a Dogtön Öbar. Ele o confiou a Rongpa Nubchungwa e a Nyangben Rinchen Tsugtor.

Além disso, uma anotação adicional afirma:

É dito que faltam cerca de cem fólios que estavam presentes no manuscrito original do tantra entre o primeiro e o último [fólios].

Além desses dois textos, esta antiga *Coleção de Tantras de Vairocana* não contém nenhum outro texto antigo com o título *A Maravilhosa Perfeição Total de Ati* (*A ti rdzogs chen rmad du byung ba*). Por essas razões, podemos entender que o texto raiz mais importante do *rMad byung* ou *Tantra Maravilhoso* é aquele existente chamado *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub sems rmad du byung ba*) em quarenta capítulos.

Embora este texto antigo não seja tão grande, nem tenha tantos capítulos quanto A Fonte Suprema/ O Rei Criador de Tudo (*Kun byed rgyal po'i rgyud*), ele ensina todos os princípios essenciais de Ati Dzogchen que podem ser subsumidos na visão sem fixações, a contemplação para além dos conceitos e o fruto que não se obtém percorrendo um caminho. Portanto, este antigo manuscrito de *O Maravilhoso Estado Primordial* contém a essência de todos os sutras e tantras dos ensinamentos do Buda, sem faltar nada.

Três de meus alunos, os *lotsavas* (tradutores) Adriano Clemente, Elio Guarisco e Jim Valby, que têm familiaridade com a visão, meditação e comportamento de Dzogpa Chenpo e que, em particular, adquiriram um bom entendimento da gramática dos antigos textos Dzogchen e do sistema da língua tibetana, superando dificuldades por vários anos, traduziram este antigo texto para o inglês.

Durante esse processo, os tradutores e eu comparamos as várias edições existentes do texto repetidas vezes e, por meio de um exame persistente, determinamos da melhor maneira que podíamos o significado pretendido desta escritura Ati. No entanto, tanto por causa da linguagem antiga nas várias edições do texto quanto porque o significado de alguns pontos nem sempre pôde ser claramente discernido, algumas de nossas dúvidas ainda permanecem. Em qualquer caso, se, apesar de nossa pura intenção

ao realizar a tradução para o inglês deste texto, tivermos cometido erros, seja por não entender o significado pretendido ou por interpretá-lo incorretamente, pedimos sinceramente aos mestres e guardiões do ensino por paciência.

Nossa tradução e publicação em inglês de *O Maravilhoso Estado Primordial*, um texto antigo e extraordinário como raramente é encontrado no mundo e cujo valor é incomensurável, foram feitas para o benefício daqueles afortunados que desejam obter uma compreensão do significado real de Ati Dzogpa Chenpo.

Eu realmente espero e desejo que sirva para abrir as portas de suas mentes e gerar uma compreensão genuína do princípio de Ati Dzogpa Chenpo.

~ Com meus melhores votos,
Chögyal Namkhai Norbu
Merigar West, ano *mewa* 3926,
o décimo quarto dia do sétimo mês
do ano feminino do Boi da Terra,
3 de setembro de 2009

CHÖGYAL NAMKHAI NORBU

(1938-2018)

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Chögyal Namkhai Norbu, tendo estudado profundamente *O Maravilhoso Estado Primordial* várias vezes e enfatizado sua grande importância como um texto raiz da série da Mente do Dzogchen, em 2004 sugeriu que eu usasse *O Maravilhoso Estado Primordial* como o livro para um curso de treinamento de tradutores, organizado pelo Instituto Shang Shung da Áustria. Chögyal Namkhai Norbu então pediu a mim, Adriano Clemente e Jim Valby para realizar a tradução deste texto, o que passamos a fazer no âmbito do Projeto de Tradução Ka-Ter, uma ramificação do Instituto Internacional Shang Shung de Estudos Tibetanos.

O que começou como uma consulta sobre um manuscrito obscuro, cuja tradução parecia uma tarefa impossível, aos poucos tomou forma em nossas mentes como um corpo coerente de explicações, permitindo-nos realizar uma versão final desse texto extraordinário. O primeiro rascunho da tradução em inglês foi preparado por mim e posteriormente revisado em colaboração com Jim Valby nos Estados Unidos. A tradução foi posteriormente revisada em várias ocasiões em colaboração com Adriano Clemente, e a versão final foi preparada por Adriano Clemente e por mim.

Um arqueiro pode atirar uma flecha à distância o quanto sua força permitir. Da mesma forma, produzimos uma tradução com o melhor de nossas capacidades, embora ainda possam permanecer pontos pouco claros ou podemos ter cometido erros na tradução. Por isso, pedimos desculpas e também pedimos a leitores atentos que os apontem.

O trabalho de tradução revelou-se extremamente difícil, uma vez que o significado enigmático de várias partes do texto não era

fácil de compreender. Por isso, em pelo menos três ocasiões em diferentes etapas da tradução, buscamos a ajuda de Chögyal Namkhai Norbu, que gentil e pacientemente sentou-se conosco por muitas horas para esclarecer alguns pontos do texto. O apoio de seu conhecimento e bênção revelou muitas coisas que não eram óbvias para nós nesta escritura maravilhosa.

Também desejo expressar meu agradecimento a um pequeno grupo de pessoas que sem sua colaboração a realização de nosso objetivo teria sido muito prejudicada: Oliver Leick, gerente do Projeto de Tradução Ka-Ter desde o seu início em 2002, cuja dedicação irrestrita resultou encontrar o apoio financeiro necessário; o tibetologista Giuseppe Baroetto, que generosamente ofereceu sua interpretação de muitas passagens obscuras em conversas úteis comigo; e nossas duas editoras, Nancy Simmons, editora em inglês do Ka-Ter Translation Project, e Judith Chasnoff, uma editora proficiente de obras budistas, que fez a edição muito apreciada deste livro.

O Maravilhoso Estado Primordial representa um ensinamento que pode ser considerado o ápice de todos os caminhos espirituais, budistas e não budistas. Seu objetivo é levar o indivíduo além de todas as limitações e conceitos de qualquer tradição, religião, filosofia ou sistema de crenças em particular para o domínio final e inefável de nossa verdadeira natureza, a iluminação que sempre foi nossa.

Com isso em mente, traduzimos o *Tantra Mejung* na esperança de que o ensinamento Dzogchen possa se tornar conhecido em todo o mundo, de modo que todos os seres possam despertar para seu estado primordial como incorporado no exemplo vivo de Chögyal Namkhai Norbu.

~ Elio Guarisco
Como, agosto de 2012

INTRODUÇÃO

A Origem do Dzogchen

De acordo com a tradição, os tantras Dzogchen[1] foram ensinados desde tempos imemoriais em nosso mundo e em outros mundos.[2] O ensinamento espiritual do Dzogchen foi difundido pela primeira vez em nosso universo por doze mestres primordiais. O primeiro mestre, conhecido como Juventude da Luz Sublime, difundiu os ensinamentos no reino chamado Deleite Abundante quando seu tempo de vida durou um número incalculável de anos. O décimo segundo mestre, Shakyamuni, difundiu os ensinamentos no subcontinente indiano quando o tempo de vida durou cem anos. O primeiro dos sete mestres primordiais que dizem ter aparecido e ensinado em nossa Terra foi aquele chamado Sábio Rei Irado; o sétimo e último foi Shakyamuni.

Com o passar do tempo, os tantras Dzogchen desapareceram, e o que restou foram instruções altamente concentradas, formuladas e transmitidas oralmente, conhecidas em tibetano como *nyengyü*. Somente com o aparecimento de Garab Dorje os tantras Dzogchen conhecidos por nós hoje vieram à luz.

Há uma história que Adhicitta, o filho do deva Bhadrapala que residia no Céu dos Trinta e Três Deuses[3], teve quatro sonhos proféticos. Assim como esses sonhos indicaram, Vajrapani[4] concedeu o empoderamento e transmitiu instruções secretas para Adhicitta. Assim, o ensinamento Dzogchen se espalhou no reino dos deuses. Mais tarde num dia em Oddiyana, no oeste da Índia[5], Praharani, filha do rei Uparaja, também conhecido como Dharma Ashva, estava se banhando a beira de um lago quando um cisne dourado, uma emanação mágica de Vajrapani, dissolveu a mente

de Adhicitta em uma letra luminosa *Hum* e a engoliu. O cisne tocou o peito da princesa três vezes com o bico, e o *Hum* luminoso foi absorvido em seu coração. No final de sua gravidez, do coração da princesa emergiu um *vajra* dourado e luminoso de nove pontas. O *vajra* se dissolveu em luz, e dessa luz surgiu uma criança adornada com os sinais maiores e menores de um grande ser. Segurando símbolos e recitando o tantra do *Espaço Total de Vajrasattva*,[6] essa criança, acredita-se, era a emanação ou *nirmanakaya* de Garab Dorje. Vajrasattva veio a Garab Dorje e o capacitou como detentor do tesouro do ensinamento Dzogchen. Esta é uma das histórias que contam o nascimento de Garab Dorje.[7]

É amplamente aceito que Garab Dorje apareceu no país de Oddiyana no século II antes da era cristã, 360 anos após o falecimento do Buda Shakyamuni.[8] Devido a ele ter proclamado os tantras Dzogchen que haviam sido ensinados desde os tempos mais remotos, mas haviam desaparecido, e que por ordem de Vajrasattva, os escreveu com a ajuda das *dakinis*, Garab Dorje tem uma importância única na transmissão deste ensinamento em nosso mundo.

Alguns relatos tradicionais afirmam que o primeiro discípulo de Garab Dorje foi Manjushrimitra, um estudioso de Yogacara[9] da universidade budista de Nalanda. Historicamente, no entanto, a menos que o nascimento de Garab Dorje seja estabelecido muito mais tarde - nos séculos seguintes - o discípulo de Garab Dorje, Manjushrimitra, não poderia ter sido um estudioso de Nalanda, pois sua fundação foi no século V da era comum. Além disso, a *História do Budismo na Índia*[10] de Taranatha, um marco dos anais das histórias de autoria tibetana, não faz menção a um estudioso de Nalanda conhecido por esse nome.

Quem, então, é o Manjushrimitra que foi discípulo de Garab Dorje? Alguns[11] consideram este Manjushrimitra como sendo o velho monge que foi o mestre tântrico de Buddhajnanapada,[12] o antepassado da escola Jnanapada do *Tantra Guhyasamaja*. Nos *Anais Azuis*,[13] no entanto, Gö Lotsava, depois de relatar o encontro de Buddhajnanapada com o velho monge, afirma simplesmente que os videntes consideraram este monge um renascimento de Manjushrimitra.

Além disso, sabemos pela *História do Budismo na Índia* de Taranatha que Buddhajnanapada, que também foi mestre de Padmasambhava,[14] viveu no século VIII e foi contemporâneo do rei Trisong Detsen, que reinou de 755-797.

Para complicar ainda mais as coisas, as linhagens do Vasto Espaço (*klong sde*) e Upadesha (*man ngag sde*) ou série de Instrução Secreta do Dzogchen relatam que Manjushrimitra foi o mestre de Shri Simha[15] que, por sua vez, no século VIII, ensinou Vimalamitra[16] e o tradutor tibetano Vairocana (final do oitavo ao início do século IX).[17] Isso colocaria Manjushrimitra no século VIII ou próximo a ele, e poderia substituir a afirmação de que ele era o mesmo Manjushrimitra que ensinou Buddhajnanapada.

Uma possível causa do mistério da identidade do aluno de Garab Dorje, Manjushrimitra, é que ele era originalmente conhecido por outro nome, o de Nyingpo Drubpa. De fato, o nome Manjushrimitra foi conferido a ele por Garab Dorje quando ele concedeu o empoderamento e transmissão do ensinamento Dzogchen. Assim, ele provavelmente não era conhecido na Índia pelo nome de Manjushrimitra.

Concluindo, se mantivermos a validade da data de nascimento de Garab Dorje dada acima, faria sentido supor a existência de dois Manjushrimitras: um discípulo de Garab Dorje e outro o mestre de Buddhajnanapada. De fato, dois

Manjushrimitras são mencionados na linhagem da série da Mente do Dzogchen (*sems sde*): o primeiro é o discípulo de Garab Dorje e o segundo que viveu muito mais tarde. Com o passar do tempo, os dois - como não é incomum na historiografia indiana - foram identificados como uma e a mesma pessoa, e assim, eventualmente, alguns na tradição passaram a considerar os dois Manjushrimitras como tendo o mesmo fluxo mental.[18]

Seja qual for o caso, de acordo com uma história, quando Garab Dorje estava vivendo em uma caverna num cemitério em Oddiyana, Manjushrimitra recebeu uma profecia de Manjushri prevendo que se ele desejasse alcançar a iluminação em uma vida, ele deveria ir para Oddiyana e conhecer Garab Dorje. Manjushrimitra, acompanhado por seis estudiosos, foi para Oddiyana. Enquanto a única intenção dos outros estudiosos era desafiar o ensinamento além de causa e efeito proclamado por Garab Dorje, Manjushrimitra secretamente desejava receber este ensinamento. Ao encontrar o mestre e receber uma transmissão simbólica, Manjushrimitra compreendeu completa e instantaneamente a natureza da realidade. Algumas fontes afirmam que para receber a transmissão completa dos tantras Dzogchen, ele permaneceu com Garab Dorje por setenta e cinco anos. No final, quando Garab Dorje passou para uma dimensão de luz, ele concedeu a Manjushrimitra um testamento de três linhas, confiando-lhe o legado de sua mensagem.

O testamento foi finalmente transmitido a Shri Simha, depois a Jnanasutra, a Vimalamitra e a um discípulo direto de Shri Simha, o grande mestre Padmasambhava, que ao contemplar o corpo de sabedoria de Garab Dorje alcançou a realização da grande transferência.[19] A linhagem da série da Mente do Dzogchen descende de Manjushrimitra através de vários mestres até Shri Simha, e depois para Vairocana, que a introduziu no Tibete, com exceção das treze escrituras transmitidas por

Vimalamitra a Vairocana e traduzidas posteriormente. A série do Vasto Espaço foi de Shri Simha a Vairocana, enquanto a série contendo o ciclo de Nyingthig (*snying thig*) ou Essência do Coração foi introduzida no Tibete por Padmasambhava, e mais tarde também por Vimalamitra.

De Manjushrimitra até Shri Simha, a linhagem da série da Mente do Dzogchen inclui mais de vinte e cinco mestres, continuando até Vimalamitra. A biografia de Vairocana, o *Vairo Drabag*,[20] fornece pequenos esboços biográficos da vida desses mestres, alguns dos quais dizem vir de Oddiyana e outros de regiões da Índia. Estes podem ser encontrados traduzidos na obra *A Fonte Suprema*,[21] de Chögyal Namkhai Norbu e Adriano Clemente.

O primeiro desses mestres foi o rei Dhahenatalo que, embora discípulo direto de Garab Dorje, recebeu o ensinamento completo de Manjushrimitra. Dhahenatalo ensinou seu filho, o rei Thuwo Rajahati, que por sua vez ensinou sua irmã, a princesa Barani. A princesa Barani ensinou Nagaraja, que se acredita ter sido um bodhisattva que aparece na forma de Lui Gyalpo Jogpo, um dos oito reis da classe de seres *naga*. Nagaraja ensinou a *yakshini*[22] chamada Bodhi. Assim, esses dois últimos mestres parecem ter pertencido a classes de seres não humanos.

Da *yakshini* Bodhi a linhagem continuou até a prostituta Parani; dela, para o abade Rabnang da Caxemira; dele, para o abade Maharaja de Oddiyana; dele, para a princesa Gomadevi; dela, para Atsantra; dele, para o primeiro Kukkuraja, o Senhor dos Cães; dele, para o Rishii Bhashita, um especialista nos Vedas; dele, para a prostituta Buddhamati; e dela, para Nagarjuna. Segundo a tradição, existe apenas um Nagarjuna: o famoso erudito que estabeleceu a filosofia Madhyamika e foi um renomado alquimista e *siddha* nascido quatrocentos anos após o

parinirvana do Buda. No entanto, os historiadores modernos colocam Nagarjuna no segundo século da era comum.

De Nagarjuna, a linhagem foi para o segundo Kukkuraja; dele, para o segundo Manjushrimitra ou Manjushribhadra, então para Devaraja, para Buddhagupta, para o monge Shri Simha Prabata, e para Bhikshuni Ananda. No entanto, como vários desses mestres eram contemporâneos de Garab Dorje, eles não representam uma linhagem verdadeira. Além disso, Vimalamitra, que está listado na conclusão desta linhagem de mestres, recebeu a transmissão de Shri Simha e não de Bhikshuni Ananda.

Shri Simha em particular, que na tradição da série da Mente é citado como um discípulo de Buddhagupta e como o mestre de Bhikshuni Ananda e Vimalamitra, é descrito na série do Vasto Espaço e de Instrução Secreta do Dzogchen como um discípulo direto de Manjushrimitra.

De qualquer forma, Shri Simha, que se diz ter sido de origem birmanesa, é uma figura de grande relevância histórica porque transmitiu a série da Mente e do Vasto Espaço de ensinamentos Dzogchen ao tradutor tibetano do século VIII, Vairocana, tornando-se assim um elo crucial em sua introdução no Tibete.[23]

A Série da Mente do Dzogchen

É dito que no final de sua vida, quando Garab Dorje se dissolveu em uma esfera de luz no fundamento primordial, ele apareceu no céu acima de Manjushrimitra e deixou cair uma urna dourada do tamanho de uma unha nas mãos de Manjushrimitra. Esta urna continha seu testamento na forma de três aforismos que mais tarde vieram a ser conhecidos como as *Três Frases que Atingem a Essência, ou o Testamento de Garab Dorje*:

Descubra diretamente seu próprio estado,
Esteja desprovido de dúvidas,
Adquira confiança na liberação natural.

De acordo com Chögyal Namkhai Norbu, Manjushrimitra, com base neste testamento triplo, classificou os ensinamentos transmitidos por Garab Dorje nas três séries de Dzogchen ou Atiyoga, a saber, a série da Mente, a série do Vasto Espaço e a série de Instrução Secreta ou Upadesha.

A essência do caminho do Atiyoga é o método que liberta direta e naturalmente o indivíduo no estado de iluminação primordial. O caminho Ati não envolve renúncia nem aceitação; nem esperança de atingir um estado exaltado nem medo de permanecer um ser comum em existência cíclica. Embora as três séries de Dzogchen sejam idênticas nesse aspecto, elas diferem em relação às suas ênfases e métodos de prática.

No Atiyoga, tudo o que existe – todos os fenômenos que pertencem à vida cíclica e sua transcendência – é a grande esfera da amplitude da verdadeira natureza da realidade, em essência, sabedoria total, naturalmente presente. Assim, tudo é primordialmente iluminado, tornando desnecessária a realização de qualquer ação ou aplicação de esforço. As ênfases na explicação das três séries do Dzogchen podem ser sucintamente declaradas da seguinte maneira:[24]

> A série da Mente enfatiza a liberdade do conceito de algo a ser renunciado, uma vez que todos os fenômenos nada mais são do que a essência da mente. A série do Vasto Espaço que transcende a ação enfatiza a liberdade do conceito de antídoto, uma vez que todos os fenômenos são totalmente aperfeiçoados no estado primordial de Samantabhadri, a verdadeira natureza da realidade. A profunda série de Instrução Secreta enfatiza a libertação dos conceitos

limitantes tanto das coisas a serem renunciadas quanto de seus antídotos, pois a característica essencial de tudo é a condição real já estabelecida.

A distinção específica na aplicação prática entre as três séries é delineada por DharmaShri em seu *Comentário sobre Os Três Votos* da seguinte forma:[25]

A essência da prática na série da Mente é estar sempre no estado além da aceitação e rejeição, baseado na percepção de que todas as aparências do universo e dos seres são a dimensão inefável da realidade (*dharmakaya*), a sabedoria naturalmente presente que é a própria essência da mente.

A essência da prática na série do Vasto Espaço é estar sempre no estado em que nada é objetivado, a condição autêntica que está além do esforço, baseada na percepção de que a sabedoria auto-originada e todos os fenômenos que se manifestam a partir dela não permanecem em nenhum lugar além do vasto espaço de Samantabhadra, a condição autêntica que é a libertação primordial e a pureza natural.

A série de Instrução Secreta é subdividida em ciclos externos, internos, secretos e mais secretos. A essência da prática na série de Instrução Secreta da perspectiva do ciclo mais secreto e insuperável é realizar a ausência de base ou raiz da mente como pureza primordial, e com essa compreensão praticar o relaxamento total, a grande condição natural na qual a mente e as aparências são deixadas no estado de libertação primordial. Então, ao abrir o tesouro do Buda da mandala espontaneamente perfeita da dimensão do Corpo, medita-se no caminho das quatro lamparinas[26] – a travessia direta – que é olhar diretamente para a mandala espontaneamente perfeita, a clareza luminosa da sabedoria auto-originada. Por meio disso, os fenômenos se esgotam no estado de realidade, e

> todos os agregados e faculdades são naturalmente purificados.

A ênfase diferente na apresentação e prática nas três séries sugere que elas representam uma progressão na prática do Dzogchen. A classificação de Manjushrimitra dos ensinamentos de Garab Dorje nas três séries também reflete três momentos distintos da prática do Dzogchen.

Primeiro, a linha de abertura do testamento, "Descubra diretamente seu próprio estado", indica que é necessária uma introdução direta na qual o mestre apresenta a essência da mente ao discípulo que a reconhece através da experiência direta de maneira clara e não-conceitual. As instruções que explicam o significado da essência da mente e revelam as contemplações do ioga que permitem seu reconhecimento são enfatizadas principalmente na série da Mente.

Após a descoberta da essência da mente como seu próprio estado primordial, tal reconhecimento torna-se uma certeza inabalável, conforme indicado na segunda linha do testamento, "Esteja desprovido de dúvidas", desenvolvendo a capacidade de permanecer em um estado de pura consciência que é o seu próprio estado primordial. Isso é alcançado através dos métodos contemplativos apresentados na série do Vasto Espaço.

Por fim, a terceira linha do testamento, "Adquira confiança na liberação natural", indica que é preciso fazer com que a liberação natural permeie todos os aspectos da existência até que, por meio de posturas corporais cruciais, formas de olhar e técnicas de respiração da prática da travessia direta da série de Instrução Secreta, a visão enganosa termina no próprio fundamento do ser.

Embora as três séries representem uma progressão, seria incorreto pensar que a obtenção do resultado final da prática do Dzogchen requer necessariamente seguir as três de forma gradual, ou que apenas a série de Instrução Secreta seja considerada importante. De fato, cada série representa um caminho de realização total, totalmente completo em si mesmo.

Bodhicitta

O termo sânscrito *bodhicitta*, traduzido neste livro como estado primordial é afixado aos títulos da maioria das escrituras da série da Mente do Dzogchen, e é comumente usado nesses textos. De fato, na série da Mente do Dzogchen, a mente pode ser entendida como uma abreviação de mente pura e total (*bodhicitta*). Puro significa que a essência da mente é primordialmente livre de qualquer impureza ou obstáculo, enquanto total significa que é a própria essência ou natureza definitiva de tudo. A mente refere-se à sabedoria que não pode ser buscada, mas que é a fonte de toda manifestação. Essa mente pura e total é a natureza iluminada de todos os seres sencientes, independentemente de sua condição de existência.

Embora *bodhicitta* assuma significados diferentes de acordo com o contexto em que é usado, o termo compartilha uma conotação fundamental em todos os seus usos: *bodhicitta* é a própria substância da iluminação, seja como causa da iluminação ou como iluminação inerente.

No contexto do caminho do bodhisattva (o Mahayana), onde representa o princípio central do caminho espiritual, *bodhicitta* é explicada como uma mente (*citta*) direcionada para a iluminação (*bodhi*). Essa mente de iluminação pode ser relativa ou absoluta, dependendo de seu foco. A mente relativa da iluminação tem

como foco a infinidade de seres sencientes. É uma intenção altruísta de atingir a iluminação que pode ter dois aspectos: uma simples aspiração de despertar e uma aspiração que se empenha em direção a esse objetivo, implementando os seis meios de transcendência (*paramita*). *Bodhicitta* brota da compaixão e do amor e serve como a entrada para o caminho Mahayana.

A mente absoluta da iluminação, cujo foco é vaziez ou vacuidade (a natureza da mente e de todas as coisas), consiste na compreensão direta e não-conceitual da realidade ou vaziez nascida da meditação no primeiro nível de realização do bodhisattva no caminho da visão.[27] A mente absoluta da iluminação, que é uma compreensão da vaziez que possui a essência da compaixão, surge como resultado de aprender e ponderar sobre os ensinamentos das escrituras, percebendo-os como realização espiritual, ou ambos juntos. Também pode surgir de uma percepção despertada nas profundezas do coração através da bênção da maravilhosa conexão entre o aluno e um professor qualificado. Em todos os casos, porém, de acordo com a tradição gradual[28] do Sutra, a causa real da mente absoluta da iluminação é o mérito gerado por imensas quantidades de atos altruístas.

Esses dois aspectos da mente iluminada, relativo e absoluto, são os dois ramos do caminho que servem como semente ou potencial que floresce no estado de iluminação. Com base nesses dois, percorre-se os cinco caminhos e os dez níveis de realização do bodhisattva,[29] removendo gradualmente os obstáculos e desenvolvendo qualidades até alcançar a iluminação total.

Nos tantras, particularmente nos tantras mais elevados, o termo *bodhicitta* é dotado de conotações especiais. No nível relativo, o termo denota não apenas a mente altruísta da iluminação como entendida no Mahayana, mas também se refere principalmente à essência seminal do homem e da mulher. A

essência seminal serve como base ou suporte sobre o qual a mente suprema da iluminação se manifesta e é experimentada. Essa mente absoluta de iluminação é o gozo total desprovido de qualquer conceito, a indivisibilidade de gozo e vaziez, a essência da mente. Tal gozo total não é recém-criado pela prática espiritual, mas é a natureza inata da consciência comum de cada ser.

Os tantras falam de gozo total quando não há conceitos de surgimento, permanência e cessação dos fenômenos e quando não existe apego à dualidade de si e dos outros. O gozo total é definido como a sabedoria da pura consciência que, embora não pertencendo nem à existência cíclica nem à sua transcendência, permeia tudo e sempre possui a natureza do gozo imutável, independentemente das circunstâncias. Assim, aqui o gozo total não se refere à experiência comum de prazer que contrasta com a dor.

No ponto de partida, quando o caminho espiritual ainda não foi iniciado, "natureza inata que é gozo total" refere-se à realidade além do alcance da mente conceitual, a realidade que permeia a totalidade da existência cíclica e sua transcendência, a base ou essência de tudo. Também é chamado de tantra causal.

Essa realidade permanece oculta para as pessoas comuns até sua descoberta através de experiências poderosas quando o caminho tântrico foi adentrado. Nesse momento, a natureza inata denota o gozo total que ocorre quando a energia vital se dissolve no canal central, uma dissolução provocada por práticas como *pranayama*, calor interno ou práticas sexuais.[30] Assim, o centro de todos os métodos tântricos é a experiência do gozo total através da progressão das quatro beatitudes, a última das quais é a beatitude inata,[31] a natureza inata da mente. Para reconhecer e estabilizar esse gozo, o praticante tântrico deve reter sua base, ou

seja, a essência seminal. Por esta razão, no caminho do Tantra dá-se grande ênfase ao controle da essência seminal, e vários votos preocupam-se em não permitir sua liberação.

No momento do resultado, essa mesma natureza inata da base, ao ser contemplada no caminho, torna-se a grande natureza inata livre de obscurecimento e dotada das duas purezas, pureza natural e pureza de máculas adventícias.

Embora em princípio a *bodhicitta* em seu aspecto absoluto como explicado no Tantra não seja fundamentalmente diferente da mente pura e total ou estado primordial ensinado na série da Mente do Dzogchen, os métodos para descobrir e permanecer no conhecimento de tal estado apresentados na série da Mente são radicalmente diferentes.

No Tantra, particularmente nos tantras superiores, o praticante, tendo recebido o empoderamento apropriado para uma mandala de uma deidade específica, aplica o método de transformar a visão impura de seu corpo e ambiente na visão pura da deidade e sua mandala. Este método envolve a visualização dos traços característicos do corpo da deidade e da mansão divina da mandala, a realização de gestos simbólicos ou mudras e a recitação de mantras. Com base em tal transformação efetuada na fase de criação,[32] o iogue entra no estágio em que a transformação divina é reconhecida como indivisível da essência da mente. O resultado é o conhecimento do Grande Símbolo[33] efetuado na fase de completude[34] em que o iogue trabalha com o chamado corpo *vajra*, feito de canais, ventos energéticos e essências vitais.

O sucesso no caminho tântrico só pode ser garantido se for observada a estrita adesão a vários votos e promessas relacionados ao corpo, voz e mente. Além disso, a prática deve ser baseada nos dez tópicos dos tantras, a saber, a visão da realidade essencial, a conduta transcendente, a manifestação da

mandala, a iniciação ou o processo sequencial de empoderamento, os compromissos a não ser transgredidos, a atividade iluminada a exibir, os meios de realização ou *sadhana* a serem praticados, contemplação, oferendas para cumprir a meta, mantras a serem recitados e gestos simbólicos a serem executados.[35]

A sabedoria, abrangendo e incluindo o universo e todos os seres, é despertada em quem segue essas instruções para realizar o caminho que depende principalmente da sabedoria derivada da meditação.

Como mencionado acima, na série da Mente do Dzogchen a *bodhicitta* é definida como mente pura e total. Essa mente pura e total é a essência da mente comum de cada indivíduo, cuja natureza é vaziez e clareza indivisíveis.

A essência da mente aqui não é um mero vazio desprovido de energia como concebido pela maioria dos seguidores do caminho do Sutra, mas sim a essência da mente que é a fonte de tudo o que existe. Sua energia criativa é tudo o que se manifesta como o mundo exterior e como seres vivos, mas, como o céu, abrange tudo sem ser nada em particular.

Com base nesse conhecimento e ao contrário do caminho do Tantra, a realidade na série da Mente não é dividida em visão impura não iluminada e visão pura iluminada. Tudo o que se manifesta, puro ou impuro, é visto como a clareza da mente pura e total e, como tal, já está iluminada sem necessidade de aperfeiçoamento ou transformação.

Como se desperta para a mente pura e total na práxis da série da Mente do Dzogchen? A este respeito, em primeiro lugar, deve-se deixar claro que a mente pura e total não é alcançada trilhando um caminho gradual e chegando a níveis sucessivos de realização; nem pode ser perseguida por qualquer meio conceitual, pois essa

iluminação existe primordialmente como a natureza de si mesmo. Além disso, uma vez que é a realização final primordialmente existente, não pode ser alcançada por esforço ou ação.

Para despertar a mente pura e total, é preciso ser apresentado diretamente a ela por um mestre autêntico que resida nesse estado, e então aplicar a contemplação que aumenta a capacidade de permanecer em tal conhecimento. No entanto, como será explicado neste livro, isso não implica progressão através de estágios de diferentes realizações, pois a mente pura e total é ela mesma o único nível de iluminação.

Na série da Mente do Dzogchen, a principal maneira de abordar o surgimento natural do conhecimento é pela experiência adquirida através das quatro contemplações ou quatro iogas: a contemplação do estado calmo; a contemplação do estado imóvel; a contemplação da igualdade total que efetua a integração dos estados calmo e imóvel; e a contemplação da auto-perfeição da sabedoria. Essas contemplações induzem a uma constatação experiencial da visão apresentada em *O Maravilhoso Estado Primodial* traduzido abaixo, bem como em outras escrituras da série da Mente. Através de tal averiguação experiencial encontra-se face a face o estado primordial de iluminação.

As Escrituras da Série da Mente e O Maravilhoso Estado Primordial

Evidências mostram que as escrituras da série da Mente do Dzogchen começaram a serem introduzidas no Tibete durante o oitavo século da era comum. Hoje esses textos são encontrados principalmente na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, bem como em outras compilações como a *Coleção de Tantras de Vairocana*. Apenas alguns deles, como *O Rei Criador de Tudo* e a

Meditação no Estado Primordial: Extraindo Ouro Puro do Minério, são encontrados no cânone budista tibetano.

Os estudiosos concordam amplamente que a série da Mente está contida em vinte e um textos principais. Embora estes sejam os mais representativos, a seção da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* dedicada à série da Mente também contém uma vasta literatura que consiste em tantras-raiz, tantras exegéticos, tantras secundários e tantras de instrução secreta. Por outro lado, a coleção conhecida como *Preceitos Transmitidos da Antiga Tradição* contém textos e instruções sobre a aplicação prática da série da Mente originária de Oddiyana, com suplementos adicionados posteriormente por mestres tibetanos.

As práticas e métodos da série da Mente que foram preservados até os dias atuais foram sistematizados no século XI por Nyang Yeshe Jungne,[36] no que é conhecido como sistema Nyang, por Aro Yeshe Jungne[37] no século X no sistema Aro, e no sistema Kham.[38]

Os *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais* traduzidos da língua Oddiyana para o tibetano está entre os vinte e um textos. Os primeiros cinco desses dezoito, conhecidos como "os cinco textos traduzidos anteriormente", foram traduzidos para o tibetano por Vairocana em seu retorno ao Tibete de Oddiyana. Os treze restantes, conhecidos como "os treze textos traduzidos posteriormente", são assim chamados porque, segundo a tradição, foram traduzidos por Vimalamitra com a ajuda de Nyag Jnanakumara[39] e Yudra Nyingpo,[40] depois que Vairocana retornou do exílio em Tsawa Rong,[41] no leste do Tibete. Os três últimos dos vinte e um textos, também traduzidos por Vairocana, são considerados por alguns como separados dos dezoito.

De acordo com Longchenpa, o grande compilador do ensinamento Dzogchen do século XIV, os vinte e um textos

principais da série da Mente são compostos pelos cinco textos traduzidos anteriormente:

1- *O Cuco da Pura Consciência*
2- *A Grande Potência*
3- *O Vôo do Garuda*
4- *A Meditação no Estado Primordial: Extraindo Ouro Puro do Minério*
5- *A Bandeira Inabalável da Vitória: O Espaço Total de Vajrasattva*

e os treze textos traduzidos posteriormente:

6- *O Pico Supremo*
7- *O Rei do Espaço*
8- *O Ornamento do Gozo Incrustado em [Jóia]*
9- *Perfeição total*
10- *A Essência do Estado Primordial*
11- *Gozo Infinito*
12- *A Roda da Vida*
13- *As Seis Esferas do Estado Primordial*
14- *Perfeição que a Tudo Penetra*
15- *A Preciosa Jóia que Realiza Desejos*
16- *O Estado Primordial onde Tudo é Unificado*
17- *O Senhor Supremo*
18- *A Realização do Verdadeiro significado da Meditação*

e os três textos classificados separadamente:

19- *O Rei Criador de Tudo*
20- *O Maravilhoso Estado Primordial*
21- *Os Dez Ensinamentos Finais*[42]

Na lista de Longchenpa, seja pela natureza exegética do texto ou por algum motivo desconhecido, *O Maravilhoso Estado Primordial* não está incluído entre os *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais*. No entanto, em várias outras fontes

autorizadas, incluindo a *História do Ensino: Festa dos Sábios* de Pawo Tsuglag Trengwa,[43] na biografia de Vairocana, na biografia redescoberta de Padmasambhava[44] de Nyangral Nyima Özer[45], na história do ensino de Gyalse Thugchog Tsal,[46] e em *Preceitos Transmitidos da Antiga Tradição*, é listado como um dos *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais.*

Além disso, os *Dezoito Empoderamentos da Energia da Pura Consciência*[47] – a porta de entrada para apresentar os métodos e as práticas relacionadas aos *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais* empregados pelos mestres do passado e comprometidos com a escrita por Yungtön Dorje Pal[48] – consideram *O Maravilhoso Estado Primordial* como um dos *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais*.

Seja qual for o caso, as quarenta e cinco citações de *O Maravilhoso Estado Primordial* incluídas na obra extraordinariamente significativa, *Lamparina para o Olho em Contemplação*[49] de Nubchen Sangye Yeshe, a presença deste texto na *Coleção de Tantras de Vairocana* e suas três diferentes versões na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* fornecem fortes evidências de que *O Maravilhoso Estado Primordial* é um texto importante da série da Mente do Dzogchen.

A Particularidade de O Maravilhoso Estado Primordial

O Maravilhoso Estado Primordial é um texto de tamanho médio, parte em verso e parte em prosa. Embora seja amplamente desconhecido fora do meio de praticantes Dzogchen e de alguns círculos acadêmicos, sua grande importância na série da Mente e em Dzogchen é evidenciada pelas numerosas citações encontradas em *Lamparina para o Olho em Contemplação* de Nubchen

Sangye Yeshe, bem como nas obras de outros estudiosos importantes e mestres realizados. Portanto, pode ser considerado raiz ou fonte significativa da série da Mente do Dzogchen. Juntamente com o trabalho corolário, *O Rei Criador de Tudo* na literatura da série da Mente, apresenta a visão do ensinamento Dzogchen de uma maneira intransigente.

Ao contrário de *O Rei Criador de Tudo*, esta escritura não emprega uma vasta gama de terminologia técnica budista e categorias dos sutras e tantras. Além disso, não possui um corpo textual rigidamente estruturado. *O Maravilhoso Estado Primordial* é imprevisível e parece ser composto em grande parte por enunciados espontâneos cuja relação entre eles nem sempre é aparente. Tal dificuldade pode possivelmente explicar a existência das diferentes versões, nas quais os editores se esforçaram para fazer um texto coerente, modificando a gramática, acrescentando uma palavra aqui e ali e reorganizando levemente o conteúdo. Tais diferenças estilísticas poderiam situar a origem de *O Maravilhoso Estado Primordial* muito mais cedo do que *O Rei Criador de Tudo*.

Também de grande interesse acadêmico é o fato de que os capítulos 9, 12, 14, 17, 18 e 19 de *O Gozo Total do Estado Primordial* (doravante M1) e *O Maravilhoso Estado Primordial* (doravante M2) contêm cerca de trinta linhas de versos, alguns idênticos e alguns muito parecidos com as linhas do *Manjushrinamasamgiti*.[50] Nem todas essas linhas, no entanto, estão na ordem encontrada no *Manjushrinamasamgiti*; muitas vezes elas são precedidas e seguidas por linhas diferentes.

O *Manjushrinamasamgiti* é considerado um dos primeiros tantras a aparecer na Índia e, por sua importância, é o primeiro tantra colocado na seção dedicada às escrituras tântricas do cânone budista na língua tibetana. O *Manjushrinamasamgiti* foi

traduzido pela primeira vez durante a propagação inicial do budismo no Tibete por Padmasambhava, Kawa Paltseg (século VIII) e Chogro Lui Gyaltsen (século VIII)[51] e foi revisado por Vairocana.

Durante a propagação posterior, foi traduzido novamente por Rinchen Zangpo[52] (958-1055) e por Lodrö Tenpa,[53] e depois revisado por outros tradutores. Sua importância é reconhecida tanto nas novas quanto nas antigas escolas do budismo tibetano. Conhecido como *A Rede da Manifestação Mágica de Manjushri* na velha escola, é considerado como um tantra da dimensão do Corpo associado à Manjushri. Na Índia, parece ter sido parte de um ciclo maior de ensinamentos também conhecido como *A Rede da Manifestação Mágica de Manjushri* em dezesseis mil versos. Dentro do próprio ciclo, apenas o *Manjushrinamasamgiti* e um texto sobre os benefícios de sua leitura foram traduzidos para o tibetano.

Esta escritura tem sido vista periodicamente como pertencente a diferentes classes de tantra. Lalitavajra[54] na Índia e depois Taranatha[55] (1575-1635) no Tibete consideraram o *Manjushrinamasamgiti* como um tantra paterno. Entre os três tipos de tantras paternos, a saber: tantras para neutralizar o apego, a ignorância e o ódio, eles o classificaram como do tipo ignorância. Taranatha o considerava um tantra que contrariava a ignorância porque ensina o caminho da não-conceitualidade exclusivamente como um método para transformar a ignorância e elevar espiritualmente pessoas ignorantes. Não enfatiza o caminho comum de apego ou atividades iradas.

Considerado o senhor de todos os tantras, foi comentado de vários pontos de vista por vários mestres. Os bodhisattvas Vajrapani, Pundarika e Vajragarbha[56] o discutiram da perspectiva do *Kalacakra*, enquanto os panditas Manjushrikirti[57] e

Manjushrimitra o explicaram em termos do Yogatantra.[58] Alguns comentaristas na Índia, como Garab Dorje, o expuseram a partir da perspectiva Dzogchen, assim como alguns escritores no Tibete. Na Índia, também foi explicado do ponto de vista Madhyamika.

Além disso, nos capítulos 2, 3, 13, 14, 21 e 26 de M1 e M2, *O Maravilhoso Estado Primordial* contém vinte e oito linhas, algumas idênticas e outras muito semelhantes às encontradas no *Tantra Guhyasamaja*. Junto com o *Manjushrinamasamgiti*, o *Tantra Guhyasamaja* é considerado pelos estudiosos modernos como um dos primeiros tantras trazidos da terra de Oddiyana para a Índia. Os estudiosos atuais colocam sua aparição na Índia por volta de 150-250 da era comum. Com as exceções mencionadas acima, ambos são geralmente considerados como tantras paternos. Na divisão tríplice dos tantras paternos, o *Guhyasamaja* pertence ao tipo para neutralizar o apego. Aparece na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* traduzidos por Buddhaguhya e Drogmi Palgyi Yeshe,[59] embora *Os Anais Azuis*[60] cite Che Trashi[61] como seu tradutor durante a propagação anterior do budismo no Tibete. No cânone budista tibetano aparece como uma tradução posterior feita por Shraddhakaravarman[62] e Rinchen Zangpo.

Que *O Maravilhoso Estado Primordial* contém inequivocamente as mesmas linhas que o *Manjushrinamasamgiti* e o *Guhyasamaja* não pode ser uma coincidência. Até onde sabemos, as numerosas linhas semelhantes às de *O Maravilhoso Estado Primordial* são encontradas apenas nesses dois tantras. No entanto, é difícil dizer se os redatores de *O Maravilhoso Estado Primordial* pegou emprestado linhas do *Manjushrinamasamgiti* e do *Guhyasamaja*, ou vice-versa.

Somando-se ao enigma está o fato de que Nagarjuna e Jnanapada, os antepassados das duas principais tradições (arya e Jnanapada) do *Guhyasamaja*, estão ligados à série da Mente do

Dzogchen, Nagarjuna diretamente e Jnanapada de forma indireta. De fato, a linhagem dos ensinamentos da série da Mente mencionados acima conta Nagarjuna como um de seus mestres; e Jnanapada, cuja tradição *Guhyasamaja* também se espalhou até certo ponto durante a propagação anterior do budismo no Tibete, teria sido aluno de uma encarnação de Manjushrimitra, que era discípulo direto de Garab Dorje. Além disso, o cânone budista na língua tibetana contém muitos trabalhos sobre o *Manjushrinamasamgiti* atribuídos a Manjushrimitra. Mas os fios que conectam *O Maravilhoso Estado Primordial* com o *Guhyasamaja* e com o *Manjushrinamasamgiti*, conforme revelado acima, exigirão mais clareza.

Pelas características descritas acima, *O Maravilhoso Estado Primordial* pode ser um dos primeiros e mais antigos textos da série da Mente e do Dzogchen em geral. Sua ousada introdução da visão Dzogchen que é a base para sua aplicação, não examina especificamente seus métodos de aplicação, cuja comunicação é o domínio de mestres que realizaram o conhecimento de Dzogchen e que transmitem judiciosamente seus métodos a seus alunos.

Os Quarenta Capítulos de O Maravilhoso Estado Primordial

O conteúdo de *O Maravilhoso Estado Primordial* de acordo com a estrutura de capítulos encontrada no texto traduzido por Vimalamitra e Nyag Jnanakumara (M2) é apresentado a seguir.

Título: *O Maravilhoso Estado Primordial*

Embora seja provável que o texto original de *O Maravilhoso Estado Primordial* estivesse no idioma de Oddiyana e posteriormente traduzido para o sânscrito, nenhuma dessas versões sobreviveu.

A tradução tibetana dá o título sânscrito como *Bodhicitta Sopashika* e o título tibetano como *Byang chub kyi sems rmad du byung ba*. O significado de *bodhicitta* no contexto da série da Mente do Dzogchen foi brevemente explicado acima. O termo *bodhicitta* é geralmente afixado aos vários títulos das escrituras da série da Mente, onde aparece mais proeminente do que o termo Dzogchen. Em nossa versão em inglês do título e no decorrer da tradução, *bodhicitta* foi traduzida como estado primordial. *Sopashika* pode ser o resultado da deformação de um copista do termo sânscrito *saubhashika* em que *so* (pela omissão acidental de um dos dois sinais *naro*) pode significar *sau* (a forma vriddhi de *su*, que significa belo) e *pashika* para *bhashika*, que significa linguagem. *Saubhashika* está relacionado com *subhasha* (eloquência) e *subhashita* (falado com eloquência), equivalente ao tibetano *legs bshad*, uma designação tradicional para as palavras do Buda. O texto tibetano traduz *saubhashika* como *rmad byung* que significa maravilhoso, um termo comumente usado em traduções do sânscrito para o tibetano para traduzir outro termo

em sânscrito, *adbhuta*, que também significa maravilhoso. Assim, o título desta escritura é *O Maravilhoso Estado Primordial*.

Imediatamente após o título, nosso texto afirma que seu conteúdo é uma parte ou seção de *O Maravilhoso Estado Primordial*, indicando assim que esse ensinamento crucial da série da Mente é apenas um fragmento de um ciclo maior de ensinamentos conhecido pelo mesmo nome. Assim, é semelhante aos tantras-raiz, como o Kalacakra ou o Hevajra, que são considerados formulações condensadas de tantras mais longos que já existiram.

Após esta declaração, uma homenagem, costumeira no início de tais composições, é prestada a Vajrasattva, símbolo do estado primordial na forma do Mestre. No entanto, mais adiante no texto, o Mestre, cuja identidade permanece vaga, é referido por outras denominações, e Vajrasattva aparece como o interlocutor do Mestre. Assim, no atual texto, Vajrasattva simboliza a mente comum que tenta reconhecer sua própria natureza verdadeira como incorporada no Mestre. No entanto, como nos tantras em geral, o mestre e o interlocutor não são diferentes, pois representam a mesma realidade aparecendo sob a égide de dois papéis diferentes para criar um diálogo em que a verdade dessa igualdade possa ser mais facilmente revelada.

Capítulo 1: *O Cenário do Ensinamento*

O corpo real do texto começa no primeiro capítulo. Suas observações iniciais são uma reminiscência do prólogo típico dos sutras budistas - posteriormente replicados nos tantras - descrevendo o cenário em que os discursos do Buda foram proferidos. Aqui a cena se passa em uma dimensão espacial e temporal identificada em termos vagos como um campo de

Budas, suas belas mansões cheias de deidades e com uma audiência de Budas dos três tempos, iogues e vários tipos de não-humanos. A audiência é ainda identificada como a comitiva ou séquito do mestre, iogues e outros que são receptáculos dignos para este Ensinamento incomum. Os não-humanos que estão presentes são aqueles que prestaram reverência ao ensinamento espiritual, enquanto aqueles que não o fizeram foram excluídos, pois nosso texto adverte que rejeitar esse ensinamento depois de ouvi-lo traria consequências negativas indesejadas.

O assunto principal dos capítulos seguintes, o estado primordial, é brevemente apresentado como a realização secreta e como a Mente do Lótus Heruka. No Mahayoga, entre os *herukas* das cinco famílias iluminadas, este *heruka* pertence à família Lótus ou Padma. Como figura associada a este texto, Padma Heruka pode simbolizar a atividade da família Lótus, relacionada ao potencial do estado primordial que se desdobra no nascimento e na criação. A família Lótus realiza o benefício de seres cuja emoção predominante é o apego, particularmente o apego sexual, através do qual a vida na existência cíclica começa. No Tantra, o meio "real" e mais hábil de trabalhar com essa paixão é a união sexual do homem e da mulher. O significado interno disso é a união de método e conhecimento, as duas facetas da realidade que são representadas respectivamente por auto-aperfeiçoamento e pureza primordial, cuja indivisibilidade é o estado primordial supremamente criativo.

Ao contrário do preâmbulo introdutório encontrado em sutras e tantras, aqui nosso texto não menciona o Mestre, implicando talvez que a transmissão do ensinamento não se origine de um Buda primordial físico e real cuja identidade se perdeu no tempo. Devido à condição autêntica de cada indivíduo poder servir, a qualquer momento, como fonte do ensinamento, o verdadeiro Buda primordial é a si mesmo.

Na maior parte e até o trigésimo capítulo, possivelmente de acordo com a tradição budista, o texto é apresentado como um diálogo – como aqueles encontrados nos sutras Mahayana – entre o Mestre e Vajrasattva, a quem o Mestre frequentemente chama de Mahasattva. Principalmente ele é referido como Bhagavan (literalmente, o Vitorioso),[63] outras vezes como Buda (O Iluminado), como Vairocana, como Grande Vairocana, como Onisciente, um epíteto de Vairocana, como Senhor Onisciente do Dharma, como Glorioso Samantabhadra, como Rei da Não-conceitualidade, como Sugata, ou como o Mestre.[64]

A figura de Vairocana como o Mestre é central para a mensagem deste texto. Vairocana é aquele que manifesta a forma e como tal representa a força criativa que dá origem ao universo e seus seres. Pela mesma razão, nas mandalas tântricas de Vairocana ou uma deidade pertencente à família Transcendente de Vairocana, geralmente ocupa a posição central. Vairocana também é o símbolo da pureza da forma e, por causa dessa associação, às vezes está relacionada a três transmissões (mental, simbólica e oral), bem como a uma cosmologia especial na qual os mundos de nosso universo são descritos como imersos e circundando o corpo de Vairocana. É dito que através da bênção da dimensão da realidade ou *dharmakaya*, o reino puro chamado Ghanavyuha se manifesta – com os mestres das cinco famílias iluminadas – como a dimensão dos recursos perfeitos ou *sambhogakaya* em uma grande demonstração de sabedoria e forma indiferenciadas, para o benefício de seres sencientes desnorteados que não reconhecem o fundamento primordial. A fim de guiar esses seres para a libertação,[65] esses mestres projetam campos búdicos infinitos dentro e ao redor do corpo de Vairocana. Assim, pode-se evidenciar por que este texto, que descreve como todo o universo é de fato uma pura manifestação

do estado primordial do indivíduo, apresenta Vairocana como o Mestre.

Capítulo 2: *O Maravilhoso Estado Primordial*

Com o mesmo título do texto, este capítulo descreve o Mestre no reino puro de Akanishta como habitando na profunda absorção da contemplação. Akanishta aqui é um nome dado à dimensão da iluminação que se manifesta em si mesmo, a realidade essencial não localizada em nenhuma direção do universo, não possuindo tamanho, limite ou orientação. Com seu olhar, o Mestre faz Vajrasattva entender que todo o universo e todos os seres iluminados são essencialmente os mesmos, pois surgem do próprio estado verdadeiro do indivíduo, e que tudo é a manifestação da mandala do Corpo, Voz e Mente inerentes neste estado.

Neste capítulo, nosso texto emprega a expressão "si mesmo". Aqui, isso não se refere à noção de um eu formado por uma longa habituação a uma identificação do indivíduo com corpo e mente. Tampouco se refere a um eu universal em que a individualidade de cada ser é anulada. O próprio *si* representa o verdadeiro eu do indivíduo que não é outra coisa senão sua condição original e natural de ser: presença simples, pura e indefinível. Assim, esta palavra não precisa enredar o leitor em conceitos relacionados à negação budista de um eu.

Em gratidão por ter recebido tal revelação, Vajrasattva elogia o Mestre e o princípio que ele expôs, e expressa o desejo de compreender seu significado. Criticamente, em aparente contradição com esta expressão, Vajrasattva diz que ele mesmo despertou novamente ao compreender o estado primordial. De qualquer forma, esta última afirmação indica que tal compreensão

ocorre não como resultado de esforço ou busca, mas de acordo com o princípio da não-ação. Assim como o sol emerge de trás das nuvens, quando o princípio da não-ação é implementado, a compreensão se manifesta espontaneamente.

Então Vajrasattva pede ao Mestre que esclareça ainda mais um entendimento que nem mesmo os Budas haviam entendido. Embora esta última afirmação pareça uma contradição no sentido de que tornar-se um Buda implica a compreensão da real natureza de tudo, aqui devemos considerá-la em relação aos mestres das três dimensões iluminadas. Em *O Rei Criador de Tudo*, é dito que o mestre da dimensão da realidade ou *dharmakaya* é a força motriz da doutrina dos três tantras internos (Maha, Anu e Ati); o mestre da dimensão dos recursos perfeitos ou *sambhogakaya* é a fonte da doutrina dos tantras externos (Kriya, Ubhaya e Ioga); e o mestre da dimensão da emanação ou *nirmanakaya* é a fonte do Hinayana (*shravakayana*, *pratyekabuddhayana*) e do Mahayana.[66] A esse respeito, nosso texto afirma: *"[Mesmo] os sugatas não o entenderam anteriormente"*, talvez implicando que os ensinamentos dos veículos inferiores, como o Hinayana e o Mahayana promulgados pelo mestre da dimensão da emanação, não apresenta explicitamente o princípio do estado primordial como explicado nesta escritura.

Então o Mestre oferece algumas palavras profundas explicando o verdadeiro significado da meditação, dizendo que a meditação não deve ser confinada a conceitos, pois não há nada sobre o que meditar. A verdadeira meditação ocorre quando se está na condição natural, sem criar construções mentais, e onde as ideias de um meditador, meditação, uma realidade a ser meditada, ou de iluminação, estão ausentes. Por quê? Porque é assim que se experimenta a iluminação natural em que corpo, voz e mente são as cinco sabedorias que são as cinco facetas do estado primordial e imaculado. Nenhuma realização, nenhuma iluminação deve ser

alcançada à parte daquilo que já está presente nesta condição natural. Imutável e além das características dos objetos perceptíveis que nela estão ausentes, a condição natural é o estado primordial. Além disso, tudo o que se manifesta a partir dele, como o Corpo, a Voz e a Mente de todos os seres iluminados, bem como de todos os universos infinitos, são o próprio estado primordial. Esta realidade única é considerada a visão secreta suprema.

Capítulo 3: *A Verdadeira Natureza da Realidade*

Este capítulo explica que a realidade é o estado natural do indivíduo. Isso em si é a essência da iluminação, além de uma meta a ser alcançada no tempo. Assim, não há iluminação a ser buscada, e nenhum objetivo a ser alcançado. Aqueles que buscam uma iluminação fora de sua condição atual estão se afastando cada vez mais dela. A realidade é vaziez, a pureza primordial, que é a base da qual surgem todos os fenômenos, e esses fenômenos são desprovidos de essência. Assim, uma vez que nada realmente existe, não há nada sobre o que meditar. A consciência luminosa de si mesmo, além do sujeito e do objeto, abrange tudo sem a necessidade de uma meditação intencional. Experimentando isso, descobre-se que todas as coisas são perfeitas e não se faz distinção entre seres sencientes iluminados e comuns.

Capítulo 4: *A Grandeza*

Neste capítulo, o Mestre diz: "*Eu sou a origem, a essência e também o fim de todos os Iluminados e de todos os seres sencientes*". Assim como em *O Rei Criador de Tudo*, a palavra *eu* se refere ao estado do indivíduo, e não literalmente ao Mestre que expõe o tantra. Tudo vem desse Eu, sem se confundir com um

Deus criador ou com o eu concebido por ignorância que se apega ao corpo e à mente como verdadeiramente existentes. Em vez disso, é o Eu que é a sabedoria consumada já presente em cada indivíduo, cuja clareza, desprovida de intencionalidade, como um espelho, se manifesta como tudo. Portanto, o grande iogue que encontra o princípio de tal iluminação sem ter feito nada com a mente para entendê-lo, é a personificação de todos os realizados.

Todos os seres possuem a natureza preciosa das três dimensões ou *kayas* da iluminação, e tudo que surge e se manifesta é experimentado e desfrutado como uma visão criada por nós mesmos. Essas três dimensões (realidade, recursos perfeitos e emanação) postuladas no Mahayana como a conquista final de um caminho gradual, aqui – de uma perspectiva incomum – já estão presentes como a própria natureza de cada ser senciente. A pura consciência, cuja natureza é a claridade luminosa, é a dimensão dos recursos perfeitos; a variedade de fenômenos em que aparece tal clareza é a dimensão da emanação; e a natureza que não nasce da mente e dos fenômenos, independentemente de como apareçam, é a dimensão da realidade.

Ao ouvir as palavras pronunciadas pelo Mestre, Vajrasattva percebe sua verdadeira condição e expressa a maravilha de tal realização.

Então o Mestre diz que só ele existia antes dos elementos (terra, água, fogo, vento e espaço) e, portanto, antes de tudo. Esta afirmação implica que antes do surgimento da mente e da consequente dualização em sujeito e objeto, existência cíclica (samsara) e sua transcendência (nirvana), e assim por diante, existe apenas o estado indiviso do indivíduo. A visão ilusória começa apenas quando a mente que surge da vaziez não é reconhecida como o movimento da potencialidade infinita de si

mesmo. Antes disso, nada pode ser identificado conceitualmente como alto ou baixo, grande ou pequeno, puro ou impuro, existente ou inexistente. Assim, tudo o que aparece é uma visão fugaz de pensamentos positivos ou negativos, mas a si mesmo não se pode ser concebido e, portanto, não tem existência fenomenal. Está presente porque é anterior ao aparecimento de tudo: tudo vem disso, mas não tem começo.

Todas as qualidades do Corpo, Voz e Mente dos seres realizados vêm do estado primordial – *a si mesmo* – abrangendo todos os seres iluminados do universo e de todos os tempos, e já incluindo todos os métodos de ioga poderosos e suas experiências e realizações resultantes. Os iogues que possuem tal conhecimento já estão no nível de iluminação sem terem trilhado um caminho, pois seu próprio estado é a soma de todos os níveis de realização.

Capítulo 5: *A Proclamação do Segredo*

Aqui o Mestre enfatiza o princípio de que como você mesmo é a pureza primordial, não poluído de qualquer forma, e é o criador de tudo, consequentemente todos os fenômenos são puros e incondicionados e não podem ser transformados em objetos conceituais. Você mesmo é o próprio estado da indivisibilidade de vaziez e visão; assim, os fenômenos que surgem de si não podem ser medidos ou julgados pela mente. Você mesmo, de onde tudo se origina, é o Buda original que existia antes de qualquer conceito tomar forma. A este propósito, o Mestre diz: "Eu surgi antes que qualquer uma dessas coisas surgisse".

Capítulo 6: *O Milagre*

Aqui é revelado que embora a mente represente a dualidade, a própria essência da mente, semelhante ao espaço, não é poluída pela dualidade, e não há necessidade de purificar o que já é puro desde o início. Além disso, como a mente não tem base da qual se originar, ela não nasce. Apenas isso é a iluminação que não tem causa. Quando a essência da mente se reconhece por meio de sua própria sabedoria natural, todas as manifestações de energia são reconhecidas como já perfeitamente presentes em si mesmo. Isso é convencionalmente chamado de obtenção da iluminação.

Todas as manifestações de energia são aqui referidas como método. Método e conhecimento representam os dois ramos do caminho para a realização nos vários veículos espirituais. Quanto mais inferior o veículo, mais o método e o conhecimento estão divergentes e precisam ser reunidos. Nos veículos superiores do Tantra, o método (gozo) e conhecimento (vaziez) são reconhecidos como constituintes de sua própria natureza, mas o método também é visto como o caminho para chegar à sabedoria que discerne a realidade. No Dzogchen, o método é representado pelo fenomenal, que é a manifestação de sua própria energia. Assim como os reflexos em um espelho tornam clara a natureza do espelho, empregando o método de nossa experiência do fenomenal em um estado de pura consciência, obtemos conhecimento da realidade não-dual que é nossa natureza fundamental.

Capítulo 7: *A Natureza Secreta*

Aqui é explicado que a condição primordial do indivíduo está presente como a qualidade do Corpo, Voz e Mente iluminados. A

que se referem os termos Mente, Voz e Corpo? Mente, a realidade que transcende as aparências, é o próprio conhecimento que é o caminho para a iluminação, livre e abrangente. Corpo é todo fenômeno em um arranjo ilimitado que se apresenta à percepção, uma mandala que aparece naturalmente e não precisa ser feita. A esse respeito, nosso texto afirma que os fenômenos não podem ser objetos de pensamento e julgamento e, ao dizê-lo, indica implicitamente a verdadeira natureza da meditação. Meditação é uma condição de pura consciência que não tem ponto de referência. Não aborda a verdadeira natureza da realidade com uma intenção ou um conceito fixo, pois a verdadeira natureza da realidade não é um objeto separado dessa consciência. O iogue que vive nessa consciência não tem a ideia de estar em estado de meditação ou de atingir a iluminação, mas não está distraído nem separado da meditação. Assim, no Atiyoga, é suficiente permanecer em um estado natural de pura consciência sem pensar e analisar, sem considerar pensamentos, emoções etc. como fatores negativos a serem superados, e sem considerar a verdadeira natureza da realidade como algo a ser acessado. Voz é todo som que não foi criado e se manifesta espontaneamente de si mesmo.

Corpo, Voz e Mente não estão confinados e, de fato, transcendem as marcas e sinais característicos atribuídos ao Corpo, Voz e Mente do Buda no contexto do Mahayana. No entanto, se manifestam como as cinco dimensões ou *kayas* auto-existentes. Aqui, esses cinco provavelmente se referem às formas dos Budas das cinco famílias, incluindo suas consortes, seu séquito de bodhisattvas masculinos e femininos, e assim por diante, que são a pureza dos agregados, elementos e outros aspectos da existência, conforme descrito no capítulo 20. Assim, o mundo fenomenal da matéria composto de partículas dos quatro elementos – terra, água, fogo e ar – mais o espaço, nada mais é do

que essas cinco formas. A pura essência desses elementos é o próprio estado do indivíduo, e seu esplendor é a sabedoria de seu estado. Assim, a totalidade dos fenômenos, incluindo os seres sencientes, não tem essência à parte da pura consciência que é a iluminação cuja obtenção não requer esforço.

Em sua conclusão, este capítulo apresenta o significado semântico de *bodhicitta* (aqui traduzido como estado primordial) de acordo com as três partes do termo tibetano para *bodhicitta,* ou seja, *byang chub sems* ou mente pura e total. Nosso texto nos diz que puro se refere à pureza total de todas as coisas que se manifestam a partir do seu próprio estado; total refere-se ao conhecimento de que todas as coisas são uma realidade indivisível, e a mente refere-se à clareza contemplativa auto-existente que está sempre presente como a natureza da realidade indivisível de seu próprio estado primordial.

Capítulo 8: *O Caminho da Libertação*

Este capítulo é central para o texto. Aqui o Mestre apresenta as cinco emoções comuns de apego, raiva, ignorância, orgulho e inveja como a matéria-prima para o caminho Dzogchen da liberação natural. Nos sutras, essas cinco emoções são consideradas venenos e inimigas e, como tal, devem primeiro ser suprimidas pela aplicação do antídoto apropriado e depois eliminadas pela meditação sobre vaziez, o antídoto universal. Para o apego, aplica-se o antídoto da meditação na forma da pessoa a quem se apega; para o ódio, meditação sobre bondade amorosa; e para a ignorância, a meditação sobre os doze elos interdependentes, e assim por diante. Por outro lado, nos tantras mais elevados, a energia das emoções é reconhecida como valiosa: as emoções, intensificadas através de um processo de transformação, tornam-se ferramentas úteis no caminho espiritual.

Tal processo pode envolver, por exemplo, purificar o apego comum experimentando-o enquanto se imagina como uma deidade em união apaixonada com sua consorte, purificando a raiva comum experimentando a si mesmo na imaginação como uma deidade irada, e assim por diante. Desta e de outras maneiras, as emoções são gradualmente transformadas em sabedoria. Nesse sentido, abandono e transformação são as abordagens que caracterizam os caminhos do Sutra e do Tantra, respectivamente.

Embora o aspecto não-conceitual da fase de conclusão dos tantras superiores empregue métodos de purificação de emoções que não envolvem imaginação – como examinar a essência das emoções – esses métodos ainda são baseados na noção de que as emoções comuns precisam ser transformadas, e eles exigem uma transformação preliminar de si mesmo em uma deidade. Assim, as abordagens do Sutra e do Tantra estão dentro do domínio do funcionamento dualista da mente e são baseadas em conceitos da necessidade de aplicar antídotos e transformações.

Desmantelando a convicção dos seguidores do Sutra de que as emoções são venenos e a certeza dos seguidores do Tantra de que as emoções comuns precisam ser transformadas em sabedoria, Dzogchen afirma que as emoções sempre existiram e sempre existirão como parte da natureza de cada ser. As emoções são a energia pura da essência da mente, além do rótulo "emoção". Uma realidade indivisível sem relação com o tempo e, portanto, com as circunstâncias, as emoções são uma igualdade total, essa igualdade da qual surgem às diversas deidades tântricas que representam os vários aspectos do corpo e da mente.

No Dzogchen, como indica o título deste capítulo, as cinco emoções em seus aspectos comuns são caminhos para a libertação. Como? Se você reconhece as emoções como a energia do seu próprio estado sem cair na dualidade. Se, quando as

emoções surgem, você permanece na condição natural – na essência não-nascida da mente – sem julgamento moral sobre o conteúdo do que está surgindo na mente e sem nenhuma tentativa de corrigir a experiência em curso, as emoções naturalmente se libertarão sem ter de ser abandonadas ou transformadas.

No momento da liberação, as emoções são reconhecidas espontaneamente como as cinco sabedorias. Assim, se você permanece ancorado à essência não-nascida da mente, quando o apego surge ao encontrar algo agradável, a essência da mente se manifesta com prazer: esta é a sabedoria discriminativa da família Lótus de Amitabha. Ancorado da mesma forma, quando a raiva surge ao encontrar algo desagradável, a essência da mente se manifesta com clareza: esta é a sabedoria que é como um espelho da família *Vajra* de Akshobhya. Quando a inveja surge ao encontrar um semelhante ou superior, a essência da mente se manifesta como a percepção de que todas as coisas dependem de julgamentos mentais de superior e inferior, bom e mau, e assim por diante: esta é a sabedoria que realiza as atividades da família Ação de Amoghasiddhi. Nessa perspectiva, longe de ser um impedimento, as emoções se manifestam como o caminho da liberdade.

Uma vez que uma explicação detalhada e precisa das emoções como sabedoria seria considerada o domínio das instruções orais, ela não é apresentada neste capítulo. Aqui, no que parece uma visão invertida do significado comum das emoções, por causa de seus aspectos semelhantes, vários tipos de compreensão que representam facetas do conhecimento de sua verdadeira condição são intencionalmente chamados pelos nomes das cinco emoções. Por exemplo, desfrutar dos objetos dos sentidos sabendo que eles surgem de si mesmo é denominado apego. Isso implica que através do gozo pleno dos objetos dos sentidos sem a imposição das noções dualistas de quem

experimenta e da coisa experimentada, os objetos dos sentidos tornam-se um meio para aumentar o conhecimento de sua verdadeira condição em vez de uma causa de vinculação à existência cíclica.

Energia ou movimento liberado do seu próprio estado, o fator subjacente que determina a manifestação dos fenômenos, é a raiva. Essa energia ou movimento não é diferente da vaziez primordial que é a própria natureza dos fenômenos e de todas as emoções. Assim, a falta de vontade de bloquear qualquer uma das cinco emoções com base nesse conhecimento profundo é chamada de raiva.

Saber que o verdadeiro estado é aquele em que tudo é indivisível, igual, indiferenciado, completo e ilimitado faz com que desapareçam os conceitos que diferenciam e categorizam as coisas em termos de visões filosóficas. Nem mesmo o conceito de que tudo é igual permanece. Não há crença persistente de que algo surge, existe ou termina à parte de si mesmo. Não há conceito de uma gradação de níveis de realização. Não há conceito da dimensão de emanação como simplesmente a forma manifesta de um Buda ou como uma visão exclusivamente pura. A ausência de conceitos tão variados é aqui denominada ignorância.

Sabendo que tudo se manifesta a partir do seu próprio estado no qual é a verdadeira grandeza, e permanecendo nessa condição, pode-se proclamar que não há eu individual; pode-se proclamar a grandeza de seu estado; pode-se desfrutar de si mesmo em todas as manifestações possíveis e dizer que tudo é você: isso se chama orgulho.

Aqueles que têm conhecimento do verdadeiro estado não dão espaço em si mesmos para o conceito de diferenças entre os fenômenos. Eles não deixam espaço para o conceito de que

apego, raiva e ignorância existem com características distintas. Eles excluem equívocos sobre a verdadeira natureza da realidade. Eles não deixam qualquer margem para não reconhecer que todas as coisas não são nada além do estado do Sugata, ou para a ignorância do fato de que seu próprio estado primordial é a libertação: isso é chamado de inveja.

Capítulo 9: *O Insuperável*

No caminho da acumulação do Sutra,[67] o conhecimento do caminho para a iluminação perfeita consiste nas quatro aplicações estreitas da atenção plena ao corpo, mente, sentimento e fenômenos mentais. No caminho da visão, consiste nos sete ramos da iluminação: presença perfeita, discriminação perfeita, esforço perfeito, alegria perfeita, flexibilidade perfeita, estabilidade meditativa perfeita e equanimidade perfeita. Além disso, no caminho da meditação, são aplicados os oito ramos dos exaltados: visão perfeita, percepção perfeita, fala perfeita, ação perfeita, vida perfeita, esforço perfeito, presença perfeita e estabilidade meditativa perfeita. Com base no conhecimento desses ramos, trabalha-se para elevar espiritualmente todos os seres. Tal conhecimento, que é desenvolvido gradualmente, é o conhecimento do caminho da iluminação perfeita.[68]

No início deste capítulo, o Mestre se dirige a Vajrasattva, dizendo exatamente o contrário do que foi dito acima: que o conhecimento do caminho para a iluminação não nasce no indivíduo e, como tal, não precisa ser cultivado gradualmente, pois o indivíduo já possui as cinco sabedorias, aqui ocultas sob o termo cinco agregados.[69]

As linhas que se seguem, muitas das quais também são encontradas no *Manjushrinamasamgiti*, enfatizam que tudo o que

existe é a emanação ou aspecto *nirmanakaya* do estado primordial do indivíduo. Este estado é equiparado a uma iluminação natural que é também a falta de identidade das coisas – ou vaziez – a realidade desprovida de nascimento e cessação. É essa vaziez, existente antes de qualquer outra coisa, que se manifesta como a variedade de coisas do universo e como os Budas que libertam os seres que vivem nos seis reinos da existência. Sendo sabedoria não-conceitual do caminho que a tudo inclui, essa realidade singular da indivisibilidade da existência cíclica e sua transcendência nunca é afetada por nenhum fenômeno da existência cíclica.[70] Mesmo as várias formas de deidades, e assim por diante, encontradas nos tantras, são essa realidade inefável além da forma. Possui a natureza das três dimensões, mas não está presente como nenhuma característica concreta. Aquilo que todos os Budas compreenderam é esta sabedoria de pura consciência que existe em si mesmo como sua posse natural. Tudo o que é percebido e pode ser pensado se manifesta a partir disso como seu próprio prazer ou, como na expressão Dzogchen frequentemente citada, como "um ornamento de sua pura consciência". Essas linhas de nosso texto ensinam implicitamente a conduta de Samantabhadra na qual não há necessidade de aceitar ou rejeitar nada em nossa experiência.

O Mestre, novamente se dirigindo a Vajrasattva, enfatiza que tudo surge de si mesmo e que você é a sabedoria dos Oniscientes. Você é a dimensão da realidade, um precioso espaço interno que não se limita nem mesmo à transcendência do apego. Quando este princípio é compreendido, sabe-se também que as sementes da existência cíclica e as manchas das emoções nunca existiram. Essa sabedoria e a totalidade de suas qualidades estão presentes sem serem buscadas, permeiam toda a existência, sem distinção entre seres iluminados e não iluminados.

O Mestre então afirma que o Transcendente ou *tathagata* significa “aquele que tem o corpo da sabedoria”. Isso também é explicado nos sutras do Mahayana, mas aqui a expressão “aquele que tem o corpo da sabedoria” indica não uma pessoa, mas o estado primordial de cada indivíduo que possui as cinco dimensões do Corpo das cinco famílias.

A luz imaculada desta dimensão de sabedoria que, como o espaço, está presente em toda parte, é a matéria-prima de todo o universo que se apresenta à percepção dos seres. Esta luz é a luz das cores dos cinco elementos que constituem os objetos aparentemente concretos que na realidade nada mais são do que as dimensões do Corpo das cinco famílias, as cinco facetas do corpo de sabedoria de nosso estado primordial. Da dimensão da sabedoria que é o *dharmakaya*, através da dimensão dos recursos perfeitos (*sambhogakaya*) representando a Voz e manifestando-se nos raios da Voz como letras, os seis Budas dos seis reinos da existência aparecem como a dimensão da emanação (*nirmanakaya*) para libertar os seres de acordo com suas diferentes capacidades.

Assim, embora todo o universo - o ambiente e os seres - se manifeste claramente no espaço com distintas características, formas, cores, luz e assim por diante, nada disso depende das condições materiais. Tudo é uma manifestação milagrosa da energia do Corpo, Voz e Mente do estado primordial. Não depende de nada, mas tudo o que existe depende disso.

Por que essa enorme exibição que existe em si mesmo se manifesta? Assim como seus próprios sentimentos pela pessoa amada são reavivados ao se reencontrar com ela, essa manifestação ocorre para que, ao vivenciar e reconhecer sua exibição como a si mesmo, a pura consciência de seu estado primordial seja despertada. Assim, a ilusão dualista criada pelas

aparências desmorona, e a própria exibição torna-se a porta para o conhecimento do ser primordial.

Capítulo 10: *O Segredo Supremo*

Aqui o estado primordial é apresentado como o segredo supremo. Por quê? Porque todos os fenômenos do universo infinito são a criação ou manifestação desse estado primordial que é a própria iluminação. Isso significa que tudo surge da sabedoria de sua própria consciência. Como isso é difícil de entender por qualquer um, mesmo por seres espirituais altamente desenvolvidos, é dito que é o segredo supremo.

Capítulo 11: *A Instrução Secreta Definitiva*

Nos sutras, os cinco agregados psicofísicos do indivíduo – forma, sentimento, percepção, volição e consciência – são considerados resultados contaminados de emoções e ações passadas. Como tal, até serem abandonados, constituem sempre uma fonte de sofrimento. Os tantras vislumbram a possibilidade de transformar seus aspectos impuros em sua natureza pura. Assim, uma vez que tal transformação ou purificação é efetuada através dos métodos tântricos, os cinco agregados se revelam como os cinco Budas masculinos das cinco famílias, e assim por diante. Aqui, porém, o Mestre explica que os agregados não devem ser concebidos como impuros, pois sempre foram puros. De fato, a forma, isto é, tudo o que aparece como material é apenas a si mesmo; o sentimento é a liberação natural que sempre ocorre quando, na ausência de apego, algo agradável ou desagradável é encontrado; a percepção de fenômenos distintos é a natureza definitiva e não-nascida que se manifesta; volição é a liberdade de reações condicionadas,

independentemente do que apareça aos nossos sentidos; e a consciência nada mais é do que sabedoria que aparece no espaço.

As dimensões do Corpo dos cinco Budas masculinos, e assim por diante, das cinco famílias – facetas da pura consciência – são a própria natureza dos cinco agregados. A essência desses Corpos é Vairocana, a sabedoria da amplitude da verdadeira natureza da realidade, cuja luz se manifesta principalmente como a mandala da dimensão dos recursos perfeitos (*sambhogakaya*) às vezes representada como uma deidade com quatro faces, uma olhando em cada direção. Essa luz representa as cinco luzes coloridas que servem de porta para tudo o que existe. Assim Vairocana, como indica a tradução tibetana *rNam par snang mdzad*, significa “aquele que manifesta a forma”, e neste sentido é equiparado à consciência básica de tudo ou *alayavijnana*, cuja verdadeira natureza é a base primordial (*alaya*) de onde tudo aparece, incluindo as cinco dimensões do Corpo das cinco famílias dos Budas. Assim, as cinco dimensões são a fonte de tudo o que existe e, consequentemente, tudo já está no estado de perfeita iluminação.

Essa dimensão do Corpo não é o Corpo do Mestre proclamando o tantra – como pode parecer pela expressão “meu Corpo” encontrada no texto – mas o estado primordial de cada indivíduo que sempre existiu e sempre se transmuta em todas as maneiras possíveis. De suas cinco facetas originam-se os cinco elementos e destes, todo o universo. Assim, todos os universos infinitos são o estado primordial que é a iluminação perfeita e total.

Os níveis de realização espiritual, a obtenção da iluminação e todos os aspectos do caminho espiritual, incluindo a visão correta, conduta e assim por diante; o Ensinamento que é ensinado e ouvido, assim como o professor, os alunos e assim por diante, são

todos apenas isso – o segredo maravilhoso – o estado primordial de cada indivíduo.

Os seres sencientes, suas ações que levam ao nascimento na existência cíclica, os objetos dos sentidos, as emoções, o sofrimento, os mundos em que os seres sencientes vivem e assim por diante, são a realidade cuja natureza é gozo. Quando essa realidade não é reconhecida, todos esses fenômenos, embora inexistentes, aparecem. Quando essa realidade é reconhecida, toda essa exibição ilusória que surge de si mesmo desaparece como a névoa ao nascer do sol. Como todos os mundos e seus habitantes se manifestam espontaneamente como sabedoria, não há necessidade de procurar um lugar ideal de meditação.

Capítulo 12: *Corpo, Voz e Mente além da Busca*

Este capítulo explica que o estado primordial está presente em cada ser senciente e não precisa ser buscado. O Mestre afirma que assim como uma jóia é sempre uma jóia, a dimensão do Corpo do estado primordial permanece inalterada em sua natureza, independente do aspecto (bom ou mau, superior ou inferior, prazeroso ou desagradável etc.) de sua transformação. Este estado primordial semelhante a uma jóia não pode ser compreendido através dos caminhos do intelecto, pois, como o caminho para o absoluto, só pode ser confirmado através da meditação experiencial.

Tudo o que aparece à percepção comum, como cor, forma, contorno, objetos dos sentidos e assim por diante, está incluído em sua própria dimensão de sabedoria. Assim, não há distinção entre coisas ruins e coisas boas. Como o ouro, independentemente de ser moldado em uma imagem sagrada ou em uma imagem

demoníaca, sua natureza permanece inalterada: sempre permanece ouro.

Falando da mente iluminada que todos possuímos, o Mestre explica que tal Mente primordial tem a natureza indivisível e indestrutível das oito sabedorias. Essa realidade não-dual surge da dimensão da sabedoria de sua própria consciência. As oito sabedorias podem se referir aos oito grupos de consciência, a saber, a consciência básica de tudo, a consciência mental, a consciência aflita e as cinco consciências dos sentidos.

Todos os sistemas de mundos do universo surgem desta Mente primordial que abrange tudo o que existe. Uma vez que esta Mente primordial é indestrutível e nunca desaparece, os sistemas de mundos infinitos se manifestarão continuamente em uma exibição sem fim.

Todos os sistemas de mundos são apenas Corpo, Voz e Mente, as três facetas do estado primordial do indivíduo. Assim, nada pode ser chamado de universo infinito à parte da Mente, que existe desde o início e que é inseparável do Corpo e da Voz. Na tríade de Corpo, Voz e Mente, Mente é vaziez, que é a fonte; Corpo é a luminosidade de todas as manifestações; e Voz é todo som.

O significado de Corpo, Voz e Mente não se limita ao corpo físico, ao som da voz e à mente subjetiva de um indivíduo, mas representa a natureza trifacetada da realidade que permeia a aparência relativa do universo e dos seres. Para indicar que esses três são uma realidade única e inseparável, o Mestre diz: "Corpo e Mente também são a Voz. Voz e Mente também são o Corpo." Além disso, transpondo os pares habituais Voz/*sambhogakaya*, Corpo/*nirmanakaya* e Mente/*dharmakaya*, aqui se diz que a Voz é o *nirmanakaya*, o Corpo é o *sambhogakaya* e a Mente é a própria essência da iluminação.

Embora seja uma realidade única e indivisível, quando visto de uma perspectiva diferente, o estado primordial é a realidade vazia (*dharmakaya*) na qual tudo é a si próprio, primordialmente aperfeiçoado como a tríade de Corpo, Voz e Mente iluminados.

Por causa de suas características, você inclui todos os cinco *kayas* da iluminação. Ou seja, sendo imutável, seu ser não pode ser desenvolvido de forma alguma pelo acúmulo de mérito: assim, sua natureza imutável representa a dimensão do mérito aperfeiçoado. Perfeito desde o início, seu ser não precisa se esforçar para realizar uma forma suprema e emanada: assim, a perfeição primordial representa a dimensão da emanação, o *nirmanakaya*. Aperfeiçoado espontaneamente em todas as qualidades, seu ser não precisa criar as causas para as cinco certezas de professor, ensino, lugar, público e tempo: assim, a perfeição espontânea representa a dimensão dos recursos perfeitos, o *sambhogakaya*. Além da ação e da busca, seu ser não precisa buscar a iluminação: assim, é a dimensão que é a essência da iluminação, o *dharmakaya*.

Em resumo, o Corpo, a Voz e a Mente iluminados, e as dimensões do Corpo do Buda que no caminho Mahayana são atingíveis apenas na culminação do caminho espiritual, em *O Maravilhoso Estado Primordial* são explicados como qualidades que são suas desde o início, sem ter que lutar por elas. Assim, Corpo, Voz e Mente iluminados não são qualidades exclusivas de Budas *nirmanakaya* como Buda Shakyamuni, mas estão presentes como a condição básica de todos os seres.

Capítulo 13: *Comportamento e Atividade*

Como mencionado acima, quando reconhecidos como a energia surgindo de si mesmo, os pensamentos enraizados no apego,

raiva, ignorância, orgulho ou inveja não bloqueiam a energia do indivíduo e naturalmente se liberam em sua própria condição. Quando essa liberação natural ocorre, as emoções se manifestam como as cinco sabedorias naturais, e a atuação dessas emoções inclui o comportamento extraordinário dos praticantes espirituais que permanecem no conhecimento de seu estado primordial. Assim, este capítulo nos informa que as cinco emoções "... são o próprio grande Vajrayana." Aqui, Vajrayana refere-se amplamente à práxis do caminho do Tantra, mas especificamente ao Dzogchen Atiyoga.

No caminho do Sutra do Hinayana, os praticantes leigos seguem os preceitos associados ao refúgio no Buda, Dharma e Samgha; pelos quatro votos-raiz de abster-se de matar, roubar, adulterar e mentir e, muitas vezes, por um voto de abster-se de ingerir intoxicantes. Os monges, em particular, mantêm os quatro votos básicos de abster-se de relações sexuais, roubar, matar e mentir sobre suas realizações espirituais. Se um monge quebrasse um desses votos e ocultasse a transgressão mesmo por um momento, seu status como monge ficaria totalmente comprometido e sua quebra de disciplina seria irreparável. Muitos outros votos prescritos pelo código monástico de disciplina, como não comer depois do meio-dia, implorar por comida e assim por diante, estão preocupados em disciplinar o comportamento do corpo com o objetivo de evitar circunstâncias nas quais as emoções possam florescer.

O caminho Mahayana do bodhisattva é baseado em uma aspiração altruísta de atingir a iluminação. A intenção é o fator determinante para se engajar ou se abster de uma determinada ação. Às vezes, uma ação, mesmo uma transgressão de uma regra monástica que não seria admissível para um seguidor do Hinayana, é aqui permitida, desde que a intenção seja beneficiar os outros definitivamente por amor e compaixão genuínos. Os

bodhisattvas devem nutrir o amor pelos seres sencientes e manter muitos outros compromissos relacionados à resolução altruísta de atingir a iluminação, na qual constitui a essência de seu caminho espiritual. Certos tipos de comportamento e atitudes mentais, chamados de treinamento, são baseados em regras prescritas sobre atos considerados deploráveis e, portanto, a serem evitados, e atos considerados dignos e, portanto, a serem adotados no espírito do altruísmo.

As promessas mântricas são essencialmente a resolução de treinar nos métodos para experimentar a sabedoria beatífica a fim de dissolver o apego à visão dualista de sujeito e objeto e superar as propensões de se afastar dessa sabedoria. Essa resolução é assumida durante o curso da iniciação tântrica. A esse respeito, os tantras inferiores de Kriya, Ubhaya e Yogatantra prescrevem uma miríade de regras de comportamento a serem seguidas, tanto gerais quanto específicas, associadas às várias famílias búdicas. Estas incluem muitas das formas de conduta Mahayana, bem como algumas das regras de comportamento Hinayana.

Nos tantras mais elevados, cumpre-se em particular quatorze compromissos principais: não desrespeitar o mestre espiritual, não transgredir o Ensinamento do Buda, não ficar zangado com companheiros espirituais, não abandonar a compaixão, não liberar o sêmen que é a base do gozo, não depreciar as próprias e outras tradições espirituais, não revelar segredos tântricos aos imaturos, não abusar do próprio corpo, não negar a verdade relativa, não amar os ímpios, não conceituar a realidade última, não fazer com que os crentes percam a fé, não recusar substâncias sagradas e não desrespeitar as mulheres. Além disso, os votos e promessas relacionados às fases de meditação de criação e conclusão e aqueles que têm várias camadas de significados (externos, internos e secretos) relacionados às cinco famílias também devem ser preservados. Cada tantra tem sua maneira específica de

apresentar esses votos. Por exemplo, o *Tantra Guhyasamaja* apresenta quatro promessas que requerem alguma decifração:

> *Aquele que acaba com a vida,*
> *Que se deleita em mentir,*
> *Quem cobiça a riqueza dos outros,*
> *Ou que constantemente se envolve em união sexual.*

Para iogues na fase de conclusão, eles são explicados da seguinte forma:

> *Acabar com a vida significa selar a energia do vento no canal central,*
> *Mentir significa transmitir ensinamentos enquanto entende que tudo é irreal,*
> *Roubar significa realizar a sabedoria do Buda dependendo de um(a) consorte,*
> *Engajar-se na união sexual significa experimentar a própria natureza da realidade.*

Formas semelhantes de comportamento também são apresentadas neste capítulo de nosso texto. No geral, o Mestre apresenta um tipo de comportamento e atividade totalmente além da virtude e do mal, além das noções de puro e impuro, e assim por diante. Tudo o que normalmente é dividido em ações a serem abandonadas e ações a serem adotadas de acordo com conceitos dualistas é, em sua raiz, uma única realidade à luz da pura consciência não-nascida.

Quando possui o conhecimento de que você mesmo é puro desde o início e que não sofre nenhuma mudança ou modificação por causa de ações virtuosas ou más, nenhuma ação pode gerar conflito ou tendências habituais. Por esta razão, os praticantes de Dzogchen, regidos pelo conhecimento da essência não-nascida da mente, podem realizar qualquer ação exigida pelas circunstâncias,

sem as limitações impostas pela aceitação de algumas ações e rejeição de outras. Isso é conhecido como a conduta que é Sempre Boa.[71] No entanto, para quem não tem tal conhecimento e cujos atos são instigados por emoções, tal conduta pode dificultar muito o caminho para a realização.

A natureza desses tipos de comportamento e atividade está ligada ao próprio estado primordial que sempre existe como gozo e clareza. Assim, se o próprio ser do indivíduo é reconhecido como a essência da iluminação, esse conhecimento permite o gozo de tudo como uma oferenda a si mesmo. Não há necessidade de fazer oferendas intencionalmente a um Buda físico ou mostrar reverência a uma deidade meditativa preferida, como é feito pelos seguidores do Tantra. Além disso, diferentemente dos contextos dos tantras mais elevados, a realização desse tipo de comportamento e atividade não é um método para despertar, mas uma expressão do conhecimento de que se está sempre em uma condição de iluminação. É uma conduta em que nada é feito com a intenção de atingir um objetivo, mas o que deve ser feito não é deixado de lado.

Então, o Mestre se dirige a Vajrasattva com argumentos inspiradores que validam a aplicação do comportamento e da atividade que acabamos de explicar. Ele afirma que, além dos conceitos de existência e inexistência, o estado primordial de cada indivíduo é a condição definitiva em que sempre nos encontramos, independentemente de nossas circunstâncias.

O reconhecimento do estado primordial é a maneira de quebrar o acúmulo de tendências habituais que os seres confusos criam pela ignorância que apreende as coisas como reais. A confusão e os obstáculos que experimentamos surgem da falta desse reconhecimento; somente através deste conhecimento a ilusão é superada sem ser intencionalmente abandonada.

O Mestre afirma que o fogo, a água e o vento que, por sua vez, destroem o mundo no final da era cósmica, nada mais são do que o próprio estado primordial que aterroriza e destrói tanto o mundo animado quanto o inanimado.

O Mestre exorta Vajrasattva a se curvar diante daquele que "... devorou todos os Budas", e que, ainda insaciável, devorará também todos os seres sencientes. Por esta afirmação entendemos que tudo existe e se manifesta no ser total. Os Budas compreenderam o princípio do estado primordial; assim eles foram devorados por isso. Os seres sencientes ainda precisam entendê-lo; assim, eles ainda precisam ser devorados. Mas tanto os seres iluminados quanto os seres sencientes sempre estiveram incluídos no ser total.

Este estado não pode ser concebido ou nomeado de forma alguma, nem mesmo como o Sempre Bom, pois causa a morte e o nascimento de inúmeros seres. Todos os nomes que lhe podem ser dados são apenas sinais de uma realidade além dos exemplos, indicações fornecidas para levar o ignorante ao conhecimento da realidade.

Em resumo, seu próprio ser, no qual todas as conquistas já estão completas desde o início, é a única realidade na qual meditar, a única deidade a adorar e o único objeto ao qual fazer oferendas. O Mestre diz que não há necessidade de emitir o sêmen como oferenda às deidades como é feito nas práticas tântricas.[72] Para os sábios, o sêmen real é a si mesmo, e emitir sempre o sêmen significa gerar o conhecimento do estado primordial através da união consigo mesmo, não com um(a) consorte. Isso exemplifica o comportamento na práxis Dzogchen, cuja natureza, como o espaço, é ilimitada e desobstruída.

Capítulo 14: *O Segredo Maravilhoso*

Este capítulo começa com uma expansão do tópico do comportamento discutido no capítulo anterior, reinterpretando os modos de conduta tântrica à luz da visão Dzogchen. O Mestre diz que não há necessidade de se transformar em deidade através da imaginação, como é feito na prática tântrica. Quando seu corpo é metaforicamente adornado pelo sêmen real – o conhecimento do estado primordial – ver o próprio corpo é como ver um Buda, e todo o universo fica sob seu poder: você percebe o universo como um ornamento de sua própria consciência.

A deidade de sabedoria ou *jnanasattva* que na práxis tântrica é convidada do reino do espaço para se fundir consigo mesmo visualizado como uma deidade - o chamado compromisso de ser ou *samayasattva* - para superar o conceito de que você e a deidade são diferentes, já está aqui e não precisa ser encontrada externamente. O Mestre declara que "Meu corpo" (a si próprio) é a verdadeira deidade que habita dentro do templo do corpo. Somente esta é a deidade que, quando reconhecida, concede todos os *siddhis* e iluminação.

Além disso, não há necessidade de meditar na Voz e na Mente de uma deidade como símbolos para se aproximar do estado divino de Voz e Mente, pois a voz e os pensamentos comuns em si são símbolos do significado definitivo da deidade, isto é, o estado primordial. O comportamento comum de qualquer tipo já é a atividade iluminada do corpo de emanação de um ser iluminado manifestamente presente no mundo. Assim, os *siddhis* ordinários e supremos não devem ser solicitados a uma deidade externa; eles vêm de si mesmo e são imediatos. A iluminação não é um objetivo a ser alcançado em um futuro distante.

O corpo e a voz de cada indivíduo são de uma igualdade inseparável que é a própria essência do Mantra Secreto e, como o céu, não possuem características inerentes. A mente que contempla não tem identidade alguma; assim, uma vez que a contemplação da deidade e os mantras secretos não têm realidade, como eles poderiam ser pontos de referência para a descoberta do estado primordial?

No entanto, é como transformações da igualdade inseparável de corpo, voz e mente que aparecem mandalas, sinais de realização espiritual e todos os fenômenos da existência. Essas transformações infinitas são o próprio estado primordial que manifesta a iluminação como gozo, independentemente do lugar e do tempo em que se encontra incorporado.

O Mestre explica que quando se permanece no conhecimento da iluminação que é o seu ser, pureza primordial ou vaziez, a natureza deste estado, não é conceitualmente objetivada de forma alguma, pois nesta visão, a dualidade está totalmente ausente. Basicamente, isso significa que não se tem noção de vaziez e também nenhuma noção de iluminação a ser alcançada; não se tem noção de existência, pois todas as coisas concebidas como existentes são, na realidade, inexistentes. Qualquer pensamento que surja é sabedoria: a consciência clara na qual não há nada para purificar ou descartar. Não sendo afetada por conceitos e véus, essa pura consciência não contém a noção de modificar o que está ocorrendo dentro e fora.

A mente cria a ilusão da dualidade de entidades existentes externamente e uma consciência existente internamente que as apreende. Este trabalho dualista da mente está ausente na verdadeira natureza da realidade. No entanto, a mente conceitual que surge no espaço da verdadeira natureza da realidade não é de

modo algum diferente dessa natureza; é perfeita como uma expressão do estado primordial que é a iluminação.

Esta seção de nosso texto apresenta novamente o princípio da meditação no Ati Dzogchen. Uma vez que a visão tenha sido compreendida, a visão e o meditador são experimentados como inseparáveis. A mente é deixada como é, sem ser propositadamente colocada em um estado particular. Permanece sem o sentimento da dualidade de si mesmo e dos outros, nem espera que surja uma sabedoria luminosa nem teme as fabricações mentais decorrentes de suas percepções e visão.

Uma vez que cada ser vivo já é a deidade da sabedoria que habita na mandala mais secreta indivisível de si mesmo, não há necessidade de seguir a prática tântrica de visualizar a si mesmo como a deidade e fundi-la com a deidade da sabedoria invocada do espaço. Os elementos do corpo e do mundo que surgem do estado primordial e não de qualquer outra coisa são eles próprios as deidades da mandala real, espontaneamente presentes sem criação artística em areia colorida ou visualização imaginativa. Todas as habilidades e toda a realização que poderiam ser desejadas em uma deidade tântrica já estão presentes como a riqueza inerente de si mesmo.

Em uma declaração conclusiva, o Mestre explica que a qualidade de sabedoria auto-originada da pura consciência não é adquirida através do esforço, mas está presente em cada ser vivo desde o início e, portanto, não pode ser encontrada nas escrituras ou através do estudo dos aspectos limitados da existência. Como não reside na dimensão do tempo, não está ligado ao passado, presente ou futuro. Com este conhecimento, nunca se está separado da condição da sabedoria transcendente ou *prajnaparamita*.

Tal sabedoria - a realidade indivisível que manifesta tudo no universo e que é, portanto, conhecida como Vairocana - não pode ser expressa em palavras, pois está presente como a clareza natural da essência da mente de cada ser vivo. No entanto, é indicado por *A*, a progenitora de todas as letras, considerada suprema entre elas. Da mesma forma, como afirma Garab Dorje em seu Comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti*:[73]

> "*A* é suprema entre todas as letras" significa que assim como a letra *A* é a essência de todas as letras, a pura consciência é superior às cinco sabedorias e aos [cinco] elementos. [Mas] "É a letra sublime da realidade total" significa que, ao contrário da letra *A* ou das palavras e letras que dela dependem, a pura consciência é a dimensão indivisível, auto-originada da realidade que é naturalmente pura. Por exemplo, a letra *A* vem de dentro e é como a morada de outras letras; assim, é um som auto-originado. Sendo auto-originado, não nasce. Da mesma forma, os fenômenos da existência cíclica e sua transcendência surgem do [estado primordial], mas essa base não tem causas e condições e, portanto, é auto-originada; assim, é desprovida do nascimento."

Em resumo, a totalidade da existência cíclica e sua transcendência são a energia da sabedoria.

Capítulo 15: *O Ensino Crucial Definitivo*

Aqui o Mestre apresenta a mensagem final, os pontos cruciais do ensino e a instrução definitiva. A mensagem final nos diz, como explicado acima, que os seres iluminados e não iluminados, bem como o universo infinito, são aspectos do Corpo, Voz e Mente que são as três facetas do estado primordial. Sua indivisibilidade inalterável é chamada de natureza indestrutível ou *vajra*. Pela

mesma razão, os tantras falam de fenômenos indestrutíveis ou *vajradharma*, e do caminho chamado caminho indestrutível, o Vajrayana.

Os pontos cruciais do ensinamento consistem na meditação em que não se sente a diferença entre si e o divino. É um estado dentro do qual a natureza dos fenômenos e de si mesmo, a visão, os tantras que comunicam o estado da Mente de Vajrasattva, sua natureza, qualidades, manifestações, comportamento e a integração de tudo isso, devem ser diretamente compreendidos além de conhecimento teórico ou das escrituras.

A instrução definitiva consiste no fato de que assim como as ondas surgem do oceano, existem como oceano e se diluem no oceano, todas as coisas se originam de si mesmo, existem como si mesmo e se dissolvem em si mesmo. Sem renunciar a nada, desfrutando das criações de seu próprio estado, encontra-se a verdadeira condição, assim revelada abertamente como a realidade que a tudo inclui.

Capítulo 16: *A Maravilhosa Mandala Secreta*

Nos tantras mais elevados, a mandala denota, de maneira geral, as deidades cuja natureza é compaixão e sabedoria reunidas na mansão divina que é seu ambiente de sabedoria. A iniciação que capacita o praticante a se engajar nas fases de criação e conclusão é conferida nesta mandala. No sentido do termo, *manda* significa essência e *la*, capturar, assim, “capturar a essência”. A essência é o gozo total que é a indivisibilidade de vaziez e compaixão. Essa indivisibilidade é a progenitora de todas as mandalas e incorpora todas as formas de deidades.[74] A partir dessa perspectiva, a mandala na série da Mente do Dzogchen não difere daquela nos tantras mais elevados, mas os meios para alcançar esse

entendimento diferem. No Tantra, para entender a essência da mandala é preciso primeiro receber uma iniciação e depois criar a mandala na imaginação como a morada secreta da deidade. Em tal práxis, recria-se o universo como uma mansão divina no centro da qual você nasce como a deidade. Visualizar a si mesmo como a deidade ajuda a superar o apego à visão impura comum, enquanto sentir a dignidade de ser uma deidade ajuda a superar o senso comum de *eu*. Desta forma, descobre-se que a percepção comum do mundo e de si mesmo como concreto e real é de fato uma ilusão. Assim, para efetuar a transformação tântrica, deve-se substituir em sua imaginação o campo de experiência da consciência e dos sentidos comuns por um campo de pura experiência perceptiva.

Em nosso texto é explicado que tal transformação visualizada não precisa ser efetuada, pois na realidade as oito classes comuns de consciência que compõem a mente da pessoa, os sentidos, assim como seus objetos, já são uma mandala pura e maravilhosa que está naturalmente presente em cada ser senciente. Todos esses aspectos surgem e se manifestam da clareza de sua sabedoria, a mandala da essência onde todos os segredos tântricos são um.

Na esfera desta mandala de sabedoria, as oito consciências e os sentidos são as chamadas deidades da sabedoria. As cinco consciências dos sentidos são as portas pelas quais o conhecimento, as qualidades e as atividades são expressos.

Esta mandala da essência da mente que se manifesta nas consciências dos sentidos é a roda do grande acúmulo de sabedoria e mérito[75] que sempre esteve presente. Uma vez que são o esplendor da essência da mente desprovida de qualquer forma concreta, as consciências, os sentidos e seus objetos como as deidades desta mandala não são divindades com formas e

atributos específicos que aparecem através de um processo imaginativo, mas são as divindades da mente.

Finalizando este capítulo com uma nota enigmática, nosso texto afirma que nesta mandala, a voz, o corpo e a mente comuns estão associados ao Corpo, ao caminho e ao domínio dos três tempos. Isso pode ser entendido da seguinte maneira: no sentido em que o som é a origem de tudo, a voz é o Corpo, caminho e domínio do passado. No sentido em que se manifesta no presente, o corpo físico é o Corpo, caminho e domínio do presente. No sentido em que representa a esfera a partir da qual tudo se desenvolve, a mente é o Corpo, caminho e domínio do futuro.

Capítulo 17: *A Maravilhosa Mandala de Gozo Total*

Tendo basicamente refutado o significado convencional da mandala conforme estabelecido nos tantras do capítulo anterior, aqui nosso texto apresenta em profundidade o verdadeiro significado da mandala.

A mente comum não é diferente da condição natural do fundamento do ser. Este é o conhecimento real possuído por seres realizados. Na verdadeira natureza da realidade que é a qualidade de sabedoria da pura consciência, a noção de eu formada através de tendências habituais não surge. Além disso, esta realidade é indivisível das três dimensões da iluminação. Na verdadeira natureza da realidade, imóvel e pura por natureza, não há progressão no caminho espiritual através da purificação e melhoria. Por esta razão, um caminho espiritual envolvendo progressão e purificação é um termo para algo que não existe.

Como tudo o que se experimenta através dos sentidos é a manifestação de energia do estado primordial, toda experiência é comparável a um ornamento que adorna a si mesmo, que não

deve ser descartado nem transformado em objeto de apego. Mesmo as emoções negativas, quando reconhecidas como parte de sua verdadeira natureza, manifestam-se como a sabedoria da iluminação, inseparável do Corpo, Voz e Mente.

No entanto, quando as emoções negativas não são reconhecidas dessa maneira, os seres sofrem infinitamente no ciclo de vidas. Os seres só podem se libertar efetivamente quando conquistam e permanecem no conhecimento de seu estado primordial; fora isso, não há caminho espiritual. Assim, tal conhecimento é o único caminho para a libertação.

O Mestre se refere às cinco emoções principais – apego, raiva, ignorância, orgulho e inveja – como oferendas. Nos tantras, as oferendas são habitualmente apresentadas às deidades para agradá-las, mas aqui as próprias emoções são vistas como oferendas espontâneas feitas por si mesmo para si mesmo. Livre da necessidade de superá-las, reconhecemos as cinco emoções principais como tendo as características das cinco sabedorias. O adjetivo *grande* é afixado a cada uma das emoções porque, uma vez reconhecidas como sabedoria, elas não provocam a dualidade que normalmente gerariam; assim, a não-dualidade torna-se a fonte de alegria não-adulterada. Livres do dualismo, essas emoções são gozo total.[76]

As emoções reconhecidas como sabedoria não podem se tornar sementes de nascimento nos seis reinos da existência cíclica. Aos que hesitam em fazer uso das emoções, temendo renascer como habitantes do inferno, o Mestre diz que o inferno nunca existiu como lugar concreto e é apenas uma aparição na qual se manifesta a energia compassiva dos Iluminados. Como tal, o inferno não tem causa nem realidade.

Todos os fenômenos que aparecem à consciência são o seu estado primordial; na realidade, eles nunca vieram à existência,

nem jamais virão à existência como algo separado de si mesmo. Essa verdade também caracteriza a igualdade fundamental dos seres iluminados e não iluminados: eles não existem, mas aparecem; eles existem, mas mesmo assim não existem. Além disso, nenhuma terra pura pode ser encontrada fora do mundo em que se vive. Na verdade, tudo incluído na existência cíclica e em sua transcendência é uma grande mandala na qual a verdadeira natureza da realidade surge como visões beatíficas. Assim, a clareza ou sabedoria de tal estado que é a própria natureza da mente de cada ser não está dentro do alcance do pensamento racional, mas está escondida na mente como o mais elevado e secreto gozo.

Capítulo 18: *A Maravilhosa Mandala*

Neste capítulo, cujo título se assemelha muito ao dos dois capítulos anteriores, o Mestre diz que o conhecimento e a realização da iluminação perfeita são inerentes ao estado primordial de cada ser vivo. Esse conhecimento incorpora a energia compassiva que cuida de todos os seres sencientes como uma mãe cuida de seu único filho e, portanto, não está livre de apegos. Uma vez que o conhecimento que lhe dá origem realiza que a verdadeira natureza da realidade é como o espaço e está além do apego, esse "apego" não se apega a uma realidade concreta. Uma vez que não abriga qualquer conceito de existência nem de inexistência, reside na realidade última.

Além disso, o Mestre diz que esse conhecimento tem plena consciência de que os agregados psicofísicos do indivíduo, embora sejam aparentes, são na verdade ilusórios. Isso porque, como dito acima, todos os fenômenos nunca nasceram. Como é um conhecimento que nunca pode se transformar em condição de não-iluminação, é inalienável, estando num caminho espiritual

cuja natureza é imutável, sem começo nem fim. Plenamente consciente de que nada existe por sua própria natureza, tal conhecimento é em si o caminho espiritual incorporado na falta de natureza inerente.

O Mestre continua que a essência da mente, após exame introspectivo, não consiste em uma entidade particular e, portanto, é chamada de não-nascida. Como pode a ignorância estar em uma mente não-nascida? Consequentemente, nenhuma tendência habitual oriunda da ignorância e de outras emoções pode criar sementes para o nascimento de seres não iluminados na existência cíclica. Sempre permanecendo tal como é - ou seja, imutavelmente - a essência da mente de cada ser vivo não passa da existência cíclica (samsara) para a transcendência do sofrimento (nirvana). Como então se pode falar de um caminho espiritual que leva além da existência cíclica?

Como tudo tem a natureza do próprio corpo, voz e mente, os objetos percebidos pela consciência não existem verdadeiramente da maneira dualista de sua aparência. Assim, dado o fato de que não existem seres comuns, é lógico afirmar que também não existem seres iluminados, pois nenhuma mudança do ser comum para o ser iluminado ocorre.

Em resumo, quem tem conhecimento direto do estado primordial não trilha um caminho espiritual para a iluminação. Como o conhecimento direto não é tocado pelos problemas da existência cíclica, você já está na porta da libertação. Esta é a essência da mandala.

O texto então retrata uma nuvem de Budas que, reunidos diante do Mestre, o Grande Vairocana, o elogiam por afirmar que ele proclamou que não há necessidade de trilhar um caminho gradual, pois praticantes espirituais familiarizados desde o início

com o profundo significado da mandala, já estão no cerne da iluminação.

Após esta declaração, os Budas pedem ao Mestre que reconte os feitos dos Budas dos três tempos. Normalmente tais feitos referem-se, por exemplo, aos doze de uma emanação suprema de um ser iluminado citado no Mahayana: descer do céu Tushita, entrar no ventre da mãe, nascer, tornar-se hábil nas artes mundanas e demonstrar destreza física, desfrutar de um séquito de rainhas, renunciar ao mundo, praticar austeridades e finalmente desistir delas, aproximar-se da árvore da iluminação, derrotar as forças demoníacas, alcançar a iluminação total, girar a roda do Ensinamento e partir para a paz final do nirvana.

No entanto, aqui o Mestre não menciona os feitos atribuídos aos Budas, mas em uma aparente inversão de 180 graus, ele passa a exaltar as qualidades do estado primordial que está além da ação e dos feitos. A pura consciência de seu estado primordial, diz ele, é o remédio final, e quando tal consciência se expande, a continuidade da manifestação ilusória da existência cíclica cessa e você desperta em uma condição permeada por imutável gozo. Independentemente do caminho espiritual seguido, na ausência desse caminho universal de não-ação, você permanecerá atolado em esforços inconclusivos.

Embora o estado primordial seja a própria natureza do indivíduo, se não for reconhecido, é como um tesouro enterrado sob a casa de um indigente: está presente, mas sem utilidade. Uma vez despertada a consciência deste estado, você passa a possuir uma jóia maravilhosa que é a verdadeira mandala e o segredo de todos os seres iluminados. Não há necessidade de trilhar os dez níveis de realização dos bodhisattvas, pois estes são um dentro do estado primordial. Não há necessidade de implementar os vários métodos secretos ensinados nos tantras, pois o conhecimento de si

mesmo é o grande ioga que abrange os propósitos e resultados de todos os métodos tântricos secretos.

Quando o verdadeiro significado da mandala é entendido, mantras e familiarização com uma deidade tântrica são supérfluos, nem há necessidade de dar origem à mente do despertar (*bodhicitta*) em seus dois aspectos - relativo e absoluto - através da visualização e rituais, pois a mente real do despertar é o seu estado primordial que é naturalmente sua posse desde o início. Convidar a chamada deidade da sabedoria de outro lugar para se fundir consigo mesmo, como é feito na prática tântrica, também é irrelevante, pois é irrelevante fazer oferendas a tal deidade na crença de que ela pode conceder realizações.

Isso ocorre porque uma vez que seu ser – a realidade insuperável – foi abraçado, a sabedoria é conhecida como auto-originada e a clareza dessa sabedoria é vista como a fonte, a natureza, de todas as deidades tântricas e de quaisquer realizações que elas possam conferir.

Assim, em suma, é dito que o estado primordial que é a natureza de todos os seres iluminados e não iluminados é a própria essência da mandala concebida pelos realizados. Essa mandala primordial também revela a conduta da perfeição espontânea: em todo o universo as variadas e incontáveis ações e atividades dos seres sencientes são a atividade dos seres iluminados; assim, todas as formas de conduta são perfeitas.

Capítulo 19: *Meditação*

Aqui o Mestre explica que não há nada em sua própria condição natural, tal como ela é, que precise ser purificada ou melhorada através da meditação. No entanto, como os seres sencientes carecem de tal compreensão, eles vêem seu campo perceptivo

como o universo comum. Uma vez que o campo perceptivo é entendido como a manifestação naturalmente pura do seu próprio potencial, o conceito de um campo perceptivo impuro desaparece espontaneamente sem ser rejeitado. Agora experimentado na ausência de dualidade, o mundo em que se vive se manifesta claramente como o estado primordial espontaneamente presente, como uma gema preciosa que realiza desejos.

Aterrorizado ao ouvir as palavras do Mestre, Vajrasattva profere palavras de louvor em sua homenagem. Finalmente, Vajrasattva afirma que se alguém tiver uma experiência em primeira mão do estado primordial através da pureza de sua própria consciência, não precisa buscar mais nada. Este estado é o gozo total de si mesmo, um gozo desprovido de complacência e todos os outros trabalhos dualistas da mente; é o próprio Buda.

No caminho do Sutra, a iluminação só pode ser alcançada após purificar as tendências habituais criadas por ações passadas, bem como as emoções que motivam essas ações e reunir as duas acumulações (mérito e sabedoria) ao longo de incontáveis eras. Em contraste, o Mestre diz que nada disso é necessário, pois se reconhecermos o estado primordial que nunca foi contaminado por tendências habituais e é espontaneamente perfeito, a realização instantânea é nossa.

Ao seguir o caminho do Tantra, para reconhecer sua natureza divina, você visualiza uma deidade iluminada, convida a deidade, realiza gestos simbólicos, faz oferendas, recita mantras e assim por diante. Para levar esse processo ao seu resultado final, é preciso cumprir os compromissos. Se os compromissos são violados, a prática espiritual se deteriora e nenhum resultado conclusivo é alcançado. Aqui, em vez de venerar uma deidade tântrica, deve-se conhecer a si mesmo, a própria essência da iluminação. Assim, não há risco de que a prática espiritual se

deteriore, pois tudo o que se faz cumpre a função dos símbolos tântricos. Como a visualização de uma deidade, a recitação de mantras e a execução de gestos simbólicos são naturalmente abraçados e transcendidos em sua condição natural, não há importância dada a tais práticas.

As linhas que seguem explicam o mesmo princípio, que a meditação no Dzogchen é um estado de pura consciência sem objeto, o ser real, sem necessidade de apoio. Só isso é a fonte de todas as qualidades imagináveis. Só esta é a mandala mais elevada.

Resumindo, o Mestre proclama que os caminhos espirituais - Hinayana, Mahayana e Tantrayana - ensinados de acordo com as diferentes capacidades dos seres e a libertação alcançada por eles não são nada além da mais extraordinária sabedoria imaterial da pura consciência, que é o único caminho espiritual.[77]

Capítulo 20: *O Maravilhoso Gozo do Segredo Supremo*

Aqui o Mestre inicia uma comparação da pura consciência do estado primordial com uma panaceia para a felicidade e a boa saúde. Tudo o que se manifesta a partir do potencial do estado primordial, como quer que seja experimentado, sempre possui a natureza do gozo.

Ele explica que embora os fenômenos nunca tenham nascido, suas ilusões mágicas que desempenham funções diferentes são, desde o início, as mandalas das cinco famílias iluminadas.

De acordo com o Tantra, uma vez que os cinco agregados são gradualmente purificados através da práxis tântrica, particularmente através da experiência de gozo total, a iluminação é alcançada na qual os cinco agregados do indivíduo se tornam os

Budas masculinos das cinco famílias; os cinco elementos tornam-se os cinco Budas femininos; as quatro consciências dos sentidos e os quatro sentidos tornam-se os oito bodhisattvas; os quatro objetos dos sentidos e os quatro tempos tornam-se os quatro bodhisattvas femininos; a sensação corporal, o contato, seu objeto e a consciência tornam-se os quatro guardiões masculinos irados; as quatro visões do eternalismo, do niilismo, do eu e das características concretas tornam-se as quatro guardiãs iradas e assim por diante.

O Mestre explica a Vajrasattva que a prática tântrica não precisa ser seguida, pois os cinco agregados já são a mandala perfeita das cinco famílias, não o resultado da purificação ou transformação alcançada pela busca do caminho tântrico. O agregado da forma já é a mandala perfeita da família Transcendente de Vairocana; o agregado de sentimento já é a mandala perfeita da família Jóia de Ratnasambhava; o agregado da percepção já é a mandala perfeita da família Lótus de Amitabha; o agregado das volições já é a mandala perfeita da família Ação de Amoghasiddhi, e o agregado da consciência já é a mandala perfeita da família *Vajra* de Akshobhya. Cada uma dessas mandalas é naturalmente dotada da dimensão, do aspecto do estado primordial, do mudra ou gesto simbólico, e do nível de realização que as caracterizam.

Essas cinco mandalas não são construídas gradualmente através da visualização como nos tantras, mas estão plenamente presentes em cada um dos infinitos seres do universo, bem como em todos os seres realizados. Como são o próprio estado primordial, as cinco mandalas são tudo: a visão, a iluminação, o corpo, a voz e a mente, o tempo, o espaço e o universo.

Capítulo 21: *O Gozo Total do Segredo Supremo*

Aqui o Mestre explica que como tudo é a mandala do estado primordial, todos os seres sencientes são iluminados. Os fenômenos e sua verdadeira natureza nada mais são do que o estado primordial. Tudo o que existe é a mandala auto-originada de sua própria sabedoria. Isso significa que, uma vez que todos os fenômenos incluídos nas categorias de si e dos outros são a sabedoria da pura consciência, eles são naturalmente luminosos desde o início. Tal sabedoria é inefável e não pode nem mesmo ser apreendida através de conceitos como o ser ou estado total. Esta mandala só pode ser compreendida através da experiência direta de sua própria consciência e, quando isso ocorre, tudo é visto como uma mandala de cinco facetas, espontânea e perfeita.

Este ensinamento mais íntimo é proclamado porque o conhecimento do estado primordial - como uma faca afiada, uma lâmina de espada bem temperada, um caminho de luz radiante ou um lótus imaculado - pode libertar instantaneamente os seres de sua miséria e suas ações negativas e conceder-lhes iluminação instantânea. Isso porque, uma vez reconhecido o estado primordial, percebe-se que mesmo os chamados obscurecimentos por ações passadas e acúmulo de mérito e sabedoria estão, respectivamente, já purificados e concluídos.

Não há necessidade de purificar ações passadas porque estas são o seu estado original, iluminado e além das limitações. Consequentemente, também não há necessidade de reunir intencionalmente mérito. Esta parte do nosso texto novamente aponta implicitamente o comportamento que não se esforça em aceitar ou rejeitar. Uma vez que toda ação é conduta perfeita, não há nada a ser feito intencionalmente com corpo, voz ou mente, e o que quer que se faça, não o vincula à existência cíclica.

Além disso, tudo o que é considerado como o refúgio supremo - incluindo o mestre, seus ensinamentos e a comunidade de praticantes espirituais - é inerente a esse estado: uma realidade espontaneamente presente além das características identificáveis. Na verdade, esse estado é a única realidade existente no universo que se manifesta como gozo, e nesse gozo, nada que não seja a si mesmo existe. Isso significa que, embora os fenômenos sejam percebidos de forma variada pelas pessoas comuns por causa de nossas fabricações mentais e tendências habituais, na toda-abrangente realidade livre dessas limitações, tais variações não estão presentes. Portanto, fala-se de uma única realidade existente.

Dizer que este princípio é entendido através da pura consciência não implica que seja diferente de si mesmo, pois é a própria natureza de si mesmo. Não é descoberto pela análise, mas pela observação direta, quando o movimento de construção dos pensamentos chega ao fim. Sem reinos concretos de existência, isto é, sem dualidade de sujeito e objeto, a mente e a amplitude da realidade existem como a *única* realidade.

Capítulo 22: *A Visão Maravilhosa*

Este capítulo começa de uma maneira incomum, com o Mestre dizendo: “Ouçam, amigos”, sem identificar explicitamente com quem ele está falando. Apesar do título, aqui o Mestre não oferece uma visão filosoficamente derivada da natureza da verdade definitiva. Ele não apresenta raciocínio para provar um ponto de vista como é comum nos sistemas filosóficos, nem prescreve uma meditação ou comportamento baseado em um ponto de vista. Esse tratamento não convencional do tema da visão filosófica implica a futilidade de estabelecer uma visão por meio da análise e do raciocínio. A verdadeira condição dos seres vivos e dos

fenômenos está além do alcance dos conceitos. Essa condição em si representa a visão. Por esta razão, o Mestre enfatiza novamente que o estado primordial do indivíduo é a iluminação real, a única que existe. Quando se vive em tal conhecimento, mesmo nos reinos infernais, os executores das leis infalíveis do carma que infligem sofrimento aos seres do inferno, e o fogo que consome inteiramente essa dimensão são experimentados como a energia de seu estado primordial; assim, não se sofre dano algum.

Devido a tudo o que existe ser a si mesmo, cuja natureza é a própria iluminação, não há necessidade de aplicar nenhum ioga baseado em conceitos. Nenhum caminho espiritual precisa ser seguido; nenhuma iluminação vista como a culminação de uma jornada espiritual precisa ser buscada. Na realidade, não existem seres sencientes nem existência cíclica que se diz ser gerada por tendências habituais criadas por emoções profundas e enraizadas. Consequentemente, não é preciso ter medo de afundar no pântano da existência cíclica nem ansiar pela realização de uma meta espiritual beatífica. Nenhuma ação – como aplicar uma prática espiritual ou renunciar a um comportamento e adotar outro – precisa ser realizada.

As declarações finais deste capítulo implicam que, no que diz respeito à meditação, não há necessidade de agir intencionalmente para superar fixações mentais, modos de pensar ou pontos de referência. Entendendo esses fenômenos como sendo a própria sabedoria auto-originada, não é preciso nem tentar transcender o funcionamento da mente. Mesmo aquilo que geralmente é considerado um obstáculo à meditação não é refutado. A própria mente, sem lugar para se fixar, é o estado primordial que nunca pode se tornar um objeto de meditação.

Capítulo 23: *Conquista sem Esforço*

Este capítulo começa com Vajrasattva expressando admiração pelo extraordinário ensinamento proclamado não ter sido compreendido nem por ele mesmo nem por seres iluminados do passado. Vajrasattva destaca a singularidade desse ensinamento, dizendo que, diferentemente das doutrinas expostas nos sutras e tantras, ele ensina que tudo – tanto fenomenal quanto numenal – é a energia criativa do estado primordial. Mas, ao mesmo tempo, proclama que o estado primordial, no sentido de que não é objeto de conceitos, não existe. É um ensinamento que não fala de miséria, de existência cíclica, de inferno ou de ignorância, e aquele em que o cerne da realidade não é apresentado através de uma explicação provisória prolongada, mas é diretamente experimentado.

Vajrasattva então pergunta ao Mestre por que um Buda é onisciente. O Mestre primeiro responde apresentando o que parece ser uma perspectiva compartilhada com o ensinamento Mahayana. Um Buda é onisciente, diz o Mestre, porque ele acumulou mérito infinito, porque ele é a fonte de qualidades ilimitadas, porque ele aperfeiçoou incontáveis meios hábeis e possui sabedoria, conhecimento, conduta ilimitada, carisma para persuadir aquele que desconhece e a habilidade de ensinar e agir para beneficiar os alunos de acordo com suas capacidades.

Então o Mestre apresenta concisamente duas práticas especiais ensinadas nos tantras: união e liberação. No Tantra, união denota união sexual com um(a) consorte qualificado(a), pelo qual o gozo derivado da fusão da essência seminal é experimentada simultaneamente com vaziez. A liberação refere-se a libertar compassivamente em uma terra pura a consciência de pessoas que são viciadas em más ações, impedindo-as de cometer

mais males e renascer em uma forma inferior de existência. No entanto, o Mestre reinterpreta os significados dessas duas práticas à luz do Dzogchen. A união não requer união com um(a) consorte externo(a), pois a verdadeira união é o reconhecimento dos três aspectos da existência do indivíduo – corpo, voz e mente – como uma realidade indivisível. A liberação não requer a separação da mente de um malfeitor do corpo e sua mudança para um reino puro, pois a realidade indivisível e indestrutível de cada indivíduo não reside em nenhum lugar dentro dos limites do espaço e do tempo. Assim, união e liberação é o entendimento desses dois princípios.

O Mestre continua que a pura consciência de si mesmo é o conhecimento transcendente, a verdade que é ensinada diretamente nos sutras Mahayana. Esta é a essência, bem como a fonte de todos os dez meios de transcendência, as *paramitas*: generosidade, ética, paciência, diligência, meditação, conhecimento, método, força, aspiração e sabedoria. Por causa da aplicação desses dez, o Mahayana também é conhecido como Caminho dos Meios de Transcendência ou *paramitayana*. Assim, a pura consciência dá sentido à prática espiritual dos meios de transcendência como o caminho do Mahayana.

O estilo textual do *Tantra Mejung* é modelado após o dos sutras Mahayana, nos quais o Buda é frequentemente descrito como entrando em uma contemplação particular antes de falar. Em nosso texto, o Mestre, tendo entrado na contemplação manifesta, diz que aqueles que realizaram o conhecimento do estado primordial não sustentam o conceito de que tudo é iluminado ou que há uma amplitude da verdadeira natureza da realidade: o próprio estado primordial — no qual não há conceito — é iluminação; é a verdadeira natureza da realidade.

Quando aplicado à visão, meditação e ação, este princípio implica que a visão da realidade não pode ser abordada acumulando conhecimento teórico e tornando-se um especialista em todos os sistemas filosóficos, e que tal abordagem não promoveria o treinamento em meditação e conduta. Além disso, a verdadeira meditação não está ligada a qualquer forma de treinamento que envolva exame e análise. O exame e a análise distanciam-se do reconhecimento do estado primordial ao introduzir conceitos e esforços numa dimensão em que estão ausentes. Assim, sem nada para treinar e sem o desejo de realizar a iluminação, há iluminação instantânea.

Capítulo 24: *Todas as Qualidades são Aperfeiçoadas no Corpo*

Aqui é explicado que os verdadeiros meios de transcendência não são aqueles cultivados gradualmente, mas aqueles que já estão aperfeiçoados em si mesmo, pois todas as qualidades já estão aperfeiçoadas em si mesmo. Não há entrada que conduza a eles e nenhuma expressão que possa defini-los. São conhecimentos transcendentes que abrangem tudo o que existe; eles se manifestam instantaneamente.

Quem entende isso também sabe que todos os fenômenos sempre estiveram em um estado de perfeição. Portanto, não é necessário fazer distinção entre conduta a ser cultivada e conduta a ser abandonada, nem mesmo em relação a desvios ou obscurecimentos. Em vez disso, o texto fala de desfrutar ou integrar toda a variedade de fenômenos na igualdade total de si mesmo além da dualidade, enquanto conhece todos os fenômenos tão claramente quanto um padrão bem definido em um tecido fino.

Esses iogues sabem que, fora deles, não existe nenhuma deidade meditativa; assim, eles não dependem de deidades, métodos, caminhos e assim por diante. O estado primordial, tão difícil de encontrar, é a própria dimensão dos Budas, e a pura consciência que é o reconhecimento disso, o próprio estado de Buda, não pode ser encontrada em nenhum outro lugar.

Capítulo 25: *Compromissos*

Como mencionado acima, para efetivar o resultado final do caminho do Tantra, após receber uma iniciação, o praticante deve cumprir votos e promessas específicos que refletem a natureza das várias práticas e modos de conduta. Ao contrário disso, este capítulo fala de compromissos em que não há nada a observar ou a manter. Aqui, compromissos se referem ao próprio estado primordial em suas oito diferentes facetas: primordialmente não-nascido, não surgido, ausente, vazio, inexistente, todo-abrangente, único e espontaneamente presente. Essas facetas representam o fato de que nada pode ser afirmado definitivamente sobre fenômenos que são sua própria manifestação de energia. Eles não têm nascimento ou morte; eles existem, ainda assim não existem. Os fenômenos não se movem para lugar algum; eles existem, ainda assim não existem. Os fenômenos não permanecem em lugar algum; eles permanecem, mas não permanecem. Todos os fenômenos são vazios; eles existem, ainda assim não existem. Em resumo, nenhuma característica determinável pode ser detectada em qualquer lugar.

Com relação a tais compromissos, não há nada a observar porque o estado primordial que é a ausência de características determináveis é totalmente inseparável de si mesmo e, portanto, não pode ser transgredido ou perdido de forma alguma. Assim, os compromissos são sempre cumpridos mantendo-se sem esforço na

condição natural, sem qualquer tentativa de modificá-la seguindo uma prática específica ou conformando-se a um determinado comportamento.

Os tantras mais elevados apresentam vários conjuntos de compromissos a serem honrados, como aqueles relacionados ao Corpo, Voz e Mente. Referindo-se a este conjunto como exemplo, nosso texto afirma que não é necessário manter compromissos em relação ao Corpo, Voz e Mente. Por quê? Porque Mente, Voz e Corpo são facetas do seu próprio estado primordial que é onisciente, abrangente e no qual tudo é perfeito, respectivamente. Como todos os compromissos já foram cumpridos nessa tríade, não há necessidade de aprender ou seguir nenhum compromisso específico.

Capítulo 27: *Corrigindo Erros e Violações*

Cada um dos três caminhos do Hinayana, Mahayana e Tantrayana é baseado em códigos éticos que incluem conjuntos distintos de regras chamadas votos, treinamento e compromissos, respectivamente. Desconsiderar essas regras violaria o código de ética do indivíduo e seria considerado um obstáculo à realização. Por isso, cada caminho tem seus próprios métodos para purificar transgressões e renovar votos, treinamentos e compromissos.

Em particular, nos tantras mais elevados é dito que ao honrar os compromissos, mesmo aqueles que não se aplicam à prática logo alcançarão a realização espiritual. Assim, é importante para um praticante tântrico que violou os compromissos, purificá-los e renová-los por métodos como pedir desculpas ao mestre e às deidades, realizar o ritual de oferenda de fogo, recitar mantras, oferecer pedras preciosas ao mestre e, acima de tudo, manter o

conhecimento de que todas as ações e seus traços cármicos são desprovidos de realidade.

Este capítulo explica que a pura consciência de seu estado primordial é um método de purificação muito maior do que os ensinados nos sutras e tantras. Seu poder é tal que, quando despertada, a pura consciência pode anular instantaneamente qualquer erro ou violação dos compromissos. Isso ocorre porque na pura consciência, o apego que ligaria o indivíduo a suas ações passadas e seus obscurecimentos desde o nascimento está ausente; assim, é como se ações e obscurecimentos passados nunca tivessem existido. Como a pura consciência não está ligada às noções de um ego ou dos três tempos, qualquer emoção que surja não tem o poder de condicionar. Pura consciência é o ser total que permeia tudo; nessa consciência, não há apego às coisas como reais. A pureza está naturalmente presente; não depende de um processo de purificação. Mas quando essa pura consciência desperta - como quando se desperta de um sonho ruim - a impureza que na realidade nunca existiu é purificada.

Para ilustrar seu poder, nosso texto afirma que a meditação sobre o estado maravilhoso pode reduzir duzentas e setenta montanhas maciças ao pó. No entanto, todos os sistemas de mundos do universo são de fato da mesma natureza que o estado primordial. Isso significa que um iogue que obteve a certeza da essência da mente não precisa se envolver em nenhuma contemplação intencional. A essência da mente é a dimensão do Corpo que é o universo; é a Voz como sabedoria ou clareza manifestando-se na dimensão da amplitude da realidade; é a Mente como essa amplitude em si mesma, manifestando-se naturalmente em pura consciência que é o meditador. Não há ação a ser realizada em relação a um objeto de meditação; o meditador simplesmente permanece na essência da mente luminosa, desobstruída e imóvel.

Corpo, Voz e Mente são distinguidos em termos de céu e terra ou dimensões materiais. O céu é a natureza inefável do Corpo, Voz e Mente, ou seja, o aspecto vazio do estado primordial. Terra, referindo-se ao universo mensurável com seus reinos compostos de átomos, é o estado primordial em seu aspecto manifesto de energia. Cada átomo do estado primordial pode se manifestar como seres e sistemas de mundos infinitos, mas mesmo que esses átomos fossem destruídos, o estado primordial permaneceria.

Assim, a raiz dos erros e violações de compromissos não está ligada à manifestação do universo e dos seres vivos. Na verdade, essas manifestações são a dimensão material do estado primordial. Erros e violações ocorrem quando o reconhecimento do estado primordial ainda não ocorreu. Quando as manifestações do universo e dos seres vivos são reconhecidas como o próprio Corpo do estado primordial, tal reconhecimento é dotado de contemplação natural cujo poder corrige todas as possíveis transgressões dos compromissos, sem a execução intencional de ações corretivas.

Capítulo 27: *A Distinção entre as Luzes*

Aqui o Mestre explica que todo o nosso campo de experiência nada mais é do que o esplendor do estado primordial. As emoções, os agregados do corpo e da mente, as cinco consciências dos sentidos, os sentidos e seus respectivos objetos, e os cinco elementos são esse esplendor. Isso significa que quando um iogue tem a contemplação perfeita, mesmo que sua consciência esteja intencionalmente direcionada aos objetos, ela não se envolve com eles. Tal é a condição natural deste iogue mesmo enquanto sonha, desmaia e assim por diante. A pura consciência permanece em sua vasta amplitude em que todas as

emoções são sabedoria e todos os fenômenos, sendo indivisíveis, são pureza não-dual.

A luz da sabedoria que irradia da pura consciência é a fonte de todos os sistemas de mundos e é também a sua natureza. Nenhum sofrimento pode ser encontrado nos sistemas de mundos da existência cíclica, que em si nada mais é do que iluminação. O conhecimento disso é o remédio supremo que traz felicidade e boa saúde e, como transcende o tempo e o espaço, também é chamado de transcendência (nirvana).

A próxima seção deste capítulo, uma descrição do cenário, dá a mensagem fundamental deste tantra. O cenário é descrito como uma dimensão não-dual na qual o Mestre transmite a Vajrasattva um ensinamento supremo sem menção ao caminho gradual do Sutra baseado no esforço.

Resumidamente, a mensagem transmitida é que o objetivo das práticas do Mantra Secreto – o estado dos Budas das cinco famílias – já está presente em você. Nesta mensagem, expressa metaforicamente como a união de deidades masculinas e femininas, tal união representa a inseparabilidade dos dois aspectos da condição primordial, a saber, pureza primordial e auto-perfeição. A luta pela iluminação cessa naquele que, em uma condição além da ação, sabe que a inseparabilidade da pureza primordial e da auto-perfeição é seu próprio dom natural.

Uma terceira pessoa sem nome explica que o significado fundamental deste texto é o maravilhoso estado primordial expresso nas palavras do Mestre, e que a meta prevista por aqueles que seguem um caminho espiritual existiu e existirá para sempre dentro de si mesmo. Este objetivo é o próprio estado primordial que, visto de diferentes ângulos, compreende as várias dimensões ou *kayas* da iluminação.

Entre essas dimensões, é da natureza imutável e vazia da realidade (*dharmakaya*, o aspecto da pureza primordial) que a luz da sabedoria ou clareza (*sambhogakaya*, o aspecto da autoperfeição) se manifesta como todo o universo e seus seres infinitos. Todo o universo é uma massa inconcebível de luz permeada pela vaziez através do qual podemos realizar nosso estado primordial, da mesma forma que a natureza de um espelho pode ser compreendida através de seus reflexos.

Em resposta à pergunta de Vajrasattva sobre a natureza da dimensão da realidade (*dharmakaya*) e a luz da sabedoria, o Mestre afirma que a dimensão da realidade é a falta de concretude do universo, e a luz inconcebível da sabedoria não é diferente disso e é tão vasta quanto isso. Essa luz está além da comparação com o brilho dos Budas ou do sol e da lua: é o brilho infinito da sabedoria de si mesmo.

Capítulo 28: *Os Cinco Caminhos do Samsara*

Aqui é explicado que as cinco emoções de apego, raiva, inveja, orgulho e ignorância (que no capítulo 8 foram apresentadas como caminhos para a libertação), quando não reconhecidas como a energia do estado primordial, são a maneira pela qual a existência condicionada se desdobra. Quando são vistas como a luz do estado primordial, são as sabedorias dos Budas masculinos das cinco famílias.

Capítulo 29: *Os Cinco Caminhos como a Extensão da Verdadeira Natureza dos Cinco Budas Femininos*

Aqui, as quatro ações de roubar, má conduta sexual, mentir, matar e todos os outros tipos de ações que nos caminhos espirituais

inferiores são consideradas ações que ligam o indivíduo à existência cíclica, estão correlacionadas com os cinco elementos de terra, água, ar, fogo e espaço, respectivamente.

Na simbologia tântrica, a pureza dos cinco elementos denota os cinco Budas femininos. Normalmente, a pureza da terra é Buddhalocana, a pureza da água é Mamaki, a pureza do ar é Samayatara, a pureza do fogo é Pandaravasini e o espaço – a natureza subjacente de todos os elementos – é Dhatvishvari. Ocasionalmente, os dois primeiros são invertidos.

Com relação à família à qual pertencem esses cinco Budas femininos, sem especificar suas razões, o texto implica que o roubo está associado à família Jóia de Ratnasambhava; má conduta sexual com a família *Vajra* de Akshobhya; mentira com a família Ação de Amoghasiddhi; matando com a família Lótus de Amitabha; e todos os outros tipos de ações, com a família Transcendente de Vairocana. Assim, aqui, como mencionado no capítulo 13, tais ações deploráveis, quando executadas em um estado de pura consciência e nas circunstâncias corretas, não prendem o indivíduo à existência cíclica, mas são uma expressão da própria iluminação.

Capítulo 30: *O Reino Puro que não tem Causa e Efeito*

Aqui nos é mostrado que o que os caminhos espirituais inferiores consideram as causas e efeitos da existência cíclica são na realidade um reino puro. O reino puro, aqui retratado em imagens tântricas, representa a condição primordial do indivíduo que está além do apego e de outras limitações.

Quem habita no conhecimento deste reino puro reconhece os três venenos do apego, raiva e ignorância como sabedoria; assim, a causa e o resultado do sofrimento da existência cíclica não

existem mais. Tal conhecimento está incorporado na imagem do *heruka* no centro do reino puro. Às vezes traduzido em tibetano como *khrag 'thung* (bebedor de sangue), *heruka* é um nome geral para a figura principal da mandala, geralmente de forma irada. Este *heruka* bebedor de sangue é descrito como aquele que mata o que não tem vida, pois tudo o que aparece e existe não tem existência além de ser sua própria manifestação.

Ao seu redor estão os oito cemitérios que cercam as mandalas principais dos tantras mais elevados. Esses oito geralmente simbolizam a pureza das oito consciências ou os oito símiles da irrealidade: reflexo em um espelho, sonho, criação mágica, ilusão de ótica, cidade de *gandharvas*, eco, reflexo na água e espaço. Mas aqui eles simbolizam que o estado primordial do indivíduo está além do apego de apreensão.

Quando os fenômenos não são conceituados, alterados, diferenciados ou examinados, a compreensão da verdadeira natureza do indivíduo surge por si mesma. Este é o resultado final que não deve ser alcançado, mas é conhecido como a realização final porque, indefinível, pode aparecer como qualquer coisa, até mesmo como realização. Assim como os reflexos do sol, da lua e das estrelas podem aparecer na água barrenta quando ela se torna clara, o princípio da iluminação primordial como a realização final se manifesta na pura consciência. No entanto, não há esforço a ser feito em relação a um reino tão puro, pois é uma terra sem caminhos que não pode ser penetrada através da meditação construída. Devido a ser a condição que sempre *é*, não pode ser abandonada. Não está ao alcance dos objetos da mente, nem pode ser percebida com os sentidos. Uma ampla e indivisa abertura da realidade, não é definível como externa, interna ou por qualquer outra categoria espacial. É apenas por causa daqueles de compreensão limitada que este reino puro é falado como uma conquista.

É a realidade subjacente ao Corpo, Voz e Mente. Não se restringindo às categorias tântricas, não conhece prejuízo quanto aos compromissos. É a grandeza total, que é maravilhosa.

Capítulo 31: *A Pureza Total de todos os Fenômenos*

A partir daí, o Mestre e seu interlocutor desaparecem do texto. A maioria dos capítulos restantes é breve, com um orador não identificado brevemente reafirmando a apresentação do Mestre do princípio do *Maravilhoso Estado Primordial*.

Embora neste e nos capítulos seguintes o texto pareça descrever como o Mestre transmite o ensino em uma dada dimensão espacial e temporal, na realidade a palavra Mestre deve ser entendida como se referindo a si mesmo, e o que é descrito deve ser entendido como a natureza e o reconhecimento de si mesmo. Aqui o texto explica concisamente que quando percebemos que todos os fenômenos da existência cíclica e de sua transcendência são a dimensão última que acabamos de descrever – isto é, seu próprio ser – todos os conceitos são suplantados por um estado de não-dualidade desprovido de sujeito e objeto; assim, o significado do maravilhoso estado primordial emerge de dentro de nós, além de todos os limites.

Capítulo 32: *Sabedoria Total Primordialmente Presente*

Este capítulo nos diz que a verdadeira natureza de si e de todo o universo também é a própria natureza da iluminação. Assim, a dimensão da iluminação e sua clareza que tudo manifesta são inseparáveis uma da outra. Além disso, todos os iogas estão contidos no Atiyoga, o conhecimento cujo princípio é o reconhecimento do estado primordial.

Capítulo 33: *Iluminação Primordial*

Este capítulo explica que o estado primordial de si mesmo, aqui chamado de Rei da Não-conceitualidade, é a transcendência do sofrimento, que é a iluminação primordial. Como tal rei não se restringe a uma dimensão espacial específica, todos os fenômenos possíveis emanam de sua potencialidade criativa que é sabedoria. Enfatizando novamente o princípio de união e liberação na perspectiva única do Dzogchen, o texto afirma que todos esses fenômenos são naturalmente unidos e liberados em um estado primordial que nunca muda de condição, nunca transmigra na existência cíclica e não pode ser encontrado em nenhum lugar.

Capítulo 34: *Da Luz do Corpo e dos Raios da Voz*

Aqui é afirmado que você mesmo é o gozo total. Tudo se manifesta da amplitude de tal gozo através da luz da dimensão da realidade, aqui chamada de Corpo, e dos raios de sabedoria, chamados de Voz. Tudo o que aparece e existe surge pela pureza primordial e pela potencialidade infinita da qual é indivisível. Usando a imagem tântrica do masculino e feminino em união para simbolizar esse processo criativo, esses dois aspectos do estado primordial são metaforicamente referidos como o Senhor Onisciente do Dharma e sua consorte, a Rainha do Desejo. Quando a importância desse processo dinâmico é totalmente compreendida, a dualidade cessa e os fenômenos são percebidos como iluminação perfeita.

Capítulo 35: *Nirvana Primordial*

Conforme indicado no capítulo anterior, o estado natural do indivíduo é a transcendência do sofrimento (nirvana) que sempre esteve presente como iluminação primordial. Três pontos comprovam isso: primeiro, o aspecto vazio desse estado, que se assemelha a um rei, está presente como sabedoria além dos conceitos; segundo, porque é a essência de todos os reinos puros e impuros, conhece todos os reinos simultaneamente; terceiro, o estado primordial é o universo em sua totalidade, incluindo todos os mundos e infinitos seres vivos. Assim, é o Corpo, Voz e Mente que são sua dimensão, bem como a sabedoria que permeia tal dimensão.

Capítulo 36: *O Propósito deste Ensinamento*

Aqui é explicado que este tantra apresenta o princípio do estado primordial para facilitar a compreensão de que o objetivo do caminho espiritual – o Corpo, Voz e Mente iluminados – já está presente, auto-aperfeiçoado, *em si mesmo*. Oito pontos relativos ao estado primordial são elaborados: sua natureza, grande abrangência, significado literal, causa e efeito, grande transcendência do sofrimento, transcendência de todos os conceitos, sendo o estado primordial de Buda e não sendo um destino final. Esses oito pontos são, na verdade, um esboço geral dos principais tópicos discutidos nos capítulos anteriores do livro.

Capítulo 37: *O Significado Literal*

Esta é uma reformulação do significado do termo composto *bodhicitta*, traduzido em tibetano pelas três palavras (em vez de

duas como em sânscrito) *byang chub sems*, conforme mencionado na conclusão do capítulo 7, e qualificando *bodhicitta* com o termo *mahasukha* (*bde ba chen po*), gozo grande ou total.

Byang, que significa puro, indica que o estado primordial do indivíduo nunca foi prejudicado pela negatividade, e também que é uma sabedoria que conhece simultaneamente e diretamente tudo o que existe. *Chub*, total, indica que o estado primordial é a essência de tudo o que existe. *Sems*, mente, indica uma sabedoria imaculada, já realizada, que é inerente ao fundamento do ser. Em tibetano, *bde ba*, gozo, significa que Corpo, Voz e Mente são espontânea e instantaneamente aperfeiçoados na amplitude da verdadeira natureza da realidade e permanecem como gozo. *Chen po*, grande ou total, significa que é puro, existe desde o início e é insuperável.

Segue uma breve descrição das características da Mente, Corpo e Voz. Em conclusão, nosso texto afirma que os fenômenos, entendidos em sua dimensão de vaziez simbolizada por Samantabhadri, são realizados como o Corpo, a Voz e a Mente da iluminação, naturalmente perfeitos desde sua origem. Quando isso é entendido, experimenta-se sem esforço a pura consciência, e o aspecto da sabedoria se manifesta como a visão do ambiente e dos seres, que se integram à dimensão de gozo total de seu estado primordial. Dentro dessa não-dualidade, da natureza não-nascida da mente que está além da descrição, manifestam-se todas as formas, cores e assim por diante, sem que a natureza não-nascida se afaste de sua dimensão imutável e beatífica da realidade.

Capítulo 38: *Os Benefícios da Compreensão*

Esta seção compara a descoberta de seu estado primordial à descoberta da jóia suprema do universo. Uma vez que esta jóia é descoberta, todo o campo perceptivo do indivíduo é experimentado como uma sabedoria semelhante ao céu. Ambiente e seres, independentemente dos níveis de existência a que pertençam, são vistos como perfeitos. Assim, o estado primordial é como uma jóia preciosa que realiza todas as coisas desejáveis.

Isso significa que tudo é sabedoria auto-originada, naturalmente livre de causas e condições, na qual mesmo os fenômenos ligados ao nascimento e à morte são desde sua origem o estado de Buda. São por natureza límpidos na medida em que são grande sabedoria, assemelhando-se à luz celestial, sem aspectos externos ou internos. Quando se tem certeza do conhecimento deste princípio, aquilo que aparece como um reino impuro é percebido como o nível de Buda; tal é o grande benefício de compreender o estado primordial.

Capítulo 39: *Defeitos do Aluno*

Nesta seção, são destacados os traços daqueles que não estão aptos a receber instruções orais sobre Atiyoga, e os mestres são aconselhados a não transmitir tais instruções a eles, pois as limitações da mente e das emoções desses alunos estreitam o escopo de sua prática espiritual e dificultam temporariamente sua capacidade de compreender a profundidade do ensino de Atiyoga.

Capítulo 40: *A Razão para Ensinar Alunos Qualificados*

Este capítulo descreve as qualidades extraordinárias da mensagem deste tantra que são razões para sua transmissão a discípulos qualificados para ouvi-lo.

Nossa Tradução

Nossa tradução baseia-se principalmente em oito edições diferentes das três versões do texto mencionadas acima, formatadas no sistema de transliteração Wylie por Jim Valby. Estas são:

(1) *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems rmad du byung ba*) encontrado na edição Tsamtrag da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2 (ff. 774-856), traduzido por Vimalamitra e Nyag Jnanakumara;

(2) a mesma obra na edição Dilgo Khyentse da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2 (ff. 567-624);

(3) *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems rmad du byung ba*) na *Coleção de Tantras de Vairocana*, volume 2 (ff. 105-171), sem colofão;

(4) *O Maravilhoso Estado Primordial, Gozo Total* (*bDe ba chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba*), na edição Tsamtrag da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2 (ff. 693-774), traduzido por Shri Simha e Vairocana;

(5) a mesma obra na edição Dilgo Khyentse da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* volume 2 (ff. 2-68);

(6) a mesma obra na edição Derge da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, vol. Ra (ff. 224-249);
(7) *Maravilhosa Existência Total* (*Chos chen po rmad du byung ba*) na edição Tsamtrag, volume 6 (ff. 570-621), sem colofão, da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*; e
(8) a mesma obra na edição Dilgo Khyentse da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2 (ff. 487-531). Aqui consultamos apenas os primeiros capítulos.

As versões de um a seis do texto são em grande parte idênticas, exceto pelo número de capítulos e pela disposição do material dentro deles. Eles diferem em detalhes de gramática, como o uso do genitivo em vez do caso instrumental ou vice-versa; o uso da partícula *ni* (indicando o sujeito) ao invés do caso instrumental ou vice-versa; o uso dos conjuntivos *zhing* ou *dang* em vez do pronome ou do continuativo *de* ou vice-versa; o uso dos conjuntivos *zhing* ou *dang* em vez do continuativo *ste*; o uso do infinitivo *yin* (ser) em vez do conjuntivo *zhing* ou vice-versa; o uso do infinitivo *yin* (ser) em vez do genitivo *yi* ou vice-versa; o uso do genitivo *'i* indicando o pronome ou às vezes o continuativo *de* ou vice-versa; o uso do dativo/locativo *la* em vez do derivado *las* ou vice-versa; o uso de termos com partículas instrumentais em vez de palavras sem tais partículas ou vice-versa; e assim por diante.

Raramente, palavras isoladas são diferentes, por exemplo, *rgyu* (causa) em vez de *rgyun* (continuação) ou vice-versa; *chos* (fenômenos) em vez de *chos nyid* (verdadeira natureza da realidade); *rtog* (conceito) em vez de *rtogs* (compreensão) ou vice-versa; e assim por diante. O negativo *ma* ocasionalmente aparece antes do verbo em algumas edições e não em outras.

Além disso, em alguns casos, os títulos dos capítulos indicados no início e no final de um capítulo não correspondem.

Embora muitas vezes parecesse evidente que uma determinada edição estava errada, às vezes essas diferenças nos detalhes gramaticais determinavam uma leitura diferente da frase e dificultavam a decisão de qual edição seguir, principalmente quando as duas edições diferentes faziam igual sentido. Embora nossa tradução se baseie na ordem dos capítulos da versão de Vimalamitra e Nyag Jnanakumara do texto, para entender o significado de uma frase muitas vezes recorríamos à edição que fazia mais sentido no contexto, ou seguimos o uso encontrado na maioria das edições. Ao fazer isso, nossa tradução passou de uma edição para outra, da mesma forma que os editores tibetanos de antigamente devem ter trabalhado nesses textos. Preparada por Jim Valby, nossa edição crítica do texto tibetano, resultado da comparação das várias edições, encontra-se em um apêndice ao final de uma publicação separada deste livro.

Como em *O Rei Criador de Tudo* (*Kun byed rgyal po*), nesta escritura o Mestre frequentemente usa o termo “eu” ou “meu”, que deve ser entendido como se referindo ao próprio estado primordial do leitor e não a um ser fora de si. Da mesma forma, quando o Mestre diz: “Eu sou o criador”, ou “Eu criei tudo”, usando o verbo *byed pa* (fazer ou criar) ou diz “Tudo é a atividade do Tathagata”, usando o substantivo *mdzad pa* (ação ou atividade) ou o verbo *mdzad pa*, o honorífico de *byed pa*, essas frases não devem ser entendidas no sentido de um criador universal, um deus que criou o universo como um ato de vontade.

O sentido real refere-se ao estado primordial do indivíduo que por sua própria natureza possui a potencialidade de manifestar sem esforço e sem intencionalidade todo o universo e os seres que o habitam. Por esta razão, traduzimos o verbo *byed*

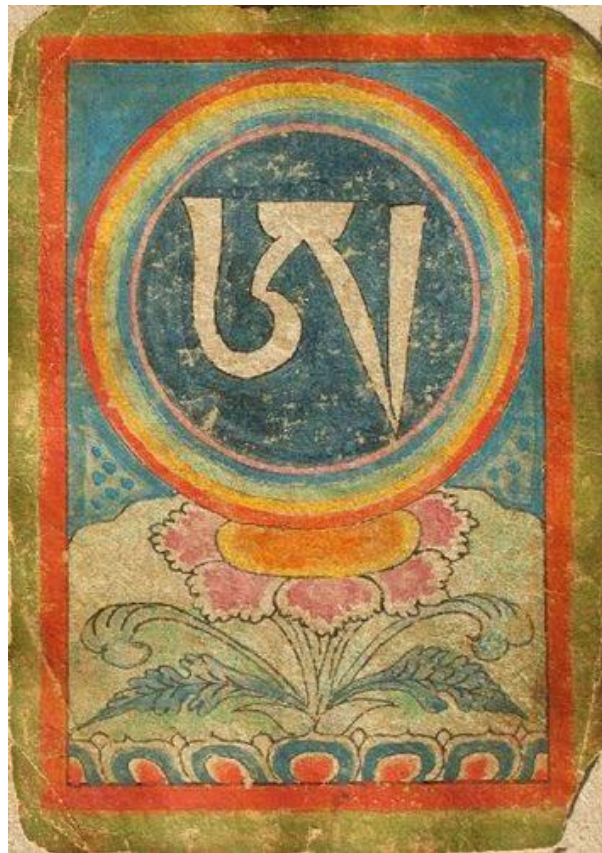
pa principalmente como “manifestado”. Além disso, o significado de “Tudo é a atividade do Tathagata” é que tudo é a manifestação de energia (*rol pa*) do estado já iluminado; tudo é a criação do Tathagata, que é seu próprio estado.

O termo *rig pa* foi traduzido livremente como “pura consciência”. No entanto, lembramos ao leitor que, neste contexto, “consciência” não se refere ao conhecimento ou percepção de uma situação ou fato, mas a uma consciência que não está relacionada a nenhum objeto nem apoiada por nada. É um estado que representa a realidade básica do ser e de toda a existência.

O termo *sku*, *kaya* em sânscrito, foi traduzido como “dimensão”, “dimensão do corpo” ou “corpo”, e ocasionalmente deixado sem tradução. Isso foi feito para apresentar as diferentes sutilezas de significado que o termo assume nesta escritura. Outro termo-chave, *bdag nyid*, que também se refere à natureza abrangente do estado primordial do indivíduo, foi traduzido de várias maneiras como “seu estado” ou como “si mesmo”. Por fim, no título e no decorrer do texto, por sugestão de Chögyal Namkhai Norbu, o termo *byang chub sems*, *bodhicitta* em sânscrito, foi traduzido como “estado primordial”.

Notas foram adicionadas com a intenção de ajudar o leitor a compreender o conteúdo desta escritura. Sempre que possível, usei como referência nas notas as explicações de citações do nosso texto encontradas em *Lamparina para o Olho em Contemplação* de Nubchen Sangye Yeshe, um trabalho importante e único que ilumina os vários caminhos espirituais budistas, particularmente o Atiyoga. Também consultei um pequeno texto atribuído ao mesmo autor, um extrato de *O Coração do Sol: A Essência da Mente de todos os Eruditos e Siddhas* (*Phan grub rnams kyi thugs bcud snying gi nyi ma*)

contido no primeiro volume da *Coleção de Tantras de Vairocana* (*Bai ro rgyud 'bum*). Este breve texto foi editado e recebeu o título *Byang chub kyi sems rmad du byung ba'i nyams khrid* por Chögyal Namkhai Norbu.

Tantra Mejung

Mahasattva!

Tudo originaste de ti.

Mahasattva!

Este é o segredo maravilhoso de todos os Budas.

O título em indiano é

Bodhicitta Saubhashika

O título em tibetano é

Byang chub kyi sems rmad du byung ba

O título em inglês é

The Marvelous Primordial State

O título em português é

O Maravilhoso Estado Primordial

~ Isso faz parte dos ensinamentos sobre o Maravilhoso Estado Primordial

Homenagem

Homenagem ao Bhagavan Shri Vajrasattva,
Glória de todas as glórias!

O maravilhoso estado primordial
é a dimensão real.
Aqui, o significado de suas infinitas qualidades
será explicado.

Capítulo 1

O CENÁRIO DO ENSINAMENTO

OS BUDAS dos três tempos, os iogues que possuem [conhecimento do] estado *vajra*, hostes de poderosos *mamos* bebedores de sangue e diferentes tipos de *devas*, *asuras*, *vayudevas*, *yamas*, *nagas*, *kumbhandas*, *yakshas*, *rakshasas* e *bhutas*, todos se uniram irresistivelmente por causa da fé.[1]

Repletas de divindades, as mansões requintadas e inconcebíveis desses reinos puros eram radiantes como fogo, iluminadas pelo sol e pela lua em tronos luminosos que pareciam feitos inteiramente de jóias.
Este era o campo búdico dos afortunados.

Seres hostis e nocivos foram excluídos. Quem são eles? *Bhutas*, *kumbhandas*, *rakshasas*, *pretas* e *putanas* não ouviram este [ensinamento] maravilhoso.[2]

A qualidade desse maravilhoso estado primordial foi ensinada pelo Protetor do Mundo.[3] Aqueles que se opõem a ele serão assolados por todo tipo de medo, suas cabeças se partirão em sete pedaços e eles serão rejeitados por adeptos mântricos.

Este maravilhoso estado primordial é a realização secreta, a Mente Suprema[4] do grande e glorioso Lótus Heruka. Foi ensinado para o benefício da grande comitiva do Grande Glorioso, iogues extraordinários [com o conhecimento] da iluminação, séquitos de iogues da sabedoria,

Vajrasattva destemido e os afortunados, [os quais] não tinham medo do discurso espiritual e não são manchados pelo carma. Isso não foi ensinado a outros.

~ Assim termina o primeiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
o cenário do ensinamento.

Capítulo 2

O MARAVILHOSO ESTADO PRIMORDIAL

O BHAGAVAN, enquanto residia na essência da iluminação no reino de Akanishta,[5] olhou para Vajrasattva e então entrou na equanimidade da contemplação chamada "o maravilhoso estado primordial da existência maravilhosa."

Naquela época, para que Vajrasattva entendesse que os *sugatas* [6] dos três tempos e o universo infinito e ilimitado de um bilhão de sistemas de mundos[7] têm a mesma natureza; que todos eles surgem e se manifestam a partir do maravilhoso estado primordial que é a si mesmo; e que as mandalas que surgem deles são as mandalas do [estado] maravilhoso, ele fixou seu olhar em Vajrasattva e, abrindo a porta da mandala da mente, manifestou claramente o princípio do conhecimento de seu estado.

Tendo iluminado clara e distintamente a real natureza de tudo, ele revelou que Vajrasattva, todos os *sugatas* e o universo infinito e ilimitado de um bilhão de sistemas de mundos são o próprio maravilhoso estado primordial. Ele revelou que as mandalas que se manifestam do maravilhoso estado primordial são a maravilhosa mandala do Corpo, o Corpo maravilhoso; a maravilhosa mandala da Voz, a Voz maravilhosa; a maravilhosa mandala da Mente, a Mente maravilhosa; e a maravilhosa realidade total.

Desta forma [ele fez Vajrasattva compreender que] todos esses são o Corpo, a Voz e a Mente dele mesmo, o Bhagavan.

Então Vajrasattva disse:
Sábio do Mundo! Buda perfeito!

Com o objetivo de iluminar, tu ensinaste o significado da lamparina da Mente.

Aqueles que têm dúvidas ou uma disposição mental que se opõe [a este ensino] serão assolados por todo tipo de medo, e suas cabeças se partirão em sete pedaços.

Além disso, eu, Vajrasattva, serei hostil a eles, e eles serão rejeitados por adeptos mântricos.

Tu revelaste o significado da lamparina da Mente que eu, Vajrasattva, não havia entendido anteriormente e que é a visão secreta e maravilhosa de todos os [veículos] do Mantra.[8]

Eu presto homenagem a este princípio que é honrado [pelos] Budas.

Presto homenagem ao Buda, o benfeitor que, sentindo amor por todos [os seres], revelou este princípio para o benefício deles.

Que o significado revelado para o benefício deles seja realizado em mim.

Que eu compreenda esse significado que é [como] a luz de um fogo ardente sem limites, e que eu tenha a mesma fortuna de todos os Budas.

Que [meu conhecimento] se espalhe ainda mais do que o de todos os Budas.

Eu imploro aos iogues dos três tempos[9] que ensinem para o benefício de todos os afortunados que virão.

Além disso, eu, Vajrasattva, manifestei minha iluminação novamente em Vajrasana[10] ao compreender o princípio do maravilhoso estado primordial.[11]

Este maravilhoso estado primordial não é compreendido por todos. Não é compreendido pelos *devas*. É difícil de entender até pelos bodhisattvas. No passado, não era compreendido até [mesmo] pelos *sugatas*.

[Então o Bhagavan falou:]

Mahasattva!
A verdadeira essência da meditação suprema do Onisciente não pode ser concebida.[12] Para aquele que se une ao meu corpo, não há iluminação nem meditação.[13]

As características de corpo, voz e mente são o estado primordial das cinco sabedorias.[14]

O estado total da mente de todos os seres sencientes é naturalmente puro e, portanto, imaculado.

Nada nasceu nem foi contaminado.

Não há iluminação e nenhuma realização real. Não há natureza dos elementos e nem elementos.

Sem características e imutável como o espaço, nem dual nem não-dual, este estado primordial é o olho desperto.[15]

[Novamente o Bhagavan falou:]

Ouça, Mahasattva!
O Corpo, a Voz e a Mente de todos os *sugatas* e tudo do universo infinito e ilimitado de um bilhão de sistemas de

mundos são o mesmo:
eles são o meu próprio maravilhoso estado primordial.

Eles são a maravilhosa realidade total que se origina de tua
própria consciência.
Eles são minha maravilhosa grande exibição mágica.
Eles são minha maravilhosa exibição milagrosa.
Eles são minha maravilhosa grande manifestação.
Eles são minha maravilhosa atividade.
Eles são minha maravilhosa grande mandala.
Eles são meu maravilhoso segredo.
Eles são o segredo, o grande segredo, a condição essencial secreta
e a maravilhosa visão secreta de todos os *sugatas* e do próprio
Vajrasattva.

Eles são a maravilhosa mandala secreta do Corpo,
o Corpo maravilhoso.
Eles são a maravilhosa mandala secreta da Voz,
a Voz maravilhosa.
Eles são a maravilhosa mandala secreta da Mente,
a Mente maravilhosa.

~ Assim termina o segundo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
no qual revela o maravilhoso estado primordial.

Capítulo 3

A VERDADEIRA NATUREZA DA REALIDADE

ESTE CAPÍTULO explica a verdadeira natureza da realidade.

Para este fim [disse o Bhagavan]:

Mahasattva!
Aqueles que desejam a iluminação não têm iluminação e estão longe dos níveis de realização, longe da iluminação suprema que é a libertação completa.

Quem entende a verdadeira natureza da realidade que é como a causa [universal] tem a certeza de que se é o estado primordial.

Uma vez que se é a própria essência da iluminação, não há nada a atingir e nada a abandonar.

A iluminação dos Budas é uma designação verbal e não existe realmente.[16]

As características dos fenômenos são totalmente puras e sempre surgem da natureza da realidade desprovida de identidade.

Os fenômenos não nascem e não têm essência e, portanto, não há nada sobre eles para meditar.

Uma vez que são auto-originados como o espaço, todos os fenômenos são proclamados como sempre perfeitos.[17]

Uma vez que os fenômenos são luminosidade natural, eles são primordialmente puros, como o espaço.

Não há iluminação e não há seres sencientes.

[Tudo] surge da realidade desprovida de identidade.

A iluminação, que é a realização perfeita do estado primordial,
está além dos conceitos e não pode ser pensada como um objeto.

~ *Assim termina o terceiro capítulo de*
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela a verdadeira natureza da realidade.

Capítulo 4

A GRANDEZA

ESTE CAPÍTULO explica a grandeza.

[O Bhagavan disse:]

Mahasattva!
Na mandala auto-originada da Mente, a sabedoria perfeita
permanece como um espelho.

Eu sou a sabedoria dos Budas que habitam nos três tempos.
Visto que entendi o princípio do estado primordial,
sou a incorporação de todos os Budas;
sou a tumba de todos os Budas;
sou o grande cemitério;[18]
todos os *mahasattvas* e todos os seres sencientes vêm de mim;
eu sou a tumba de seres sencientes.

Afortunado, entenda isso!
Todos os Budas são meu domínio.
Todos os seres sencientes são o tesouro dos três *kayas*.[19]
Tudo é a causa do meu regozijo.

O afortunado [Vajra]sattva, depois de ouvir essas palavras, viu a
face [do Bhagavan], e nesta maravilhosa mandala secreta ele
entendeu o estado primordial como sua real natureza.
Juntando as palmas das mãos, ele disse o seguinte:

Tu manifestaste como a Mente, o estado mais
íntimo da Mente,[20] de todos os Budas dos três tempos.
Tu manifestaste como o Corpo, o estado mais
íntimo do Corpo, de todos os Budas dos três tempos.
Tu manifestaste como a Voz, o estado mais
íntimo da Voz, de todos os Budas dos três tempos.

Depois que ele disse isso [, o Bhagavan falou]:

Mahasattva!
Somente eu surgi no início, antes dos milhões de éons,
Eu surgi antes dos elementos.

O Corpo, a Voz e a Mente dos Budas surgiram de mim.
Portanto, teu [estado primordial da] Mente, ó Mahasattva, é minha grande bênção e, portanto, abrange todos os Budas dos três tempos e todos os grandes iogues, e brilha, visível como raios de luz.[21]

Mahasattva, afortunado!
Saiba que qualquer iogue que tenha este [conhecimento] é o próprio estado de Corpo, Voz e Mente de [Vajra]sattva.

O iogue que entende este princípio não se mantém no nível de iluminação, pois tudo é o próprio nível [de iluminação] que é meu [estado primordial da] Mente.[22]
Todos os seres sencientes surgiram de mim.

~ Assim termina o quarto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela a grandeza.

Capítulo 5

A PROCLAMAÇÃO DO SEGREDO

ESTE CAPÍTULO explica a proclamação do segredo.

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva!
Visto que eu, o criador, sou naturalmente puro, não há nada que não seja iluminado; fenômenos condicionados nunca existiram.
Portanto, todos os fenômenos são primordialmente puros.

Como sou o iogue de *dharmakaya*, todos os meus fenômenos estão além dos conceitos.

Eu fui iluminado antes de todos os Budas.

Antes do surgimento do espaço,[23] as características do espaço nunca existiram.
Antes que o apego a qualquer coisa surgisse, a paixão do apego nunca existiu.
Antes do surgimento da existência, a [característica] da natureza da existência nunca existiu.
Antes que os elementos surgissem, a [natureza] dos cinco grandes [elementos] nunca existiu.
Antes do surgimento dos Budas, o termo ser senciente nunca existiu.
Antes do surgimento do nirvana, a natureza do samsara nunca existiu.

Eu surgi antes de qualquer uma dessas coisas.
Eu manifestei tudo.
Tudo surgiu de mim.

Assim ele falou.

~ Assim termina o quinto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
a proclamação do segredo.

Capítulo 6

O MILAGRE

ESTE CAPÍTULO explica o grande milagre
do estado primordial.

[O Bhagavan falou:]
Assim como o espaço, a essência da Mente que não tem raiz ou
base não pode ser purificada pela limpeza.
Visto que a iluminação é livre de origem, ela está totalmente
além de causa e efeito.
Quando reconheces este maravilhoso estado primordial através
da grande sabedoria de tua própria consciência,
a grande manifestação de energia que é o método,
é aperfeiçoado em ti,[24] e isso é a iluminação.

Cinco aspectos explicam o grande milagre do estado primordial:
- a maravilhosa grande exibição mágica do estado primordial;
- a maravilhosa grande exibição milagrosa do estado primordial;
- a maravilhosa grande exibição mágica que revela totalmente a
manifestação total do estado primordial;
- a maravilhosa exibição mágica que ensina a qualidade
maravilhosa do segredo do estado primordial;
- a qualidade maravilhosa que revela diretamente a exibição
mágica do tantra secreto do grande segredo
do estado primordial.

*~ Assim termina o sexto capítulo de O Maravilhoso Estado
Primordial, que revela o grande milagre do estado primordial.*

Capítulo 7

A NATUREZA SECRETA

ESTE CAPÍTULO explica a natureza secreta
do estado primordial.

[O Bhagavan falou:]
Este grande milagre do maravilhoso estado primordial secreto
é a qualidade do próprio Corpo, Voz e Mente.
Isso não foi ensinado pelos Budas do passado.

Ouça, Mahasattva!
Aquilo que está além de surgir
é o maravilhoso segredo da Mente.
Quando se tem conhecimento do caminho da iluminação
perfeita [, esse conhecimento], como o céu, permeia tudo sem
apego e unifica [tudo] em si mesmo:
este é o maravilhoso estado primordial.

Ouça, Mahasattva!
Aquilo que em toda parte aparece visivelmente sem ser
construído é a mandala do Corpo maravilhoso.
Os fenômenos que surgem da nossa consciência não podem ser
pensados de forma alguma: a condição que tem essa qualidade
[não-conceitual] é o próprio maravilhoso estado primordial.[25]

Ouça, Mahasattva!
Os vários sons, não nascidos e não produzidos, que surgem
distintamente de teu próprio estado são a mandala

da Voz maravilhosa.
[A condição do] Corpo, Voz e Mente na contemplação além do som é o próprio maravilhoso estado primordial.

Ouça, Mahasattva!
A realidade que surge da mente que é consciência
é [como] o espaço que não tem forma, mas permeia tudo:
este é o maravilhoso estado primordial.

Ouça, Mahasattva!
O Corpo, a Voz e a Mente, além de marcas específicas que se manifestam claramente como os cinco *kayas*[26] espontaneamente perfeitos, são o maravilhoso estado primordial.

Ouça, Mahasattva!
Os cinco grandes elementos são a mandala dos cinco *kayas* espontaneamente perfeitos.
A pura essência dos cinco grandes [elementos] é o maravilhoso estado primordial e imaculado.
Essa essência pura é o núcleo da clareza extremamente difícil de analisar: essa sabedoria tem a qualidade da Mente [dos Budas].[27]

Ouça, Mahasattva!
Os vários sons que surgem de cada um dos grandes elementos imaculados, incriados e inconcebíveis são somente eu mesmo.

Ouça, Mahasattva!
Uma vez que todos estes surgem de mim e não têm qualquer essência, eles são o *dharmakaya*,
o maravilhoso estado primordial.
Uma vez que os quatro grandes elementos são o surgimento da manifestação e a causa de tudo o que se manifesta, eles são o

maravilhoso estado primordial.
Uma vez que tudo o que surge e se manifesta a partir dos quatro grandes elementos e os seres sencientes dos quatro tipos de nascimento[28] são a ti mesmo
- a [real natureza da] iluminação além da iluminação[29] -
eles são o próprio maravilhoso estado primordial.

Ouça, Mahasattva!
Na verdade, puro[30] significa que todos os fenômenos que surgem de ti são primordialmente desprovidos da mancha das emoções.
Total refere-se ao conhecimento perfeito que entende que passado, futuro e presente e todos os sistemas de mundos infinitos e ilimitados do universo tríplice são iguais,
porque nem mesmo uma partícula além
do Corpo, Voz e Mente existe.
Assim, o significado de todos os fenômenos é indivisível.
A Mente é a contemplação da clareza que nunca se move da indivisibilidade de tudo como Corpo, Voz e Mente.

~ Assim termina o sétimo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela a natureza secreta.

Capítulo 8

O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

ESTE CAPÍTULO explica o caminho da libertação
do estado primordial.

O Mahasattva perguntou:
Bhagavan!
Quantos caminhos de libertação os Budas das cinco famílias
possuem?

O [Bhagavan] respondeu:
Ouça, Mahasattva!
Todos os *tathagatas* possuem as cinco libertações da verdadeira
natureza da realidade, o caminho inequívoco da libertação.
São elas: apego, raiva, ignorância, orgulho e inveja.

Com relação ao [apego-desejo],[31] desejo significa desfrutar de ti
mesmo, além do tempo e da forma, nos fenômenos que surgem
de ti. Apego significa ser governado por esse desejo.
Os fenômenos que se originam de ti são formas, sons, cheiros,
sabores e objetos táteis. De que maneira eles são desejados? Eles
são desejados [com o conhecimento de que] são todos a ti
mesmo e com o apego a tal desejo.

A raiva é a própria natureza da manifestação de todos os
fenômenos que existem primordialmente em ti.[32] É a verdadeira
natureza da realidade, que não pode ser abandonada nem mesmo
tentando e não pode ser purificada

nem mesmo por limpeza.
É raiva por abandonar o apego, raiva por abandonar a raiva, raiva por abandonar a ignorância, raiva por abandonar o orgulho e raiva por abandonar a inveja.

Ignorância é o entendimento de que, uma vez que não há conceito de diferença em relação a todos os fenômenos originários de ti,[33] não existem diferentes pontos de vista.
Ignorância é a compreensão de que Corpo, Voz e Mente, embora permaneçam em uma dimensão de igualdade sem o conceito de igualdade, são indivisíveis e de mesma essência.
Ignorância é [o entendimento] de que, uma vez que não há conceito de origem ou nascimento de algum outro lugar, todos os *tathagatas* e todos os fenômenos surgem de ti.
Ignorância é [o entendimento de que] todos os fenômenos são a própria Mente do Sugata, e que quando se desfruta do segredo supremo, tudo permanece único e não há conceito de vários níveis [de realização].[34]
Ignorância é [a compreensão de que tudo] é a ti mesmo e a dimensão de ti mesmo, e que não há nada que se manifeste como outro, surge como outro, ocorre como outro, cessa como outro, nasce como outro, deriva de outro, ou é diferente disto.
Ignorância é [a compreensão de que] os vários *nirmanakayas* que surgem de ti se manifestam de todas as maneiras possíveis, sem aparecer de uma forma só.

No que diz respeito ao orgulho, a compreensão e o conhecimento de que todos os fenômenos se originam de ti e que tudo o que surge não tem eu ou identidade é o orgulho que revela que todos os fenômenos

são desprovidos de eu ou ser.
A compreensão da grandeza de todos os fenômenos insuperáveis que surgem de ti é o orgulho que se revela nos três tempos e também exibe a tua própria grandeza.
Desfrutar de ti mesmo em todos os momentos nos fenômenos que surgem de ti mesmo é o orgulho que revela que a dimensão da manifestação [natural] de energia pode aparecer em todas as formas possíveis.
A compreensão de que todos os fenômenos, as três esferas da existência, os cinco grandes [elementos] e todos os seres se manifestam a partir de ti é o orgulho que revela que tudo está unificado em e como a ti mesmo.

A inveja [não deixa espaço para] o conceito de diferença em relação aos fenômenos que são da mesma natureza que a ti mesmo.
A inveja [não deixa espaço para] agarrar-se às características distintas de apego, raiva e ignorância que desde o início são indivisíveis como Corpo, Voz e Mente.
A inveja [não deixa espaço para] conceber erroneamente o princípio autêntico, uma vez que tenha sido infalivelmente constatado.
A inveja [não deixa espaço para] não compreender que todos esses fenômenos são [a natureza do] Sugata.
A inveja [não deixa espaço para] não ver a libertação plena no caminho da grandeza.[35]

~ Assim termina o oitavo capítulo de O Maravilhoso Estado Primordial, que revela o caminho de libertação do estado primordial.

Capítulo 9

O INSUPERÁVEL

ESTE CAPÍTULO explica como o estado primordial é insuperável desde o início.

[O Bhagavan falou:]
Herói Vajrasattva,
Tu és o conhecimento do caminho da iluminação perfeita.[36]
Como o céu, és desprovido de nascimento.[37]
Tu permeias os cinco agregados puros.[38]
A variedade de [fenômenos] se origina de ti.
Não há nada que não se origine de ti.
Tu és a causa da variedade de aparências.
És o *nirmanakaya* de todos os Budas,[39]
és a iluminação insuperável dos Budas,
a realidade desprovida de identidade, totalmente pura,[40]
a sabedoria autêntica que é o caminho universal,
a realidade não-nascida
que é o significado [único] da variedade.[41]
Tu apareceste antes dos elementos,
uno, não-dual, o significado da realidade,[42]
a Realidade Suprema, destemida.[43]
Não existe letra que não tenha vindo de ti.
Em tudo o que é gerado como o conteúdo do Mantra Secreto,
tu és [o estado primordial] que inclui todas as formas, embora não tenhas forma;

uma vez desprovido de ramificações,
estás além da contagem.[44]
És aquilo que é compreendido por todos os Budas,[45]
aquilo que é realizado por todos os Budas:
A iluminação insuperável dos Budas.
Tua riqueza emana de ti mesmo.
As formas que emanam de ti [experimentam]
tua própria riqueza de todas as maneiras possíveis,
e exibem emanações em todos os disfarces possíveis.[46]
Várias exibições milagrosas se originam de ti.
A dimensão da manifestação aparece
de todas as maneiras possíveis.
A manifestação da iluminação surge de ti.

Mahasattva!
Tudo originaste de ti.

Mahasattva!
Este é o segredo maravilhoso de todos os Budas.

Mahasattva, ouça!
Tudo é manifestado através da sabedoria dos Oniscientes,
e tu és aquele que transcende o corpo livre de apegos.
Meu estado primordial é sutil, incontaminado e livre da semente [do samsara].
Uma vez que não está manchado e [portanto] está além de máculas, é imaculado.[47]
Ele habita em todos os *sugatas* e em todos os seres sencientes.[48]
Este é o segredo supremo,
o estado primordial secreto de todos os Budas.

Mahasattva!
O Tathagata deve ser entendido desta forma.
Aquele que possui o corpo de sabedoria é o Tathagata.[49]
Ele habita na luz do Corpo e se manifesta nos raios da Voz.[50]
Portanto, sua dimensão é totalmente pura, como o espaço.[51]
A este respeito, o espaço é vasto, permeia tudo e penetra [tudo]
igualmente e sem obstruções, [mas] o que se manifesta
claramente é a luz da dimensão do Corpo,
e não a natureza do espaço.
A clareza distinta e a aparência total dos cinco grandes elementos
são as luzes dos cinco grandes [elementos] como a dimensão do
Corpo das cinco famílias; esta não é a luz que permeia o reino do
espaço, nem é derivada da natureza do espaço. Na verdade, o
espaço assume a mesma cor que a dimensão do Corpo.
A luz que emana do sol, lua, planetas, estrelas e assim por diante,
iluminando o céu, é a luz do precioso Corpo e os raios da Voz
se expandindo na verdadeira natureza da realidade.
As cores e as várias formas que se diz serem originárias dos
quatro grandes [elementos, todas] que aparecem distintamente
[como] as cores das nuvens no céu ou as cores do arco-íris, são as
bênçãos derivadas da luz das dimensões do Corpo e as sabedorias
das diferentes famílias [iluminadas]; mesmo a cor do espaço não
é derivada do poder dos quatro grandes [elementos].
Se a dimensão do Corpo for branca,
o espaço também será branco.
Qualquer que seja a cor da dimensão do Corpo,
a luz do espaço é idêntica.
O mesmo se aplica às cores de qualquer coisa que surja dos
quatro grandes [elementos].

A dimensão do Corpo do Tathagata não depende dos cinco
grandes [elementos], não é produzida pela causa dos quatro
grandes [elementos] e não passa a existir por meio dos quatro
tipos de nascimento.
Os quatro grandes elementos, todos derivados dos quatro
elementos [como luz colorida], todos os seres sencientes
nascidos através dos quatro tipos de nascimento, e todos os
sistemas de mundos do universo tríplice - todos, sem exceção -
originam-se do Corpo, Voz e Mente do Tathagata, e aparecem
de todas as maneiras possíveis como a grande manifestação
natural da energia do Corpo, Voz e Mente.
Eles são exibidos pelo Tathagata com o propósito de governar[52]
todos os fenômenos e manifestar perpetuamente a grande
exibição natural de energia de todos os fenômenos.
Antes que os cinco grandes [elementos] existissem,
o Corpo do Tathagata já havia surgido espontaneamente,
permanecendo na luz do Corpo e se manifestando
nos raios da Voz.

~ Assim termina o nono capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela o estado primordial insuperável.

Capítulo 10

O SEGREDO SUPREMO

ESTE CAPÍTULO explica o segredo supremo do estado primordial.

[O Bhagavan falou:]
Mahasattva!
O segredo maravilhoso do estado primordial é que todos os fenômenos e o universo infinito de um bilhão de sistemas de mundos são a manifestação do estado de iluminação; portanto, eles são o segredo maravilhoso.
Visto que surgem do estado de iluminação,
são o segredo maravilhoso.
Visto que nascem da sabedoria do estado de iluminação,
são o segredo maravilhoso.
Visto que não há absolutamente nada que não surja ou se origine da sabedoria de tua própria consciência e não há nenhum fenômeno que não seja manifestado pela
sabedoria de tua consciência, [tudo] é a realidade total:
este é o segredo maravilhoso.
Visto que é muito difícil para tu, grande bodhisattva, e para todos os [outros] bodhisattvas compreenderem isso,
é o segredo mais sublime.

~ Assim termina o décimo capítulo de O Maravilhoso Estado Primordial, que explica o segredo supremo.

Capítulo 11

A INSTRUÇÃO SECRETA DEFINITIVA

ESTE CAPÍTULO explica a instrução secreta definitiva.

[O Bhagavan falou:]

Grande Vajrasattva!
No estado secreto que é a Mente de Vajrasattva, não há nada que não esteja incluído em Corpo, Voz e Mente. Tudo é o próprio Corpo, Voz e Mente de todos os *sugatas*:
este é o segredo.

O Tathagata possui os cinco agregados puros: forma totalmente pura, o agregado em que se é tudo; sentimento totalmente liberado, o agregado que não tem interrupção; percepção sem nascimento, o agregado que é a verdadeira natureza da realidade; volição desprovida de apreensão, o agregado no qual as portas [dos sentidos] não são diferentes em nenhuma circunstância;[53] e consciência totalmente pura, o agregado que é a fonte da manifestação da sabedoria que é como o espaço.

A respeito disso, uma vez que as cinco dimensões do Corpo existem como a real natureza dos cinco agregados e são a natureza de tudo, elas são chamadas de dimensões do Corpo.

Aquilo que é chamado Vairocana, o Corpo, sendo a perfeição espontânea das cinco dimensões do Corpo [do Tathagata],[54] é o *sambhogakaya*, e, portanto, Vairocana [Aquele que Manifesta a Forma].[55]

Aquilo que é chamado Vairocana [Aquele que Manifesta a Forma] é a [natureza] da consciência básica de tudo[56]
como as cinco dimensões do Corpo; por meio dele,
a diversidade das formas se manifesta de todas as maneiras possíveis.

Portanto, Mahasattva, como isso é explicado?

De todos os eventos do passado, futuro e presente; de todos os tempos e suas subdivisões; de todos os *sugatas* dos três tempos; de tudo que nasce, humanos e [outros] seres vivos; de todos os cinco grandes elementos; e de todos os fenômenos que se manifestam a partir dos quatro elementos,
não existe nenhum fenômeno que não se origine das
cinco dimensões puras do Corpo.
Uma vez que tudo isso se origina das cinco dimensões do Corpo,
nem mesmo uma única coisa existe em qualquer aspecto que não seja as dimensões do Corpo.
Por esta razão, não existe uma única coisa que não seja iluminada.
As dimensões do Corpo de todos os *tathagatas* se manifestam como externas, internas, secretas e como os três [aspectos do] corpo, voz e mente; assim, elas se manifestam em tudo.

Como isso é explicado?

Minha dimensão corporal totalmente pura emana de todas as maneiras possíveis e se torna todas as coisas:
está sempre mudando.
Eu exibo o *vajra*[57] da grande manifestação de energia nos cinco elementos que se originam das cinco dimensões do Corpo.

Eu sempre existo e sempre me manifesto em
todas as formas possíveis.
Eu exibo de todas as maneiras possíveis a grande manifestação de
energia do *vajra*.
Através da manifestação total que governa a verdadeira natureza
da realidade, eu manifesto e crio a grande exibição mágica das
formas de todas as maneiras possíveis.
Isso ocorre porque eu sempre desfruto da exibição mágica da
dimensão do Corpo que aparece e se manifesta de todas as
maneiras possíveis.

Portanto, Mahasattva, todos os campos externos de experiência
são assim.
Esses bilhões de sistemas de mundos do universo são o
espetáculo que sou eu, o Tathagata.
Eles são a verdadeira natureza da realidade que
se origina de mim,
o domínio em que o não-manifesto se manifesta,
o domínio dos compromissos que manifestam [tudo] para que
nada permaneça sem ser manifestado,
a verdadeira revelação de Corpo, Voz e Mente,
A verdadeira manifestação de Corpo, Voz e Mente,
o tesouro inesgotável de Corpo, Voz e Mente,
o verdadeiro significado da manifestação inesgotável,
a grande exibição milagrosa da manifestação da energia de
Corpo, Voz e Mente,
a natureza da grande exibição milagrosa,
aquilo que se origina do meu poder,
os fenômenos decorrentes da minha força.
O chakra dos ornamentos inesgotáveis de Corpo, Voz e Mente.

Todos os bilhões de sistemas de mundos do universo são meu
domínio, minha morada e meu palácio celestial.[58]
Todos eles são meu Corpo, minha Voz e minha Mente.
Todos os bilhões de sistemas de mundos do universo são a
perfeição total que é o nível de iluminação.
Eles são aperfeiçoados no [estado de] iluminação total,
eles são o gozo total dos campos de Buda,
o nível de iluminação,
o maravilhoso estado primordial,
a essência de tudo,[59]
eles são o Corpo maravilhoso,
a Voz maravilhosa,
a Mente maravilhosa,
a qualidade maravilhosa,
o segredo maravilhoso,
a maravilhosa manifestação de energia,
a maravilhosa atividade,
a maravilhosa exibição milagrosa:
Eles são o próprio maravilhoso estado primordial.

O domínio do nível mais alto de iluminação é apenas este estado
maravilhoso.
A realização final da visão dos Budas também é isso.
A realização final da conduta dos Budas também é esta
maravilhosa realidade total.

O que é ensinado pelo Mestre Perfeito também é este
estado maravilhoso.
Aquilo que é ouvido pelos ouvintes perfeitos também é este
estado maravilhoso.[60]

O regozijo total dos Budas também é isso.
Os cinco objetos sensoriais de prazer dos Budas também são este estado maravilhoso.
As características dos cinco objetos sensoriais de prazer também são este estado maravilhoso.
O supremo gozo total dos Budas também é este
estado maravilhoso.
A roda do ensinamento posta em movimento dentro da verdadeira natureza da realidade por meio da exibição milagrosa das emanações dos Budas também é este
estado maravilhoso.
Apego, raiva, ignorância, orgulho e inveja também constituem esse maravilhoso estado primordial.
A promulgação do Dharma é este estado maravilhoso.
A roda do Dharma também é este estado maravilhoso.
A existência cíclica do samsara que gira porque não se reconhece a verdadeira natureza da realidade e que permanece nessa mesma natureza como a própria realidade é também
o estado maravilhoso.

No universo de um bilhão de sistemas de mundos, nem mesmo as palavras samsara e emoções existem à parte
de Corpo, Voz e Mente.
Nem mesmo as palavras "causa do nascimento como seres sencientes" existem à parte de seu surgimento como Budas.
A natureza dos seres sencientes e dos cinco grandes [elementos] nunca existiu à parte da manifestação da dimensão do Corpo.
Nem mesmo as palavras "carma e sofrimento dos seres sencientes" existem à parte do regozijo total dos Budas.[61]

[Tudo é] a única perfeição total, o estado definitivo de
iluminação e o ambiente e morada dos seres sencientes no
universo de um bilhão de sistemas de mundos não são nada mais
do que meu maravilhoso segredo.
Portanto, nem mesmo o ambiente e morada dos seres sencientes
existem à parte dos fenômenos originados do meu estado.
[Assim,] a natureza da dimensão do Corpo maravilhoso e do
maravilhoso estado primordial foi explicada.

~ Assim termina o décimo primeiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela a instrução secreta definitiva.

Capítulo 12

CORPO, VOZ E MENTE ALÉM DA BUSCA

ESTE CAPÍTULO revela que o estado primordial de
Corpo, Voz e Mente é realizado sem busca.

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva!
A dimensão do Corpo dos Supremamente Vitoriosos, embora se
manifeste em toda a sua variedade, é sempre como uma jóia
preciosa. É o caminho do absoluto que se realiza
através da meditação.[62]

Assim, ele falou.
[Então o Bhagavan falou novamente:]

Quaisquer que sejam as cores da dimensão do Corpo e qualquer
que seja a variedade que se manifeste, é [sempre]
como uma jóia preciosa.
Na verdade, uma gema branca preciosa é sempre uma jóia. Quer
sua cor seja vermelha, azul, amarela ou verde, uma jóia preciosa é
sempre uma jóia. Portanto, não se pode fazer a distinção,
"esta é uma jóia preciosa" e "esta não é uma jóia preciosa."[63]
Da mesma forma, no que diz respeito à dimensão do
Corpo dos Supremamente Vitoriosos -
todas as cores que aparecem, as miríades de formas que se
manifestam, os cheiros cheirados, os sabores saboreados, as
formas vistas, os sons ouvidos, e as sensações táteis sentidas -

são todas meu Corpo,
a dimensão do Corpo dos Supremamente Vitoriosos.[64]
Assim, não se pode dizer coisas como, "esta cor e forma é a dimensão do Corpo dos Vitoriosos" e "esta [cor ou forma] não é a dimensão do Corpo dos Vitoriosos".[65]
Por esta razão, a dimensão da sabedoria dos Budas é a variedade de formas originadas da mente.[66]

Assim, ele falou.
[Então o Bhagavan falou novamente:]

A Mente dos *tathagatas* é a inseparabilidade das oito sabedorias,[67] a natureza que ninguém pode destruir, que surge inseparável da dimensão de sabedoria da consciência,
a Mente maravilhosa.

Mahasattva!
Todos esses bilhões de sistemas de mundos do universo se originam da Mente dos *tathagatas*, e nada existe que não seja a Mente maravilhosa.
Uma vez que os *tathagatas* estão além da extinção, nunca haverá um tempo em que o universo infinito e ilimitado de um bilhão de sistemas de mundos se tornará extinto ou inexistente.
Uma vez que nunca haverá um tempo em que o universo infinito e ilimitado de um bilhão de sistemas de mundos
se extinguirão ou desaparecerão,
eles são o Corpo, a Voz e a Mente dos *sugatas*.
Uma vez que Corpo, Voz e Mente nunca se extinguirão ou desaparecerão, eles são o próprio maravilhoso estado primordial.
Além do Corpo, Voz e Mente dos *tathagatas*, nada mais pode ser chamado de universo de um bilhão de sistemas de mundos.

A Voz do Tathagata é aquela que revela em sua totalidade o significado indivisível e a natureza do Corpo, Voz e Mente, e faz com que se compreenda claramente suas qualidades distintas. De tudo o que se manifesta da Voz, ou seja, todas as variedades possíveis de sons e vozes; todos os muitos nomes e termos, sabedorias e assim por diante; [todas] as muitas variedades de línguas, nem mesmo uma única coisa existe que não seja a Voz.

Corpo e Mente também são a Voz. Voz e Mente também são o Corpo. A Voz é o *nirmanakaya*. A Mente é o supremo *kaya* da essência da iluminação. O Corpo é o *sambhogakaya*.

Mahasattva!
Compreenda que a natureza do Tathagata é
este estado maravilhoso.
Existiu desde o início e permanece para sempre.
É a dimensão do Corpo totalmente auto-originada de ti.
É o *dharmakaya* primordialmente puro no qual tu és totalmente.
É a ti mesmo, espontaneamente auto-aperfeiçoado desde o início
como Corpo, Voz e Mente.
Sendo imutável, é o *kaya* do mérito.
Perfeito desde o início, é o *nirmanakaya*.
Espontaneamente perfeito, é o *sambhogakaya*.
Além da ação e da busca, é o *kaya* da essência da iluminação.

~ Assim termina o décimo segundo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que revela que o estado primordial de
Corpo, Voz e Mente está além da busca.

Capítulo 13

COMPORTAMENTO E ATIVIDADE

ESTE CAPÍTULO explica o comportamento extraordinário e a atividade iluminada [que se baseiam no entendimento] do estado primordial.

[O Bhagavan falou:]

Apego, raiva, ignorância, orgulho e inveja
é o grande Vajrayana em si.
Matar sem compaixão, [se engajar na] união sexual sem medo, comer sem [consideração de] puro e impuro, e oferecer o sêmen para si mesmo é a natureza do Vajrayana.
Ser impiedoso com os seres sencientes, roubar, [se engajar] na má conduta sexual, e não mendigar de outros são os compromissos do Vajrayana.[68]
Eles são o estado primordial espontaneamente surgido,
o estado real dos Vitoriosos, que sempre habita
na mandala de felicidade e clareza.
Este é o maravilhoso segredo do Vajrayana.

Quem deseja a iluminação suprema deve sempre venerar a si mesmo,
Deve venerar a si mesmo graciosamente, com todos os tipos de oferendas.
A jóia preciosa que realiza os desejos, assim como as maiores dádivas, deve ser oferecida a ti mesmo, e não ao Buda.

Em todos os campos búdicos, és a divindade universal;
assim, deves venerar a ti mesmo com todos os
tipos de adornos.[69]
Matar todos os seres sencientes agrada aos Vitoriosos,[70]
porque [tais seres] renascem como seus filhos.[71]
[Deve-se] sempre satisfazer o desejo sexual [dos outros].
Este é o estado primordial secreto
que nunca pode ser perdido.
Esta é a conquista da iluminação.

Mahasattva, ouça!
Mesmo que os *sugatas* dos três tempos que têm
conhecimento do [estado] maravilhoso corressem
rapidamente por um período infinito de tempo,
eles não poderiam chegar a nenhum lugar,
exceto à minha amplitude definitiva da realidade.
Curva-te diante de mim: estou além da existência
e do vazio da inexistência.[72]
Curva-te diante de mim, a dimensão da sabedoria suprema
de todos os [Budas] que, abrindo a boca da sabedoria,
destrói definitivamente o fundamento para os milhões de
corações que, perturbados pela ignorância, afirmam a visão
da realidade [concreta].[73]
Curva-te diante de mim, [pois] na era da extinção, sou a
forma inconcebível e insuportavelmente assustadora do fogo
ardente de *kalpa*.[74]
Curva-te diante de mim, [pois eu] tenho sede de um oceano
infinito de sangue, já que os inúmeros dilúvios torrenciais no
[final] de *kalpa* que aterrorizam todos os sistemas de
mundos nem mesmo molham a ponta da minha língua.

Curva-te diante de mim, pois possuo um Corpo que com o
som de apenas uma ponta de cabelo pode controlar os
poderosos ventos dos ciclones em espiral que destroem tudo
e agitam todos os sistemas de mundos, estilhaçando todos os
três mundos e as três esferas da existência.
Neste mundo, aquele que mata apenas alguns deuses e
homens é conhecido por todos como um aterrorizador. Mas
então, como alguém como eu - que consome e aterroriza
todos os seres animados e inanimados - deve ser chamado?
Eu consumi todos os Budas, mas estou insaciável.
Curva-te diante de mim, [pois eu], escondido da vista e
sedento [por teu sangue], ainda tenho que consumir todos os
seres sencientes.[75]
Por que alguém como eu, tão difícil de se opor, que causa a
partida da consciência individual e gera muitos filhos, seria
chamado de Samantabhadra [o Sempre Bom]?
Embora a dimensão do Corpo seja explicada por meio de
exemplos infinitos, esses são apenas métodos [para conduzir]
os incultos [ao princípio real].
Uma vez que os *siddhis* de Corpo, Voz e Mente,
independente de como são descritos ou concebidos, [já]
existem em ti, deves unir-te
com teu ser gracioso.
Para o sábio, as oferendas surgem de si mesmo.
As oferendas que surgem de si mesmo
devem ser oferecidas por si mesmo a si mesmo.
O sábio sempre emite o sêmen de si mesmo
através do princípio da união.[76]

Essa é a natureza da iluminação.
Este é o comportamento semelhante ao do céu.
Este é o comportamento maravilhoso do Vajrayana.

~ Assim termina o décimo terceiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que [explica] o comportamento e a atividade iluminada.

Capítulo 14

O SEGREDO MARAVILHOSO

ESTE CAPÍTULO explica o segredo maravilhoso.

[O Bhagavan falou:]
Se adornas teu corpo com o sêmen que surge de ti,
contemplas o Buda[77] e isto é puro deleite.
Assim, os sistemas de mundos ficam sob teu controle.
O corpo é a divindade do mantra.
Por sempre venerá-lo, alcança-te a iluminação.
Quem quer que o venere alcança os *siddhis*.
A voz e a mente também são símbolos [da divindade].
Qualquer tipo de conduta é o *nirmanakaya*.
[Uma vez que] os *siddhis* supremos se manifestam de ti,
a iluminação é alcançada rapidamente.
O corpo e a voz também são o Mantra Secreto,
permanecendo uniformemente como o espaço.
A mente não tem identidade a ser percebida;[78] assim, a
contemplação da divindade e os [métodos] do
Mantra Secreto não têm essência identificável na qual se
concentrar [a prática].

Ouça, Mahasattva!
Quando ficas na essência da iluminação, a condição de
vaziez não é [experimentada] como um objeto; assim, nem
mesmo permaneces [no vazio].[79]

No estado primordial, não existe mente que se esforce para atingir a iluminação; assim, não permaneces [nesta mente].
Em todos os fenômenos da existência, não há existência; assim, não permaneces [na existência].
Visto que não há mente na verdadeira natureza da realidade, [esta natureza] é totalmente pura e não-dual.
Visto que todos os seres sencientes são perfeitamente iluminados, a atividade mental é a iluminação perfeita.[80]
Uma vez que todos os seres sencientes são a divindade de sabedoria da mandala secreta suprema, eles são a manifestação secreta de todos os Budas.
Visto que os cinco grandes elementos que se originam de mim são as divindades da mandala secreta da sabedoria, os *siddhis* não devem ser recebidos de outro lugar: este é o grande segredo dos *sugatas* dos três tempos.

Mahasattva!
O estado primordial de todos os Budas surgiu de mim,
a Mente de todos os Budas.[81]
Por esta razão, o estado primordial de todos os Budas reside na Mente de todos os Budas.[82]

Sattva!
Tu deves entender desta forma.

Então Vajrasattva entrou na incrível contemplação
e falou estas palavras:

O estado primordial de todos os Budas reside
na Mente dos Budas.[83]

Através do meu conhecimento, eu, Vajrasattva [compreendi que] a condição da sabedoria primordial transcendente é sempre idêntica ao longo dos três tempos.[84]

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva! É assim mesmo!
Esta sabedoria Daquele que Manifesta a Forma [Vairocana] reside na Mente dos *sugatas*. Não se encontra nas letras de nenhuma [escritura], mas se manifesta claramente na mente.
A consciência dos afortunados é a letra suprema que é o grande significado; brota de dentro e não tem nascimento.[85]

Mahasattva!
Todos os bilhões de sistemas de mundos do universo são a dimensão da sabedoria de todos os Budas.
O estado primordial de todos os Budas é imaculado. É por isso que falei essas palavras.
O estado primordial de todos os Budas que surge exclusivamente da sabedoria[86]
é descoberto pelos próprios Budas.
Este é o segredo de todos os *sugatas*.

~ Assim termina o décimo quarto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica o segredo maravilhoso.

Capítulo 15

O ENSINO CRUCIAL DEFINITIVO

ESTE CAPÍTULO explica o ensino crucial definitivo sobre o Estado Primordial.

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva! Ouça!
Os tantras secretos dos *sugatas* têm três pontos essenciais:
o significado, o ensinamento crucial e a
[instrução] secreta definitiva.

O significado refere-se à constatação do significado definitivo, não ao significado provisório. A respeito disso, os *sugatas*, os fenômenos do mundo, e seus habitantes que permeiam o espaço, isto é, todos os fenômenos no universo de um bilhão de sistemas de mundos, sem exceção, são idênticos no sentido de que são Corpo, Voz e Mente.
A essência do Corpo, Voz e Mente é indivisível: não pode ser destruída, não pode ser cortada e não pode ser dividida por nada; desse modo, é a [natureza *vajra* indestrutível]. Uma vez que não existe qualquer coisa ou fenômeno que não esteja incluído em Corpo, Voz e Mente, tudo é definitivamente entendido como auto-aperfeiçoado em Corpo, Voz e Mente. É por isso que [as expressões] fenômenos *vajra* e Vajrayana são usadas.

O ensinamento crucial deve ser compreendido na meditação.
Meditação é a identidade ou não-dualidade
da divindade e de si mesmo.
Em relação ao que deve ser entendido,
O verdadeiro significado de todos os fenômenos deve ser
infalivelmente compreendido.
A natureza de si mesmo deve ser infalivelmente compreendida.
A visão deve ser infalivelmente compreendida.
O tantra secreto da Mente de Vajrasattva deve ser
infalivelmente compreendido.
A natureza de Vajrasattva deve ser
infalivelmente compreendida.
As qualidades de Vajrasattva, a manifestação, e a grande e
completa manifestação de Vajrasattva devem ser
infalivelmente compreendidas.
O comportamento de Vajrasattva, de que ele governa a
verdadeira natureza da realidade por meio de grande gozo, deve
ser infalivelmente compreendido.

A instrução secreta definitiva é o significado do
[estado] maravilhoso.
O segredo maravilhoso é que todos os fenômenos se originam de
mim, são criados por mim, se expandem a partir de mim e
eu me manifesto neles.
Eles emanam de mim e são reabsorvidos
na amplitude [de minha natureza].
Eu me deleito em todos os fenômenos que se originam de mim.
Revelo e proclamo a grandeza de mim mesmo nas qualidades
[que surgem de mim]. Eu me mostro totalmente nos fenômenos
que se originam de mim.

Quanto ao seu surgimento, os fenômenos se originam de mim e
são reabsorvidos em [minha] amplitude.
Não existe um único fenômeno que não se origine de mim ou
não seja eu mesmo.

~ Assim termina o décimo quinto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica o ensinamento crucial do
maravilhoso estado primordial secreto.

Capítulo 16

A MARAVILHOSA MANDALA SECRETA

ESTE CAPÍTULO irá explicar a maravilhosa mandala secreta.

[O Bhagavan falou:]

O que é a Mente de todos os Budas?
É a fonte de todos os *sugatas*.

As oito classes de consciência dos seres sencientes são as divindades da sabedoria surgindo de ti, a mandala da sabedoria na qual todos os segredos são unificados. As oito classes de consciência são as oito deusas da oferenda[87] e as oito substâncias para [implementar] os *siddhis*.[88]

Mahasattva!
As consciências das cinco portas são as seguintes: a porta do conhecimento profundo, a porta que não obstrui a conclusão dos tantras secretos, a porta que gira a roda do Dharma, a porta que é Corpo, Voz e Mente, e a porta que possui o fruto.

A mandala da mente que se manifesta claramente nas consciências dos cinco sentidos dos seres sencientes é o segredo da mandala secreta da grande reunião da roda das letras.[89]
Esta é [a mandala] dos objetos de consciência, os sentidos e as classes de consciência: a divindade da mente que transcende as marcas maiores e menores [de um *nirmanakaya* supremo].[90]
Portanto, a voz é a dimensão do passado. O corpo é a dimensão do presente. A mente é a dimensão do futuro.[91]

A voz é o caminho do passado. O corpo é o caminho do
presente. A mente é o caminho do futuro.
A voz é o domínio [do conhecimento] do passado. O corpo é o
domínio do presente. A mente é o domínio do futuro.

Mahasattva!
Por esta razão, o domínio do conhecimento dos Budas é a
morada secreta dos Budas.

~ Assim termina o décimo sexto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica a maravilhosa mandala secreta.

Capítulo 17

A MARAVILHOSA MANDALA DO GOZO TOTAL

ESTE CAPÍTULO explica a maravilhosa mandala.

[O Bhagavan falou:]

A mente, a amplitude de igualdade da condição natural, é o
conhecimento autêntico dos Budas.
A condição perfeita e natural sem identidade é o
caminho puro além das letras.[92]
Mas uma vez que não há para onde ir; não há caminho.
Os cinco objetos de experiência [dos sentidos] são os
ornamentos da manifestação da sabedoria.
Apego, raiva e ignorância são os caminhos da sabedoria
de onde surgem os Budas.
Eles são o estado primordial de Corpo, Voz e Mente.
O estado primordial é o caminho da libertação, o caminho para
os seres afligidos pelas emoções que permanecem [confinados]
no oceano da transmigração.
Devido ao seu grande método, o estado primordial é o único
segredo capaz [de libertar os seres].
A grande oferenda é o gozo total. O grande apego é a
alegria suprema.
A grande oferenda é a raiva total. A raiva total é a
iluminação perfeita.
A grande oferenda é a ignorância total. A mente ignorante

dissipa a ignorância.
A grande oferenda é a inveja total. A inveja total é o gozo supremo.
A grande oferenda é o orgulho total. O orgulho total é o orgulho supremo.[93]

Ouça, Mahasattva!
A morada do inferno nunca existiu, exceto como um lugar para o estado primordial se manifestar para que a energia compassiva do Tathagata possa ser exibida. Não há causa para o inferno, nem ele tem qualquer realidade.

Mahasattva!
Fenômenos que não nascem nunca nascerão.
A mente dos Budas e dos seres sencientes é não-dual e, portanto, idêntica.
Os infinitos e ilimitados bilhões de sistemas de mundos do universo são os campos búdicos totalmente puros.[94]
Nos bilhões de sistemas de mundos do universo,
nem samsara nem nirvana existem:
eles são a mandala da qual surge o gozo total que é
a verdadeira natureza da realidade.[95]
Por esta razão, a sabedoria do estado primordial se manifesta claramente na Mente de todos os Budas. Ela transcende objetos concebidos pela consciência e habita na Mente de todos os Budas como o segredo do gozo supremo.
Este é o estado primordial secreto.

~ Assim termina o décimo sétimo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que [explica] a maravilhosa mandala do gozo total.

Capítulo 18

A MARAVILHOSA MANDALA

ESTE CAPÍTULO explica a maravilhosa mandala.

Mais uma vez [o Bhagavan] disse:

Mahasattva!
Tu conheces o estado autêntico de um Buda,[96]
e sempre encontra-te no estado de iluminação.
Como o espaço, não tens apego.[97]
Sem permaneceres em lugar algum, és o definitivo.
Tu conheces [a real] natureza dos cinco agregados.[98]
Também entendes o estado inalienável,
E ficas no caminho imutável.
Sabes o significado da falta de natureza inerente,
e ficas no caminho da falta de natureza inerente.

Na essência que não nasce de tua mente,
não há causa para o nascimento como um ser senciente.
Já que não tens ignorância, não existe samsara para ti.
Sem entrar no nirvana, permaneces para sempre;
não há caminho para o nirvana.

Os fenômenos da existência não têm realidade inerente.
A natureza de todos os fenômenos existe somente como a pureza do corpo, voz e mente.
Já que não existem seres sencientes, não existem Budas.
Não permanecendo no caminho da iluminação,

imaculado pelos defeitos do samsara,
encontra-te na porta da libertação completa.

Então, pela fé, todos os Budas se reuniram em torno do Bhagavan, o Grande Vairocana, que estava permanecendo na essência da iluminação, e como com uma só voz eles falaram:

Sábio do Mundo! Buda perfeito!
Tu ensinaste que aqueles que, no início, meditam na mandala insuperável do estado primordial,
habitam na essência da iluminação.
Para o benefício de todos, por favor, explique as ações dos Budas do presente, passado e futuro renomados no mundo inteiro.

Então, com essas palavras, [o Bhagavan] explicou perfeitamente o que os Budas, os protetores, haviam solicitado:

O único remédio que beneficia os seres sencientes que vivem nos três mundos é o estado primordial; não há outro.
Uma vez que o princípio do estado primordial é reconhecido, a causa dos fenômenos do samsara não existe mais e, portanto, a iluminação é alcançada rapidamente e tu ficas no gozo que não surge nem cessa.[99]
A essência autêntica que se manifesta por meio dos [estados] secretos de Corpo, Voz e Mente é chamada de estado primordial. O reconhecimento de sua manifestação é chamado de maravilhoso estado primordial.
Esta jóia suprema e secreta é a mandala dos Budas [e] o segredo dos Budas. É o caminho insuperável nos três mundos.

Uma vez que todos os [vários] níveis [de realização][100]
são indivisíveis, [todos] os níveis são aqueles

do estado de iluminação.
Os iogues que têm consciência total de seu próprio estado
meditam em todos os princípios secretos como um só.
A sabedoria, surgindo espontaneamente, é o estado primordial.
Todos os Budas são manifestados por [teu estado] real.
Todas as divindades da sabedoria surgem de ti.
Esta é a dimensão do Corpo maravilhoso,
a mandala secreta suprema.

Não há necessidade de recitar mantras ou de oferecer serviço
[à divindade].
Não há necessidade de gerar a [intenção altruísta]
da mente da iluminação.[101]
Não há necessidade de invocar a divindade do lado de fora.
As oferendas não são apresentadas a mais ninguém.
Os *siddhis* não devem ser solicitados a mais ninguém.[102]
O estado primordial de todos os Budas é a compreensão da
[realidade] insuperável.
Qual é a sabedoria ensinada pelo Vitorioso?
O próprio Buda não sabe:
é dito que essa é a essência da mandala.

Mahasattva!
Esta mandala secreta suprema é conhecida pelos Budas.
As ações dos múltiplos seres sencientes são o segredo supremo,
no qual é a atividade dos próprios Budas.[103]

~Assim termina o capítulo dezoito de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica a mandala maravilhosa.

Capítulo 19

MEDITAÇÃO

ESTE CAPÍTULO explica o significado da meditação no estado primordial.

[O Bhagavan falou:]

Para quem descobriu a jóia dos três mundos, tudo o que é
desejado é realizado, e este mundo se torna a
[gema] preciosa que realiza desejos.[104]

Mahasattva!
O universo de um bilhão de sistemas de mundos é a jóia preciosa
que realiza desejos.

Ao ouvir essas palavras, o Herói Vajrasattva sentiu espanto e medo e, levantando-se de seu assento, fez várias oferendas. Ele falou jubilosamente estas palavras:

Com uma mente alegre eu te louvo, Vairocana, que possui o
olho *vajra* vitorioso.
Iluminado antes de todos os Budas, não tens absolutamente
nenhuma mancha de desconhecimento.

Como um conquistador glorioso, possuis
a glória da riqueza e do poder.

Com uma tez radiante e a magnificência de um sol *vajra,*
sorrindo e [exibindo] feitos maravilhosos,
és o deleite mais maravilhoso.

Todos os Budas, que entendem os fenômenos [como] um lótus em plena floração, se deleitam no estado primordial.
Compreendendo o princípio real em um instante e, assim, tornando-se a própria essência da iluminação,
eles despertam em Vajrasana.
O estado primordial cuja [realização] é aperfeiçoada neste caminho é a felicidade nesta vida, felicidade no futuro e a felicidade dos Budas; é aperfeiçoada no estado de iluminação e, portanto, [concede] fortuna igual à dos Budas.[105]

O insuperável Mestre sorriu, mostrando que estava muito satisfeito.
Assim, ele ensinou a lamparina secreta da Mente:

A meditação sobre o maravilhoso estado primordial rapidamente traz os seres à iluminação, devido a não nascer, o maravilhoso estado primordial não é manchado por emoções e carma.
Este estado primordial é a própria iluminação.
Sem reunir as acumulações,[106] é instantaneamente aperfeiçoado.
Como tua essência é o mantra natural,
a essência da prática não está perdida.
Quando percebes tua própria essência, tudo o que desejas é a dimensão auto-aperfeiçoada.[107]

Meditas sobre ti mesmo; não meditas no Buda.
Expressas a ti mesmo; não pronuncias o [mantra] essencial;
Vês a ti mesmo; não vês o Buda.
Vês os três *kayas*; não vês a ti mesmo.
Vês gozo; não vês samsara.

Meditando em ti como tua própria divindade, o mérito e a sabedoria são instantaneamente aperfeiçoados.

Como o mantra natural é aperfeiçoado em tua essência, a
essência da prática não se perde.
Moves teus membros; não realizas mudras.
Convidas a ti mesmo; não convidas o Buda.[108]
Fazes oferenda a ti mesmo; não fazes oferendas ao Buda.
Vês a ti mesmo; não vês o Mestre.[109]
Vês teu mestre; não vês o Buda.
Vês *dharmakaya*; não vês forma.
Olhas para teu próprio corpo; não olhas para as marcas menores
[do Buda].

Uma vez que a sabedoria autêntica foi reconhecida através da
união [com teu estado] a partir da qual todas as [qualidades]
insuperáveis surgem, em nenhum momento tornas-te
tua própria divindade.
Esta é a glória de todos os Budas.

A sabedoria primordial dos Budas é a perfeição de todos os
[tipos de] conhecimento. Essa é a mandala insuperável que foi
ensinada pelos Budas, os *tathagatas*.
[Assim] a libertação [ensinada] nos três veículos
existe como resultado do único veículo.[110]

~ Assim termina o décimo nono capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que [explica] a meditação maravilhosa
sobre o estado primordial.

Capítulo 20

O MARAVILHOSO GOZO DO SEGREDO SUPREMO

ESTE CAPÍTULO explica o maravilhoso
gozo do segredo supremo.

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva!
O remédio supremo para viver feliz e sem doenças é o estado
primordial, é o remédio supremo para os três tempos. Todos os
medicamentos do mundo são apenas isso.
Aquilo que é manifestado pelo estado primordial, como a árvore
abundante que satisfaz todos os desejos,
através do gozo da iluminação,
sempre se torna o coração da iluminação suprema.[111]

Mahasattva!
Os cinco agregados são as cinco famílias iluminadas; eles são a
mandala secreta na qual as cinco famílias estão completas.
Com relação à mandala autêntica, as múltiplas características da
forma, manifestando-se variavelmente, existem como a família do
Tathagata auto-aperfeiçoada com suas divindades machos e
fêmeas, bodhisattvas machos e fêmeas, e assim por diante.
O significado desta [mandala] é que ela reúne, congrega e é
totalmente completa.

Nesse sentido, [visto] que reúne e congrega, é [chamada] de
centro. [Uma vez que] aparece com características individuais,
[é chamada] de círculo.[112]
Esta é a mandala da iluminação real e perfeita de
Vairocana da família do Tathagata,
a mandala que é vitoriosa sobre os três mundos.
Sua dimensão é o *kaya* da sabedoria que surge espontaneamente,
residindo na essência da iluminação.
Seu estado primordial é o estado primordial da verdadeira
natureza da realidade.
Seu mudra é o mudra da iluminação suprema.
Seus rostos olham nas quatro direções; portanto, nos tantras
secretos é chamado de Vairocana, o Oni-Facial.
Seu nível [de realização] é o nível da sabedoria suprema.

Mahasattva!
Os vários sentimentos que surgem espontaneamente do agregado
da forma são o agregado do sentimento, espontaneamente
perfeito como a família Jóia (Ratna) com suas
divindades machos e fêmeas auto-aperfeiçoadas,
bodhisattvas machos e fêmeas e assim por diante.
Uma vez que [esta mandala] unifica [tudo] enquanto é
desprovida de natureza inerente, ela é chamada de centro. [Uma
vez que] múltiplas [manifestações] estão reunidas nela, é
chamada de círculo.
Esta é a grande mandala da iluminação perfeita de
Ratnasam bhava
chamada "a fonte das jóias",
a manifestação da mandala de grande poder.

Seu estado primordial é o estado primordial como a Mente preciosa. Seu mudra é o mudra que confere poder. Sua dimensão é o *kaya* que é a fonte das jóias. Seu nível [de realização] é o nível da grande reunião da roda das letras.[113]

Mahasattva!
As várias percepções que surgem do agregado do sentimento
são a família Lótus (Padma).
Ou seja, o surgimento de vários sentimentos é a família Lótus
espontaneamente perfeita
com suas divindades machos e fêmeas auto-aperfeiçoadas,
bodhisattvas machos e fêmeas,
e assim por diante.
Assim, são a mandala que surge espontaneamente da verdadeira natureza da realidade, a mandala que põe em movimento a roda do Dharma, também chamada de mandala que é a fonte da energia compassiva.
Sua dimensão é o *kaya* do mérito.
Seu estado primordial é a sabedoria totalmente expansiva.
Seu nível [de realização] é o nível do portador do *vajra*.
Seu mudra é o *dharmamudra*.

Mahasattva!
As várias ações que surgem do agregado da percepção são a família Ação (Carma); isto é, as múltiplas volições são a família Ação espontaneamente presente com suas divindades machos e fêmeas, bodhisattvas machos e fêmeas, e assim por diante.
[Sua] iluminação perfeita surge de si mesma,
a mandala que doma os seres vivos.

Seu estado primordial é o *vajra*.
Sua dimensão é o *sambhogakaya*. Seu mudra é o *karmamudra*.
Seu nível [de realização] é o nível supremo de Samantabhadra.

Mahasattva!
As várias consciências ativas que surgem naturalmente do agregado das volições são o agregado da consciência, a família *Vajra*.
As múltiplas consciências são espontaneamente perfeitas como a família *Vajra* com suas divindades machos e fêmeas, bodhisattvas machos e fêmeas, e assim por diante.
Elas são a mandala que se manifesta no início como o perfeitamente iluminado [Akshobhya], a mandala da perfeição total que é a amplitude totalmente pura de todos os [fenômenos].
Seu estado primordial está além dos conceitos.
Sua dimensão é o *kaya* da essência *vajra*.
Seu mudra é o *samayamudra* secreto.
Seu nível [de realização] é o nível além da ação.

Mahasattva!
Entre as mandalas dos *tathagatas*, essas são as mais secretas das grandes [mandalas] secretas.
Na verdade, uma vez que nos cinco agregados se agrupam e congregam múltiplas famílias iluminadas, muitas divindades machos e fêmeas, muitas cores, muitas sabedorias, muitos [aspectos do] Corpo, muitos [aspectos da] Voz e muitos [aspectos da] Mente, muitos implementos manuais, muitos mudras e muitas mandalas de sabedoria, eles são as mandalas dos aglomerados.

Uma vez que todos os segredos estão incluídos nelas, são as
mandalas que unificam [todos] os segredos.

Assim, as mandalas supremamente secretas e maravilhosas,
insuperáveis nos três mundos, foram explicadas.
Essas cinco mandalas não são construídas em etapas.
Na verdade, as cinco formas [dos cinco Budas], espontaneamente
aperfeiçoadas, estão naturalmente presentes em qualquer forma
singular meditada na contemplação da divindade,
e todas as cinco mandalas se manifestam
espontaneamente aperfeiçoadas em uma única mandala
que não precisa ser construída ou gerada.
O estado primordial se manifesta naturalmente
como os cinco [aspectos do]
estado primordial da verdadeira natureza não-nascida
da realidade e, portanto,
é a mandala suprema que surge espontaneamente.
Mudras também se manifestam naturalmente; assim, eles são
auto-originados, mudras supremos.
Da mesma forma, dimensões, sabedorias, famílias iluminadas,
implementos manuais e cores, todos se manifestam,
completamente aperfeiçoados, de uma única [fonte] e
existem naturalmente.
Não há nível de iluminação insuperável nos três mundos que seja
mais elevado do que o maravilhoso segredo supremo;
assim, [o estado maravilhoso] é o nível perfeito.
Na verdade, em cada ser vivo do universo infinito, ilimitado e
inconcebível de um bilhão de sistemas de mundos,
as cinco mandalas estão naturalmente presentes,
e nas características de cada um dos

cinco grandes [elementos do] mundo exterior,
as cinco mandalas estão perfeitamente presentes.

Em cada uma das formas inconcebíveis dos *sugatas*, as cinco
mandalas estão perfeitamente presentes.
Portanto, elas são o próprio segredo maravilhoso,
o maravilhoso estado primordial,
a mandala maravilhosa,
a visão maravilhosa,
a maravilhosa realidade total,
o Buda maravilhoso,
a manifestação e emanação maravilhosas,
o conhecimento maravilhoso,
a sabedoria maravilhosa,
a maravilhosa e milagrosa total exibição mágica,
a atividade maravilhosa,
o Corpo, Voz e Mente maravilhosos,
os três tempos maravilhosos
e as três [esferas da] existência maravilhosas.

~ Assim termina o vigésimo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica a maravilhosa mandala
do segredo supremo.

Capítulo 21

O GOZO TOTAL
DO SEGREDO SUPREMO

ESTE CAPÍTULO explicará o gozo total do segredo supremo.

[O Bhagavan falou:]

Mahasattva!
Portanto, o que poderia ser a causa do nascimento
de seres sencientes que não são Budas?
Que fenômeno e verdadeira natureza dos fenômenos existem
concretamente que não seja o estado primordial?
Todas as mandalas definidas como tais estão incluídas em mim,
a mandala perfeita.[114]
O que quer que seja chamado de mandala é a mandala de
sabedoria que reside na Mente.
A sabedoria *vajra* suprema é revelada na união
com teu próprio estado.
Tudo é a mandala surgida espontaneamente.
Nem mesmo o Buda possui uma qualidade que não esteja
incluída nas cinco mandalas.

Ouça, Mahasattva!
Todos os seres sencientes que nascem são Budas
além do nascimento, totalmente puros na amplitude
[da verdadeira natureza da realidade].

Essa essência do estado primordial foi ensinada
pelo Buda secreto.
Por que foi ensinado aos Budas?
O estado primordial é como uma navalha, como uma espada
temperada com óleo de gergelim.[115]
O estado primordial é o caminho universal.
Como um lótus, não está manchado pela [lama de] defeitos;
é como o fogo [no final] de *kalpa*:
independente do sofrimento [experimentado]
e da ação má cometida,
alcançarás a insuperável obtenção final da libertação.[116]
O Buda, o Dharma, a Sangha
e todas as [qualidades] insuperáveis
residem em meu estado primordial.
Além de todas as marcas maiores e menores, como uma jóia
preciosa que realiza desejos, somente a dimensão do Corpo,
auto-aperfeiçoada sem ter que desejar por isso,[117]
existe nesses três mundos.
Somente isso é o nível de grandeza suprema.
No deleite do segredo supremo,
tudo permanece somente como a ti mesmo.[118]
Visto que os três mundos não existem e, portanto, não há lugar
[para a mente] permanecer,
a mente e a natureza definitiva da realidade são uma.

~ Assim termina o capítulo vinte e um de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica o gozo do segredo supremo.

Capítulo 22

A VISÃO MARAVILHOSA

ESTE CAPÍTULO explica a visão maravilhosa.

[O Bhagavan falou:]

Ouça, amigos!
O estado primordial é o Buda real.
Aquele que entende esse princípio dessa forma
é um iogue que sempre permanece em regozijo.

O reino do inferno é o caminho insuperável.
É assim que o lugar do inferno é experimentado:
as multidões de *yakshas*, *rakshasas* e *yamas*
são vistas como Budas por todos
[aqueles que têm conhecimento].
Na realidade, não há causa para o inferno;
[assim,] o inferno é visto como sem causa por todos
[que têm conhecimento].
As guirlandas das chamas do inferno são o estado primordial, e
[assim] o dano é suprimido.
Portanto, não existem iogues, [mas] apenas Budas.
Não há caminho nem trilhar [num caminho].
Não há Buda e nenhuma causa [para o estado de Buda].
Não há iluminação nem um nome [para isso, e]
não há nível de iluminação.
Não há seres sencientes nem há qualquer vida.
Não há emoções e não há samsara.

Não há gozo e nem realização final.
Não há esperança nem medo.
Não há nenhuma morada e nenhum lugar [para habitar].
Não há veículo nem acesso.
Não há aspiração nem prática.
Não há abandono nem aceitação.
Visto que não há lugar para a essência da mente permanecer,
[a essência da mente] é o estado primordial
sobre o qual não se pode meditar.[119]

~Assim termina o vigésimo segundo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica a maravilhosa visão suprema e secreta.

Capítulo 23

CONQUISTA SEM ESFORÇO

ESTE CAPÍTULO explica a razão da ausência de busca,
a razão da conquista sem esforço.

O Mahasattva disse:
Bhagavan!
É uma grande maravilha que eu e todos os *sugatas* não tenhamos
visto ou compreendido anteriormente [este princípio].
Este Dharma supremamente secreto é diferente dos
[outros] veículos dos *tathagatas*.
Não é o mesmo que qualquer veículo do Mantra Secreto.
É um ensinamento não compartilhado por nenhum veículo
[e no qual] não existem fenômenos ou natureza dos fenômenos
que não sejam o estado primordial.
Visto que [neste ensinamento] a palavra Buda não existe,
não existe nem mesmo o termo ser senciente.
Além de [ensinar] a encantadora manifestação de energia,
nem mesmo a palavra sofrimento existe.
A roda dos fenômenos da existência cíclica que gira dentro do
próprio estado de Corpo, Voz e Mente não é samsara.
Portanto, a causa do samsara e dos fenômenos do samsara
nunca existiram.

Este ensino leva diretamente ao nível de iluminação, portanto,
nem mesmo se fala do inferno.

Nesse ensino existe apenas onisciência, portanto
nem mesmo se fala em ignorância.

Este é um Dharma no qual se entende o significado real
sem erros.

Para o benefício de todos os *sugatas* dos três tempos e para meu
[benefício], tu ensinaste a instrução secreta do
segredo maravilhoso em sua totalidade,
a lamparina secreta do precioso estado primordial,
e assim explicou o maravilhoso estado primordial
que é o verdadeiro significado de ti mesmo.
[Agora, minha pergunta é:]
Qual é a causa da onisciência [de um Buda]?

O Bhagavan, o Senhor Onisciente do Dharma, falou:

Mahasatttva! Ouça!
O Buda, o Bhagavan, é onisciente porque ele reuniu
perfeitamente o acúmulo ilimitado de mérito infinito.[120]
O Buda totalmente iluminado é onisciente porque é
a fonte de qualidades ilimitadas.
O Buda totalmente iluminado é onisciente porque
aperfeiçoou métodos infinitos e autênticos.
O Buda, o Bhagavan, é onisciente porque
possui uma sabedoria insuperável.
O Buda, o Bhagavan, é onisciente porque
acumulou conhecimento ilimitado de *prajna*.
O Buda, o Bhagavan, [possui] atividades imensuráveis.
O Buda, o Bhagavan, faz com que
incontáveis seres se tornem receptáculos dignos.

O Buda, o Bhagavan, ensina de acordo
com a realidade e age de acordo com isso.

Ele trabalha para o benefício dos seres sencientes
de acordo com suas condições.
Ele trabalha para o benefício dos seres sencientes
de acordo com suas inclinações e, sendo onisciente,
ensina considerando as [capacidades] dos discípulos.

Mahasattva!
A voz é o discuro *vajra*.
União é a compreensão de que corpo, voz e mente
não estão separados, mas são indivisíveis e sem distinções.
É [chamada] união
porque dá origem a esse entendimento.
A libertação é a natureza indestrutível
que é a indivisibilidade do corpo, voz e mente,
o *vajra* que não permanece em lugar nenhum.
Este é [o significado da] libertação.[121]

Ouça!
Esta essência definitiva de todos os fenômenos é
uma grande maravilha.
Eu sou o ioga de *prajnaparamita*.
Se não houvesse *prajnaparamita*, as [outras] nove *paramitas*[122]
não teriam qualquer sentido
e não haveria nenhum caminho para a libertação.
Uma vez que não haveria nada a ser mantido
[como a essência secreta], ninguém estaria no nível de um iogue e
tudo seria sem sentido.

Então [o Bhagavan] entrou na contemplação manifesta e novamente falou:

Para o Tathagata, em todos os fenômenos não há iluminação,
e a assim chamada amplitude da verdadeira natureza da realidade não existe.
Essa própria inexistência é a amplitude definitiva
da verdadeira natureza da realidade.
Quando te tornas especialista em todas as visões, todo o treinamento desmorona.
Qualquer forma de treinamento não é o treinamento [real].
Não treinar em nada é o treino de mim, o sábio.[123]
Aqueles que desejam a iluminação não alcançam a iluminação e estão longe da iluminação suprema
como a terra e o céu [estão distantes um do outro].[124]
Aquele que compreende esta verdadeira natureza da realidade
alcança rapidamente a iluminação.

~ Assim termina o vigésimo terceiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica a conquista sem esforço.

Capítulo 24

TODAS AS QUALIDADES SÃO APERFEIÇOADAS NO CORPO

ESTE CAPÍTULO explica que, uma vez que ninguém se
realizou em contemplar a dimensão do Corpo,
todas as qualidades são aperfeiçoadas no Corpo.

Então [o Mestre] entrou na contemplação chamada
Permanência no Décimo Nível e falou o seguinte:

O estado primordial em que as dez *paramitas*[125]
são espontaneamente aperfeiçoadas é maravilhoso.
Este maravilhoso estado primordial
é a perfeição de todos os fenômenos,
o tesouro de todos os fenômenos,
o tesouro inesgotável,
a iluminação perfeita e completa
no estado primordial insuperável.
Até mesmo o Tathagata, o Buda totalmente iluminado,
nada mais é que esta *prajnaparamita*.
Esta natureza definitiva de todos os fenômenos
é uma grande maravilha.

Quanto à diferença entre o caminho e o fruto,
o que é alcançado por um bodhisattva é o conhecimento de tudo
e, portanto, conhecimento.
O que é alcançado por um Buda é a sabedoria da onisciência
e, portanto, a sabedoria primordial.

Sempre desfruto dos fenômenos originários do corpo.
Desfruto dos fenômenos originários da mente.
Desfruto dos fenômenos originários da voz.
Desfruto dos fenômenos originários dos fenômenos.
Compreendo perfeitamente [tudo] distintamente,
sem impedimentos,
como se fosse um brocado de Varanasi.[126]

Mais uma vez [o Bhagavan],
tendo revelado a instrução secreta sobre o estado primordial,
proclamou o significado definitivo:

Vajrasattva!
Visto que não existe nenhuma divindade meditativa,[127]
o senhor dos iogues não precisa depender de outro.
O estado primordial difícil de encontrar é a
dimensão do Vitorioso.

Difícil de perceber [mesmo] pelos Budas dos três tempos,
a consciência total de ti mesmo surge dessa amplitude
[que é o maravilhoso estado primordial].
A iluminação não existe em nenhum outro lugar.

~ Assim termina o vigésimo quarto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que [explica que] todas as qualidades
são aperfeiçoadas no Corpo.

Capítulo 25

COMPROMISSOS

ESTE CAPÍTULO explica os compromissos
a serem observados.

[O Bhagavan falou:]

Os oito compromissos do maravilhoso estado primordial são:
primordialmente não-nascido, primordialmente não-surgido,
primordialmente ausente, primordialmente vazio,
primordialmente inexistente, onipresente,
singular e auto-aperfeiçoado.
Assim [o estado primordial], não tendo nascimento,
nunca morre.
Como nunca apareceu, não desaparece.
Visto que não permanece [em lugar nenhum], é o nirvana.
Livre de sujeito e objeto, é primordialmente vazio.[128]
Inexistente, é o compromisso.
Mantendo esse único [princípio], todos os [compromissos]
são observados.
Sendo onipresente, os compromissos estão além da
divisão e enumeração.
Sendo o universo de mil sistemas de mundos,[129]
não há nada superior;
assim, o único [estado] é o
compromisso de Atiyoga.

Eterno e imutável, não muda e é auto-aperfeiçoado.
Os compromissos do estado maravilhoso também podem ser contados como vinte e cinco.[130]

[Os compromissos] em que não há nada a observar são entendidos como três [de Corpo, Voz e Mente]:

A Mente não desconhece e, portanto,
uma vez que entende tudo,
[nenhum compromisso] precisa ser observado.

Nada existe que não esteja perfeitamente contido na Voz;
assim, [nenhum compromisso] precisa ser observado.

No Corpo tudo é espontaneamente perfeito
e seu desfrute não é impedido por nada;
assim, nenhum compromisso [precisa ser observado].

Por esta razão, todos os [compromissos de]
Corpo, Voz e Mente que não requerem observância são
compreendidos sem ter que ser aprendidos.
Uma vez que todos os [compromissos] não devem ser
observados, e tudo o que deve ser mantido [já] está completo,
não há nenhum [compromisso] a ser observado.
As cinco dimensões do Corpo são auto-aperfeiçoadas
[e seus compromissos] estão além da necessidade
de serem observados.
Possuo a sabedoria suprema e insuperável e todas as qualidades
perfeitas de grandeza; assim,
eu sou este maravilhoso estado primordial,
completamente vitorioso sobre os três mundos.

Da coleção das grandes [escrituras] secretas,
o conhecimento de Vajrasattva,
o mais supremo de todos os segredos,
foi ensinado.

~ Assim termina o vigésimo quinto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
um ensinamento,
a quintessência de todos os segredos,
explicando os compromissos que
não devem ser observados.

Capítulo 26

CORRIGINDO ERROS E VIOLAÇÕES

ESTE CAPÍTULO explica como o princípio do
maravilhoso estado primordial
corrige todos os erros e violações [dos compromissos].

Vajrasattva perguntou ao Mestre:

Como é a energia desta maravilhosa realidade total?

O Senhor Onisciente do Dharma, o Mestre, falou:

[Como] um grande raio de ferro meteórico que [destrói] mil
montanhas [em um instante], [a compreensão do estado
primordial] pode destruir de cima para baixo
uma montanha de neve cheia de erros
para que se derreta e se acumule em um oceano de néctar.[131]
Na vastidão de cem mil contemplações,
graças a este [estado primordial]
não pode haver violações [dos compromissos].

Vajrasattva se dirigiu ao Mestre novamente, dizendo:

[A respeito disso, por que] o tantra da Mente secreta
fala de todos os átomos dos reinos com os duzentos e setenta
Montes Merus [que se manifestam] nos *kalpas*?

O Mestre, o Senhor Onisciente do Dharma [falou]:

O universo inteiro de um bilhão de sistemas de mundos tem a
mesma natureza do estado maravilhoso.

Na verdade, por meio [do poder do] maravilhoso estado primordial, o *vajra* da meditação pode pulverizar até mesmo aqueles duzentos e setenta Montes Merus.[132]

Assim, ele falou.

[O Bhagavan disse novamente:]

Por esta razão, a dimensão do Corpo
do maravilhoso estado primordial é chamada de
"o universo de mil sistemas de mundos".
A Voz é chamada de
"sabedoria manifestada no espaço".
A Mente é chamada de
"aquilo que se assemelha a um cinzel *vajra* na abódada celeste".[133]

Além disso, o Corpo maravilhoso é chamado de
"a dimensão do Corpo que reside na essência da iluminação".
A Voz maravilhosa que permanece
na essência da iluminação é chamada de
"aquela que verdadeiramente desvenda o sentido
[do Ensinamento]."
A Mente maravilhosa de inteligência inesgotável
é a Mente que realiza os desejos,
"a Mente da sabedoria; a Mente suprema."

Assim ele falou.

[Novamente o Mestre disse:]

Além disso, o tantra da Mente secreta afirma:
"Do Corpo do céu [surge] a [manifestação] maravilhosa.
A Voz do céu é a revelação do caminho.

A Mente do céu é a Mente suprema.
O céu maravilhoso é a morada suprema."[134]
Assim, o Corpo, a Voz e a Mente celestes são explicados.

Então, o Corpo, a Voz e a Mente da terra
[ou dimensão material][135]
são explicados da seguinte maneira:

O Corpo da terra - [isto é, a dimensão material]
consistindo nos duzentos e setenta Montes Merus e de todos os átomos existentes nos reinos [que aparecem] nos *kalpas* -
é a dimensão do estado maravilhoso
que é o universo de um bilhão de sistemas de mundos.
Os mundos desta terra têm cem mil Montes Merus para cada um dos duzentos e setenta Montes Merus.[136]
Em cada átomo existente nos reinos [que aparecem] nos *kalpas*,
o maravilhoso estado primordial é incomensurável:
[se manifesta] como o Monte Meru, continentes e terra, e tudo o que aparece e existe, incluindo todos os seres que vivem dentro [desta dimensão].

Se tudo isso fosse devorado, eu sou aquele que não seria devorado: isso é quem eu sou.[137]

~ Assim termina o vigésimo sexto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
[que explica] a correção de erros e violações.

Capítulo 27

A DISTINÇÃO ENTRE AS LUZES

ESTE CAPÍTULO irá explicar a distinção entre as luzes.

[O Bhagavan falou:]

A dimensão do Corpo do maravilhoso estado primordial
resplandece como a luz do fogo:
o apego resplandece como luz,[138]
a raiva resplandece como luz,
o orgulho resplandece como luz,
a inveja resplandece como luz
e a ignorância resplandece como luz.

Da mesma forma, os cinco agregados que são as cinco dimensões
do Corpo brilham como luz, e essas [luzes] são as cinco
dimensões do Corpo do maravilhoso estado primordial,
brilhando de dentro de si mesmo.
Da mesma forma, as cinco consciências
também resplandecem como luz:
os olhos, ouvidos, nariz, língua e [consciências] mentais
resplandecem como luz.
Da mesma forma, os cinco objetos externos[139] também
resplandecem como luz. Todos os cinco [elementos]
de terra, água, fogo, ar e espaço
resplandecem como luz.

[No entanto,] maior e mais luminosa é a luz da sabedoria,
a luz total proveniente da luminosidade
do rei que é a tua própria consciência,
o maravilhoso estado primordial.
Por meio dessa [consciência], a escuridão do samsara é superada
pela luz e, portanto, [samsara], além do sofrimento desde o
início, é chamado de iluminação.
Essas luzes são as luzes do estado maravilhoso.
Para os [seres que experimentam] o sofrimento
do nascimento, velhice, decadência e morte,
o maravilhoso estado primordial que é o gozo total
é o remédio supremo para [assegurar] uma vida feliz e saudável.
Ele transcende os três tempos e os três mundos; portanto, é
chamado de nirvana.

[Desta forma,] o Mestre, enquanto permanecia na essência da
iluminação, olhando para Vajrasattva, deu os ensinamentos
[elevados] sobre a realidade maravilhosa chamados de
o maravilhoso estado primordial.
Durante aquele tempo, na abençoada terra pura do palácio não-
dual de Alakavati,[140] o Bhagavan não mencionou nem mesmo as
palavras esforço ou progresso gradual de um nível a outro dos
nobres *shravakas*, dos *pratyekabuddhas* e dos [seguidores] dos
sutras do Mahayana [que estão submersos]
no oceano de sofrimento da busca.
Ele revelou o significado do insuperável
Grande Veículo do Mantra Secreto,
e uma vez que os Budas das cinco famílias, os *sugatas* dos três
tempos, e [seu] estado de realização são claros e puros na esfera
da verdadeira natureza da realidade,

por meio da união não-dual de bodhisattvas machos e fêmeas e por meio do princípio do não-esforço, ele secou o oceano de sofrimento da busca. Assim [ele ensinou] que a visão total da sabedoria surge perfeitamente da consciência, e isso corresponde ao significado fundamental [deste ensinamento].

O significado das palavras [deste ensino] tem três aspectos:
apresentação da grandeza do princípio
[do estado primordial] em poucas palavras;
apresentação da realização final como Corpo, Voz e Mente;
e apresentação [do princípio] em versos elegantes.

Quanto à [apresentação do] significado [em poucas] palavras,
este Maravilhoso Estado Primordial é proclamado pelo
Bhagavan, o glorioso Samantabhadra,
de dentro da amplitude do estado de regozijo de sua Mente,
em prol dos *sugatas* dos três tempos,
estendendo sua língua da mandala secreta de sua Mente.
[Suas palavras] representam o significado literal.

Quanto à apresentação da realização final como
Corpo, Voz e Mente [, é dito]:
Ela existe desde o início e permanece para sempre.
Imutável, é o *kaya*.
Inconcebível, é o *nirmanakaya*.
Auto-aperfeiçoada, é o *sambhogakaya*.
Além da ação e da busca, é o *kaya* que reside na
essência da iluminação.
Como é a fonte da manifestação da variedade,
é o *kaya* da própria natureza da sabedoria.

Destas e outras [declarações que exaltam] as qualidades especiais do Mantra [Secreto], o *kaya* da amplitude da realidade definitiva dos *sugatas* é compreendido.
A partir deste *dharmakaya*, a luz da sabedoria se manifesta.
Consequentemente, essa luz - por meio da sabedoria e do *kaya* da amplitude da verdadeira natureza do universo de um bilhão de [sistemas de mundos] - permeia todos os sistemas de mundos, sem exceção, manifestando-se como uma imensa vaziez.
A luz do Buda maravilhoso é inconcebível. É a luz da sabedoria que permite ver o maravilhoso estado primordial; portanto, é chamada de luz maravilhosa.

[Então] o Senhor Vajrasattva perguntou ao
Senhor Onisciente do Dharma:

O que é o *dharmakaya* e qual é a luz que se
manifesta da sabedoria?

E o Buda falou:

É assim.
Ao reduzir os sistemas de mundos das dez direções a partículas infinitesimais, o *dharmakaya* é revelado.
O maravilhoso estado primordial é o *dharmakaya*.
A luz da sabedoria é tão vasta quanto isso.
Da mesma forma, a luz da sabedoria é inconcebível.
Visto que os três [reinos da] existência são da natureza do céu, eles brilham como uma esfera de luz.
A luz da energia [primordial] em todos os seres sencientes é tão infinita quanto os reinos [que aparecem nos] *kalpas*.

A luz daquilo que experimenta e não experimenta,
do animado e do inanimado, e da mente e da consciência, é o
maravilhoso [estado primordial].

Assim ele falou.

[O Bhagavan disse:]
Não importa quanta luz se manifeste dos Budas, não é tão
brilhante quanto a luz supremamente brilhante da
sabedoria de tua própria consciência.
Portanto, esta luz é diferente da luz do céu, do sol e da lua.
É superior a todas as outras [luzes].

Assim ele falou.

~ Assim termina o capítulo vinte e sete de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que [explica] a distinção entre as luzes.

Capítulo 28

OS CINCO CAMINHOS DO SAMSARA

ESTE CAPÍTULO explica os cinco caminhos do samsara.

Então, Vajrasattva perguntou:

Quais são os cinco caminhos do samsara?

O Mestre, o Senhor Onisciente do Dharma, disse:

Do apego, tu tomas.
Da raiva, tu matas.
Da inveja, tu separas.
Do orgulho, tu bates.
Da ignorância, é revelado o caminho dos fenômenos.[142]
Se não forem reconhecidos,
o apego, a raiva, a ignorância, o orgulho e a inveja
são a raiz dos três venenos.
Reconhecidos, eles são o caminho da iluminação.
Eles se manifestam [como a sabedoria da] Jóia Gloriosa
[Ratnasambhava], o Não-apegado [Amitabha], o Cumpridor
[Amoghasiddhi], o Indestrutível [Akshobhya] e o
Tathagata [Vairocana].

~Assim termina o vigésimo oitavo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica os cinco caminhos do samsara.

Capítulo 29

OS CINCO CAMINHOS COMO A EXTENSÃO DA VERDADEIRA NATUREZA DOS CINCO BUDAS FEMININOS

ESTE CAPÍTULO explica que os cinco caminhos
do samsara são a extensão [da verdadeira natureza]
das cinco famílias e dos cinco Budas femininos.

Então, Vajrasattva perguntou [para saber] mais sobre a questão
[abordada] no capítulo anterior,
e o Senhor Onisciente do Dharma, o Mestre, disse:

Pegar o que não é dado é terra.
A má conduta sexual é água.
Mentir é ar.
Matar é fogo.

Todos são revelados como a vasta extensão do espaço.[143]

Assim, ele falou.

~ Assim termina o vigésimo nono capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica os cinco caminhos como a amplitude
[da verdadeira natureza] das cinco famílias e dos cinco [Budas]
femininos das cinco famílias.

Capítulo 30

O REINO PURO QUE NÃO TEM CAUSA E EFEITO

ESTE CAPÍTULO explica que, uma vez que as causas e efeitos do samsara são puros desde o início, eles são o reino puro além do apego.

A raiz dos três venenos tendo sido cortada,
em mim não há causa e efeito dos três mundos.
Eu sou o *heruka*[144] que mata o que não tem vida.
Além do apego e da ganância,
[estou cercado pelos] oito cemitérios irrestritos.[145]
[Meu reino puro] não pode ser deixado,
não pode ser acessado, não tem objetos e está desprovido de órgãos dos sentidos.
Desprovido de exterior e interior, entrada e parte interna, é a grande vastidão da realidade.[146]
Além do Corpo, Voz e Mente, é a grandeza suprema.
Além do mantra e mudra, não conhece violações [de compromissos].
Perfeito como a grandeza total, é maravilhoso.

Assim falou o Buda, o Senhor Onisciente do Dharma.

~ Assim termina o trigésimo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica as causas e efeitos do samsara como o Reino Puro.

Capítulo 31

A PUREZA ABSOLUTA DE TODOS OS FENÔMENOS

ESTE CAPÍTULO explica que todos os fenômenos do samsara e do nirvana são a amplitude totalmente pura [da verdadeira natureza da realidade].

O Mestre, o Bhagavan Buda, o Sugata, vendo que todos os fenômenos do samsara e do nirvana residem na amplitude totalmente pura [da verdadeira natureza da realidade], realizou e compreendeu perfeitamente o princípio da não-dualidade. Compreendendo que os seres sencientes e sua verdadeira natureza como samsara e nirvana não são duais, ele transcendeu todos os conceitos e permaneceu imóvel.
Nesse estado, ele revelou que o verdadeiro princípio do maravilhoso estado primordial está além de centro ou bordas.

~ Assim termina o trigésimo primeiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica [como] o maravilhoso estado primordial
está além de centro ou bordas.

Capítulo 32

SABEDORIA TOTAL PRIMORDIALMENTE PRESENTE

ESTE CAPÍTULO explica a presença natural e primordial da sabedoria total.

Além disso, [o Bhagavan] ensinou que, uma vez que a verdadeira natureza da realidade está espontaneamente presente como iluminação total, [e uma vez que] a amplitude [da verdadeira natureza da realidade] e a sabedoria estão além da união ou separação, o objetivo de todos os iogas está incluído no Atiyoga, e o princípio de Atiyoga está contido no maravilhoso estado primordial.

~ Assim termina o trigésimo segundo capítulo de O Maravilhoso Estado Primordial, [que explica] que todas os iogas estão contidos no Atiyoga.

Capítulo 33

ILUMINAÇÃO PRIMORDIAL

ESTE CAPÍTULO explica que todos os fenômenos
estão desde o início em um estado de iluminação
e revela o Rei que permanece imóvel
na amplitude do nirvana.

Na amplitude do nirvana que é a iluminação primordial,
o Rei da Não-conceitualidade[147] revelou que,
embora ele permaneça sem acima, abaixo ou limitação espacial,
por meio da grande energia [primordial] da sabedoria,
ele manifesta todas as emanações possíveis e
[demonstra] como elas unificam tudo na dimensão pura e
liberam tudo no [espaço] puro e definitivo.

Transcendendo os três mundos, ele habita no estado de
Samantabhadra, o Precioso, que não se move, não muda, não
transmigra e não permanece em lugar nenhum.

~ Assim termina o trigésimo terceiro capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
[que explica] o estado imóvel e imutável.

Capítulo 34

DA LUZ DO CORPO E DOS RAIOS DA VOZ

ESTE CAPÍTULO explica como, de dentro da amplitude do gozo total, [a manifestação] surge da luz do Corpo e dos raios da Voz.

De dentro da vasta extensão de gozo total do estado primordial, através da luz do Corpo e dos raios da Voz, o Onisciente, o Senhor do Dharma, permanecendo inseparável de sua consorte, a Rainha do Desejo, revelou que toda aparência e existência são o estado de energia [primordial] e, além disso, que os fenômenos do samsara e de toda a existência são a iluminação perfeita.

~ Assim termina o trigésimo quarto capítulo de O Maravilhoso Estado Primordial, [que ensina] como [a manifestação] surge da luz do Corpo e dos raios da Voz.

Capítulo 35

NIRVANA PRIMORDIAL

ESTE CAPÍTULO explica como todos os fenômenos
são o nirvana primordial.

Com relação ao estado primordial como nirvana, há três pontos:
De dentro da amplitude da iluminação primordial,
o Rei da Não-conceitualidade permanece sem pensamentos
como a sabedoria da grande energia [primordial].

[Ele possui] a sabedoria desobstruída que claramente conhece as
três existências simultaneamente e também conhece
os reinos puros.

Ele é o mundo e os habitantes de todos os [universos] e,
portanto, sendo a essência de tudo, ele é a verdadeira natureza
dos *kayas* e sabedorias.

~ Assim termina o trigésimo quinto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
[que explica] que todos os fenômenos são o nirvana.

Capítulo 36

O PROPÓSITO DESTE ENSINAMENTO

ESTE CAPÍTULO explica o propósito [de ensinar] o Maravilhoso Estado Primordial.

[Do] início ao fim da [escritura]
O Maravilhoso Estado Primordial,
o propósito fundamental [deste ensino] é apresentado em oito tópicos que ilustram a realização final como o Corpo, Voz e Mente auto-aperfeiçoados.

Esses tópicos são os seguintes:

1. A natureza do estado primordial

2. O estado primordial como abrangência total

3. O significado literal do estado primordial

4. O significado de causa e resultado [em relação ao] estado primordial

5. O estado primordial como o nirvana total

6. O estado primordial como a condição imutável que é a sabedoria da vaziez total

7. A sabedoria do gozo total do estado primordial como iluminação primordial e, portanto, eterna e imutável

8. A falta de um [destino] final do estado primordial [148]

Quanto às subdivisões desses tópicos:[149]

(1.) A natureza do estado primordial é explicada em dois pontos:

(1.1) Todos os fenômenos de aparência e existência, não modificados desde o início, são o estado de iluminação.
(1.2) Se alguém entende e realiza isso, o resultado não deve ser buscado em outro lugar.

(3.) O significado literal do estado primordial é explicado em três pontos:

(3.1) Este ensino crucial definitivo ou instrução secreta revela o estado primordial além da fabricação mental.
(3.2) Revela que o estado primordial está além de exemplos e palavras e, portanto, transcende o domínio de sujeito e objeto.
(3.3.) Revela que nenhum fenômeno pode ser encontrado no mundo além do estado primordial.

(4.) O significado de causa e resultado [em relação] ao estado primordial é explicado em quatro pontos:

(4.1) Na esfera da vasta extensão da mãe Samantabhadri, que é a causa da qual tudo se origina, o resultado se manifesta como Samantabhadra, o estado primordial.
(4.2) A consciência que é a sabedoria não-conceitual surge de si mesmo.
(4.3) Da condição não-nascida e incessante da realidade, a energia [primordial] [se manifesta] como vários meios hábeis.
(4.4) Meditando sobre os agregados, constituintes da experiência e campos dos sentidos como o Grande Símbolo da forma da divindade, a consciência da sabedoria, a essência não composta nos três tempos, surge no centro do próprio coração.

(8.) A explicação de que o estado primordial não tem destino final possui cinco pontos:

(8.1) Meditando no método e no conhecimento [o estado primordial] é revelado como as cores e posturas corporais dos Budas das cinco famílias.
(8.2) Claramente presente como a amplitude [da verdadeira natureza da realidade] e sabedoria, [o estado primordial] é desprovido de uma forma material. Assim, além da contemplação de [aspectos] grosseiros, é descrito como uma mandala de luz.
(8.3) Ao compreender [a natureza real] da consciência e do cognoscível, é visto distintamente o estado de iluminação.
(8.4) Permeia tudo como o espaço, está além da esperança e do medo, e além dos fenômenos da existência cíclica.
(8.5) Realizar o estado primordial que é a própria consciência é a realização final que nunca muda nos três tempos.[150]

(2.) A abrangência total do estado primordial é explicada em seis pontos:

(2.1) Ao compreender o significado da mandala secreta suprema, chega-se à amplitude de Narahasa.[151]
(2.2) Além da união e da separação, significa a transcendência da ação e da busca.
(2.3) Uma vez que o ensino crucial é completamente verificado, é experimentado diretamente a instrução secreta.
(2.4) Cumprindo os compromissos e preceitos, a realização final do Corpo, Voz e Mente é realizada.
(2.5) O tesouro da Mente de todos os Vitoriosos é o maravilhoso estado primordial.

(2.6) Por mais que os fenômenos relacionados à causa e efeito possam ser descritos, eles são a manifestação da exibição mágica de nascimento da essência não-nascida da mente.

(5.) O estado primordial como o nirvana é explicado em três pontos:

(5.1) Embora o Rei da Não-conceitualidade permaneça sem quaisquer limitações espaciais na amplitude do nirvana que é o estado primordial de iluminação, ele manifesta todas as emanações possíveis por meio de sua energia [primordial] total.
(5.2) Liberando tudo no reino puro e unindo tudo no ventre da mãe [Samantabhadri], ele é a grande transcendência dos três mundos.
(5.3) Visto que não se move, não muda, não transmigra e não permanece em nenhum lugar, ele nunca se afasta do estado de Samantabhadra, a Mente preciosa.[152]

(6.) O estado primordial que transcende todos os [conceitos] na vaziez total é explicado em dois pontos:

(6.1)Na amplitude do gozo total, [o estado primordial] permanece como a luz do Corpo e se mostra nos raios da Voz.
(6.2.) O Senhor Onisciente do Dharma não é dual com sua consorte, a Rainha do Desejo.[153]

(7.) O estado primordial como a iluminação primordial, e [assim] eterno e imutável, é explicado em sete pontos:

(7.1) Os dez campos[154] são os reinos puros do Buda.
(7.2) Toda aparência e existência estão no estado [primordial] de energia total.[155]

(7.3) Todos os fenômenos do samsara são
o estado primordial.[156]
(7.4) A paz suprema de todos os veículos é Atiyoga.[157]
(7.5) Todos os fenômenos relacionados a causa e efeito são
o estado primordial.
(7.6) [O estado primordial] transcende o domínio
das palavras e letras.
(7.7) Tendo cortado a raiz do nascimento e da morte[158]
por meio da união e da liberação, a esfera toda-inclusiva
transcende os extremos de permanência e cessação.

~ Assim termina o trigésimo sexto capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
[que explica] o propósito da instrução secreta.

Capítulo 37

O SIGNIFICADO LITERAL

ESTE CAPÍTULO explica o significado literal do
"estado primordial [que é gozo total]."[160]

Puro significa que [o estado primordial] é desde o início
purificado de obstáculos e vestígios de ações passadas.
Ou seja, sua sabedoria conhece simultaneamente, sem nenhum
obstáculo, os três mundos, os três tempos e as três existências
como se fossem uma esfera de cristal colocada na palma da mão;
assim, é límpido, puro e claro.
Este é o seu verdadeiro significado.

Total significa que, assim como uma semente de gergelim é
impregnada de óleo, isso é a essência de tudo, a verdadeira
natureza da realidade que existe espontaneamente
é o cerne de tudo.
Por ser a fonte da manifestação dos *kayas* e sabedorias,
é total.

A Mente é a sabedoria da realização;
assim, ela nunca é alterada na amplitude
secreta do fundamento de tudo.
Esta jóia preciosa que não pode ser procurada e
brilha como naturezas e cores
é a mente que não tem nascimento.

Gozo significa que, uma vez que os três *kayas*, instantaneamente aperfeiçoados, são completamente puros na amplitude da verdadeira natureza da realidade e permanecem na equanimidade de deleite total, eles são gozo.

Total significa que, uma vez que [o estado primordial] não pode ser modificado por nenhum antídoto e,
como o espaço, não depende de causas,
é puro desde o início.
Como não está relacionado a condições secundárias,
existe desde o início.
Uma vez que não depende de materialidade ou características,
é inigualável:
por essas razões, é total.

A Mente tem três aspectos:
ela permeia tudo,
tem as características da consciência mental e
é a sabedoria da consciência.

O Corpo tem três aspectos:
é um espaço imenso,
é a dimensão do gozo onipresente e
é o *vajra* do estado primordial.

A Voz tem três aspectos: é a palavra definitiva,
é o conteúdo que se comunica e
se expande como tudo.

Este maravilhoso estado primordial governa os três mundos:
uma vez que contém a vida de todas as coisas,

[os três mundos] se dissolvem na amplitude oceânica da
bhaga [161] de Samantabhadri.

O Corpo, a Voz e a Mente [dos Budas] são auto-aperfeiçoados:
tendo transcendido a ação e a busca,
o Rei da Consciência se torna livre e, uma vez que
a grande manifestação da sabedoria aparece em si mesmo,
[esta manifestação] é reabsorvida na expansão do gozo total,
o céu de Samantabhadri.

Da não-dualidade [de consciência e manifestação], o princípio
infalível da mente preciosa desprovida de nascimento,
além das características conceituais de palavras e letras,
manifesta todas as naturezas e cores possíveis.
[Assim], na vastidão do gozo, a amplitude imutável [da
verdadeira natureza da realidade], está presente como o
Corpo eterno de grande eternidade.

~ Assim termina o trigésimo sétimo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que ensina o significado [do termo] estado primordial.

Capítulo 38

OS BENEFÍCIOS DA COMPREENSÃO

ESTE CAPÍTULO explica os benefícios de [compreender]
o maravilhoso estado primordial e [assim,]
o objetivo da meditação sobre o estado primordial.

A declaração das escrituras:
"Aquele que descobriu a jóia dos três mundos"
é uma metáfora para quem compreendeu
o maravilhoso estado primordial.
Isto é, assim como uma montanha de ágata
ou de pedras semipreciosas tocadas pela luz de um lápis-lazúli
do tamanho de um piolho de ovelha
aparece totalmente como uma montanha de lápis-lazúli,
essa manifestação de mil sistemas de mundos do estado
primordial no céu da sabedoria é maravilhosa:
os três mundos são vistos como preciosos,
e as três [esferas da] existência também se tornam preciosas.[162]
Da mesma forma, [este maravilhoso estado primordial] é como
uma jóia preciosa que realiza desejos,
da qual qualquer coisa pode se manifestar.

~ Assim termina o trigésimo oitavo capítulo de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que ensina as qualidades e a
meditação do estado maravilhoso.

Capítulo 39

DEFEITOS DO ALUNO

ESTE CAPÍTULO explica os defeitos do aluno
do maravilhoso estado primordial.

As escrituras dizem que
aqueles que entraram nos veículos inferiores,
aqueles que por natureza têm um baixo nível de inteligência,
aqueles que se orgulham de seu pequeno aprendizado,
aqueles que são influenciados por palavras corruptas,
aqueles que têm autoconfiança fraca e pouca fé,
aqueles que são arrogantes e tendenciosos,
e aqueles que estão tão acorrentados pela avareza que nem
mesmo sangram quando são cortados,
não deve ser ensinado a eles o princípio
do maravilhoso estado primordial.

Mesmo se ensinado, suas mentes não serão libertas;
portanto, não dê a eles o ensinamento crucial perfeito
do veículo insuperável supremo, o princípio de Atiyoga.

~ Assim termina [o trigésimo nono capítulo] de
O Maravilhoso Estado Primordial,
que explica que os alunos que são maus receptáculos
não devem ser ensinados.

Capítulo 40

OS MOTIVOS PARA ENSINAR ALUNOS QUALIFICADOS

ESTE CAPÍTULO explica por meio de oito pontos
extraordinários [ensinados] desde o início [deste texto],
as razões para ensinar alunos que são bons receptáculos.

As escrituras dizem que a capacidade de um elefante de carregar
grandes cargas não pode ser comparada
à força de um animal comum.
Esse poder também é extraordinário.

O rugido de um leão da neve não pode ser comparado
ao rugido de um predador comum.
O som dessa voz também é extraordinário.

As ondas de um grande oceano, uma vez vistas,
não podem ser comparadas
às ondulações de um riacho comum.
As ondas desta bênção também são extraordinárias.

O cume do Monte Meru, uma vez alcançado,
não pode ser comparado a uma colina comum.
Este cume supremo também é extraordinário.

A luz do sol ou da lua que iluminam o céu, uma vez vista,
não pode ser comparada à luz de estrelas e planetas comuns.
Essa luminosidade também é extraordinária.

O vôo da águia, uma vez visto,
não pode ser comparado ao dos pássaros comuns.
Essa força também é extraordinária.

A profundidade do veículo *Vajra*, uma vez vista,
não pode ser comparada à dos veículos comuns.
Essa profundidade também é extraordinária.

O indivíduo sábio que treinou sua mente
e um indivíduo de mente fechada e pouco conhecimento
não são iguais nos benefícios que trazem aos outros.
O supremo benefício [do estado primordial]
também é extraordinário.

~ Assim termina [o quadragésimo capítulo] de
A Realidade Total do Maravilhoso Estado Primordial,
que explica as qualidades extraordinárias
[que compõem as razões] para ensinar
[este estado maravilhoso a]
alunos que são bons receptáculos.

ISSO CONCLUI
O MARAVILHOSO ESTADO PRIMORDIAL

APÊNDICE I

As Várias Versões de O Maravilhoso Estado Primordial

A edição Tsamtrag da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* contém vários textos chamados de *Maravilhoso* ou cujos títulos contêm essa palavra.

O conteúdo de três deles parece ser quase idêntico apesar da diferença no número de capítulos, a saber:

- *O Gozo Total do Maravilhoso Estado Primordial* (*bDe ba chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba*) em quarenta e dois capítulos (doravante M1) encontrados na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2.[163] Seu colofão afirma: "Traduzido pelo mestre indiano Shri Simha e o tradutor tibetano Vairocana."
- *O Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub sems kyi rmad du byung ba*) em quarenta capítulos, (doravante M2), também encontrado na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 2.[164] Seu colofão afirma: "Traduzido e finalizado pelo mestre indiano Vimalamitra e Nyag Jnanakumara. Shri Simha e Vairocana traduziram anteriormente este texto. Também existe uma tradução de Jnanagarbha[165] e Yudra Nyingpo."
- *A Maravilhosa Existência Total* (*Chos chen po rmad du byung ba*) com apenas vinte capítulos (doravante M3), encontrada na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*,[166] volume 6. Este texto não leva colofão.

Outro texto que contém a palavra *maravilhoso* no título é *O Tantra do Maravilhoso Estado Primordial* (*Byang chub kyi sems*

rmad du byung ba'i rgyud) em onze capítulos, encontrado na edição Tsamtrag da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*,[167] volume 3. A obra, que é em verso, não tem colofão e, com exceção de algumas linhas, parece ser um texto totalmente diferente dos mencionados acima. Além disso, seu estilo e conteúdo parecem ser posteriores a M1 e M2, e é consideravelmente mais fácil de entender.

Embora basicamente M1 e M2 tenham dois capítulos extras, a linguagem difere consideravelmente dos outros quarenta capítulos. Por esta razão e, como afirma Chögyal Namkhai Norbu em seu preâmbulo, a partir das citações citadas em outras obras de antigos eruditos e mestres realizados, podemos concluir que *O Maravilhoso Estado Primordial* que está incluído nos *Dezoito Principais Ensinamentos Cruciais* ou nas vinte e uma das escrituras mais representativas da série da Mente, é de fato M2, *O Maravilhoso Estado Primordial* em quarenta capítulos. Ao comparar o texto M3 com M1 e M2, M3, *A Maravilhosa Existência Total* com seus vinte capítulos pode provavelmente ser considerado uma forma incompleta de *O Maravilhoso Estado Primordial*.

Segue-se um breve exame da relação entre M1, M2 e M3. De acordo com o colofão de M2, três traduções diferentes deste texto existiam desde os primeiros tempos: uma de Shri Simha e Vairocana, uma de Vimalamitra e Nyag Jnanakumara e uma de Jnanagarbha e Yudra Nyingpo. Podemos supor que o mais antigo é aquele traduzido por Shri Simha e Vairocana, o segundo mais antigo por Vimalamitra e Nyag Jnanakumara, e o mais recente por Jnanagarbha e Yudra Nyingpo. Até onde sabemos, a tradução de Jnanagarbha e Yudra Nyingpo não está mais disponível, a menos que seja nada menos que o presumivelmente incompleto M3 de vinte capítulos que não contém colofão. M1 e M2 são na maior parte idênticos, mostrando apenas diferenças insignificantes na

gramática, algumas linhas adicionais ou ausentes, uma palavra diferente aqui e ali e uma distribuição de conteúdo ligeiramente diferente entre os capítulos.

É interessante notar que *O Maravilhoso Estado Primordial* contido na *Coleção de Tantras de Vairocana*[168] (sem colofão), que esperaríamos ser idêntico ao traduzido por Shri Simha e Vairocana encontrado na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* de Tsamtrag, tem apenas quarenta capítulos (em vez dos quarenta e dois de M1) e parece ser o mesmo que M2.

Como mencionado acima, o capítulo 39 de M1, “A Instrução Secreta sobre o Estado Primordial”, e o capítulo 40, “Instrução Secreta Ensinada pelo Rei dos Ensinamentos Cruciais”, são radicalmente diferentes em linguagem dos capítulos anteriores. Nesses dois capítulos encontramos termos como já concluído, grande esfera, presença, não distraído, estabelecendo-se no estado natural, antídoto e dez bodhisattvas, termos que não foram usados nos capítulos anteriores e que não parecem refletir a linguagem original desta escritura.

Além disso, a primeira linha do capítulo 40 de M1 contém o título: “As Razões para Ensinar Discípulos Qualificados”, mas passa a apresentar conteúdo inconsistente com este título; o capítulo 40 de M2, que tem o mesmo título, tem conteúdo concordante com o título do capítulo, enquanto o corpo textual corresponde ao capítulo 42 de M1. Como há dúvidas razoáveis sobre se esses dois capítulos pertencem ao texto original de *O Maravilhoso Estado Primordial* ou se foram acrescentados ao texto algum tempo depois, nossa tradução os apresenta separadamente, a seguir.

Outras Diferenças Entre M1 E M2

Eis as seguintes diferenças entre M1 e M2 a serem observadas: Em M2, os capítulos 23 e 25 de M1 estão fundidos em um único capítulo (23), embora curiosamente este não seja o caso em *O Maravilhoso Estado Primordial* encontrado na *Coleção de Tantras de Vairocana*, cuja ordem dos capítulos é a mesma de M2.

Metade do capítulo 24 de M1 está contida no capítulo 25 de M2; a outra metade está contida no capítulo 24 de M2. A partir do capítulo 26, os capítulos de M1 e M2 novamente correspondem, até e inclusive o capítulo 38. Em seguida, os capítulos 41 e 42 de M1 correspondem respectivamente aos capítulos 39 e 40 de M2.

Assumindo que a tradução de Shri Simha e Vairocana é a mais antiga como presumido acima, a segunda tradução de Vimalamitra e Nyag Jnanakumara pode ter melhorado o texto reorganizando a ordem das frases em alguns capítulos (como no capítulo 8, por exemplo) e redistribuindo algumas frases para outros capítulos, determinando assim uma ordem diferente delas. Isso também pode ser verdade para a terceira tradução, a de Jnanagarbha e Yudra Nyingpo, que possivelmente pode ser M3, embora isso não possa ser verificado. No entanto, essa suposta ordem cronológica parece ser contrariada pelo fato de que às vezes a ordem de algumas sentenças em M3 é a mesma de M1, mas não a mesma de M2. Além disso, deve-se notar que as seções dos três textos que estão em verso são virtualmente idênticas umas às outras.

No entanto, se desconsiderarmos as variações mencionadas, uma vez que M1 e M2 se igualam exatamente na correspondência textual, resta saber se as duas versões são realmente o produto de duas equipes de tradução diferentes, conforme declarado em seus

colofões, ou são uma tradução que foi ligeiramente alterada ao longo do tempo através de intervenções editoriais e de impressão. Normalmente, os tantras traduzidos do sânscrito por dois tradutores diferentes mostram divergências notáveis na estrutura das frases, ordem e assim por diante, refletindo discrepâncias na compreensão e no estilo de apresentação; este não parece ser o caso dessas duas versões do nosso texto.

As Peculiaridades do M3

M3 é de fato ligeiramente diferente de M1 e M2 em vários aspectos. Em primeiro lugar, não abre com o título, mas com uma homenagem a Samantabhadra. De fato, a maioria dos capítulos do M3 começa abruptamente com o mestre falando ou o interlocutor fazendo uma pergunta, e não trazem o título do capítulo no início como nas outras versões, mas sim no final do capítulo.

M3 carece do primeiro capítulo, *O Cenário do Ensinamento*, encontrado em M1 e M2, e é composto por apenas vinte capítulos. Seu primeiro capítulo corresponde assim ao segundo capítulo, e assim sucessivamente, das demais versões, até o capítulo 10, cuja primeira metade se encontra no capítulo 11 de M2 e cuja segunda metade se encontra no capítulo 12 de M1 e M2. O capítulo 11 corresponde ao capítulo 13 de M1 e M2, embora faltem trinta e uma linhas que estão presentes nas outras duas versões. O capítulo 12 corresponde ao capítulo 14 de M1 e M2; capítulo 13, ao capítulo 15; e capítulo 14, ao capítulo 16 de M1 e M2. A primeira metade do capítulo 15 corresponde ao capítulo 17 de M1 e M2, e a segunda metade ao capítulo 18 de M1 e M2. O capítulo 16 corresponde ao capítulo 19 de M1 e M2; capítulo 17, ao capítulo 20; capítulo 18, ao capítulo 21; e capítulo 19, ao capítulo 22 de M1 e M2. O capítulo 20 corresponde ao capítulo 25 de M1

e M2, e o conteúdo dos capítulos 23 e 24 de M1 e M2 não se encontra neste texto.

O quinto capítulo de M3 é mais longo, pois contém cerca de cinquenta e sete linhas que não são encontradas em M1 ou M2. Essas linhas, que são de grande interesse, parecem ter sido traduzidas de um texto original em sânscrito diferente dos usados pelos tradutores de M1 e M2, e são colocadas separadamente abaixo. O fato de parte da linguagem empregada nessas cinquenta e sete linhas ser mais moderna, explicativa e menos enigmática pode indicar que essa versão é de fato a mais recente das três traduções. De modo geral, a linguagem empregada no M3 parece ser fruto de um trabalho editorial adicional destinado a lapidar, simplificar e esclarecer partes enigmáticas do texto.

APÊNDICE II

Capítulos 39 e 40 da Tradução de Shri Simha e Vairocana

Os capítulos 39 e 40 da tradução de Shri Simha e Vairocana do *Maravilhoso Estado Primordial* contido na edição Tsamtrag da *Coleção de Tantras da Antiga Tradição* são chamados, respectivamente, "A Instrução Secreta sobre o Estado Primordial" e "A Instrução Secreta Ensinada pelo Rei dos Ensinamentos Cruciais." O primeiro explica a semântica das palavras *bodhicitta mahasukha*. O segundo explica o estado primordial como a essência da existência cíclica e de sua transcendência e a variedade de fenômenos e sua vaziez, bem como o resultante Corpo, Voz e Mente. Como esses dois capítulos empregam uma linguagem ligeiramente diferente e aparentemente mais moderna do que os capítulos anteriores, não os incluímos no texto principal.

Capítulo 39: A Instrução Secreta sobre o Estado Primordial

Este capítulo explica a instrução secreta sobre o estado primordial.

Puro significa que todas as ações são totalmente puras, pois já estão completas. Total significa que todos os objetivos são os mesmos na amplitude [da verdadeira natureza da realidade] porque, sem a necessidade de busca, eles não existem concretamente nessa dimensão.

A esfera total permeia tudo e, sendo uma, manifesta-se no estado de Samantabhadra, a essência da mente.

Uma vez que é indivisível, é gozo.

Como está além de todas as causas e condições e não depende de nada, é total.

Como não tem conceito de esforço relacionado à visão grosseira e não entra em ação, é pura.

Uma vez que está além de todos os pensamentos de permanecer imóvel no estado não-conceitual, é perfeita.

Uma vez que nunca se distrai da contemplação não-nascida, é a mente.

Uma vez que a presença está relaxada em sua condição autêntica e não há necessidade de nenhum antídoto, é gozo.

Como não depende de nenhuma iniciação ou *siddhis* e não precisa ser realizada por [trilhar] um caminho, é o estado auto-aperfeiçoado: portanto, é total.

[Assim termina] o trigésimo nono capítulo de *O Maravilhoso Estado Primordial*, que ensina a instrução secreta sobre o estado primordial.

Capítulo 40: A Instrução Secreta Ensinada pelo Rei dos Ensinamentos Cruciais

Este capítulo explica a razão de ensinar alunos qualificados que são receptáculos dignos.

> O estado primordial é Samantabhadra.
> É também Vajrasattva e os outros Budas das cinco famílias.
> É a consorte dos cinco Budas.
> É os bodhisattvas machos e fêmeas.
> É Corpo, Voz e Mente.
> É os cinco grandes elementos causais.
> É a causa.
> É o resultado.
> É o *vajra*.
> É sabedoria.
> É a verdadeira natureza da realidade.
> É a amplitude da verdadeira natureza da realidade.
> É o *dharmakaya* totalmente beatífico.
> É fenômenos.
> É samsara.
> É nirvana.
> É não-dualidade.
> É causa e efeito.
> É Vairocana.
> É a sabedoria autêntica.
> É os dez [bodhi]sattvas.

Portanto, a variedade é Samantabhadra Vajrasattva. Este é o espaço que não nasce das consortes dos Budas. A indivisibilidade dos Budas masculino e feminino é Corpo, Voz e Mente.

[Assim termina] o quadragésimo capítulo de *O Maravilhoso Estado Primordial*, que ensina a Instrução Secreta ensinada pelo Rei dos Ensinamentos Cruciais.

APÊNDICE III

As Cinquenta e Sete Linhas Adicionais do M3, Capítulo 5

A seção a seguir está incluída apenas em *A Maravilhosa Existência Total*, capítulo 5, identificado acima como M3, e encontrado na *Coleção de Tantras da Antiga Tradição*, volume 6.

O apego, a raiva, a ignorância, o orgulho e a inveja existem desde o início e permanecerão até o fim e, portanto, são primordialmente puros: o apego sou eu mesmo, a raiva sou eu mesmo, a ignorância sou eu mesmo, o orgulho sou eu mesmo e a inveja sou eu mesmo.

Nesse momento [de reconhecimento], como o passado e o presente é inseparável, o fenômeno inato do apego é naturalmente puro; portanto, raiva, e assim por diante, são puros [também].

Como não existe o conceito de apego, nem mesmo o termo raiva, e assim por diante, existe; são fenômenos que surgem da essência da mente. Puros por sua própria natureza, eles não podem ser diferenciados. Firmes e imutáveis, eles não podem ser nomeados e não podem ser separados. Eles estão em união indissolúvel; são transformações da natureza [*vajra*] indestrutível.

Da absoluta igualdade dos fenômenos que é indivisível, infinitas mandalas de fenômenos surgem da essência da própria mente, e Budas masculinos e femininos de [todas] as famílias e das cinco famílias [em particular], juntamente com os bodhisattvas como o séquito perfeito, surgem e são percebidos. O poder da interdependência de causas e condições é o estado primordial que tudo manifesta.

Corpo, voz e mente [comuns] são inseparáveis e têm a natureza da igualdade.

Através do poder da essência que é desprovida de intenção, todas as mandalas de Corpo, Voz e Mente sempre surgiram e ainda estão surgindo de ti mesmo totalmente. [Todas as manifestações de] luz, de clarividência, [dos poderes milagrosos de] mover-se sem obstruções através das rochas, água e céu; das várias emanações, de diferentes sons e vozes; e de todos os fenômenos existentes e inexistentes encontrados no universo infinito e ilimitado dos três mil sistemas de mundos surgem do poder do meu Corpo, Voz e Mente.

Portanto, através da sabedoria perspicaz [percebe-se que] todos os fenômenos da existência cíclica enquanto os seres existem; [todos] os Iluminados perfeitos; tudo o que permanece no passado, presente e futuro; as três existências; os três reinos; as três Joiás Supremas [de Buda, Dharma e Samgha]; todos os que permanecem no ventre da mãe e [todos] os que deixaram [o ventre]; os gêneros masculino, feminino e neutro; animais, espíritos angustiados, seres infernais, *devas*, [e] seres humanos; os velhos, os jovens, e assim por diante, são apenas eu. Portanto, eles são [a essência da] minha Mente.

A jóia preciosa que realiza desejos, a árvore que realiza desejos, todos os prazeres dos deuses, os oceanos, o Monte Meru, os continentes, e assim por diante, são meu estado primordial.

Onde quer que eu esteja, sou o Buda perfeito e totalmente iluminado. Mesmo quando os maus momentos que são minha transformação [chegam], eu sou o Buda.

Qualquer que seja o nascimento que eu tenha, eu sou o Buda perfeito e totalmente iluminado. Eu sou a manifestação de energia, o gozo total, do próprio estado primordial.

Todos os seres e todos os sistemas de mundos do universo de três mil sistemas de mundos são a iluminação primordial; eles são meu estado primordial. Não existe nem mesmo uma coisa que [meu estado primordial] não possa se transformar ou se tornar.

NOTAS

NOTA DO PREÂMBULO

1] O título, que aparece no texto tibetano como *Bodhicitta Sopashika* e interpretado na introdução, é provavelmente uma deformação do sânscrito *Bodhicitta Saubhashika*.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1] Embora as escrituras raiz do Dzogchen sejam chamadas de tantras, elas não estabelecem os princípios e práxis tântricos. De fato, as escrituras raiz do Dzogchen não apresentam os dez tópicos (tib. *dngos po bcu*) expostos nos tantras clássicos. Veja pág. 27 da introdução.

2] O *Tantra do Som Insuperável* menciona treze dimensões (*thal ba*) localizadas além das fronteiras do nosso sistema terrestre, em algumas das quais os tantras Dzogchen foram ensinados.

3] Tib. *sum cu rtsa gsum*; sânsc. *trayastrimsha*: o céu acima do Monte Meru. Em seu centro está a corte de Indra, chefe dos trinta e três deuses. Veja *Miríade de Mundos* (*Myriad Worlds*) de Kongtrul Lodrö Taye.

4] Tib. *Phyag na rdo rje*: a deidade que representa o poder de todos os seres iluminados, muitas vezes identificado como o compilador e guardião dos tantras.

5] Embora a localização exata de Oddiyana seja desconhecida, alguns estudiosos modernos acreditam que se concentrava no atual Vale do Suate, no norte do Paquistão. De qualquer forma, pelo que lemos em histórias e biografias, Oddiyana sem

dúvida foi visto como um lugar muito especial onde os tantras e o Dzogchen eram praticados e os ensinamentos preservados. É desta terra mística que muitos *siddhas* trouxeram para a Índia central os muitos tantras, explicações e instruções secretas que mais tarde se espalharam por todas as regiões da Índia e além, na Terra das Neves.

6] Uma das escrituras traduzidas anteriormente mais importantes da série Mente do Dzogchen. Veja bibliografia.

7] Esta descrição da aparição de Garab Dorje é encontrada no *Tesouro do Conhecimento, Livros Dois, Três e Quatro: Jornada do Budismo ao Tibete,* (*Treasury of Knowledge, Books Two, Three, and Four: Buddhism's Journey to Tibet*) páginas 189-90; 194, de Kongtrul Lodrö Taye.

8] Alguns, no entanto, colocam o nascimento de Garab Dorje no ano 166 após a morte do Buda, ou seja, em 716 a.C. Veja *Escola Nyingma do Budismo Tibetano* (*Nyingma School of Tibetan Buddhism*) de Dudjom Rinpoche.

9] Tib. *rnal'byor spyod pa*: uma das quatro principais tendências da filosofia budista, mais comumente conhecida como Cittamatra ou Apenas Mente.

10] Veja bibliografia.

11] Veja *Nyingma School of Tibetan Buddhism* de Dudjom Rinpoche.

12] Uma história da vida de Buddhajnanapada pode ser encontrada no *bKa' babs bdun ldan* de Taranatha. Veja bibliografia.

13] Veja a obra *Os Anais Azuis* (*The Blue Annals*) pág. 369 em diante.

14] Popularmente conhecido no Tibete como o Guru Precioso, Padmasambhava foi o principal protagonista da primeira difusão do budismo tântrico no Tibete durante o reinado do Rei Trisong Detsen (742-797). A primeira escola budista tibetana, conhecida como Nyingma, desenvolveu-se a partir de suas atividades espirituais.

15] Provavelmente de origem birmanesa, Shri Simha recebeu em uma visão a injunção de Avolokiteshvara para ir ao cemitério de Sosadvipa na Índia. Durante os trinta anos que se passaram antes de seguir a injunção da deidade, Shri Simha passou seu tempo aprendendo os tantras na montanha Wu T'ai Chan na China. Por fim, seguiu para a Índia, onde conheceu Manjushrimitra, com quem passou cerca de vinte e cinco anos. Ele é considerado um dos mestres de Jnanasutra, Padmasambhava, Vimalamitra e Vairocana e é conhecido por ter organizado a série de Instrução Secreta do Dzogchen em quatro ciclos: externo, interno, secreto, mais secreto e insuperável.

16] Vimalamitra era um discípulo de Shri Simha. Ele é particularmente conhecido pela transmissão no Tibete de muitos ensinamentos espirituais posteriormente codificados como a Essência do Coração de Vimalamitra (tib. *Bi ma snying thig*) pertencentes à série de Instrução Secreta do ensinamento Dzogchen.

17] Tib. *Bai* (ou *Be*) *ro tsa na*. Considerado uma emanação do Buda Vairocana, quando criança ele foi dado a Padmasambhava sob cuja orientação ele praticou a disciplina do Tantra. Tendo se tornado um grande tradutor e recuperador de muitos ensinamentos Dzogchen da Índia, Vairocana se tornou um dos principais protagonistas da disseminação do ensinamento Dzogchen no Tibete.

18] A seção tântrica do cânone budista tibetano atribui trinta e quatro obras a Manjushrimitra. A maioria delas está relacionada com o *Manjushrinamasamgiti*, mas também entre elas está a famosa *Meditação sobre o Estado Primordial*, mais conhecida como *Extraindo Ouro Puro do Minério*, uma das vinte e uma escrituras principais da série da Mente do Dzogchen.

19] Tib. *'pho ba chen po ou 'ja' lus 'pho ba chen po*: grande transferência para o corpo arco-íris. Isso denota a percepção na qual os seres físicos transformam seu corpo vivo em um corpo imortal de luz que pode aparecer onde e quando necessário para elevar os seres espiritualmente.

20] Por Yudra Nyingpo. Veja bibliografia.

21] Veja *A Fonte Suprema* (*The Supreme Source*), de Chögyal Namkhai Norbu e Adriano Clemente.

22] Um ser feminino pertencente à classe yaksha.

23] A maioria das informações fornecidas aqui sobre a linhagem da série da Mente é um resumo de *The Supreme Source*.

24] Veja *Sistemas de Tantra Budista (Systems of Buddhist Tantra*) de Kongtrul Lodrö Taye, pág. 340.

25] Comentário de Dharmashri sobre *Os Três Votos* (*The Three Vows*) de Ngari Panchen. Veja bibliografia.

26] Tib. *sgron ma bzhi*: quatro lamparinas ou luzes relacionadas aos canais internos do corpo com base nas quais se treina nas práticas avançadas da travessia direta do Dzogchen (*thod rgal*). Estas incluem a lamparina da esfera vazia (*thig le stong pa'i sgron ma*), a lamparina da amplitude da pura consciência (*rig pa dbyings kyi sgron ma*), a lamparina do conhecimento

auto-originado (*shes rab rang byung gi sgron ma*), e a lamparina de água clarividente (*rgyang zhag chu'i sgron ma*).

27] Tib. *mthong lam*: o terceiro dos cinco caminhos da jornada espiritual na tradição Mahayana.

28] A tradição do Sutra incorporada no Mahayana tem dois sistemas adaptados aos discípulos que possuem faculdades mentais embotadas ou sagazes, conhecidos como sistema de entrada gradual e de entrada direta. A primeira representa a tradição Nalanda propagada no Tibete por Kamalashila. A segunda, decorrente do discípulo do Buda Kashyapa, foi propagada por Bodhi Dharmottara (Bodhidharma) na China e de lá exportada para o Tibete. No Tibete, os dois sistemas são conhecidos como Tsenmen e Tönmun, respectivamente, dos antigos termos chineses ch'ien men e thun men. Ao contrário da abordagem gradual mencionada no texto, os seguidores de Tönmun afirmam que é possível treinar diretamente no absoluto não-nascido desde o início. Essas duas abordagens são descritas em detalhes em *Lamparina para o Olho em Contemplação*, de Nubchen Sangye Yeshe. Veja bibliografia.

29] Tib. *sa bcu*. Veja abaixo, nota 100.

30] Tib. *srog rtsol*; sânsc. *pranayama*: envolve bloquear o fluxo de energias cármicas nos canais laterais do corpo e direcioná-los para o canal central. Calor interno (tib. *gtum mo*; sânsc. *candali*) é uma prática iogue que emprega visualização, controle da respiração e assim por diante, para reunir as essências vitais branca e vermelha do corpo para induzir a experiência de gozo. Por envolver os pontos focais de energia do corpo, essa prática é conhecida como o método do próprio corpo (*rang lus thhabs*). As práticas sexuais requerem um(a) parceiro(a) qualificado(a), treinado(a) em exercícios de ioga de controle da essência e energia vitais. Esta prática induz

diretamente a experiência de gozo. Como é aplicado com um(a) parceiro(a), é conhecido como o método com o corpo de outro (*gzhan lus thabs*). Para uma discussão detalhada, veja *Os Elementos da Prática Tântrica* (*The Elements of Tantric Practice*) de Kongtrul Lodrö Taye.

31] Tib. *dga'ba bzhi*. As quatro beatitudes são as experiências de prazer intenso que ocorrem quando a essência seminal branca desce do topo da cabeça e atinge a testa, garganta, coração e umbigo. Neste último lugar, beatitude é conhecida como beatitude inata (tib. *lhan skyes dga'ba*; sânsc. *sahajananda*), pois é o gozo inato da essência da mente que se manifesta na consciência do iogue.

32] Tib. *bskyed rim*: o processo imaginativo gradual de recriar o ambiente como a mandala e a si mesmo como a deidade, realizado nos tantras mais elevados para neutralizar o apego à visão comum como real.

33] Tib. *phyag rgya* chen po; sânsc. *mahamudra*: o Grande Símbolo, entendido aqui como a realização final da práxis tântrica.

34] Tib. *rdzogs rim*: a realidade que se distingue pelas características de inatismo, não-conceitualidade e totalidade que estão presentes como condição de base, caminho e resultado. Como essa realidade existe dentro do corpo comum, ela pode ser manifestada trabalhando com o aspecto sutil do corpo, ou seja, os canais, os ventos de energia e as essências vitais. Fase de conclusão também se refere aos métodos para alcançar tal realização.

35] Para uma discussão detalhada, veja *Ética Budista* (*Buddhist Ethics*), de Kongtrul Lodrö Taye.

36] O principal aluno de Nyangchen Sherab Chog, a cujos pés ele se tornou um estudioso realizado e praticante especialista nos sutras e tantras, particularmente nas fases de criação e conclusão. Yeshe Jungne desenvolveu com grandiosidade a transmissão recebida de seu mestre, que ficou conhecida como a tradição de Nyang.

37] Aro Yeshe Jungne de Longtang no Tibete oriental tornou-se um elo importante na transmissão do Dzogchen na linhagem de Vairocana, uma transmissão que eventualmente atingiu Dampa Desheg de Kathog (1122-1192).

38] As instruções para essas diversas tradições de prática são encontradas na antologia *sNga 'gyur bka' ma*, vol. Tsa, e no *gDams ngag mdzod*, vol. um, por Kongtrul Lodrö Taye.

39] Contemporâneo do rei Trisong Detsen, ele foi um dos nove alunos de "coração" de Padmasambhava e discípulo direto de Vimalamitra, Vairocana e Yudra Nyingpo. Ele foi responsável por inúmeras traduções iniciais dos sutras, tantras e escrituras Dzogchen, e foi muito importante nas transmissões da escola Nyingma.

40] O principal aluno de Vairocana e um dos vinte e cinco principais discípulos de Guru Padmasambhava, bem como um grande discípulo de Vimalamitra e de Vairocana, enquanto este último estava exilado em Tsawa Rong. Tradutor de muitos textos, atuou como um dos mestres da linhagem da série da Mente e da série do Vasto Espaço do Dzogchen.

41] Tib. *tsha bar rong*: um distrito entre o leste do Tibete e a China.

42] Veja *Chos dbyings rin po che'i mdzod kyi 'grel pa lung gi gter mdzod*, de Longchenpa (1308-1863).

43] Pawo Tsuglag Trengwa (1504-1566): um eminente erudito e mestre graduado da escola Kagyü. Veja bibliografia.

44] Veja bibliografia.

45] Nyangral Nyima Özer (1124-1192): um grande descobridor de tesouros e um dos “cinco reis”, que também incluem Guru Chöwang, Dorje Lingpa, Pema Lingpa e Jamyang Khyentse Wangpo, todos considerados emanações do rei Trisong Detsen.

46] Veja bibliografia.

47] Veja bibliografia.

48] Nascido em uma família de praticantes tântricos Nyingma em Gorma, perto do mosteiro Shalu, Yungtön Dorje Pal (1284-1368) aprendeu as doutrinas tanto de Nyingma quanto da Nova Escola. Tendo estudado com muitos mestres, ele se tornou um dos mais renomados mestres tibetanos de sua época. Famoso por seus poderes, quando jovem foi convocado pelo imperador chinês, que ficou satisfeito com sua demonstração de habilidades mágicas. Ele aprendeu o *Kalacakra* de Büton e tornou-se proficiente em todas as séries do Dzogchen; ele era o detentor da linhagem dos ensinamentos *terma* do terceiro Karmapa, Rangjung Dorje (1284-1339) e o professor do quarto Karmapa, Rolpe Dorje (1340-1383).

49] Veja bibliografia.

50] Veja bibliografia.

51] Kawa Paltseg foi um dos primeiros tibetanos a receber a ordenação budista. Mais tarde, ele se tornou um discípulo de Padmasambhava, que o identificou como a encarnação de um grande erudito. Tradutor famoso, ele também foi fundamental na concepção de formas de caligrafia tibetana. Chogro Lui

Gyaltsen foi um dos primeiros tradutores de grande importância e um dos vinte e cinco principais discípulos de Padmasambhava. Ele ajudou Padmasambhava na transcrição e encobrimento dos tesouros *terma*. O grande *tertön* Karma Lingpa (século XIV) é considerado uma encarnação de Chogro Lui Gyaltsen.

52] Tradutor de textos budistas sânscritos e protagonista da segunda propagação do budismo no Tibete. Aluno do renomado santo indiano Atisha, ele teria construído mais de cem mosteiros no Tibete ocidental, bem como o famoso mosteiro Tabo em Spiti em Himachal Pradesh, Índia, e Poo em Kinnaur, Índia.

53] Isso se refere à Shong Lotsava Lodrö Tenpa, que viveu durante o século XIII, ou a Pong Lotsava Lodrö Tenpa (1276-1342).

54] Lalitavajra foi um famoso *siddha* budista da Índia. Junto com Naropa, é dito que ele foi o principal discípulo de Tilopa. Ele está ligado à transmissão das explicações dos tantras que ele mesmo trouxe de Oddiyana.

55] Taranatha Kunga Nyingpo foi um mestre eminente da tradição Jonang. Seu principal mestre foi o indiano Buddhaguptanatha. Taranatha ocupa uma posição especial no budismo tibetano como um dos poucos historiadores tibetanos com senso crítico, e também como o mestre que se tornou o elo para a transmissão de inúmeros ensinamentos de sua própria escola, de outras escolas (incluindo a Shangpa Kagyü), bem como dos ensinamentos trazidos por Marpa (1012-1097) da Índia para o Tibete.

56] Estes são os autores de três importantes obras tântricas conhecidas como a "trilogia de comentários dos bodhisattvas":

O Comentário de Louvor sobre o Tantra Cakrasamvara de Vajrapani; o comentário *A Luz Imaculada* de Pundarika, sobre *o Tantra Condensado de Kalacakra*; e o *Comentário que resume o Tantra Hevajra*. Veja bibliografia.

57] Não é uma certeza que o Manjushrikirti mencionado aqui seja a mesma pessoa que Manjushrikirti, o oitavo rei de Shambhala, que foi considerado uma encarnação de Manjushri.

58] *'Phags pa'jam dpal kyi mtshan yang dag par brjod pa'i rgya cher bshad pa*, de Manjushrikirti; *mTshan yang dag par bjod pa'i 'grel pa*, de Manjushrimitra. Veja bibliografia.

59] Buddhaguhya foi provavelmente o mestre indiano que era um especialista na práxis do Yogatantra e autor de um comentário sobre o tantra *Mahavairocana-abhisambodhi* que é preservado na língua tibetana. Drogmi Palgyi Yeshe foi um dos nove "estudantes de coração" de Guru Padmasambhava.

60] Veja *The Blue Annals*, pág. 359.

61] Um tradutor durante a propagação anterior do budismo no Tibete.

62] Um discípulo notável de shantipa na linhagem de transmissão do *Tantra Guhyasamaja* da tradição Jnanapada (veja *The Blue Annals*, pág. 373). Embora raramente mencionado nas histórias da propagação do budismo na Índia e no Tibete, geralmente como tradutor, seu nome está associado à cerca de sessenta obras encontradas no cânone budista da língua tibetana. Deve-se, portanto, concluir que este notável erudito e mestre realizado da Caxemira fez uma contribuição substancial para a segunda propagação do ensinamento budista no Tibete. Ele foi convidado para o Tibete pelo rei Yeshe Ö de Guge no Tibete ocidental para restaurar a pureza dos

ensinamentos e práticas budistas que o rei considerava ter degenerado de várias maneiras. Büton observa que Shraddhakaravarman era particularmente conhecedor do Yogatantra, muitas escrituras das quais ele traduziu para o tibetano. Ele também aparece na linhagem de tantras como o *Guhyasamaja* e o ciclo de ensinamentos sobre Tara. Tornou-se mestre e associado próximo do grande tradutor Rinchen Zangpo, com quem colaborou em várias traduções importantes.

63] Tib. *bcom ldan 'das*; sânsc. *bhagavan*.

64] Consulte os termos-chave para os equivalentes tibetanos dos outros epítetos.

65] Veja *Myriad Worlds* de Kongtrul.

66] Veja *The Supreme Source* de Chögyal Namkhai Norbu e Adriano Clemente, págs. 21-22.

67] Tib. *tshogs lam*: o primeiro dos cinco caminhos ensinados no Mahayana. Os outros quatro são o caminho da preparação (*sbyor lam*), o caminho da visão (*mthong lam*), o caminho da meditação (*sgom lam*) e o caminho do sem mais aprendizado (*mi slob lam*).

68] Veja o comentário de Vimalamitra sobre o *Manjushrinamasamgiti*, ff. 1a-38b.

69] Veja Toh. 2093, v. Tshi, f. 57a4, pág. 34.

70] Veja o comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti*, f. 56a4.

71] Tib. *kun tu bzang po*; sânsc. *samantabhadra*.

72] Em algumas práticas tântricas, como o *Guhyasamaja*, o iogue em união com uma consorte real ou visualizada faz sair uma

gota de sêmen da ponta do órgão sexual e se imagina oferecendo-a às deidades.

73] Veja o comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti*, f. 42b2-4.

74] Veja a explicação de linhas semelhantes do *Manjushrinamasamgiti* no comentário de Garab Dorje, ff. 42b6-43a4, e no comentário de Vimalamitra ao mesmo tantra, ff. 10b2-11a3.

75] Veja o comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti*, f. 57b6.

76] Veja a explicação de linhas semelhantes do *Manjushrinamasamgiti* no comentário de Garab Dorje, ff. 42b6-43a4, e no comentário de Vimalamitra ao mesmo tantra, ff. 10b2-11a3.

77] Veja o comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti*, f. 57b6.

NOTAS DA TRADUÇÃO

1] De acordo com a hierarquia descrita na cosmologia indiana e tibetana, os *mamos*, *devas* e assim por diante representam todo o espectro de seres sutis, começando com os *devas* e *asuras*, que habitam os dois reinos mais elevados da existência cíclica. *Mamos* são vários tipos de seres femininos sutis; *vayudevas*, seres da comitiva do deus epônimo do vento; *yamas*, servos do senhor da morte Yama; *nagas*, semideuses serpentinos; *kumbhandas*, habitantes do mar com corpos humanos e cabeças de animais; *yakshas*, uma grande classe de seres originalmente habitando em árvores e assim por diante; *rakshasas*, demônios poderosos e perniciosos; e *bhutas*,

espíritos errantes de pessoas falecidas que não encontraram o caminho para um novo corpo. Esses seres estão incluídos em algumas enumerações das oito classes de deuses e demônios (tib. *lha srin sde brgyad*).

2] Aqui esses seres representam aqueles que são hostis a esse ensinamento e, portanto, são incapazes de ouvi-lo.

3] Tib.*'jig rten mgon po*; sânsc. *lokanatha*: um epíteto do Buda.

4] Tib. *thugs*: Mente é usada no sentido de estado primordial da mente. Foi colocada em letra maiúscula para distingui-la da mente comum (*yid*).

5] Às vezes identificado como o reino mais elevado na existência cíclica e em outras como uma terra pura além do ciclo de existência. Aqui é um nome para a dimensão da iluminação manifestada por si mesma, a realidade essencial que não está localizada em nenhuma das dez direções e que não tem tamanho, nem fronteira, nem orientação.

6] Tib. *bde bar gshegs pa*: literalmente, ido para o gozo, um epíteto dos Budas.

7] O significado literal da expressão tibetana *stong gsum gyi stong chen po'jig rten gyi khams*, aqui traduzida como o universo de um bilhão de sistemas de mundos, é literalmente, grandes mil sistemas de mil mundos de terceira ordem. De acordo com a cosmologia indo-tibetana antiga, um sistema de mundo está centrado em torno do Monte Meru com seus quatro continentes principais. Se multiplicarmos isso por mil vezes mil vezes mil, somando um bilhão, teremos o grande sistema de mil mundos de terceira ordem. Veja *Myriad Worlds* de Kongtrul.

8] Tib. *sngags*. No Tantrismo, o Mantra denota a realidade imutável que é a união de vaziez e compaixão. Mantra é assim chamado porque protege (*tra*) a mente (*man*) das elaborações conceituais.

9] Um iogue dos três tempos (tib. *dus gsum rnal 'byor*) geralmente se refere a alguém que tem conhecimento do passado, presente e futuro, mas também pode ser interpretado como um iogue realizado que tem conhecimento do quarto tempo, a condição além do tempo que é a natureza real do passado, presente e futuro (Chögyal Namkhai Norbu, comunicação oral; doravante: CNN, CO).

10] Vajrasana refere-se à vila de Bodh Gaya no atual estado de Bihar, na Índia, o lugar onde Buda Shakyamuni e os outros Budas de nossa era manifestaram a obtenção da iluminação.

11] Ao discutir o caminho de Ati, Nubchen Sangye Yeshe explica o significado desta frase em relação ao princípio da não-ação através do qual o estado primordial é reconhecido:

> Vamos dar um exemplo. Quando o mar está sujo e agitado, a sujeira vem à superfície; mas se não estiver sujo, tornando-se claro de maneira natural, aparecem todos os reflexos sem buscá-los. Assim, [a iluminação] nunca será alcançada buscando-a através dos [veículos inferiores], pois [buscar] não está de acordo com a essência imperturbável. De acordo com este grande sistema, [a iluminação] ocorre como resultado da não-ação. Desde que o Buda primordial aparece sem ter buscado a [iluminação], [todos os seres] – desde os Vitoriosos completamente purificados até os habitantes de Avici [inferno] – alcançam a perfeição devido ao princípio da [não-ação]. Assim, todos os Vitoriosos tornaram-se iluminados pela compreensão deste princípio. [Assim,] o *Mejung* declara: *Também, eu,*

Vajrasattva, manifestei minha iluminação novamente em Vajrasana ao compreender o princípio do maravilhoso estado primordial.

Veja *Lamparina para o Olho em Contemplação* (*bsam gtan mig sgron*), ff.156b6-157a4 (doravante referido como LOC).

Esta linha também é citada na seção sobre a visão além dos objetivos de *Phan grub rnams kyi thugs bcud snying gi nyi ma* (*O Coração do Sol: Essência da Mente de Todos os Eruditos e Siddhas*), um texto atribuído a Nubchen Sangye Yeshe. Chögyal Namkhai Norbu extraiu e editou uma seção deste texto que ele intitulou *Byang chub kyi sems rmad du byung ba'i nyams khrid* (*Instruções Experienciais sobre o Maravilhoso Estado Primordial*, doravante referido como IEM). *O Coração do Sol* é encontrado no primeiro volume do *Bai ro rgyud 'bum* ou *Coleção de Tantras de Vairocana*. Na seção sobre a visão além dos objetivos (*gza' gtad med pa'i lta ba*) na pág. 2, este texto afirma: *Também, eu, Vajrasattva, que moro no nível da roda de letras, ao compreender o princípio do maravilhoso estado primordial, eventualmente, sem trilhar [um caminho], atingi a sabedoria única e insuperável no estado total além da existência cíclica e da transcendência do sofrimento, a dimensão da essência da iluminação que está além do sofrimento.*

Chögyal Namkhai Norbu, em seu comentário oral sobre IEM fornecido durante um retiro em Merigar (Itália) em agosto de 2009, afirma: "A descoberta da sua verdadeira natureza ocorre através de experiências. Assim, as experiências são o método para tal descoberta. Tal descoberta é a iluminação real. Por esta razão, no *Mejung* é dito: *Também, eu, Vajrasattva, manifestei minha iluminação novamente em Vajrasana ao*

compreender o princípio do maravilhoso estado primordial" (CNN, CO).

12] Citando esta frase ao discutir a maneira inequívoca de estabelecer a mente na meditação, Nubchen Sangye Yeshe explica:

> [Na] meditação do Atiyoga é de fato suficiente – sem transformar conceitos e a verdadeira natureza da realidade [em] algo para rejeitar ou aceitar – não pensar em nada e não parar nada. Sem considerar o andar, ficar em pé, dormir, sentar, a experiência do prazer ou mesmo do sofrimento como uma falha, não há interrupção do campo de experiência dos conceitos. Sem considerar nada como uma qualidade [positiva], não se medita sobre a verdadeira natureza da realidade através do exame. Tudo o que aparece como si e outro é primordialmente um sem ter que ser unificado; assim, não há enfoque, não se olha do seu assento para uma verdadeira natureza da realidade ali fora. Em qualquer tipo de comportamento, fica-se à vontade ou adormecido sem pensamentos. Desfruta-se das coisas sem pensar: "Não pense". Sem pensar [enquanto] se move, dorme, fica de pé, [enquanto] está feliz, ou mesmo [enquanto] sofre, os pensamentos irão naturalmente diminuir. Aí, sem abandonar sujeito e objeto, já que estes não se movem, não há desvio para o mundano. Como a mente e o objeto não estão separados, não há desvio para a visão incessante. Como não há abandono de nada, não há desvio para [tornar-se] um *shravaka* ou *pratyeka*. Já que [no Atiyoga] não há visão ou meditação baseada numa dessas tradições textuais com visões limitadas, não há desvio [em direção] a nenhum veículo, pois estamos na natureza não-conceitual; assim, não há ação.

> Sem abandonar nada, tudo é luminoso em seu próprio estado; não há nada para olhar externamente e nada para olhar recolhendo [a consciência] para dentro. Todos esses [fenômenos] são sua própria consciência; no entanto, não pense: "Eles são assim". [No entanto,] nesse estado perfeitamente completo, independente do não-pensar, não-focar, não-conceituar sem pensar, não entre na ideia de enfoque nisso: esta é a meditação suprema do Onisciente. Ou seja, [embora] o sono, a letargia, a nebulosidade e a agitação não sejam deixados, nem sejam considerados falhas: permanece-se naturalmente, sem praticar nenhuma austeridade. Isso é igual ao estado de realização do próprio Samantabhadra. (IEM, págs. 8-9)

Explicando esta mesma frase do Mejung, Chögyal Namkhai Norbu diz: "*Onisciente* refere-se àquele que permanece em sua natureza real. Embora toda a sua visão seja comum e dualista, ela não está condicionada por essa visão. Assim, permanecer em sua natureza real não implica que sua visão desapareça. A visão permanece, mas é experimentada como sabedoria onisciente. Esta é a meditação suprema. E em relação a essa meditação, não há nada que possamos conceituar" (CNN, CO).

13] De acordo com Nubchen Sangye Yeshe, as duas linhas anteriores apontam para a maneira pela qual a mente, de acordo com um modo [de ensinamento], permanece centrada no espaço do princípio correto da meditação. Ele comenta:

> Se nos atermos a esta citação, a meditação suprema é aquela que é naturalmente clara e sem movimento, além [da dualidade] de si e do outro, na amplitude infinita da sabedoria auto-originada. Qual é a sua característica? No estado de grande sabedoria, tudo está incluído em si mesmo; assim, a pura consciência não é concebida como estando ao seu lado, os objetos não aparecem do

> lado de fora e não há conceitos fixos. Desse [estado meditativo], naturalmente, as emoções não surgem. Este princípio é a revelação transmitida oralmente do estado de realização dos Vitoriosos. (LOC, f. 211a4-6)

Além disso, citando essas duas linhas para provar seu tratamento da maneira inequívoca de estabelecer a mente na meditação no contexto da contemplação sem qualquer ponto de referência, Nubchen Sangye Yeshe diz:

> Se alguém perguntar qual é o modo inequívoco de estabelecer a mente na meditação, a resposta é: o grande ser que compreende infalivelmente o ponto essencial do princípio do maravilhoso estado primordial medita sem abordar a verdadeira natureza da realidade com conceitos mentais] e, de fato, não tem ponto de referência [para a meditação]. No entanto, [como] uma mera indicação tendenciosa da maneira de meditar sobre o princípio real inequívoco [para aqueles que não estão familiarizados com ele], aquilo sobre o que não pode ser meditado é chamado de meditação, e não estabelecer a mente em nenhum lugar, pois não há lugar para estabelecer a mente que não seja a verdadeira natureza da realidade, é chamado de estabelecendo [a mente]. Portanto, a não estabilidade em qualquer lugar da mente do meditador é chamada de estabilidade meditativa. (IEM, pág.6)

Sobre isso, diz Chögyal Namkhai Norbu: "Aquele que está na minha dimensão, ou seja, na dimensão do estado primordial, não tem conceito de ser realizado ou mesmo de estar em estado de contemplação, pois são conceitos, e o estado primordial está além dos conceitos" (CNN, CO).

14] Sabedoria semelhante ao espelho (tib. *me long lta bu'i ye shes*) junto com a sabedoria da igualdade (*mnyam nyid ye*

shes), sabedoria de discernimento (*so sor rtogs pa'i ye shes*), sabedoria que realiza a ação (*bya ba grub pa'i ye shes*), e a sabedoria da amplitude da natureza da realidade (*chos dbyings kyi ye shes*) constituem as cinco sabedorias, a verdadeira natureza das cinco emoções. Em seu *Sems nyid ngal so'i 'grel pa shing rta chen po*, Longchenpa as define da seguinte forma:

> A sabedoria da dimensão real da existência - Vairocana - é imutável, além do dualismo de sujeito e objeto; sendo a pacificação total da ilusão, como o céu, está livre de toda construção mental. A sabedoria como um espelho - Akshobhya - é a base a partir da qual clareza e vaziez se manifestam; é a grande fonte de toda sabedoria. Sendo a pacificação total da consciência que é a base de tudo a partir do qual as outras consciências se desenvolvem, serve como base das outras três sabedorias; como a superfície de um espelho límpido, está livre das manchas do dualismo. A sabedoria da igualdade - Ratnasambhava - representa a perfeição total na igualdade de todas as coisas e na igualdade da existência [cíclica] e da libertação; sendo a pacificação total do orgulho, é o conhecimento da igualdade de si e dos outros e da indivisibilidade da existência e da libertação. A sabedoria de discernimento - Amitabha - é o conhecimento de todas as coisas distintamente em suas diversas manifestações e em sua natureza definitiva; sendo a pacificação total do desejo, é o conhecimento da natureza essencialmente vazia das coisas e da relação entre causa e efeito, a natureza das múltiplas manifestações relativas. A sabedoria que realiza a ação - essencialmente Amoghasiddhi - é uma maravilhosa atividade iluminada, nunca impedida em seus aspectos; sendo a pacificação total da inveja, ela atinge de forma espontânea e desimpedida os objetivos

dos outros por meio do corpo, da voz e da mente. (ff. 170-172)

15] Explicando as linhas anteriores a partir de *O estado total da mente*, Chögyal Namkhai Norbu diz: "*O estado total da mente de todos os seres sencientes* refere-se ao estado primordial de todos os seres sencientes. *Naturalmente puro e, portanto, imaculado* significa que sua condição é naturalmente pura desde o início e, portanto, sem impurezas. *Nada nasceu nem foi contaminado* significa que o estado primordial está sempre além de nossos conceitos. *Não há iluminação e nenhuma realização real* significa que não há nem mesmo a noção de realização e de desenvolvimento espiritual que efetue conquistas, e assim por diante. *Não há natureza [dos elementos] e nem elementos* significa que não há nem mesmo a noção de condição da energia dos elementos e dos elementos – terra, água, fogo, vento e espaço – e assim por diante, porque todos esses são apenas conceitos. *Sem características e imutável como o espaço* significa que, assim como o espaço, o estado primordial é desprovido de quaisquer conceitos. *Nem dual* significa que é a não-dualidade de tudo" (CNN, CO). Para explicação adicional destas duas linhas, veja abaixo, n. 46.

As linhas que vão de *O estado total da mente* até *e, portanto imaculado* também aparecem no quarto capítulo do *Tantra Guhyasamaja* (f. 92b2). Comentando sobre elas, Gyalwe Chin afirma: "*O estado total da mente de todos os seres sencientes* refere-se à sabedoria que é livre de todas as invenções. *Puro* significa que é desprovido da poluição [causada] pelas manchas das tendências habituais das emoções. Portanto, sua

natureza é *imaculada* significa que é uma Mente natural e completamente pura” (Toh. 1847, vol. Nyi, ff. 178b7-179a2).

16] Nubchen Sangye Yeshe cita os dois parágrafos anteriores em relação à visão além dos objetivos: “Aqueles que são cegos, que agem para manifestar [o objetivo] e buscam a meta, não entendem que o verdadeiro princípio e a meta são a si mesmos. [Assim] eles perdem toda esperança, como veados perseguindo uma miragem [de água].” (LOC, f. 159a4-5) Após citar os dois parágrafos, afirma: “Portanto, o objetivo é um engano; assim, nesse [caminho] não há objetivos” (LOC, f. 160a2).

17] Nubchen Sangye Yeshe explica o significado das duas frases anteriores da seguinte forma:

> Como tudo é desprovido de uma essência [intrínseca], a dualidade de um objeto e consciência não existe, e o estado que não nasce tal-como-é, a pura consciência de si mesmo, se expande naturalmente e se manifesta tão claramente quanto o sol brilhando no céu. Uma vez que [neste estado] não há sentar, não há lembrança, não há ação para manifestar [o objetivo], não há nem mesmo meditação intencional - não há distração e nem separação [da meditação], isso é chamado de “deixar a mente [em contemplação]”; se alguém permanece em tal estado, isso é chamado de “praticar o caminho do Dharma”, “corrigir a visão”, “praticar o ioga”: é o mesmo campo de experiência do Vitorioso. (LOC, f. 211b2-5)

Além disso, discutindo a maneira inequívoca de estabelecer a mente na meditação, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Se você e a verdadeira natureza da realidade fossem separados, você – o meditador – entraria na verdadeira

natureza da realidade. Mas sem a necessidade de abandonar os fenômenos ou a si mesmo, já que estes são um como a sabedoria da não-dualidade, não há meditação a ser feita. [Se eles fossem separados] haveria a injunção para agir em relação à contemplação, ou seja, a consequência absurda de que a contemplação é criada por si mesmo: assim [você] certamente estaria vinculado [à dualidade] de sujeito e objeto. A [pessoa] sábia que ganhou confiança em relação à mente não tem contemplação a fazer: a [essência] da mente permanece na luz do Corpo e se manifesta nos raios da Voz. Assim, a mente é como um cinzel *vajra* na abódada celeste: todos aqueles [que entendem este princípio] são da natureza do Corpo, Voz e Mente manifestando-se naturalmente na sabedoria da pura consciência que é o meditador, desprovido de ir ou vir. Portanto, confiante na realização de que estando sem um objeto de meditação ou um meditador, a [essência] da mente, naturalmente luminosa e imóvel como o céu, não pensa em nada; assim, [sua] natureza é desobstruída e imóvel. O mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *Os fenômenos que não nascem não têm essência e, portanto, não há nada sobre eles para meditar. Uma vez que eles são auto-originados como o espaço, todos os fenômenos são proclamados como sempre perfeitos.* Assim, no momento da meditação, não há prescrição se devemos manter os [órgãos] dos sentidos abertos ou fechados (IEM, págs. 7-8).

18] Discutindo o princípio do *si* total, Nubchen Sangye Yeshe cita as linhas anteriores, de *Desde que eu entendi* até *o cemitério*, e comenta: "O *si* total (*bdag nyid chen po*) [que inclui] tudo, é o progenitor de todos os Vitoriosos e é dito ser a fonte de todos os veículos. O grande ser que assim encontra o princípio do estado de Buda sem fazer nada para entendê-lo, é a

personificação [de todos os Budas], pois na pura consciência que é o Buda originário, todos os Vitoriosos são aperfeiçoados". (LOC, f. 168b3-4).

Chögyal Namkhai Norbu comenta essas sentenças citadas por Nubchen Sangye Yeshe também no contexto da natureza da realização final (IEM, pág.14), como segue: "Permanecer no conhecimento do estado primordial é a verdadeira essência de todos os seres iluminados. 'Eu' – significando Samantabhadra ou estado primordial – sou como uma tumba ou um grande cemitério, pois todos os seres e todos os seres iluminados estão neste estado" (CNN, CO). Veja também abaixo, n. 114.

19] Vimalamitra explica os três *kayas* ou dimensões em poucas palavras: "De uma perspectiva comum, dentro da dimensão da realidade, a natureza que não nasce semelhante ao céu, surge a dimensão dos recursos perfeitos, o Vairocana semelhante a uma nuvem; e daí vem Shakyamuni, a dimensão de emanação semelhante à chuva que atua em benefício dos seres vivos. De uma perspectiva especial, a pura consciência que é por natureza clareza luminosa é a dimensão dos recursos perfeitos. A aparência da pura consciência como a variedade [dos fenômenos] é a dimensão da emanação. Independentemente da maneira pela qual tal variedade [de fenômenos] possa aparecer, de fato não está além da [natureza] não-nascida que é a dimensão da realidade". Veja o comentário de Vimalamitra sobre o *Manjushrinamasamgiti*, ff. 2b6-3a1.

20] Literalmente, Mente da Mente (tib. *thugs kyi thugs*), e da mesma forma para Corpo (*sku yi sku*) e Voz (*gsung gi gsung*).

21] Citando a passagem anterior ao discutir o princípio do *si* total, Nubchen Sangye Yeshe afirma: "Na verdade, [o *si* total] é a união e a fonte de todos os Vitoriosos. O *si* total é incomparável, por isso possui grande orgulho e carece de

oponentes. Por ser a personificação das qualidades, é um grande orgulho e, apenas como uma designação, também é chamado de eu. Pois bem, foi afirmado que o *si* total é a fonte de tudo. Como é isso? Todas as aparências [mentalmente] concebidas são aparências adventícias de bons e maus pensamentos. Como o *si* total não foi [mentalmente] concebido por ninguém, não tem uma existência fenomenal. Está presente porque surgiu antes de qualquer outra coisa; portanto, embora tudo nasça disso, não tem um começo" (LOC, ff. 168b6-169a3).

22] As duas frases anteriores são citadas em IEM (pág. 4), na conclusão da seção sobre a visão além dos objetivos, para explicar os benefícios imensuráveis de entender essa visão. Chögyal Namkhai Norbu comenta: "Aquele que entende a real natureza representada pela visão e permanece nela é do mesmo estado ou nível de Vajrasattva. Quando alguém tem esse conhecimento, isto é, quando recebe a introdução do professor, descobre sua verdadeira natureza, seu corpo, fala e mente são os mesmos que o Corpo, Voz e Mente de Vajrasattava. Sabendo disso, você fica em sua verdadeira natureza" (CNN, CO).

Em relação ao significado das palavras *não se mantém no nível da iluminação*, ao discutir o princípio do *si* total, Nubchen Sangye Yeshe explica o seguinte: "Se alguém conhece este princípio sem tê-lo conhecido [com a mente], já que se é o *si* total, não se estabelece [intencionalmente] no nível de um Buda, a meta" (IEM, ff. 169a6-b1).

23] *Antes do surgimento do espaço* (tib. *nam mkha' med pa'i sngon rol na*) significa que quando se permanece no conhecimento da condição real, antes do surgimento do

conceito de espaço, o espaço não existe como um objeto. As sentenças subsequentes expressam o mesmo princípio.

24] Para o significado deste parágrafo de acordo com Nubchen Sangye Yeshe, veja abaixo, n. 116.

25] Para o significado deste parágrafo, veja também acima, notas 13, 17.

26] Aqui, entendemos os cinco *kayas* ou dimensões (tib. *sku lnga*) como se referindo às dimensões do Corpo dos Budas masculinos e femininos das cinco famílias.

27] Apresentando uma série de citações entre as quais figuram as duas sentenças anteriores do *Mejung*, enquanto discute a base tal como ela é (tib. *gzhi'i bzhin pa*), Nubchen Sangye Yeshe afirma: "Foi verificado que mesmo no nível verbal, não há nada a ser feito. [Mas se houver a objeção:] 'Então, se é considerado que [a realidade] não pode ser indicada por palavras, não há necessidade de explicações.' É assim que eu respondo a tal objeção: como também foi explicado em detalhes acima, o princípio é assim, mas tal explicação é em si uma indicação de que não há necessidade [de falar sobre a realidade]. Os [seguintes] argumentos textuais promovem a confiança na adequação de tal sistema, que é sem excessos ou defeitos" (LOC, f. 193b3-6). Depois de citar várias fontes, Nubchen Sangye Yeshe resume seu ponto da seguinte forma: "Portanto, no início, através da visão, é muito importante verificar definitivamente que o princípio [de Atiyoga] não é algo a ser verificado [com a mente]" (LOC, ff. 203b6-204a1).

28] Tib. *skye ba rnam pa bzhi*: nascimento do útero, ovo, calor, umidade e nascimento milagroso.

29] Aqui as palavras do texto parecem se relacionar com o princípio da última das cinco grandezas (tib. *che ba lnga*).

Nubchen Sangye Yeshe explica as cinco grandezas da seguinte forma:

> O conhecimento do *si* total assim [explicado] ocorre de forma natural, sem modificações; quando isso ocorre, [o conhecimento] brilha no estado de pura consciência dotado de cinco grandezas. Todos os fenômenos, os cinco elementos e tudo que deles deriva, sem exceção, sendo unificados na essência do *si* total, são a grandeza da iluminação na amplitude da verdadeira natureza da realidade (*chos kyi dbyings su sangs rgyas pa'i che ba*) sem quaisquer limites ou fronteiras.
>
> Portanto, todos os limites e obscurecimentos [resultantes] de ações passadas são naturalmente purificados. Assim, por causa da purificação natural na amplitude da verdadeira natureza da realidade, aquilo que aparece como os cinco elementos pode se manifestar como a grande sabedoria na pureza de sua própria consciência. Esta é a grandeza da iluminação direta (*mngon par sangs rgyas pa'i che ba*).
>
> A grandeza da iluminação no *si* total (*bdag nyid chen por sangs rgyas pa'i che ba*) consiste na perfeição [dos cinco elementos] na sabedoria, o *si* total que é a pureza de sua própria consciência.
>
> Com relação à grandeza da iluminação que prova isso (*de yin pa'i sangs rgyas pa'i che ba*), uma vez que os cinco elementos são a presença espontânea não-buscada, como [no caso das] cinco famílias do [Buda], o chamado estado de Buda também é a própria natureza desses fenômenos concretos.
>
> Quanto à grandeza da inexistência absoluta de iluminação (*thams cad nas thams cad du sangs rgyas pa med pa*), na natureza do estado primordial, a grande

vaziez da condição originária, até mesmo o termo iluminação se dissolve. (LOC, ff. 170b3 -171a4)

30] Aqui o texto dá uma interpretação semântica das três partes do termo tibetano *byang chub sems* (sânsc. *bodhicitta*, traduzido como estado primordial): *byang*, que significa puro; *chub*, total; e *sems*, mente. Veja também introdução, págs. 24-29.

31] Este parágrafo explica as duas partes de *'dod chags*, o termo tibetano para apego: *'dod*, que significa desejar, e *chags*, estar apegado.

32] Neste parágrafo, a raiva (tib. *zhe sdang*) é descrita como a própria natureza das manifestações dos fenômenos, possivelmente porque representa energia ou movimento relacionado ao aspecto auto-aperfeiçoado (*lhun grub*) de seu próprio estado primordial do qual as visões puro e impuro surgem.

33] Nubchen Sangye Yeshe cita este parágrago em sua apresentação da visão da grande esfera (tib. *thig le chen po'i lta ba*) (LOC, ff. 188b5-189a1). Veja abaixo, n. 118.

34] Esse parágrago também é citado por Nubchen Sangye Yeshe em sua discussão sobre a visão da grande esfera (LOC, ff. 188b6-189a2). Veja abaixo, n. 118.

35] Todo este capítulo está de acordo com o princípio expresso nos cinco compromissos do Mahayoga: cumprir os significados provisórios dos cinco compromissos que prescrevem aquilo que não deve ser renunciado, e não renunciar às emoções assim como elas são, como fazem os *shravakas* [que as consideram inimigas], mas habilmente se envolver nelas. Isso ocorre porque os cinco venenos servem como caminho direto para a libertação e devido a sua natureza

ser primordialmente a das cinco sabedorias. Para cumprir os significados ocultos, não se renuncia aos cinco venenos [mas os cultiva]:

(1) a ignorância que não diferencia o que deve ser praticado do que deve ser renunciado e é imparcial em seus pontos de vista, pois todas as coisas são perfeitas em estado de igualdade;

(2) o apego que é a afeição que surge da compaixão não objetificante por todos os seres vivos que carecem da realização da visão;

(3) o ódio que subjuga os equívocos com sabedoria auto-experienciada;

(4) o orgulho que não desce das alturas da visão de realizar a igualdade [dos fenômenos];

(5) a inveja que não acomoda visões ou condutas dualistas na vasta extensão de igualdade.

Veja *Buddhist Ethics* de Kongtrul, págs. 282-83.

36] Esta linha também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol. Ka, f. 7a4). Garab Dorje (Toh. 2093, vol. Tshi, f. 56b7) explica: "*Tu és o conhecimento da iluminação perfeita* refere-se ao estado que não pode ser meditado."

37] Esta linha aparece no *Manjushrinamasamgiti* (vol. Ka, f. 7a4-5) como *nam mkha' lta bur chags pa med*, a última palavra que significa sem apego. Garab Dorje (f. 57a1-2) explica: "*Sem apego como o céu* significa que está livre de apego e desapego ou que, como o céu, está aqui desde a origem".

38] Esta linha aparece no *Manjushrinamasamgiti* (f. 7a5) como: *rnam dag phung po lnga 'chang ba.* Garab Dorje (f. 57a4) explica esta frase da seguinte forma: "[Isto significa] que tal

consciência em sua pureza nunca é separada das cinco sabedorias ilusórias.”

39] Esta linha aparece no *Manjushrinamasamgiti* acompanhada por outra linha: *sangs rgyas kun gyi sprul pa'i sku//byed pa dpag med 'gyes pa po* (*rNying mar rgyud 'bum*, vol. 21, f. 73b3). Garab Dorje explica as duas linhas da seguinte forma: “[Isto significa que] os raios de luz das seis letras [que se tornam os seis *munis*] irradiam entre as faces do Corpo masculino e feminino de recursos perfeitos” (f. 57b4) . Veja também n. 50, abaixo.

40] Esta linha também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (f. 6b2). Garab Dorje afirma: “[Isto] refere-se à respiração (*dbugs*) do precioso Corpo da realidade” (f. 55a1).

41] Explicando as duas primeiras palavras desta linha, *realidade não-nascida* (tib. *skye med chos*), que também aparecem no *Manjushrinamasamgiti* (f. 6b4), Garab Dorje afirma: “A realidade não-nascida refere-se à realidade absolutamente pura que é apenas a falta de nascimento e cessação” (f. 55a6).

42] Esta frase também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (f. 7a1). Garab Dorje explica: “*Uno* se refere à existência cíclica e à transcendência do sofrimento. O que quer que seja uno é *não-dual*. O que quer que seja uno é o *significado da realidade*” (f. 56a3-4).

43] Isso também aparece no *Manjushrinamasamgiti* com a última palavra da segunda linha como *'jig pa med*, um termo tibetano que significa indestrutível (f. 7a1). Nas diferentes edições do *Mejung*, aparece como *'jigs med* ou *'jigs pa med*, significando destemido. O comentário de Vimalamitra se lê *'jigs* e explica o seguinte: “Como não é conquistado por outro, é destemido” (f. 28a2). Da mesma forma, Garab Dorje afirma: “Sendo

sabedoria não-conceitual, não se intimida com fenômenos da existência cíclica. . .” (f. 56a4).

44] As duas primeiras das três frases acima, *Não existe letra* e *embora não tenhas forma*, com redação ligeiramente diferente e separadas por três outras linhas, também são encontradas no *Manjushrinamasamgiti* como: *sangs sngags don kun skyed pa po//... // rnam pa thams cad rnam pa med* (f. 7b7). Quanto à primeira linha, Garab Dorje explica: “*Tu és o criador de todo o conteúdo do Mantra Secreto* significa que através das elaborações do Mantra Secreto que derivam da base [primordial] que é a raiz do Mantra Secreto, a indicação para este [base] e sua realização são geradas” (f. 59a). Ele explica a segunda linha da seguinte forma: *Inclui todas as formas, embora não tenhas forma* significa que [a base primordial] possui os aspectos dos três *kayas* ou dimensões [que são suas] qualidades, mas não está presente como nenhuma característica” (f . 59a1-2).

A última sentença: *Uma vez desprovido de ramificações, estás além da contagem* (*yan lag med pa'i rtsis las 'das*) é encontrado em algumas traduções tibetanas do *Manjushrinamasamgiti*, como o *bKa' ma shin tu rgyas pa* (Kahthog , vol. 4, f. 11b2), enquanto em algumas outras traduções a frase aparece como *[Tu estás] além do que tem aspectos e do que não tem aspectos* (*cha med cha ldan las 'das pa*) (Toh. 360, vol. Ka, 7b7). Garab Dorje explica assim: “*Desprovido de ramificações, estás além da contagem*, significa que [como] a dimensão da realidade, a total liberdade de elaborações, não está presente como cálculos e números [em relação às letras e divindades] como explicado acima” (f. 59a1).

Nubchen Sangye Yeshe cita essas frases enquanto discute a visão da não-dualidade (*gnyis su med par lta ba*) (LOC, f. 185a6-b1). Veja abaixo, n. 146.

As mesmas linhas são citadas em IEM (pág.14) na explicação da natureza da obtenção final. Chögyal Namkhai Norbu explica: "*Tu és o estado primordial que inclui todas as formas, embora não tenhas forma* significa que tudo está incluído na natureza real de cada indivíduo, que é auto-aperfeiçoada. No entanto, essa natureza abrangente não tem nenhuma concretude ou materialidade. *Uma vez desprovido de ramificações, estás além da contagem* significa que a natureza real do indivíduo está além de qualquer noção e análise" (CNN, CO).

Esta linha, *És aquilo que é compreendido por todos os Budas,* e uma após a outra, *A iluminação insuperável dos Budas* (*sangs rgyas kun gyi rtogs bya ba//sangs rgyas byang chub bla na med*) aparecem juntas no *Manjushrinamasamgiti*. Garab Dorje explica da seguinte forma: "*Aquilo que é compreendido por todos os Budas* significa que a sabedoria da pureza de sua própria consciência é compreendida por todos os Budas dos três tempos; está presente em si mesmo como seu próprio atributo inerente. *A iluminação insuperável dos Budas* significa que [iluminação] é a natureza que é o atributo inerente de cada um. [Já que] não há nada mais elevado, é insuperável" (f. 58b6-7).

Vimalamitra explica as duas linhas da seguinte forma: "Agora, os nomes do ser da sabedoria, Manjushri, serão ensinados em termos da sabedoria que tudo realiza. A este respeito, se alguém deve se perguntar qual é a causa da atividade iluminada [o *Manjushrinamasamgiti* explica:] *O que é compreendido por todos os Budas é a iluminação insuperável dos Budas*, e assim por diante. [Isso significa que] a dimensão

não-dual da realidade é a natureza de todos os Budas, a realidade total que deve ser compreendida. Tendo compreendido isso, [eis] a iluminação insuperável dos Budas" (Toh. 2092, vol. Tshi. f. 31b6-7).

46] Citando este parágrafo ao discutir a conduta do grande método (*thabs chen po'i spyod pa*), Nubchen Sangye Yeshe afirma: "Esta é a conduta do método de Samantabhadra: desde o início, todos os fenômenos, sem exceção, são iluminados na condição de Samantabhadra; portanto, não há nada a ser abandonado ou aceito e, portanto, não há nem mesmo os termos 'desvio' e 'obscurecimento'. Tendo conquistado uma confiança tão firme, não se desviar da conduta em que não há nada a abandonar é a conduta do método de Samantabhadra. As seguintes citações promovem o desenvolvimento da confiança [neste princípio]" (LOC, f. 227b3-5). E conclui: "Assim, afirma-se que não se deve rejeitar nem aceitar nada" (LOC, f. 229a4-5).

47] Vimalamitra comenta as três linhas acima de *Tu és aquele que transcende,* para ... *é imaculado,* que também aparecem no *Manjushrinamasamgiti* (*bKa' ma shin turgyas pa*, Kathog ed., vol. 4, f.8a5-6) como segue:

> A fim de ensinar a essência pura da condição autêntica primordial, [o *Manjushrinamasamgiti* diz]: ... *transcende o corpo livre de apegos... é sutil, incontaminado e livre da semente [do samsara]. Uma vez que não está manchado e está além de máculas, é imaculado.* [Isso significa que a condição autêntica] está além daquela que se manifesta como sabedoria livre da mente apegada aos objetos. ... Já que os estúpidos a ignoram, ela é sutil; e está livre de contaminação, isto é, livre da ignorância que é a semente para o nascimento na existência condicionada. Como sua base está livre

das manchas da conceitualidade, não tem [máculas]. Quando a mente que não compreende [a natureza autêntica] é compreendida, torna-se livre das máculas do desconhecimento [*rtogs pa* alterado para *martogs pa*], e como não há nem apego a essa [compreensão], é imaculada. (f. 24a1-5)

Garab Dorje afirma: "*... transcende o corpo livre de apegos* refere-se ao precioso espaço interior. . . . *Sutil* significa que é difícil de examinar. *Incontaminado e [assim] livre da semente [do samsara]* significa que para aquele que tem realização, não há semente da existência cíclica. *Uma vez que não está manchado e [portanto] além de máculas, é imaculado* significa que, as tendo transcendido, não contém emoções como a raiva, [e portanto está] livre delas" (f. 53a1-4).

48] Citando as três linhas acima ao discutir a sabedoria auto-originada (*rang byung gi ye shes lta ba*), Nubchen Sangye Yeshe comenta: "Assim, a totalidade das qualidades [da sabedoria] se manifesta sem ser procurada. Uma vez que [a sabedoria] abrange e permeia tudo, o *Mejung* afirma: *Meu estado primordial é sutil, incontaminado e livre da semente [do samsara]. Uma vez que não está manchado e [portanto] está além de máculas, é imaculado. Ele habita em todos os sugatas e em todos os seres sencientes.*" (LOC, f. 174a2-4).

49] Garab Dorje explica esta linha, que também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol. Ka, f. 6a2) da seguinte forma: "*Aquele que tem o corpo da sabedoria é o Tathagata*, refere-se aos cinco *kayas* ou dimensões que brilham [como] a luz de pedras preciosas" (f. 53b2).

Vimalamitra explica isso e a linha anterior do *Manjushrinamasamgiti* da seguinte forma:

> *Aquele que tem o olho imaculado e único da sabedoria e é o transcendente* significa que os Budas dos três tempos realizam atividades que libertam os seres, e não se pode dizer que Buda surgiu primeiro aqui e no fim vai para ali, porque, desde o início, ele não tem causa. Como ele não tem a mancha do apego dualista, ele [tem] o único olho da sabedoria. Por ter o corpo no qual as seis sabedorias são de um mesmo sabor, é assim chamado. (f. 24b1- b3)

50] A frase *manifesta nos raios da Voz* (*gsung gi 'od zer la rol*) também é encontrada no comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti*. Nesse contexto ele afirma:

> *Dissipando os três, infinitos [seres] são libertados em três [modos]* significa que da língua da dimensão dos recursos perfeitos, masculino e feminino, surgem as seis letras do precioso som; isto é, manifestando-se nos raios da Voz, as [letras] tornam-se as seis emanações que dissipam os obscurecimentos do corpo, voz e mente das seis classes de seres. E libertando inúmeros seres de seus corpos [materiais], isto é, sendo libertados através do modo de capacidade superior, média ou inferior dos [praticantes], [eles] realizam os *kayas* e sabedorias. (f. 51a4-5)

Ele comenta ainda: "*A dimensão da emanação, a suprema das dimensões*, refere-se aos seis mestres que se manifestam nos raios da Voz da dimensão dos recursos perfeitos. Esses [mestres] são superiores entre os seis [tipos] de seres" (f. 59b2-3).

51] Citando a frase, *O Tathagata ... é totalmente puro, como o espaço*, embora com uma formulação diferente, enquanto explica a natureza da realização final, Nubchen Sangye Yeshe comenta:

> A natureza das realizações finais dos nove veículos, bem como a natureza da totalidade da existência cíclica, é indicada na expressão "... permanece na totalidade da base real da roda de ornamentos superiores inesgotáveis". O mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *Desta forma, toda a visão é o Tathagata que tem o corpo da sabedoria. Ele permanece na luz do Corpo e se manifesta nos raios da Voz. A mente é a pura amplitude do espaço.* (IEM, pág. 14)

Chögyal Namkhai Norbu comenta o seguinte: "A totalidade da visão do indivíduo, pura e impura, é a dimensão da sabedoria, ou seja, é como [a do] ser totalmente realizado e sua dimensão. A manifestação através do aspecto do Corpo permanece como a luz, a essência dos cinco elementos, e, através do aspecto da Voz, manifesta-se como raios. E o estado da mente se assemelha ao espaço" (CNN, CO).

A última linha do parágrafo, que se assemelha a uma encontrada no *Manjushrinamasamgiti*, afirma: *"Como o espaço, ele permanece em absoluta igualdade"* (*mkha' ltar mnyam pa nyid la gnas*) (Toh. 360, f. 5b1). Garab Dorje explica: "*Como o espaço, ele permanece em absoluta igualdade* significa que a dimensão dos recursos perfeitos e seu séquito e os [seres] que mais tarde se tornam Budas, permanecem em um estado indivisível de realização através da preciosa dimensão interna" (f. 51a6). -7).

52] Sobre a expressão *mnga' mdzad*, governar, Garab Dorje em seu comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti* afirma: "Desde que sua visão desobstruída se manifesta em todos os tipos de coisas, a pura consciência é o senhor de tudo, ou seja, governa [tudo]" (f. 48a1-2).

“Governar significa que quando o praticante permanece no estado de contemplação, tudo, sem exceção, está integrado nesse estado. Assim, governar aqui não implica a ação intencional de controlar algo” (CNN, CO).

53] Isso pode significar volição em que não há apego aos objetos das percepções sensoriais do indivíduo.

54] “Isso significa que a dimensão de recursos perfeitos, aqui representada por Vairocana, possui a potencialidade perfeita de todos os outros Corpos de iluminação” (CNN, CO).

55] Garab Dorje afirma:

> Agora, [o *Manjushrinamasamgiti*] explicará o significado da vaziez que é a natureza da base: O grande Vairocana, o Buda, refere-se à sabedoria da amplitude da verdadeira natureza da realidade, a vaziez da identidade do conhecível. É a luz azul que mantém essa característica. A dimensão que carrega esse significado é a de Vairocana, a dimensão de pura consciência dos cinco Corpos que se manifesta como aquele cujo rosto olha nas dez direções. Uma vez que sua luz se manifesta [como] a mandala da dimensão dos recursos perfeitos, é a principal dimensão dos recursos perfeitos. (f. 44b1-2)

56] A consciência básica de tudo (tib. *kun gzhi rnam par shes pa*; sânsc. *alayavijnana*) é uma do grupo de oito consciências (*rnam shes tshogs brgyad*) cuja existência é afirmada pelo Cittamatra e por algumas subdivisões das tendências Madhyamika da filosofia budista. Essa consciência serve como depósito para as tendências habituais (*bag chags*) criadas por ações passadas e, assim, forma a base para o aparecimento da visão cármica.

57] Tib. *rdo rje*; sânsc. *vajra*: a natureza que é indivisível (*mi phyed pa*), não pode ser cortada (*mi chod pa*) e não pode ser destruída (*mi shigs pa*).

58] Citando esta frase do *Mejung*, em sua explicação da busca pelo local [ideal] de meditação, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Uma vez que, quando todos os mundos e seus habitantes se manifestam espontaneamente como a sabedoria natural, não há nada que não seja sabedoria, onde quer que se habite, [seja] em um lugar solitário [ou] em um mercado lotado, naturalmente, em virtude [do entendimento] do *si* total, ganha-se a certeza do verdadeiro significado da solidão. Portanto, é [apenas] para liderar outros que [fala-se de] um lugar isolado, um [lugar] auspicioso em que o Buda pôs os pés, abençoado por praticantes, onde a terra não é hostil, [onde] não há inimigos [para impedir] a contemplação, onde o clima é ameno e a luz e a escuridão são equilibradas, um lugar considerado adequado porque não pode haver interrupções da vida e das necessidades da vida, e [fala-se] da limpeza do local. (IEM, pág. 5)

Comentando esta frase, Chögyal Namkhai Norbu diz: "*Todos os bilhões de sistemas de mundos do universo são meu domínio* significa que todo o universo é a dimensão de Samantabhadra, o estado primordial. *Minha morada* significa o lugar onde se vive. *Palácio celestial* refere-se ao reino puro da mansão divina da mandala" (CNN, CO).

59] Antes de citar várias fontes e as cinco linhas acima de nosso texto, em sua discussão sobre a visão do gozo total (*bde ba chen por lta ba*), Nubchen Sangye Yeshe diz: "Compreendendo o ponto essencial deste princípio, a pura consciência de seu estado se manifesta claramente como gozo

total, e a transmigração nas formas inferiores de existência é claramente manifestada como gozo total; assim todos os campos de experiência, sem excesão, são puros.” (LOC. f. 179a4-5). Veja também abaixo, notas. 95, 104 e 105.

60] A perfeição do professor e dos ouvintes mencionada nas duas frases anteriores do nosso texto são duas das cinco condições perfeitas (tib. *phun sum tshogs pa lnga*) ou cinco certezas (*nges pa lnga*) que caracterizam a dimensão dos recursos perfeitos: ensino (*chos*), tempo (*dus*), professor (*ston pa*), lugar (*gnas*) e séquito (*'khor*).

61] As quatro frases acima são citadas por Nubchen Sangye Yeshe em LOC na seção sobre a visão do gozo total (f. 189b6-7). Veja abaixo, n. 95.

62] Esta última linha está presente apenas no *Bai ro rgyud ’bum* e nas edições mTshams brag do nosso texto.

63] Este parágrafo também é citado em LOC (f. 163a4-b2). Para seu significado de acordo com Nubchen Sangye Yeshe, veja a seguinte nota.

64] Comentando as linhas do parágrafo acima, enquanto discute a visão da perfeição espontânea (*lhun gyis grub par lta ba*), Nubchen Sangye Yeshe explica:

> Isso significa que todas as qualidades estão completas, ou seja, a realidade concreta é a mandala dos *kayas* e das sabedorias. O discípulo afortunado compreende este princípio sem tentar compreendê-lo. Como não há nada a ser feito para conhecer [este princípio] porque tal é o estado originário, quando este princípio é descoberto, todos os nossos objetos sensoriais manifestam-se claramente como [essa] mesma gema preciosa, espontaneamente aperfeiçoados. (LOC. f. 163b2-4)

65] Para o significado deste parágrafo de acordo com Nubchen Sangye Yeshe, veja nota anterior.

66] No *Manjushrinamasamgiti* contido no Derge (sDe dge) *bKa'gyur*, esta linha aparece como *sna tshogs gzugs can yid rang bzhin* (Toh. 360, vol. Ka, f. 5a4). No comentário de Vimalamitra, como na maioria das edições do nosso texto, aparece como: *sna tshogs gzugs can yid las skyes* (f. 20a4). Comentando esta linha no contexto de sua localização no *Manjushrinamasamgiti*, Vimalamitra diz: "A variedade de formas originadas da mente... [significa que] a dimensão da emanação (sânsc. *nirmanakaya*) tem muitas formas que surgem da mente que se liberam em sabedoria" (f. 20a4).

67] Isso provavelmente se refere à natureza real das oito classes de consciência (tib. *rnam shes tshogs brgyad*): as cinco consciências dos sentidos (*sgo lnga'i dbang shes*), a consciência mental (*yid*), a consciência aflita (nyon yid), e a consciência básica de tudo (*kun gzhi rnam shes*).

68] As formas de comportamento mencionadas nos dois parágrafos anteriores referem-se a compromissos particulares na práxis do Nyingmapa Mahayoga e aos votos excepcionais das seis famílias dos Tantras Superiores das Novas escolas: Kagyu, Sakya e Gelug. No Mahayoga em geral, existem cinco compromissos particulares que prescrevem o que praticar, possuindo significados provisórios e ocultos.

Para cumprir o significado provisório, compromete-se a matar (isto é, libertar um ser nocivo da escravidão desta vida para benefício próprio e dos outros. Embora realizada exclusivamente por compaixão autêntica e, portanto, sem animosidade, externamente essa prática parece ser desprovida de compaixão); união sexual (sem considerar as limitações socioculturais, em que se retém o sêmen, puxa-o para cima e o

espalha pelos chacras e canais corporais como oferenda à mandala de deidades visualizadas em seu corpo); roubar; falar mentiras; e falar de forma ultrajante, desde que não seja feito por motivos egoístas, mas como um meio hábil para beneficiar os outros.

Os significados ocultos desses compromissos são os seguintes: matar (literalmente, libertação, tib. *sgrol ba*) significa cortar a vida do pensamento dualista através da sabedoria auto-experienciada; envolver-se em união sexual significa pôr em prática o gozo imutável através do prazer da fusão da essência seminal enquanto se está em união (*sbyor ba*) com um(a) consorte; roubar é pegar a essência seminal (gozo) do(a) consorte; falar inverdade é dizer que os seres vivos já estão libertos do ciclo de existência aparente, mas inexistente; falar escandalosamente é falar sem inibições através de um estado inexprimível de realização espiritual. Veja *Buddhist Ethics* de Kongtrul (pág. 282; págs. 253-56).

69] Antes de citar esta frase, ao discutir a conduta adequada sem esforço, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Estando livre de esforço, a conduta na qual não há intenção de perseguir é a seguinte: diferentemente do Mahayoga, nada é feito intencionalmente para efetuar algum [resultado particular], por exemplo, de acordo somente com a contemplação; assim, não há nada a ser empreendido. De fato, se alguém fosse realizar a não-ação, isso se tornaria uma conduta envolvendo ação. Portanto, aqui, de forma natural, não há nada a fazer e nada a empreender. Pois bem, se não há nada a fazer, senta-se sem fazer nada? [A essa objeção] eu respondo que nem mesmo se fixa no sentar: se há sentar, também haverá o não sentar; mas como você não se fixa nos quatro tipos de conduta que nunca são interrompidos,

faça o que fizer, nada é feito. Não há nada a se fazer. Não há nem como deixar de lado o que se tem [para fazer]. Quando se tem profunda confiança nessa conduta, não há nada a fazer intencionalmente, como a oferenda, a recitação ritualística e assim por diante, dos [veículos] inferiores. (LOC, f. 226a1-5)

70] "Um ser senciente (*sems can*) é aquele que está ligado à noção de um eu e às paixões que dele surgem. Matar significa dissipar tais noções e paixões, e conduzi-las ao conhecimento de sua verdadeira natureza" (CNN, CO).

71] As palavras renascer como seus filhos são usadas (juntamente com outras frases) no contexto do Mahayana para expressar alegria ao assumir o compromisso da mente altruísta da iluminação. Veja *Buddhist Ethics* de Kongtrul, pág.175.

72] Citando este parágrafo ao discutir o princípio do *si* total (tib. *bdag nyid chen por lta ba*), Nubchen Sangye Yeshe, diz: "Assim, isso significa '*Me entenda, o estado primordial que é livre de limitações*'" (LOC, f. 169b3).

73] Citando esta parágrafo ao discutir o princípio do *si* total, Nubchen Sangye Yeshe afirma: "Assim, aquele que conquista todas as emoções e seus traços sem tê-las abandonado é o *si* total" (LOC, f. 169b4-5).

74] De acordo com a antiga cosmologia indo-tibetana, um sistema de mundo passa por quatro fases (tib. *bskal pa*; sânsc. *kalpa*): formação, permanência, destruição e vacuidade. Na fase de destruição o mundo é consumido pelo fogo, vento ou água. Veja *Myriad Worlds: Buddhist Cosmology in Abhidharma, Kalacakra and Dzogchen*, de Kongtrul.

75] Citando este parágrafo ao discutir o princípio do *si* total, Nubchen Sangye Yeshe diz:

> Tudo se manifesta [no *si* total], mas em um mero nível relativo, [é explicado que] os Budas já encontraram [este princípio] na medida em que realmente o compreenderam; assim, tendo já se tornado o *si* total, eles foram consumidos [por ele]. E uma vez que os seres sencientes ainda devem ser libertados, [o *Mejung*] diz: *Curva-te diante de mim, [pois eu] ... ainda tenho que consumir [todos os seres sencientes]*. No entanto, essencialmente, todos os [Budas e seres], sem exceção, estão incluídos nesse [estado]. (LOC, f. 170a3-4)

76] Esta frase pode significar que o sábio não emite o sêmen material como oferenda às deidades como é feito nas práticas tântricas, mas emite o sêmen de si mesmo, ou seja, ele gera o conhecimento do estado primordial através da união com seu próprio ser.

77] Esta frase pode estar expressando a ideia de que se você descobre que o estado primordial e seu corpo é, metaforicamente, embelezado por tal conhecimento, olhar para seu corpo é como contemplar o Buda.

78] A primeira parte desta frase: *A mente não tem identidade a ser percebida* é citada por Nubchen Sangye Yeshe no contexto de explicar a maneira inequívoca de estabelecer a mente na meditação (IEM). Veja acima, notas 12, 13.

79] Citando este parágrafo ao discutir os três métodos para deixar a mente em estado meditativo, Nubchen Sangye Yeshe explica:

> De qualquer forma, uma vez que [a verdadeira natureza da mente] está livre dos [defeitos] mencionados acima, é apenas da perspectiva convencional que a maneira de deixar a mente [no estado meditativo é explicada]. Em geral, [os três métodos] consistem no método para

atingir [este estado], no método para estabilizá-lo e no método para não se fixar em nada. [Mas] é através do modo interno da visão que [os três métodos] são revelados. A este respeito, o iogue de Ati [compreende que] a meditação é o princípio autêntico que foi determinado decisivamente acima; [isso significa que] este princípio e aquele que medita são inseparáveis. Assim, uma vez que são um, eles são a essência da realidade tal como ela é. Assim, o iogue de Ati deixa a mente como está, sem fazê-lo propositadamente.

Da mesma forma, uma vez que a verdadeira natureza da realidade está espontaneamente presente, a pureza de sua própria consciência é deixada no [estado] espontâneo. A verdadeira natureza da realidade se manifesta claramente na condição da grande esfera; assim, a própria consciência também é deixada no [estado] da grande esfera. Como o princípio não está relacionado à ação e ao esforço, a própria consciência não está relacionada à ação e ao esforço. A verdadeira natureza da realidade é desprovida de dualidade; assim, a consciência está livre da dualidade. A verdadeira natureza da realidade é livre de objetivos; assim, a pura consciência está livre de objetivos. A verdadeira natureza da realidade é a sabedoria espontânea; assim, a própria consciência é sabedoria auto-originada. A verdadeira natureza da realidade é o *si* total universal; assim, a mente é o *si* total. A verdadeira natureza da realidade não pensa em todos os [fenômenos]; assim, a mente não pensa em nada. A verdadeira natureza da realidade não se move nem um pouco; assim, a mente não se move nem um pouco. A verdadeira natureza da realidade não se relaciona a nenhum [objeto]; assim, a mente não se relaciona com nenhum [objeto]. A verdadeira natureza da realidade não é perturbada;

assim, a mente não é perturbada. A verdadeira natureza da realidade não aparece de forma alguma; assim, a mente não aparece de forma alguma. No estado natural da realidade não se examina, analisa, busca, [ou] adota [qualquer coisa]; assim, a mente não examina, analisa, busca, [ou] adota [qualquer coisa]. A verdadeira natureza da realidade não nasce e não cessa; assim, mesmo a própria mente nunca nasce, não permanece em lugar algum e nunca cessa. O estado da verdadeira natureza da realidade não age intencionalmente, não modifica e não altera; assim, a própria mente também não age intencionalmente, não modifica e não altera.

A verdadeira natureza da realidade é clara e não-conceitual; assim, a pureza de sua própria consciência também é clara e não-conceitual. A verdadeira natureza da realidade não emerge, não entra e é desprovida de noções; assim, a própria consciência também não emerge, não entra e é desprovida de noções.

A verdadeira natureza da realidade não reside nem mesmo na ausência de conceitos, de movimento ou de ponto de referência; assim, também a própria mente não reside nem mesmo na ausência de conceitos, de movimento ou de ponto de referência. A condição essencial dos fenômenos é contínua desde o início, desprovida de separação [na] sessão de meditação e da pausa entre [sessões]; assim, a pureza de sua própria consciência é a grande continuidade desprovida de sessão de meditação e pausa entre [sessões]. Porque isto é assim? Aquilo em que a verdadeira natureza da realidade é apenas como é, nada mais é do que a própria consciência. Quem segue este sistema não tem sequer a noção de instantaneidade. (LOC, ff. 206b4-207b6)

Ele afirma ainda: “Assim, é claro que não há objeto [no qual repousar a mente]” (LOC, f. 208a1).

Além disso, citando este pequeno parágrafo no contexto da maneira de estabelecer a mente na meditação, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Assim, quando o meditador que não está livre do apego experimenta o desejo de uma sabedoria luminosa e o medo de cair na falta de discernimento devido à falta de pensamento, ou [de cair] em um estado de cessação [como o do Hinayana] e experimenta dúvidas, estas são dissipadas como antes. Aqui, com a compreensão da falta de identidade inerente [dos fenômenos], fica-se sem conceitos, pois não há pensamento apreendendo a dualidade do eu e do outro que teme fabricações em relação a objetos e visões. (IEM, pág. 9)

Chögyal Namkhai Norbu comenta: “*Quando ficas na essência da iluminação*, significa ‘quando se permanece no estado primordial’... *A condição de vaziez não é [experimentada] como um objeto* significa que quando nesse estado se vê os fenômenos como vazios, nesse ver não há dualidade de sujeito e objeto *Assim*, *nem mesmo permaneces [no vazio]* significa que não se apega nem mesmo ao conceito de vazio” (CNN, CO).

80] Citando esta linha ao explicar o grau perfeito de experiência meditativa, Nubchen Sangye Yeshe diz:

> Os seres sencientes são iluminados desde o início; portanto, qualquer pensamento que surja é sabedoria. É a consciência muito pura na qual não há nada para purificar ou abandonar, e [na qual nem mesmo a ideia] de modificar a mente – uma vez que não é obstruída por conceitos ou obscurecimentos – não surge. Além disso,

por ser uma presença espontânea desobstruída que não precisa ser modificada por um antídoto, é chamada de maravilhosa. (IEM, pág.11)

81] Comentando uma linha do *Manjushrinamasamgiti* que se assemelha muito a esta do *Mejung*, Garab Dorje afirma: "*A grandeza da mente de todos os Budas* refere-se à sabedoria auto-originada da pura consciência" (f. 54a6).

82] Esta frase se assemelha muito a uma linha do *Manjushrinamasamgiti*: *sangs rgyas kun gyi thugs che ba//sangs rgyas kun gyi thugs la gnas* (Toh. 360, vol. Ka, f. 6a6). Garab Dorje explica seu significado da seguinte forma: "*A grande Mente de todos os Budas* refere-se à sabedoria auto-originada da pura consciência. *Habita na Mente de todos os Budas* refere-se ao lugar de estar, isto é, o coração precioso (sânsc. *citta*)" (f. 54a6).

83] Conforme mencionado nas palavras do Mestre, o estado primordial de todos os Budas reside na mente, ou seja, não se encontra nas escrituras ou palavras, mas em sua própria consciência, e deve ser conhecido através do autoconhecimento.

84] No contexto dos sutras Mahayana, a sabedoria transcendente (tib. *ye shes kyi pha rol tu phyin pa*) é o décimo meio de transcendência (tib. *phar phyin*; sânsc. *paramita*).

85] A linha ... *é a letra suprema que é o grande significado* (*don chen yi ge dam pa ste*) aparece no *Manjushrinamasamgiti* no Derge (sDe dge) *bKa' 'gyur* com uma redação ligeiramente diferente: *don chen 'gyur med dam pa yin* (Toh. 360, vol. Ka, f. 3a3).

O comentário de Garab Dorje sobre o *Manjushrinamasamgiti* (onde a linha aparece como *don chen yi ge dam pa yin*, f. 42b3) explica o seguinte:

> *A é a suprema de todas as letras* significa que, assim como a letra *A* é a essência de todas as letras, a pureza de sua consciência é superior às cinco sabedorias e aos [cinco] elementos. *É a letra sublime da realidade total* significa que, ao contrário da letra *A* ou das palavras e nomes que dela dependem, a pureza de sua consciência é o significado do Corpo de realidade indivisível e auto-originado que é naturalmente puro. Por exemplo, a letra *A* vem de dentro e é como a morada de outras letras; assim, é um som auto-originado. Sendo auto-originado, não nasce. Da mesma forma, os fenômenos da existência cíclica e sua transcendência surgem do [estado primordial], mas essa base, sem causas e condições, é auto-originada; assim, é desprovida de nascimento. (f. 42b2-4)

Comentando as seguintes linhas do *Manjushrinamasamgiti*: *'di ltar sangs rgyas bcom ldan 'das//rdzogs pa'i sangs rgyas a yig las byung//don chen 'gyur med dam pa yin* (Toh. 360, vol. Ka, f . 3a2-3), Vimalamitra diz:

> Quanto à causa da qual surge o totalmente iluminado, ele surge de ter meditado sobre a [realidade] que não nasce. Portanto [o *Manjushrinamasamgiti* diz], O totalmente iluminado surge de *A*. Bem, então, por que ele surge apenas da letra *A*? [Porque] *A* é a suprema de todas as letras. Em que sentido é suprema? Já que é a letra que revela o grande significado do Dharma, é a letra sagrada que é o grande significado. Por que é assim? Desde que revela o significado do não-nascido que é o grande significado, vem de dentro e não nasce. Todas as outras letras dependem dos dentes, língua,

> lábios, palato superior e assim por diante, mas a letra *A* não depende deles. Ela surge naturalmente de dentro e é, portanto, a suprema de todas as letras. (Toh. 2092, vol. Tshi, f. 10a6-b1)

Citando estas linhas do nosso texto na explicação dos sinais da meditação, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Os sinais da meditação são: [ter uma sensação de] leveza física, [desfrutar] de boa saúde, sentir-se como se não tivesse corpo, ganhar o menor e maior [tipo de] tolerância física, não [ter] nenhuma ansiedade sobre o nascimento e a morte, não se sentir desanimado pela existência cíclica, não temer o precipício das existências inferiores, consider as oito preocupações mundanas com indiferença, e sem esperança e medo. Sem desejar estar livre de [tal] aflição, [simplesmente] não experimenta-se o sofrimento; esta [liberdade] surge [espontaneamente] de dentro. O mesmo texto diz: *O desejo de iluminação é uma grande doença. Assim como a terra [não alcança] o céu, não busque [a iluminação], pois a essência da verdadeira natureza da realidade brota de dentro.* E o mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *A pura consciência dos afortunados é a letra suprema que é o grande significado: brota de dentro e não tem nascimento*. (IEM, págs.11-12)

86] Esta frase também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol. Ka, f. 4a3). Garab Dorje explica assim: “A existência cíclica e sua transcendência são a energia da sabedoria” (f. 47b5).

87] As oito deusas da oferenda (*lha mo brgyad*), também conhecidas como oito bodhisattvas femininas, são Lasya, Malya, Gita, Nirti, Pushpa, Dhupa, Aloka e Gandha. Símbolos da pureza dos quatro objetos dos sentidos (forma, cheiro, som

e sabor) e dos quatro tempos (passado, presente, futuro e tempo indefinido), as oito deusas da oferenda são geralmente visualizadas em mandalas tântricas como as consortes dos oito bodhisattvas. Lasya, consorte de Kshitigarbha, oferece beleza; Malya, consorte de Akashagarbha, oferece guirlandas; Gita, consorte de Vajrapani, oferece música; Nirti, consorte de Avalokiteshvara, oferece dança; Pushpa, consorte de Sarvanivaranavishkambhin, oferece flores; Dhupa, consorte de Maitreya, oferece incenso; Aloka, consorte de Samantabhadra, oferece luz; e Gandha, consorte de Manjushri, oferece perfume.

88] Tib. *rdzas brgyad*: substâncias usadas para implementar os oito *siddhis* (*dngos grub*) como a espada, colírio, e assim por diante. As oito realizações ou poderes são os do mantra (*sngags*), a capacidade, tanto em modos pacíficos quanto irados, de influenciar os seres por meio de mantras; da medicina (*sman*), o elixir da virilidade e longevidade (*bcud len*); da oferenda de fogo (*sbyin sreg*), a capacidade de realizar os vários tipos de ações (apaziguar, enriquecer e assim por diante) por meio de rituais de fogo; de pós (*phye ma*), o pó ou as pílulas (*ril bu*) que, quando colocadas na boca, permitem que o iogue fique invisível ou assuma qualquer forma desejada (alternativamente, refere-se à gota de substância aplicada na testa que confere os mesmos poderes); de colírio (*smig sman*) que permite ver os três reinos; e de agilidade (*rkang mgyogs*) que permite viajar grandes distâncias em curtos períodos de tempo. Estes são poderes adquiridos na dependência de uma substância ou objeto. Se o iogue for separado dessas substâncias ou objetos, ele perde os poderes correspondentes. Esses oito poderes são apresentados de maneiras ligeiramente diferentes, dependendo do tantra. Para uma discussão extensa,

veja *O Tesouro do Conhecimento: Jornada e Objetivo* (*Treasury of Knowledge: Journey and Goal*) de Kongtrul.

89] Tib. *yi ge 'khor lo tshogs chen*: também conhecido como o décimo terceiro nível de iluminação, este é o nível mais alto de realização descrito no Mahayoga. Para detalhes, veja a explicação de Kongtrul em *O Vaso Precioso* (*The Precious Vase*) de Chögyal Namkhai Norbu e em seu próximo trabalho, *O Portal para Adentrar o Ensinamento: As Palavras dos Grandes Mestres* (*The Gate to Enter the Teaching: The Words of the Great Masters*).

90] Marcas maiores e menores (tib. *mtshan dang dpe byed*): trinta e duas marcas maiores e oitenta menores no corpo de um Buda (*sku mtshan dpe*) que são o resultado de ações saudáveis específicas. Por exemplo, como resultado de sua generosidade, as palmas e solas de um Buda são marcadas por rodas; devido a ele não destruir a amizade dos outros por meio de calúnias, seus dedos das mãos e pés estão conectados por uma teia, e assim por diante. Veja *Treasury of Knowledge: Journey and Goal* de Kongtrul.

91] "Este e os próximos dois parágrafos enigmáticos podem estar relacionados com a potencialidade do estado primordial. Assim, a voz comum (tib. *ngag*) representando o som e sendo a origem de tudo, é o Corpo do passado (*'das pa'i sku*). O corpo ordinário (*lus*), representando o que se manifesta agora, é o Corpo do presente (*da ltar byung ba'i sku*). A mente comum (*sems*), cuja essência é a fonte das manifestações, é o Corpo do futuro (*ma byung ba'i sku*)" (CNN, CO).

92] Esta linha, com uma ligeira variação, também aparece no *Manjushrinamasamgiti*: *yang dag bdag med de bzhin nyid//yang dag mtha' ste yi ge med* (Toh. 360, vol. Ka, f. 5a3). Garab Dorje explica: "*Perfeição, condição natural desprovida*

de identidade significa que na verdadeira natureza da realidade, isto é. . . a sabedoria da pureza de sua própria consciência, não há eu [criado por] tendências habituais, e os três *kayas* ou dimensões estão inseparavelmente unidos. *O verdadeiro limite está além das letras* significa que a dimensão da realidade é inexprimível" (f. 50a 3-4).

93] Uma passagem semelhante também é encontrada no *Manjushrinamasamgiti*:

> *mchod pa chen po 'dod chags che//sems can thams cad dga' bar byed//mchod pa chen po zhe sdang che//nyon mongs kun gyi dgra che ba//mchod pa chen po gti caneca che//gti mug blo ste gti mug sel//mchod pa chen po khro ba che//khro ba chen po dgra che ba //mchod pa chen po chags pa che//chags pa thams cad sel bar byed//'dod chags chen po bde ba che //dga' ba chen po mgu ba che.* (Toh. 360, vol. Ka, f. 3a3-5)

Comentando essas linhas, Garab Dorje afirma:

> *A grande oferenda é o apego total* indica as características da sabedoria. Afastando-se do apego comum dos seres, [apego total] é a inteligência inquiridora e desobstruída da pura consciência que é o remédio para esse [apego]; [assim,] é a sabedoria que discerne. *Traz regozijo a todos os seres* significa que a grande potencialidade revela sem esforço o apego como sabedoria, e assim o [apego] é um [com a sabedoria]; assim é regozijo. *A grande oferenda é a raiva total* significa que a [raiva] dissipa as emoções dos seres, pois é a pura consciência desobstruída, a sabedoria que é como um espelho. *O grande inimigo de todas as emoções* significa que as emoções não existem, pois são sabedoria desobstruída. *A grande oferenda é a ignorância total* significa que a pura consciência é o

conhecimento que não diferencia, pois é a sabedoria da amplitude da verdadeira natureza da realidade. *A mente ignorante* refere-se à [natureza sagaz] do conhecimento não-conceitual. *Dissipa a ignorância* significa que a [ignorância] não existe [realmente]. *A grande oferenda é a raiva total* significa que não existem emoções associadas à dualidade, pois são sabedoria auto-originada se manifestando como luz. *A grande raiva é o inimigo total* refere-se à superação da raiva que é a ignorância. *A grande oferenda é o apego total* refere-se ao puro gozo. *Dissipa todo apego* significa que [não refuta] conceitos. *O grande desejo é gozo total* significa que ao compreender [o desvio do] desejo de realizar seu próprio Corpo e sua sabedoria por si mesmo, você está livre de atividades e esforços. Alternativamente, [a frase acima se refere ao] gozo desprovido de apego. Desfrutando da realidade não-dual, [tal gozo] não tem emoção. (ff. 42b6-43a4)

Em seu comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti*, Vimalamitra afirma:

Pois bem, como as emoções são superadas? [O *Manjushrinamasamgiti*] afirma: *A grande oferenda é o apego total que traz regozijo a todos os seres*, e assim por diante. A oferenda, uma vez que agrada à deidade, é [chamada] “oferenda”. Esse significado está de acordo com o princípio de que, sem ter que ser abandonadas, as emoções são sabedoria; elas são uma oferenda [feita] por si mesmo. Isso se aplica a todas as [emoções]. Quanto à palavra “grande”, por exemplo, assim como o mantra para curar venenos é chamado de “mantra [para] venenos”, essa [oferenda] é chamada de “grande”, pois supera seu oponente. “Apego” é o apego espontâneo à absoluta igualdade das emoções. Tal [apego] liberta o indivíduo do apego perverso e dá origem à alegria pura.

A grande oferenda é a raiva total, o grande inimigo de todas as emoções [significa que] como [a raiva total] possui a raiva que supera os conceitos e como supera a raiva comum, é o grande inimigo. *A grande oferenda é ignorância total. A mente ignorante dissipa a ignorância* [significa que] uma vez que [a ignorância total] possui a ignorância definitiva que não diferencia os fenômenos, ela dissipa a ignorância comum. *A grande oferenda é a ira total, a ira total que é o grande inimigo* [significa que] como não permite que surjam emoções, é "grande ira", e como dissipa a ira comum, é chamada de "grande inimigo". *A grande oferenda é o apego total que dissipa todos os apegos* [refere-se ao] apego ao gozo supremo e puro, aquele que dissipa o apego comum da avareza. Nesse sentido, maior é o agente superador e menor o fator superado. Aplicando-lhes as instruções secretas, há quatro tipos [de oferendas]: como liberta os discípulos que estão apegados a essas emoções pelo método de uma conduta semelhante à dessas emoções, mas que não as abandona, é a oferenda de uma conduta similar. Uma vez que transforma as emoções nas cinco sabedorias, é a oferenda da sabedoria da transformação. Uma vez que te liberta das cinco emoções e te [faz com que] alcance o Grande Símbolo das dimensões das cinco famílias, é a oferenda do símbolo da libertação. Uma vez que após o exame, as emoções são [descobertas] desprovidas de [qualquer] essência, mas existem como a verdadeira natureza da realidade, esta é a oferenda da pura natureza. *O grande apego é o regozijo total, o grande deleite que é o grande contentamento* [significa que] uma vez que ensina o Dharma e dá origem ao gozo da libertação naqueles seres que desejam a libertação, é regozijo; e uma vez que realiza a verdadeira realidade, traz contentamento. (ff. 10b2-11a3)

94] Citando esta frase ao discutir a base tal como ela é, Nubchen Sangye Yeshe diz: “Esta citação ensina que os Budas e seres sencientes não existem, mas [eles] aparecem; [eles] existem e ainda assim não existem” (LOC, f. 194b3).

95] Depois de citar as duas linhas acima, enquanto discute a visão do gozo total, Nubchen Sangye Yeshe afirma: “Em tal estado, o inferno mais profundo foi esvaziado, a forma da existência cíclica foi eliminada, as formas inferiores de existência foram varridas para longe, os mal-entendidos surgiram como o caminho da iluminação, o universo foi colocado em gozo total, os desvios e obscurecimentos foram levados no gozo total, o sofrimento tornou-se prazer; assim, você permanece ao longo dos três tempos no ventre de puro deleite do gozo total, sem [intencionalmente] estabelecer-se aí” (LOC, f. 180a1-4).

96] Esta linha também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol. Ka, f.7a4).

97] A mesma linha aparece no *Manjushrinamasamgiti* (f.7a4-5). Garab Dorje comenta o seguinte: “*Como o espaço, não tens apego* significa que [o estado primordial] é desprovido tanto da liberdade de apego quanto da ausência de apego, ou que alternativamente, como o espaço, está aqui desde o início” (f . 57a1-2).

Vimalamitra explica esta frase junto com outras duas com um viés diferente:

> Antes de realizar o benefício dos seres, a compaixão deve ser gerada. [Assim, o *Manjushrinamasamgiti* diz:] [Seu] forte apego por todos os seres, como o espaço, é sem apego. Permeando a mente de todos os seres, [ele é] rápido como a mente [em realizar o benefício] deles. [O Buda] tem apego compassivo a todos os seres como uma mãe para seu único filho. Se você se perguntar se

> esse [apego] não se torna uma característica conceitual, [a resposta é:] como ele sabe que o definitivo é como o espaço, o apego comum é eliminado. Além disso, ele permeia a mente de todos os seres e realiza o benefício deles tão rapidamente quanto a mente. (f. 29a2-3)

98] Esta linha, que também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol.Ka, f.7a5), é explicada por Garab Dorje da seguinte forma: "*Tu conheces que a [real] natureza dos cinco agregados* se refere ao conhecimento da verdadeira natureza definitiva dos agregados, exatamente como ela é" (f. 57a3-4).

Vimalamitra explica isso junto com três outras linhas da seguinte forma:

> Com relação a isso, para explicar que [os Budas] conhecem aqueles que devem ser beneficiados, [o *Manjushrinamasamgiti* diz]: *Ele conhece as capacidades de todos os seres; ele atrai a mente de todos os seres; ele sabe que a natureza dos cinco agregados também é essa [condição]. Ele possui os cinco agregados perfeitamente puros*. [Estas linhas significam que] ele conhece as capacidades de todos os seres – superiores, médios e inferiores – e conhece todas as suas aspirações. Como ele se revela de uma forma que não se cansa de contemplar, atrai a mente dos seres sencientes; e como ele muda a mente com conceitos para um estado não-conceitual, ele também atrai [a mente]. Além disso, ele sabe que a natureza dos cinco agregados é relativa, como uma ilusão e, em última análise, não-nascida. E ele possui os cinco agregados perfeitamente puros da conduta ética, da contemplação, do conhecimento, o agregado da libertação completa e o agregado da [visão da] sabedoria da libertação completa. (f. 29a 4-6)

99] Para concluir a discussão do caminho universal de Ati em que ele cita os dois parágrafos anteriores, Nubchen Sangye Yeshe afirma: "Portanto, na ausência deste caminho, nem mesmo os Vitoriosos aparecem. Apesar dos caminhos percorridos, sem este [caminho universal da não-ação] não há como libertar-se da prisão do esforço, e para os seres vivos o oceano da existência cíclica nunca secará. E para estabelecer os seres vivos em gozo, sem tê-los estabelecido [intencionalmente] devido a não-ação, é preciso contar com este caminho" (LOC, f. 158a1-3).

100] No contexto do Mahayana, os níveis de realização (tib. *sa*; sânsc. *bhumi*) são os dez níveis do bodhisattva (*sa bcu*). Em seu comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti*, Vimalamitra os explica da seguinte maneira:

> Uma vez que se atingiu a mente supramundana, o primeiro nível é [chamado] "alegre". Desde que se foi liberto das manchas de uma moralidade violada, o segundo nível é [chamado] "imaculado". Uma vez que se alcançou a sabedoria supremamente clara, o terceiro nível é [chamado] de "luminoso". Uma vez que se irradia a luz dos fatores que conduzem à iluminação, o quarto nível é [chamado] "radiante". Como neste [nível], a contemplação e trabalho para o benefício dos outros estão presentes, e assim se treina a mente que é difícil de treinar, o quinto nível é [chamado] "difícil de treinar". Uma vez que se realizou a contemplação além das características conceituais, o sexto nível é [chamado] "realizado". Uma vez que se foi longe das características conceituais, o sétimo nível é [chamado] "foi longe". Uma vez que se permanece na contemplação sem ser movido por quaisquer características conceituais, o oitavo nível é [chamado] "imóvel". Como possui uma grande inteligência para

ensinar o Dharma aos alunos, o nono nível é [chamado] "excelente inteligência". Uma vez que possui grandes nuvens de qualidades que amadurecem as colheitas das qualidades dos alunos através da chuva de ensino, o décimo nível é [chamado] "nuvem de ensino". (f. 20b3-21a1)

Garab Dorje em seu comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti* reinterpreta os dez níveis à luz do ensinamento Dzogchen da seguinte forma:

Quando o ensinamento oral é proclamado através das quatro introduções, vendo que os *kayas* e as sabedorias habitam dentro de si mesmo, há o [nível] "alegre". Com confiança nisso, estando sem dúvida é o [nível] "imaculado". Quando, diferenciando mente e sabedoria, se governa a mente, as características conceituais são superadas e você está a ponto de não precisar revelar essas [qualidades] aos outros (*de bzhin la* emendada a *de gzhan la*), é o nível "luminoso". Alcançar o benefício dos outros é o [nível] "radiante". Quando não há tal compreensão, os cinco e os três venenos são difíceis de conquistar. No entanto, [quando] essa realização superior nasce na mente e os cinco e os três venenos se liberam como as cinco sabedorias, você está no [nível] "difícil de treinar". O sexto [nível], "o realizado", é o conhecimento correto do significado dos três [preciosos] espaços internos [da autoperfeição da base, da exibição da base, da realização final autoaperfeiçoada] e dos três *kayas*. A sétima, "foi longe", é a libertação de um resultado contaminado [isto é, o próprio corpo]. O oitavo, "imóvel", é a separação das partes puras e impuras dos elementos [do seu próprio corpo]. A nona, "excelente inteligência", é o propósito que se manifesta a partir de si mesmo. A décima, "nuvem de ensino", é o domínio do ensinamento. (f. 45a1-b3)

101] Isso alude à geração da intenção altruísta de atingir a iluminação (tib. *byang chub sems*) feita no Mahayana através da aceitação ritualística de um compromisso, e no Mantra Secreto através de um rito envolvendo visualizações, e assim por diante.

102] Este parágrafo é citado por Nubchen Sangye Yeshe ao discutir a liberdade da busca (tib. *rtsol ba dang bral ba*), que ele explica através de vinte pontos. Ele afirma: "Assim, através dos vinte pontos [o estado já está aperfeiçoado; daí,] como alguém poderia procurar algo? O buscador e a busca são inexistentes desde o início" (LOC, f. 176a1-2).

E adiante:

> De acordo com um modo [do ensinamento], a compreensão profunda do princípio da liberdade da ação é a seguinte: embora se ofereça todo o universo tríplice, os seres superiores não ficarão satisfeitos; embora percorra [o caminho] por eras, o nível [de iluminação] não é alcançado; qualquer que seja a ação virtuosa das três portas que se realize, você não se torna o Buda; mesmo que se busque o estado de Buda nos quatro tempos, ele não será encontrado; mesmo que se medite continuamente, não há nada a fazer para tornar o princípio claro; mesmo que se role ou fique de cabeça para baixo, seja qual for o lado que vire, não se desvia do princípio essencial porque o grande princípio já está [claro] em si mesmo. (LOC, ff. 177b5-178a2)

103] Esta linha é citada por Nubchen Sangye Yeshe ao discutir a conduta da perfeição espontânea (tib. *lhun grub kyi spyod pa*): "Quanto à conduta da perfeição espontânea, tudo é iluminação; [portanto] a palavra 'existência cíclica' não existe. O resultado parcialmente manifesto, comparável à lua cheia do oitavo mês, é a conduta. Em todas as direções não há nada que

não seja a atividade do Buda; portanto, aqui todas as formas de conduta são a atividade [do Buda]” (LOC, f. 229a5-6).

104] Nubchen Sangye Yeshe cita este parágrafo no contexto do grande propósito da visão além dos objetivos para explicar que o campo perceptivo do indivíduo é naturalmente puro:

> Embora a condição natural tal-como-é não tenha nada a ser purificado, quando se ganha conclusivamente a confiança de que esse campo perceptivo visto como os três mundos ordinários devido à falta de compreensão dos seres sencientes é [de fato] o estado primordial, sem renunciar aos três mundos, eles são naturalmente liberados em sua própria condição; assim, como uma gema preciosa que realiza desejos, manifestam-se claramente como o estado primordial auto-aperfeiçoado. (IEM, pág. 2)

Chögyal Namkhai Norbu comenta: “Assim, nosso texto diz que o indivíduo que descobriu a gema preciosa nos três mundos, ou seja, a real natureza dos três mundos, sem a necessidade de mudar nada, pode obter o que quiser. E também, os três mundos se tornam exatamente como se deseja que sejam. Isso não é mais uma aparência dualista, pois eles estão integrados em um estado de contemplação” (CNN, CO). Veja também n. 95 acima e notas 105, 107 abaixo.

105] Citando este parágrafo ao discutir a visão do gozo total (tib. *bde ba chen por lta ba*), Nubchen Sangye Yeshe afirma: “Em relação a este princípio que pertence à instrução secreta da pureza de sua própria consciência, [é explicado que] não há nada mais [pelo que procurar], na verdade [o gozo total] é a *si*; portanto, neste [estado] não há projeções mentais, não há complacência, e nada é conceituado” (LOC, f. 180a6-b1).

106] No veículo dos meios de transcendência (tib. *phar phyin theg pa*) afirma-se que para atingir a iluminação deve-se reunir as duas acumulações (*tshogs gnyis*) de mérito e sabedoria por incontáveis eras.

107] Antes de citar este parágrafo, Nubchen Sangye Yeshe afirma: “Assim, não é como se [o mundo] se tornasse o que não é; significa que aquilo que *é* se manifesta de maneira natural. Portanto, não há [mérito ou sabedoria] para acumular ou buscar no momento. [Em] qualquer coisa que se faça ou experimente, não há perda nem acumulação” (LOC, f. 163b5-6).

108] Isso significa não convidar a deidade a se fundir em si mesmo como é feito nos rituais tântricos, mas sim contemplar sua condição primordial.

109] Mestre (tib. *ston pa*) geralmente se refere ao fundador de uma tradição espiritual, como o Buda.

110] Esta última linha, que também aparece no *Manjushrinamasamgiti* (Toh. 360, vol.Ka, f. 7b-1), é explicada por Garab Dorje da seguinte forma: “Todos os veículos mencionados surgem como três: [o veículo] de *shravakas*, *pratyekas*, e *bodhisattvas*, e permaneçam como um único [veículo] que é somente o resultado perfeito do Mantra Secreto” (f. 57b6). Aqui, o Mantra Secreto, conforme especificado por Garab Dorje em seu comentário, refere-se a mais extraordinária sabedoria imaterial da pura consciência.

Nubchen Sangye Yeshe cita esta linha do *Mejung* enquanto discute a realização final, e comenta o seguinte: “Os três estágios de não-conceitualização [dos não-budistas, dos Hinayanistas e dos Mahayanistas] são aqueles que causam a libertação [da existência cíclica]. A conclusão final de todos

eles é este veículo de perfeição espontânea" (LOC, f. 247a5-6).

111] Nubchen Sangye Yeshe cita este parágrafo enquanto discute a visão da sabedoria auto-originada (LOC, f. 164a3-4).

112] Aqui, o texto dá o significado semântico do termo tibetano mandala, *dkyil 'khor*, onde *dkyil* é o centro e *'khor* é o círculo.

113] Tib. *yi ge 'khor lo'i tshogs chen*. Veja acima, n. 89.

114] Esta frase é citada por Nubchen Sangye Yeshe ao discutir a visão do *si* total. Apresentando essa visão, ele afirma: "Todos os fenômenos consistindo de eu e outro, ego e tudo o que aparece como ego, sem ser transformado ou alterado, são desde o início naturalmente claros como a natureza da sabedoria da pura consciência que não habita [em qualquer coisa]; não é sequer apreendida pela expressão *si* total; de fato, desde o início está além das designações expressas por palavras e letras" (LOC, f. 163b6-164a3). E: "Esse *si* total que é sabedoria auto-originada, sem abandonar ou criar causas e condições, manifesta-se naturalmente em qualquer coisa e ainda assim não tem absolutamente qualquer morada" (LOC, f. 170a5-6).

115] Nubchen Sangye Yeshe cita esta frase para apoiar a explicação de que os obscurecimentos devidos a ações passadas já estão purificados e o acúmulo de mérito e sabedoria já está completo:

> Visto que os obscurecimentos são sabedoria auto-originada, eles não devem ser purificados; isto é, o estado original que é puro em sua própria condição e que sempre foi iluminação, está além de todas as limitações; portanto, compreende-se infalivelmente e está familiarizado com o princípio de que não há

acumulações a serem reunidas, pois os obscurecimentos são naturalmente purificados sem serem eliminados e as acumulações já estão completas sem serem reunidas. Além disso, o mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *O estado primordial é como uma navalha, como uma espada temperada em óleo de gergelim.* E: *De fato, através [do poder] deste maravilhoso estado primordial, o vajra da meditação pode pulverizar até mesmo aqueles duzentos e setenta Montes Merus. E, [como] um grande raio de ferro meteórico que [destrói instantaneamente] mil montanhas, [o estado primordial] pode destruir, de cima para baixo, uma montanha de neve cheia de erros, que derrete e se acumula em um oceano de néctar. . . como uma jóia preciosa que realiza desejos, a dimensão do Corpo que é auto-aperfeiçoada sem que tenhas que desejar isso. ... [Assim,] os obscurecimentos são naturalmente purificados e as acumulações já estão completas; portanto, o estado original [de iluminação] já está naturalmente realizado.* (IEM, pág.13)

116] Citando todo este parágrafo ao discutir a realização final, Nubchen Sangye Yeshe diz:

Portanto, no contexto específico [do Atiyoga], como não há apego a nada, as ações passadas, seu amadurecimento, o obscurecimento do nascimento e da existência, são purificados desde o início. Não tendo relação com o apego ao ego e aos três tempos, as emoções são, por sua própria natureza, sem nascimento; [assim] os obscurecimentos das emoções são purificados [desde o início]. Permeando [tudo] desde o início, [o *si* total] não tem dualidade e é a condição natural; portanto, não há sequer um apego à realidade. Os obscurecimentos do cognoscível são purificados, pois [o *si* total] está livre deles desde o início. No entanto, como a pureza primordial é uma pureza que

> não requer o esforço [de aplicar] antídoto, quando se descobre o princípio que já está completo sem ser descoberto [pela mente], a expressão “purificar os obscurecimentos” é usada apenas como convenção. Já foi explicado que tal [pureza] não tem relação com a acumulação [de mérito e sabedoria]. (LOC, f. 246a4-b2)

Citando das palavras *Como um lótus...* até *... insuperável obtenção final,* ao discutir a conduta do meditador, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Não há nenhuma aceitação ou rejeição em relação ao esforço, e assim por diante, porque tudo é o *si* total; assim, tudo é a conduta perfeita na qual a ação e aquele que age são indivisíveis. Portanto, não há nada [a fazer] intencionalmente com corpo e voz, e não se está condicionado por tudo o que se faz. O mesmo texto [o *Mejung*] diz: *Como um lótus, não está manchado pela [lama de] defeitos; é como o fogo [no final] de kalpa: independentemente do sofrimento [experimentado] e da má ação cometida, tu alcançarás a insuperável obtenção final da libertação.* [O *Mejung*], além disso [afirma]: *Tudo é a grande manifestação de energia, o método, que é aperfeiçoado em ti mesmo.* Assim, fica-se na condição natural, sem qualquer atividade. (IEM, pág. 11)

Com relação à frase *Tudo é a grande manifestação, o método, que é completo em ti mesmo*, Chögyal Namkhai Norbu diz: “Todas as manifestações estão relacionadas à energia *rolpa* e são auto-aperfeiçoadas em nossa própria condição primordial; assim, como tudo é a si mesmo, não há realmente nada para aceitar ou rejeitar” (CNN, CO).

117] Este parágrafo é citado por Nubchen Sangye Yeshe para apoiar sua explicação de que os obscurecimentos já estão purificados e as acumulações já estão completas (IEM, pág.11). Veja também acima, notas 115, 116.

118] Nubchen Sangye Yeshe cita estas duas linhas ao discutir a visão da esfera total:

> Alguns sustentam a visão da esfera única e total. Em que consiste tal sistema? Se [por um lado] a fabricação mental é a condição de todos os fenômenos na medida em que eles aparecem de forma diferente para aqueles com equívocos e aqueles que seguem caminhos e níveis espirituais, [por outro lado], o estado primordial, a pura consciência, é o estado de Buda na condição da grande esfera que é por sua própria natureza livre de qualquer fabricação mental. Nesta [condição], todos os fenômenos da fabricação mental dualista, sem terem sido abandonados, não são percebidos [pela mente]. Assim, como uma designação, por ser incomparável, [tal esfera] é chamada de "única". Além disso, a fim de contrariar a apreensão dualista, [ensina-se que] a realidade originária está livre de excessos ou defeitos [de avaliação]. Se tal princípio deve ser entendido através da pureza de sua própria consciência, não deve ser considerado algo diferente [de si mesmo]. É a própria natureza do ser. Não há essência que apareça como a *si* e seja definível: não é nada [definível como] eu ou outro; [e] não é algo a ser procurado. Assim, deve-se observá-lo diretamente sem analisá-lo. O que é observação direta? [Aquilo em que] não há movimento de pensamento. Deste modo, descobre-se por si mesmo a experiência da esfera total. (LOC, f. 187a3-b4)

Concluindo sua discussão sobre o princípio da grande esfera, Nubchen Sangye Yeshe diz: "Existem muitos argumentos

[textuais] como os citados, através dos quais se determina definitivamente o que é e o que não é o princípio [da grande esfera]: neste princípio, não há abandono de nada; de fato, não existindo [como uma coisa definível], a [esfera] única não tem relação com nada e mesmo assim não abandonou coisa alguma" (LOC, f.189a4-5).

119] Nubchen Sangye Yeshe cita todas as treze linhas acima de nosso texto, exceto uma, enquanto discute a visão da não-dualidade. Veja também acima, n. 11, e abaixo, n. 146.

Citando as duas últimas frases deste capítulo, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Por esta razão, não há ação intencional feita com o propósito de não estabelecer [a mente], de não pensar, ou de não [ter] um ponto de referência [ao] abandonar a fixação da mente, do pensamento e dos pontos de referência. Por que é assim? Porque quando a fixação [da mente], o pensamento e os pontos de referência [da meditação] são entendidos como a própria sabedoria ininterrupta e auto-originada, não há rejeição ou aceitação [no sentido de] meditar sobre algo a ser rejeitado ou algo a ser aceito. (IEM, pág.7)

120] Veja acima, notas 115 e 116.

121] União (tib. *sbyor ba*) e liberação (*grol ba*) são as duas práticas tântricas de união sexual e morte ritualística, respectivamente. Aqui, entretanto, seu significado é explicado à luz dos princípios do ensinamento Dzogchen. Veja introdução, págs. 83, 84.

122] Conhecimento (tib. *shes rab*; sânsc. *prajna*), como enfatizado nos sutras Mahayana, é o mais importante dos dez meios de transcendência (*phar phyin bcu*): generosidade (*sbyin*

pa), ética (*thsul khrims*), paciência (*bzod pa*), diligência (*brtson 'grus*), concentração (*bsam gtan*), conhecimento (*shes rab*), método (*thabs*), força (*stobs*), aspiração (*smon pa*) e sabedoria (*ye shes*).

123] Comentando as duas frases acima ao discutir a liberação sem esforço, Nubchen Sangye Yeshe afirma: “Assim, é [um treinamento] que naturalmente não está relacionado a qualquer ação destinada ao exame e análise. O significado assim apresentado implica que o encontro com o princípio perfeito correto já ocorreu [desde o início]: este é o método supremo” (LOC, f. 249b3-4).

Citando essas duas linhas ao discutir a visão, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Ao explicar que a contemplação está além do treinamento, [se você aplica] conceitos e prática à visão, surge o conceito de [visão como] definitivamente estabelecido, ou seja, não se vê que ela não deve ser aplicada [com a mente]. Portanto [a citação] explica que o treinamento está além de conceitos e aplicação. Assim, ensina [tal] compreensão como a grandeza especial do treinamento supremo. ... [Tais citações] ensinam que a visão do Onisciente não é um objeto de prática; assim, está além dos objetivos. (IEM, pág.3)

Chögyal Namkhai Norbu comenta: “Aqui, não há nada que precise ser aprendido de maneira meramente intelectual, porque quando você se orienta intelectualmente, isso impede que se descubra a natureza real. Por causa disso, os tantras Dzogchen dizem que pode ser mais fácil para um pastor sem instrução seguir o ensinamento Dzogchen do que para um erudito. De fato, o aprendizado do acadêmico cria muitas limitações para a autodescoberta. Todo o aprendizado e

treinamento do indivíduo não são o verdadeiro aprendizado e treinamento, mas quando não há nada para treinar, este é o treinamento supremo” (CNN, CO).

124] Nubchen Sangye Yeshe, citando esta linha para apoiar sua explicação da contemplação sem qualquer ponto de referência, afirma:

> Apenas convencionalmente, em relação a estabelecer a mente na meditação, deve-se reconhecer a maneira errônea de estabelecer a mente. É a seguinte: aqueles que não entendem o princípio do estado primordial, [embora] digam que o *si* total não é o objeto da experiência [da mente], eles se concentram na verdadeira natureza da realidade [como se estivesse em algum lugar] do lado de fora. Eles seguem [esta prática], procurando um lugar para acalmar a mente, recolhendo o enfoque para dentro, esperando que a visão se manifeste e temendo se desviar [dela], [tentando dessa maneira] fazer a prática funcionar com o desejo de finalmente atingir a realização. [Embora eles] digam que não há ponto de referência, focalizam a atenção na falta de ponto de referência; [embora] digam que não há nada a refutar e nada a estabelecer, eles [tentam] abandonar a letargia e a nebulosidade, os pensamentos e os conceitos. Manter uma visão ligada à esperança e ao medo é um desvio. Por meio de tal [abordagem], eles não encontram o verdadeiro princípio. Assim, o mesmo texto afirma: *Aqueles que desejam a iluminação não têm iluminação e estão distantes da iluminação suprema, como a terra e o céu [estão longe um do outro]*. (IEM, págs. 5-6)

Chögyal Namkhai Norbu comenta: “Aqueles que desejam tornar-se totalmente realizados não obterão o que desejam. Eles estão longe da realização, como a terra e o céu estão distantes um do

outro. Isso significa que não se deve permanecer em nenhum tipo de conceito, mesmo no conceito de tornar-se realizado" (CNN, CO).

125] Garab Dorje em seu comentário sobre o *Manjushrinamasamgiti* explica:

> *Ele alcançou as dez perfeições* não [refere-se] aos meios de transcendência acompanhados de esforço. Bem, então, quais são elas? São aquelas que são alcançadas e existem porque não residem nos fenômenos dos três mundos, não têm porta de entrada para elas, são inexprimíveis, incomparáveis e imóveis; elas são grande conhecimento, não envolvem atividade ou esforço, podem se manifestar instantaneamente, [são alcançadas e estão presentes porque] todas as qualidades são aperfeiçoadas em si mesmo e porque, desde o início, a natureza da grande sabedoria é sem união ou separação . (f. 44b4-5)

Veja também acima, n. 122.

126] Nubchen Sangye Yeshe cita este parágrafo enquanto discute a conduta do grande método (LOC, f. 229b3-4). Veja introdução, pág. 85. No entanto, ele também cita a última linha do parágrafo em seu IEM (pág. 3) no contexto da explicação da visão além dos objetivos.

127] Tib. *yi dam lha*: várias deidades do panteão tântrico que são a dimensão dos recursos perfeitos e o foco da prática tântrica.

128] Depois de citar as últimas quatro linhas do *Mejung*, Nubchen Sangye Yeshe afirma:

> Esta passagem ensina que não há nascimento nem morte, e ainda assim eles existem; existem e não existem. Não há idas e vindas, mas elas existem; elas

existem e não existem. Não há permanência e há [permanência]; existe e não existe. Não há existência cíclica e [nenhuma] transcendência do sofrimento e, ao mesmo tempo, elas existem; elas existem e não existem. Não estamos livres de um objeto e, ao mesmo tempo, estamos; somos livres e não somos livres. Todos os fenômenos são vazios e, no entanto, existem; eles existem e estão vazios. Portanto, como não há características determináveis, pode-se ter pensamentos diferentes, mas nada nascerá [com tais características]. (LOC, ff.194b4-195a1)

129] Tib. *stong spyi phud*. Um sistema de mundo centrado em torno do Monte Meru e dotado de quatro continentes, multiplicado mil vezes. Veja acima, n. 7.

130] Vinte e cinco compromissos (tib. *dam tshig nyi shu rtsa lnga*): possivelmente podem se referir aos vinte e cinco compromissos auxiliares que são a base para a prática tântrica no Mahayoga e no Anuyoga. São eles: cinco para praticar, cinco para não renunciar, cinco para aceitar, cinco para reconhecer e cinco para integrar. Para uma explicação detalhada, veja *Buddhist Ethics* de Kongtrul, págs. 281-285.

131] Veja acima, notas 115, 116.

132] Antes de citar a segunda frase deste parágrafo ao discutir a realização final, Nubchen Sangye Yeshe diz: “Portanto, isso significa que este caminho [não é um caminho] a ser trilhado; é a própria pureza de consciência do princípio [do estado primordial]” (LOC, f.245b4).

Nubchen Sangye Yeshe também cita esta frase do *Mejung* para apoiar sua explicação de que os obscurecimentos já estão purificados e as acumulações já concluídas, no contexto da

contemplação sem qualquer ponto de referência (IEM, pág.13). Veja acima, notas 115, 116.

133] Para o significado desta frase de acordo com Nubchen Sangye Yeshe, veja acima, n. 17.

134] Céu (tib. *nam mkha'*) é um símile para a verdadeira natureza da realidade, a própria natureza do Corpo, Voz e Mente que, como o céu, é imensurável e inconcebível, em oposição ao corpo mensurável e concebível da Terra ou a dimensão material. Linhas muito parecidas com estas do *Mejung* são encontradas no quinto capítulo do *Tantra Guhyasamaja*. Em seu comentário ao *Guhyasamaja*, Gyalwe Chin cita as seguintes linhas: *nam mkha'i lus las yang dag byung//nam mkha'i gsung ni rab ston pa// nam mkha'i lta bu'i thugs te chos gi mchog*, e as explica da seguinte forma: "[Ele afirma,] *Perfeitamente surgido do Corpo do céu*, porque pela porta do Corpo, a essência [da verdadeira natureza da realidade] designada como céu, emana como tudo. [Ele afirma,] *A Voz do céu revela perfeitamente* ... porque [a Voz] ilumina o significado do desapego. [Ele afirma,] *A Mente é como o céu, a realidade suprema* porque [a Mente], do mesmo sabor que a não-conceitualidade, está sempre livre do apego" (Toh.1847, vol. Nyi, f.187a5-b4)).

135] Tib. *sa*, literalmente, terra. O texto apenas explica explicitamente o significado de Corpo da terra (*sa'i sku*).

136] Tib. *sum cu phrag drug* (literalmente, seis vezes trinta): alterado como *sum cu phrag dgu* (literalmente, nove vezes trinta), para coincidir com a menção anterior.

137] A seção anterior com esta última observação conclusiva pode significar que os erros e violações não derivam da manifestação do universo e dos seres vivos. De fato, essas

manifestações são o Corpo material do estado primordial. Erros e violações decorrem do fato de que o reconhecimento do estado primordial ainda não ocorreu. Como, então, corrigir erros e violações? Compreendendo que as manifestações do universo e dos seres vivos são o próprio Corpo do estado primordial.

138] Nubchen Sangye Yeshe, citando as palavras *O apego resplandece como luz* enquanto descreve o grau perfeito de experiência meditativa, diz:

> Mesmo que a consciência seja direcionada intencionalmente para o objeto, ela não se envolve com ele, e mesmo durante o sonho, desmaio e assim por diante... a pura consciência permanece naturalmente em sua vasta extensão: isso é maestria. Nesta meditação, letargia, agitação, emoções, pensamentos e obscurecimentos que são [geralmente] chamados de impedimentos, no mesmo texto [o *Mejung*, são descritos da seguinte forma]: *O apego resplandece como luz*. Estas e as seguintes palavras [desse texto] ensinam que [quando governados pelo conhecimento], os cinco venenos são sabedoria auto-originada. Todos os fenômenos são indivisíveis; portanto, eles são a pureza não-dual. (IEM, págs. 10-11)

139] Os cinco objetos externos incluem forma visual e assim por diante.

140] Alakavati (tib. *lcang lo can*) neste contexto refere-se à dimensão da iluminação.

141] “A união não-dual do bodhisattva masculino e feminino (tib. *byang chub sems dpa' dang sems ma gnyis sumed pa'i sbyor ba*), que no Tantra se refere à união de divindades machos e fêmeas simbolizando método e conhecimento,

respectivamente, aqui representa a união da vaziez primordial (*ka dag*) e da autoperfeição (*lhun grub*) como os dois aspectos indivisíveis da condição original do indivíduo” (CNN, CO).

142] Aqui a ignorância (tib. *gti mug*) é a falta de reconhecimento da verdadeira natureza da realidade e a base para a aparência dualista dos fenômenos da existência cíclica.

143] Terra (tib. *sa*) é Buddhalocana (*Sangs rgyas spyan ma*), consorte de Ratnasambhava; água (*chu*) é Mamaki, consorte de Akshobhya; ar (*rlung*) é Tara (*sGrol ma*), consorte de Amogasiddhi; fogo (*me*) é Pandaravasini (*Gos dkar mo*), consorte de Amitabha; e o espaço (*nam mkha’*), em cuja natureza todos os elementos residem, indica Dhatvishvari (*dByings phyug ma*), consorte de Vairocana. O texto implica que a terra é a família Jóia, a água a família Indestrutível, o ar a família Ação, o fogo a família Lótus e o espaço a família Tathagata. Veja introdução, pág. 78.

144] O termo sânscrito *heruka*, às vezes traduzido para o tibetano como *khrag 'thung* (bebedor de sangue), é um nome genérico para as principais figuras masculinas da mandala, bem como para as deidades iradas. Não se refere exclusivamente a deidades tântricas com o humor irado, mas também para aqueles com humor alegre ou pacífico. Atisha explica as quatro sílabas de *shri heruka* desta forma: a sílaba *shri* significa sabedoria não-dual e indica que os fluxos mentais dos seres são indivisíveis da sabedoria. A sílaba *he* significa a dissipação da confusão sobre o nascimento sem causa, e assim por diante. Indica que tudo surge na vaziez. A sílaba *ru* significa a superação da morte pelo conhecimento do sentido definitivo que não pode ser analisado ou examinado. A sílaba *ka* significa que não há realidade inerente, material ou imaterial, nem à vida cíclica nem à sua transcendência. Dito

isto, o significado indicado pelas quatro sílabas é o *heruka* final. Veja *Vajra Song of the Vajra Seat* de Atisha (Toh. 1494, vol. Zha, ff. 209a5-7). Assim, aqui, com a imagem da deidade principal da mandala, o *heruka* definitivo é indicado.

145] Tib. *dur khrod brgyad*. Um elemento das mandalas tântricas, os oito cemitérios (às vezes visualizados entre o palácio da mandala e a fronteira *vajra* e às vezes além das chamas que cercam a fronteira *vajra*) simbolizam a pureza das oito consciências. Eles também representam a pureza dos símiles da irrealidade: reflexo em um espelho, sonho, criação mágica, ilusão de ótica, cidade de *gandharvas*, eco, reflexo na água e espaço. Cada cemitério é caracterizado por vários elementos, como uma árvore em particular, um guardião local em pé na árvore, um guardião de uma direção específica, um *naga*, uma nuvem, uma montanha ou uma estupa. São imaginados povoados por todos os tipos de pássaros, animais selvagens, aparições assustadoras, esqueletos e cadáveres, com templos, mosteiros, eremitérios e lagoas. Todos os tipos de seres vagam por eles, incluindo humanos e não-humanos, iogues e ioguines exibindo diferentes humores, alguns dançando, alguns cantando, alguns bebendo e assim por diante.

146] Nubchen Sangye Yeshe cita este parágrafo enquanto discute a visão da não-dualidade. Ele apresenta o tema da seguinte maneira: “Como o Atiyoga é grandioso, tem a visão da não-dualidade. O princípio do gozo total sem relação com o esforço, o estado primordial que está presente desde o início, é a não-dualidade de tudo o que é conhecido como um ponto de vista limitado” (LOC, ff. 180b5-181a1). Ele conclui: “Assim, em relação ao que deve ser conhecido por si mesmo, não se age nem mesmo para manifestar o próprio conhecimento desse princípio; [de fato,] se [fenômenos] não são conceituados,

alterados, diferenciados ou examinados, essa compreensão aparece naturalmente" (LOC, f.186a6-b1).

Nubchen Sangye Yeshe também cita as duas últimas frases deste parágrafo enquanto discute o resultado que não deve ser alcançado:

> Se alguém perguntar: "Como deve ser entendida a assim chamada realização?" Aquilo que não deve ser alcançado é indicado como "conquista" da seguinte maneira: devido a essência do estado primordial ser indefinida, pode aparecer como conquista; assim, [quando] o mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *Desde que despertei desde o início, posso me tornar qualquer coisa,* [isso significa que] assim como os reflexos do sol, da lua e das estrelas aparecem na água [barrenta] uma que vez que ela torna-se clara, o princípio da iluminação primordial se manifesta na pura consciência. Se alguém perguntar: "Bem, então, existe algum esforço, algum entrada ou parte interna [em relação à realização]?" O mesmo texto [o *Mejung*] afirma: *[Meu reino puro] não pode ser deixado, não pode ser acessado, não tem objetos e está desprovido de órgãos dos sentidos. Sem exterior e interior, entrada ou parte interna, é a grande vastidão da realidade*. E mais: *não procure o si total em outro lugar, [pois] a condição natural é clara sem ser conceituada e, além disso, como é autoaperfeiçoada, é completa sem necessidade de fazer nada.* [Assim, o termo] realização é apenas [usado] para [o benefício] daqueles de [capacidades] inferiores. (IEM, págs. 13-14)

147] Rei da Não-conceitualidade (tib. *mi dmigs pa'i rgyal po*): uma metáfora para o estado primordial.

148] A ordem das seguintes subdivisões desses temas reflete a ordem do tibetano original, que não segue a sequência em que os temas foram listados no texto.

149] A maioria dos temas dessas subdivisões formam os tópicos dos vários capítulos deste texto.

150] Nesta seção, o texto parece apresentar uma progressão em que a consideração da meta (o estado primordial) muda de acordo com o caminho espiritual em que se segue. Assim, o que parece ser o final, por exemplo, na fase de criação do Mahayoga (como o ponto 8.1 implica) não o é na fase de conclusão (como o ponto 8.2 implica), e assim por diante, até a consideração implícita no ponto 8.5 onde um estado primordial final é implicitamente negado.

151] A palavra sânscrita *narahasa* pode significar tanto riso humano se tomada como uma composição determinativa (*tatpurusha*), ou piada se tomada como uma composição excêntrica (*bahuvṛhi*). No contexto do *Mejung*, onde *bodhicitta* tem um significado diferente do que em tantras como o *Guhyasamaja*, a expressão pode ser entendida como a realização total do estado primordial. No contexto do *Tantra Guhyasamaja*, a palavra *narahasa* se relaciona com o empoderamento secreto (tib. *gsang dbang*). *O Comentário Tântrico sobre o Glorioso Tantra Guhyasamaja* de Nagarjuna (*dPal gsang ba 'dus pa'i rgyud kyi rgyud 'grel*) nos ajuda a entender as implicações de cada sílaba:

> *gsang ba'i dbang thob pa'i rnal 'byor pas/ sngags thams cad 'grub par 'gyur te/ rnam par rtog pa med pa'i phyir ro/ gsang ba ni sba bar bya'o/ yang na ra rdo rje rtse mo dang 'dra ba yin pa'i phyir dang/ ha ni bya'i gdong dang 'dra ba'i phyir dang/ ha rdo rje dang pad ma'o/ sa ni 'dzag pa'o/ ra dang ha las 'dzag pas na ra*

ha sa ni gsang ste/ rdo rje dang pad ma las byung ba'i byang chub kyi sems kyi ngo bo'o// (D 1784, f. 125a)

> Como ele não tem conceitos, o iogue que recebeu o empoderamento secreto realizará todos os mantras. [O empoderamento secreto é chamado] secreto [porque] é [para ser] mantido em segredo. Além disso, [fala-se dele como] *na ra* porque se assemelha a um pináculo *vajra*; [como] *ha* porque se assemelha ao rosto de um pássaro e [porque indica] o *vajra* e o lótus; e [como] *sa* [que significa] gotejar. Uma vez que escorre de *ra* e *ha*, *narahasa* é secreto; é a essência da *bodhicitta* (fluidos geradores) que escorrem do *vajra* e do lótus. (Pesquisado por Gyurme Dorje)

152] Esses são três temas do capítulo 33 do nosso texto.

153] Este é um tema do capítulo 34 do nosso texto.

154] Os dez campos (tib. *zhing bcu*) geralmente se referem a dez pessoas que cumprem as dez condições para o rito de libertação (*sgrol ba*). Em seu *Comentário sobre os Três Votos*, DharmaShri enumera os campos da seguinte forma:

> ... um inimigo das Três Jóias que causa grande dano aos Ensinamentos; em particular, um inimigo de um mestre espiritual qualificado; praticantes que deixam suas promessas se deteriorarem e não as restauram; aqueles que rejeitam o caminho do Mantra Secreto depois de terem entrado nele; aqueles que desprezam o mestre ou seus irmãos *vajra*; aqueles que, embora não autorizados, participam de atividades tântricas com a intenção de roubar; aqueles que prejudicaram seres sencientes; aqueles que são inimigos ferozes de praticantes que honram suas promessas; aqueles que se engajam exclusiva e continuamente em más ações; e aqueles seres cujas más ações levariam ao renascimento nas três

formas inferiores de vida ou que estão atualmente experimentando o resultado dessas ações nas formas inferiores de vida. (*Commentary on the Three Vows*, ff. 261-262)

155] Este é um tema do capítulo 34 do nosso texto.

156] Este é o tema do capítulo 34 do nosso texto.

157] Este é o tema do capítulo 32 do nosso texto.

158] Ou seja, tendo entendido que o estado primordial está além do nascimento e da morte.

159] Este parágrafo pode significar que quando não se está preso à ilusão criada por tendências pessoais habituais, é reconhecido o estado primordial como uma esfera abrangente, e não uma entidade pessoal sujeita a permanência ou cessação.

160] A seguinte explicação da semântica do termo estado primordial (tib. *byang chub sems*; sânsc. *bodhicitta*) inclui a explicação do gozo total (tib. *bde ba chen po*; sânsc. *mahasukha*), uma expressão que é afixada ao título deste texto em algumas de suas edições tibetanas.

161] Um termo sânscrito, que significa literalmente vagina, *bhaga* é frequentemente usado para se referir à amplitude da verdadeira natureza da realidade.

162] Nubchen Sangye Yeshe cita os dois parágrafos acima enquanto discute a sabedoria auto-originada (tib. *rang byung gi ye shes sul lta ba*). Para destacar seu significado essencial, ele afirma: “Na essência da sabedoria auto-originada, por natureza livre de causas e condições, todos os fenômenos que estão sujeitos ao nascimento e à cessação são desde o início o estado de Buda; assim, como são de grande sabedoria, são por

natureza límpidos, assemelhando-se à luz celestial sem [aspectos] externos ou internos” (LOC, f. 172b3-5).

Além disso, ele afirma: “Quando o conhecimento deste princípio é certo, o que aparece como um mau campo de atividade é o nível do Buda; tal é a grande qualidade da realização” (LOC, f. 174a4-5).

163] A edição mTshams brag do *rNying ma'i rgyud 'bum*, vol. Kha, ff. 348.a6- 388.b1.

164] A edição mTshams brag do *rNying ma'i rgyud 'bum*, ff. 388.b1-429.b1.

165] Tib. *Ye she snying po*: possivelmente, o mestre indiano que era o mestre de Shantarakshita.

166] A edição mTshams brag do *rNying ma'i rgyud 'bum*, ff. 285.a4-311a2.

167] A edição mTshams brag do *rNying ma'i rgyud 'bum*, ff. 328.b5-347b7.

168] *Bai ro’i rgyud ’bum*, vol. 2 ff. 1-34.

Bibliografia

ESCRITURAS

1] Antologia

Buddhist Canon in Tibetan Language
bKa' gyur
Derge (sDe dge) xylographic edition, 103 vols.

Collection of/ Tantras of the Old Tradition
rNying ma rgyud 'bum
Derge (sDe dge) xylographic edition, 26 vols.
Thimphu: mTshams brag edition

Collection of Tantras of Vairocana
Bai ro rgyud 'bum
Xylographic edition, 8 vols. Leh: Tashigangpa, 1971

2] Tantras

All-Creating King
Kun byed rgyal po/chos tham cad byang chub kyi sems brkun byed rgyal po
Several editions are extant:
mTshams brag edition, vol. Ka (pp. 1-251) Thimphu: 1982;
Dilgo Khyentse (Dil mgo mkhyen brtse) edition, vol. Ka, (pp. 1-220) Thimphu, 1973;
sNga 'gyur bka' ma, vol. Tsa (pp. 5-285)
Si khron bod kyi rig gnas zhib 'jug khang edition;
bKa' 'gyur (pp. 1-126)
The Tibetan Tripitaka Beijing Edition Tokyo-Kyoto, 1957.
sNga 'gyur bka' ma, vol. Ka (pp. 383-435)

Leh, 1971 (This last edition contains only the phyi ma'i rgyud and the phyi ma'i phyi ma'i rgyud)

All-Encompassing Perfection
rDzogs pa spyi chings
(Not located)

All-Penetrating Perfection
rDzogs pa spyi gcod
rNying ma rgyud 'bum, vol. Ka. Thimphu: mTshams brag edition, 1982

Essential Meaning of the Marvelous Total Perfection: The Golden Vine, [Extract] from the Tantra Called the Wheel of Self-Originating Bliss **(20 chapters)**
rDzogs pa chen po rmad byung don gyi snying po/ rDzog pa chen po rmad byung don gyi snying po rang byung bde ba'i 'khor lo'i rgyud las gser kyi khril shing can
Bai ro rgyud 'bum, vol. Kha (ff. 34-49)
Xylographic edition
Leh, 1971

Guhyasamaja Tantra
Sarvatathagatakayavakcittarahasyaguhyasamajanamamaha-kalparaja rGyud gsang ba 'dus pa/de bzhin gshegs pa thams cad kyi sku gsung thugs kyi gsang chen gsang ba 'dus pa zhes bya ba brtag pa'i rgyal po chen po
Dg. K. rGyud 'bum, vol. Ca (ff. 90a-148a) (Toh. 442)

Infinite Bliss
bDe ba rab 'byams
rNying ma rgyud 'bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition; rNying ma rgyud 'bum, vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition

Manjushrinamasamgiti
Manjushrijnanasattvasyaparamarthanamasamgiti
’ Jam dpal ye shes sems pa’i don dam pa’i mtshan yang dag par brjod pa
Dg. K. rGyud ’bum, vol. Kha, ff. 1b-13b (Toh. 360); rNying ma rgyud ’bum, vol. 21
mTshams brag edition (mTshams brag dgon pa’i bris maTBRC W21521); bKa’ ma shin tu rgyas pa, vol. Nga (’jam dpal mtshan brjod), ff. 449-473
Kathog (Kaḥ thog) edition, edited by Kathog Khenpo Jamyang (Kaḥ thog mkhan po ’jam dbyangs)
Translated by Alex Wayman as *Chanting the Names of Manjushri.* Boston: Shambhala, 1985

Meditation on the Primordial State: Extracting Pure Gold from Ore
Byang chub kyi sems sgom pa rdo la gser shun
Bai ro rgyud ’bum, vol. Nga Xylographic edition
Leh, 1971;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka mTshams brag edition, 1982

Tantra of the All-Surpassing Sound
sGra thal ’gyur /Rin po che ’byung bar byed pa sgra thal ’gyur chen po’i rgyud
rNying ma’i rgyud bcu bdun, vol. 1 (pp. 1-205) Delhi, 1973

Ten Concluding Teachings
mDo bcu/Chos thams cad rdzogs pa chen po byang chub kyi sems su ’dus pa’i mdo
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka (pp. 352-499) Thimphu: mTshams brag edition, 1982

The Cuckoo of Pure Awareness
bKra shis pa’i dpal rig pa’i khu byug

Bai ro rgyud ’bum, vol. Nga
Xylographic edition Leh, 1971

The [Jewel-]Encrusted Ornament of Bliss
bDe ba phra bkod
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The Essence of The Primordial State
Byang chub sems thig
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition

The Flight of the Garuda
Byang chub kyi sems khyung chen lding ba
Bai ro rgyud ’bum, vol. Nga Xylographic edition
Leh, 1971;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The Great Potency
rTsal chen sprugs pa
Bai ro rgyud ’bum, vol. Nga Xylographic edition
Leh, 1971;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The King of Space
Nam mkha’i rgyal po
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition

The Marvelous Primordial State
Byang chub kyi sems rmad du byung ba
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka (pp. 774-856)

mTshams brag edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Kha (ff. 567-624)
Dilgo Khyentse edition

The Marvelous Primordial State Tantra
Byang chub kyi sems rmad du byung ba’i rgyud rNying ma’i
rgyud ’bum, vol. Kha (pp. 654-693)
mTshams brag edition

The Marvelous Primordial State, Total Bliss
bDe ba chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba
rNying ma rgyud ’bum, vol. Kha (ff. 693-774)
mTshams brag edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Kha (ff. 2-68)
Dilgo Khyentse edition;
Derge edition

The Marvelous Total Existence
Chos chen po rmad du byung ba
rNying ma rgyud ’bum, vol. Cha (ff. 570-621)
mTshams brag edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Kha (ff. 487-531)
Dilgo Khyentse edition

The Marvelous, Uncommon Supreme Meaning
Don mchog ’di yang thun mong min rmad byung bzhugs so
Bai ro rgyud ’bum, vol. 2 (ff.1-34) Xylographic edition
Leh, 1971

The Net of the Magical Manifestation of Manjushri
See ***Manjushrinamasamgiti***

The Primordial State in Which Everything Is Unified
Byang chub kyi sems kun ’dus
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The Realization of the True Meaning of Meditation
sGom pa don grub
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Rigdzin Tsewang Norbu editon
Oxford: Bodleian Library

The Section of the Marvelous Primordial State, Total Bliss (**40 chapters**)
dDe ba chen po byang chub kyi sems rmad du byung ba’i le’u
rNying ma rgyud ’bum, vol. Kha
Thimphu: mTshams brag edition

The Six Spheres of the Primordial State
Byang chub kyi sems thig le drug pa
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The Supreme Lord
rJe btsun dam pa
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition;
rNying ma rgyud ’bum, , vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition, 1982

The Supreme Peak
rTse mo byung rgyal
rNying ma rgyud ’bum,vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition;
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: mTshams brag edition

The Unwaning Standard of Victory: The Total Space of Vajrasattva
Mi nub rgyal mtshan rdo rje sems dpa’ nam mkha’ che
Bai ro rgyud ’bum, vol. Nga (pp. 383-95)
Xylographic edition Leh, 1971
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

The Wheel of Life
Srog gi ’khor lo
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka Thimphu:
Dilgo Khyentse edition

The Wish-Fulfilling Precious Jewel
Yid bzhin nor bu
(Found under the title **Khams gsum sgron ma**)
rNying ma rgyud ’bum, vol. Ka
Thimphu: Dilgo Khyentse edition

TRATADOS

1] Antologias

Buddhist Classical Treatises in Tibetan Language
bsTan ’gyur, 213 vols.
Derge xylographic edition

2] Tratados de origem indiana

Abhayakaragupta
Awn of Esoteric Instructions: Extensive Commentary on the Samputa, King of Tantras

shrisamputatantrarajatikamnayamanjari
dPal yang dag par sbyor ba'i rgyud kyi rgyal po'i rgya cher 'grel pa man
ngag gi snye ma
Dg. T. rGyud, vol. Cha, ff. 1b-316a (Toh. 1198)

Atisha
Vajra Song of the Vajra Seat
rDo rje gdan gyi rdor rje gdan gyi glu
Dg. T. rGyud, vol. Zha, ff. 208a3-209b1 (Toh. 1494)

Garab Dorje (dGa' rab rdo rje)
Commentary on the Manjushrinamasamgiti
aryamanjushrinamasamgitiarthalokaranama
'Phags pa 'jam dpal gyi mtshan yang dag par brjod pa'i 'grel pa don gsal bar byed pa
Dg. T. rGyud, vol. Tshi, ff. 38b-84b (Toh. 2093)

Gyalwe Chin (rGyal bas byin)
Shri Guhyasamaja Tantrapancikanama
dPal gsang ba 'dus pa'i rgyud kyi dka' 'grel
Dg. T. rGyud, vol. Nyi, ff. 1a- 318a (Toh. 1847)

Lalitavajra (sGeg pa rdo rje)
aryanamasamgititikanamamantranravalokininama
'Phags pa mtshan yang dag par brjod pa'i rgya cher 'grel pa mthan gsang sngags kyi don du rnam par lta ba
Dg. T. rGyud, vol. Khu, ff. 27-115 (Toh. 2533)

Manjushrikirti ('Jam dpal grags pa)
aryamanjushrinamasamgititika
'Phags pa 'jam dpal kyi mtshan yang dag par brjod pa'i rgya cher bshad pa
Dg. T. rGyud, vol. Ku, ff. 115b-301a (Toh. 2534)

Manjushrimitra (**’Jam dpal bshes gnyen**)
Commentary on the Manjushrinamasamgiti
Manjushrinamasamgitivṛtti
’Jam dpal mtshan yang dag par brjod pa’i ’grel pa (’grel chung du grags pa)
Dg. T. rGyud, vol. Khu, ff. 1b-27b (Toh. 2532)

Nagarjuna
Tantric Commentary on the Glorious Guhyasamaja Tantra
Śrīguhyasamājatantrasya tantraṭīkā
dPal gsang ba ’dus pa’i rgyud kyi rgyud ’grel Dg.T. rGyud, vol. sa, ff. 1b-324a (Toh. 1784)

Pundarika (**Avalokitavrata**) (**Pad ma dkar po**)
Stainless Light Commentary on the Kalacakra Condensed Tantra
Vimalaprabhanamamulatantranusarinidvadashasahasrikalaghukalacakratantraraja bsDus pa’i rgyud kyi rgyal po dus kyi ’khor lo’i ’grel bshad rtsa ba’i rgyud kyi rjes su ’jug pa stong phrag bcu gnyis pa dri ma
med pa’i ’od
Dg. T. rGyud, vol. Tha, ff. 107a -277a; vol. Da, ff. 1b-297a (Toh. 1347)

Vajragarbha
Commentary that Epitomizes the Hevajra Tantra
Hevajrapindarthatika
Kye’i rdo rje bsdus pa’i don gyi rgya cher ’grel pa Dg. T. rGyud, vol. Ka, ff. 1b-126a (Toh.1180)

Vajrapani
Eulogy-Commentary on the Cakrasamvara Tantra
Lakshabhidhanaduddhṛtalaghutantrapindarthavivarana
mNgon par brjod pa ’bum pa las phyung ba nyung ngu’i rgyud kyi bsdus pa’i don rnam par bshad pa
Dg. T. rGyud, vol. Ba, ff. 78b-141a (Toh.1402)

Vimalamitra
Commentary on the Manjushrinamasamgiti
Manjushrinamasamgitivṛttinamarthaprakashakaranadipanama
mTshan yang dag par brjod pa’i ’grel pa tshul gsum gsal bar byed pa’i sgron ma
Dg. T. rGyud, vol. Tshi, ff. 1a-38b (Toh. 2092)

Heart Essence of Vimalamitra
Bi ma snying thig
In sNying thig ya bzhi
Delhi: Sherab Gyaltsen Lama, 1975

3] Tratados de origem tibetana

a) Antologias

Transmitted Precepts of the Old Tradition
sNga ’gyur bka’ ma (NGK)/ bKa’ ma shin tu rgyas pa,120 vols. (The most extensive anthology of commentarial literature of the Old Tradition, edited by Kathog Khenpo Jamyang)
Sichuan: Si khron mi rigs dpe skrung khang edition;
TBRC vol. 3906 W25983, 1999

Treasury of Precious Key Instructions
gDams ngag rin po che’i mdzod
Compiled by Jamgön Kongtrul Lodrö Thaye (’Jam mgon kong sprul blo gros mtha’ yas), 18 vols.
Paro: Ngodrup and Sherab Drimey, 1979-81

b) Textos individuais

DharmaShri
Commentary on the Three Vows: Shimmering Light on the Commitments
sDom pa gsum rnam par nges pa’i ’grel pa legs bshad ngo mtshar

dpag bsam gyi snye ma. (Commentary on Ngari Panchen's Three Vows)
Nepal: Rong phu mdo sngags gling monastery, based on the original woodblocks of Mindroling monastery (f. 231b, 1-6); rNying ma bka' ma rgyas pa, vol. 37 (ff. 41-657)
Gangtok, Sikkim: Do Drup Chen Rinpoche Publications

Gö Lotsava Shönu Pal (**'Gos lo tsa ba gzhon nu dpal**)
The Blue Annals
Deb ther sngon po
Lokesh Chandra, SP212 (1974). I-Tib 75-90017. Typeset ed., 2 vols. Chengdu: Sichuan Minorities Press, 1984.
Translated by Gendun Chöpel and George N. Röerich. Calcutta: Motilal Banarsidass, 1949; second ed., Delhi: Motilal Banarsidass, 1976

Gyalse Thugchog Tsal (**rGyal sras thugs mchog tsal**)
kLong chen chos 'byung/Chos 'byung rin po che'i gter mdzod bstan pa gsal bar byed pa'i nyi 'od
(Written in 1362)
Lhasa: Bod ljongs bod yig dpe rnying dpe shrung khang, 1991

Jamgön Kongtrul Lodrö Taye (**'Jam mgon kong sprul blo 'gros mtha' yas**)
Treasury of Knowledge
Shes bya mdzod/Shes bya kun khyab/Theg pa'i sgo kun las btus pa gsung rab rin po che'i mdzod bslab pa gsum legs par ston pa'i bstan bcos shes bya kun khyab
(The brief titles refer to both the root text and its commentary, the Shes bya mtha' yas pa'i rgya mtsho)
Beijing: Bod mi rigs dpe bskrun khang, 1982
(See translations listed below under Other Sources)

Longchenpa (kLong chen rab 'byams pa)
Chos dbyings rin po che'i mdzod kyi 'grel pa lung gi gter mdzod
In mDzod bdun.
Gangtok: Do Drup Chen Rinpoche Publications
Sems nyid ngal so'i 'grel pa shing rta chen po
In Ngal so skor gsum, vol. Kha (ff.170-72)
Gangtok: Do Drup Chen Rinpoche Publications

Nubchen Sangye Yeshe (Nubs chen sangs rgyas ye shes)
Light for the Eyes of Contemplation (LEC)
bSam gtan mig sgron/sGom gyi gnad gsal bar phye ba bsam gtan mig sgron
Leh,1974

(attributed)

Experiential Instructions on the Marvelous Primordial State (EIM)
Byang chub kyi sems rmad du byung ba'i nyams khrid
Extract from *The Heart Sun: Mind Essence of All Scholars and Siddhas* (Phan grub rnams kyi thugs bcud snying gi nyi ma)
Bai ro rgyud 'bum, vol. 1

Pawo Tsuglag Trengwa (dPa' bo gtsug la phreng ba)
History of the Teaching: Feast of the Wise
Chos 'byung mkhas pa'i dga' ston/dam pa'i chos kyi 'khor lo bsgyur ba rnams
kyi byung ba gsal bar byed pa mkhas pa'i dga' ston Beijing, 1986

Taranatha (Ta ra na tha kun dga' snying po)
History of Buddhism in India
Dam pa'i chos rin po che 'phags pa'i yul du ji ltar dar ba'i tshul gsal bar ston ba bgos 'dod kun 'byung
Translated by Lama Chimpa and Alaka Chattopadhyaya;

Debiprasad Chattopadhyaya, ed.
Simla: Indian Institute of Advanced Study, 1970

bKa' babs bdun ldan/bKa' babs bdun ldan gyi brgyud pa'i rnam thar ngo mtshar rmad du byung ba rin po che'i khungs lta bu'i gtam
rJe btsun Tara na tha'i gsung 'bum, vol. 17 Dzamthang edition; Translated by David Templeman as, *Taranatha bka' babs bdun ldan: The Seven Instruction Lineages*
Dharamsala: Library of Tibetan Works and Archives, 1983

Yudra Nyingpo (g.Yu sgra snying po)
Biography of Vairocana
Bai ro 'dra 'bag/rJe btsun thams cad mkhyen pa bai ro tsa na'i rnam thar 'dra 'bag chen mo
Several editions exist: the Lhasa xylographic edition; the edition contained in Bai ro rgyud 'bum, vol. Ja (ff. 404-406)
Leh, 1971

Yungtön Dorje Pal (g.Yung ston rdo rje dpal)
Eighteen Empowerments of the Energy of Pure Awareness
Sems sde ma bu bco brgyad kyi dgongs pa ngo sprod pa'i thabs rig pa rtsal dbang bco brgyad
sNga 'gyur bka' ma, vol. Tsa (pp. 533-623) Sichuan: Si khron mi rigs dpe skrung khang edition; Derge edition, vol. Ka

DOUTRINAS DO TESOURO

Nyangral Nyima Özer (Nyang ral nyi ma 'od zer)
Zangs gling ma/sLob dpon pad ma'i rnam thar zangs gling ma
Sichuan: Si khron mi rigs dpe skrung khang, 1987
Translated by Erik Pema Kunsang as *The Lotus-Born: The Life Story of Padmasambhava*
Boston: Shambhala, 1993

OUTRAS FONTES

Baroetto, Giuseppe. La dottrina dell'atiyoga nel bSam gtan mig sgron di sNubs chen Sangs rgyas ye shes. Vol.1. Translation of the Seventh Chapter. vol. II. Critical edition of seventh chapter. www.lulu.com. First ed., 2010; second ed., 2011.

Chögyal Namkhai Norbu and Adriano Clemente. The Supreme Source: The Kunjed Gyalpo, The Fundamental Tantra of Dzogchen Semde. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 1999.

Chögyal Namkhai Norbu. *The Gate to Enter the Teaching: The Words of the Great Masters*. Arcidosso: Shang Shung Publications, (forthcoming).

The Precious Vase. Adriano Clemente, trans. Arcidosso: Shang Shung Edizioni, 2001.

Dudjom Rinpoche. *The Nyingma School of Tibetan Buddhism: Its Fundamentals and History.* Two vols. Translated by Gyurme Dorje and Matthew Kapstein. Somerville, MA: Wisdom Publications, 1991.

Kongtrul Lodrö Taye (**Thaye**), **Jamgön**. *The Treasury of Knowledge, Book One: Myriad Worlds: Buddhist Cosmology in Abhidharma, Kalachakra, and Dzogchen*. Translated by the Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 1995.

The Treasury of Knowledge, Books Two, Three and Four: Buddhism's Journey to Tibet. Translated by Ngawang Zangpo, Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 2010.

The Treasury of Knowledge, Book Five: Buddhist Ethics. Translated by the Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 1998.

The Treasury of Knowledge, Book Six, Part Four: Systems of Buddhist Tantra:The Indestructible Way of Secret Mantra. Translated by Elio Guarisco and Ingrid Mcleod, Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 2005.

The Treasury of Knowledge, Book Eight, Part Three: The Elements of Tantric Practice. Translated by Elio Guarisco and Ingrid McLeod, Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 2008.

The Treasury of Knowledge, Books Nine and Ten: Journey and Goal. Translated by Richard Barron (Chokyi Nyima), Kalu Rinpoche Translation Group. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 2011.

Neumaier, Eva K. "The rMad du byung ba in its Three Versions," in Ramon N. Prats, ed.,
The Pandita and the Siddha: Tibetan Studies in Honour of E. Gene Smith, pp. 171- 78. New Delhi: Amnye Machen, 2007.

Sobre o tradutor

Guarisco nasceu em Varese, Itália. Depois de passar seus anos de formação em Como, ele estudou arte e recebeu um Master of Arts antes de viajar para a Índia para estudar budismo.

No início dos anos 1970, ele estudou sob os auspícios de vários líderes Theravada na Índia, incluindo Satya Narayan Goenka. Mais tarde, estudou filosofia budista em um mosteiro tibetano na Suíça por dez anos, após os quais foi convidado por Kalu Rinpoche para trabalhar como tradutor em Sonada, na Índia, onde permaneceu por vinte anos. Nesse meio tempo, ele conheceu na Itália seu mestre Chögyal Namkhai Norbu, tornando-se um membro ativo da comunidade Dzogchen em 1986.

Ele atuou como coordenador do Projeto de Tradução Ka-ter, bem como instrutor do programa Santi Maha Sangha. Ele foi um membro fundador do Instituto Shang Shung na Itália. Durante os últimos anos de sua vida, ele também ensinou a aplicação da meditação à vida diária para qualquer pessoa interessada. Ele ensinou meditação e contemplação em todo o mundo: incluindo Europa, Rússia, China, Austrália, EUA, México e América Latina.

Elio Guarisco morreu em novembro de 2020 de uma infecção por COVID-19 em Como, Itália.

Obras Dzogchen em Português:

- O Maravilhoso Estado Primordial ~ Tantra Mejung
- Mahamudra & Atiyoga ~ Percepções Emergentes em Estudos Budistas
- Os Preciosos Tesouros do Estado Natural ~ Longchen Rabjam (Longchenpa)
- Atiyoga ~ Os Dezoito Tantras; as primeiras transmissões da Grande Perfeição
- Cinco Princípios do Dzogchen Semde
- Kunjed Gyalpo ~ Soberana Mente Criadora de Tudo
- O Espaço Total de Vajrasattva ~ Garab Dorje
- O Tantra do Grande Gozo ~ A Transmissão Guhyagarbha do Céu Magnífico de Vajrasattva
- Lamparina para o Olho em Contemplação ~ A doutrina do Atiyoga no Samten Migdrön; por Nubchen Sanggyé Yeshé
- Sabedoria Viva ~ Ensinamentos Bön Dzogchen provenientes de Zhang Zhung
- Mestres do Zhang Zhung Nyen Gyü ~ Bönpo Dzogchen
- Os Doze Pequenos Tantras de Zhang Zhung

Tradução de

MÍSTICA DA NÃO-DUALIDADE

https://drive.google.com/drive/folders/11p3jUwKREzebTfb-e-mFYblQTA39Q4f4